

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**LUCCA ZANETTI**

**LEÕES E RAPOSAS: A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO IDEAL NO  
PRÍNCIPE DE NICOLAU MAQUIAVEL (1532)**

**CURITIBA**

**2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**LUCCA ZANETTI**

**LEÕES E RAPOSAS: A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO IDEAL NO  
PRÍNCIPE DE NICOLAU MAQUIAVEL (1532)**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em História no curso do Programa de Pós-Graduação em História, PPGHIS, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Fátima Regina Fernandes

**CURITIBA**

**2017**

Catálogo na publicação

Mariluci Zanela – CRB 9/1233

Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Zanetti, Lucca

Leões e raposas: a construção de um modelo ideal no Príncipe de Nicolau Maquiavel (1532) / Lucca Zanetti – Curitiba, 2017.

112 f.; 29 cm.

Orientadora: Fátima Regina Fernandes

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
Setor CIÊNCIAS HUMANAS  
Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA  
Código CAPES: 40001016009P0

### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **LUCCA ZANETTI**, intitulada: "**Leões e Reposas: A construção de um modelo ideal no Príncipe de Nicolau Maquiavel (1532)**"., após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO.

CURITIBA, 23 de junho de 2017.

  
FATIMA REGINA FERNANDES FRICHETTO  
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

  
MARCELLA LOPES GUIMARÃES  
Avaliadora interna (UFPR)

  
MARIA CECILIA BARRITO AMORIM PILLA  
Avaliadora Externa (PUC/PR)



## Agradecimentos

A redação desta dissertação foi trabalho longo e árduo, e conforme toda conquista séria demandou disciplina e dedicação. Foram muitos os momentos de autoquestionamento, de dúvida e incerteza e mesmo inépcia durante a redação desta pesquisa, mas também o foram os momentos de reafirmação das escolhas que fiz pertinentes a tomar a longa e árdua estrada da pesquisa científica no Brasil, nossa condição particular como pesquisadores da História enquanto Ciência repetidamente questionada. A sociedade questiona nossa função constantemente, e espero que meu esforço para a compreensão dessa figura um tanto enigmática sobre a qual me debrucei aqui seja aproveitado por muitos interessados no assunto. Aos meus leitores e críticos, agradeço a dedicação da leitura, e peço que não hesitem em entrar em contato para que, juntos, promovamos o desenvolvimento científico através do debate à maneira dialética.

Agradeço à minha família imediata, principalmente a meus pais, Erasto Rogério Zanetti e Vânia Helena Villar Tullio Zanetti – sem a paciência e compreensão destes é provável que a redação fosse um desafio jamais vencido. Agradeço à minha orientadora, Fátima Regina Fernandes, pela constante força e confiança que depositou em meu trabalho e nas minhas capacidades durante de toda graduação, e agora, o mestrado. Agradeço à Renan Frighetto, seu cônjuge, e também a Marcella Lopes Guimarães pelos conselhos e observações referentes aos mais diversos assuntos quanto à teoria política antiga e medieval, sociedade e cultura que tanto influenciam o período que me dedico a explorar – sem dúvida alguma, a solidariedade de grupo observada por Fátima na nobreza medieval da península ibérica também se aplica à Academia de nossos tempos. Agradeço também à Maria Cristina Parzowski pela paciência e compreensão na lide diária do PPGHIS - UFPR.

Agradeço aos amigos, acadêmicos e não acadêmicos, cuja companhia muitas vezes não me senti adequadamente valoroso de partilhar. São mais numerosos que eu esperava, e mesmo ao longo de toda pós-graduação e eventos científicos fiz novas amizades que espero nutrir constantemente. Em particular, agradeço a Leonardo Girardi e a Gabriel Kotaka de Orte, cuja companhia aproveitei desde a graduação, e Marcel Lacerda, cuja empreitada científica, por mais diferenciada de minha própria, também trata da natureza do Tempo – a todos, ampla admiração e respeito às pesquisas assim como aos indivíduos. Trilhamos caminhos diferentes, mas sempre com o mesmo propósito da busca pelo conhecimento em função da sociedade.

E enfim, agradeço em particular a Ioana Vasile, cuja amizade é inestimável para mim – das noites em claro às longas conversas, seu constante incentivo e compreensão me proporcionaram a energia e paixão pela pesquisa. Obrigado.

## Resumo

A pesquisa aqui detalhada explora o Maquiavel como um historiógrafo de seu tempo, assumindo a crítica da fonte *A Vida de Castruccio Castracani* (1520) – obra aonde configura seu príncipe arquetípico de sucessor por meio de um *condottiere*, um capitão mercenário. Para a maior compreensão dos argumentos do autor perante a figura de seu príncipe perfeito, confrontamos argumentos de *A Vida de Castruccio Castracani* com citações extraídas de *O Príncipe*, *A Vida de Castruccio Castracani*, e *a História de Florença*, todas elas obras da pena de Maquiavel e através das quais sua perspectiva sobre o príncipe arquetípico é destilada. Observamos em Maquiavel um processo de transformação da estrutura discursiva sobre a manutenção do poder também em si medievais – das características atribuídas aos governantes de excelência, diversas já presentes nas caracterizações mais pragmáticas da nobreza do século XV. Mais do que uma completa ruptura, observamos um complexo processo de transformação dos argumentos de legitimidade assim como da perspectiva política no discurso de Maquiavel.

Notamos assim que o autor estabelece em sua teoria política desenvolvida através de sua obra uma dupla natureza aos mercenários – uma perspectiva negativa, daqueles que ruem os poderes dos príncipes, arruinam repúblicas e projetos políticos extensos com sua cupidez, suas agendas incompatíveis com as dos príncipes; e uma perspectiva positiva, dos líderes mercenários dotados dos poderes coercitivos de seus guerreiros e das qualidades necessárias para o bem-governar, a *virtù* em todos os seus aspectos; personagens que podem desempenhar – e, em seus exemplos retirados da História, desempenham - com sucesso o papel de príncipes. Assim, é objetivo desta pesquisa analisar a teoria política maquiaveliana tal qual desenvolvida pelo autor no princípio do século XVI, e qual o verdadeiro papel dos *condottieri* perante esse modelo político; com a finalidade de esclarecer à Academia e a sociedade qual, de fato, seria o ideal príncipe de acordo com a seleção de fontes explorada, resgatando o autor das máximas do senso comum, que através de suas generalidades empobrece suas obras, condenando-o aos mais diversos equívocos.

Palavras-Chave: Maquiavel, Teoria Política Medieval, *Condottieri*.

## Abstract

The research here detailed explores Machiavelli as a history writer from his own time, taking the analysis of the source *The Life of Castruccio Castracani* (1520) – work where he characterizes his archetypal successful prince through a *condotteire*, a mercenary captain. In order to achieve a better comprehension of the author's arguments towards the figure of his perfect prince, we face arguments from *The Life of Castruccio Castracani* with quotes extracted from *The Prince*, *The Life of Castruccio Castracani*, and the *History of Florence*, all of them works from Machiavelli's quill and through which his perspective about the prince archetypal prince is distilled. We observe in Machiavelli a process of transformation of the discursive structure on the maintenance of power as medieval – from the characteristics attributed to the excellent rulers, many times already present in the most pragmatic definitions of nobility throughout the XVth century. More than a complete rupture, we notice a complex process of transformation of the topics of legitimacy, as well as the political perspective itself through the Machiavelli's discourse.

Thus, we notice that the author stabilishes through the political theory developed through his work a double nature of the mercenaries – a negative perspective, upon those that ruin the powers of the princes, the downfall of republics and extensive political projects given their greed, their own agendas incongruous with the princes' own; and a positive perspective, on the mercenary leaders gifted with the coercitive powers of his warriors and the necessary qualities to the well-ruling, the *virtù* in its every senses; characters who could play – and, in his examples extracted from History, do play – with success the role of princes. Hence, the objective of this research is to analyse the Machiavellian political theory as it was developed by the author in the beginning of the XVIth century, and what is the true role of the *condottieri* before this political model; with the finality to clarify to the Academia and the society what, in fact, would be the ideal prince according to the selected sources, rescuing the writer from the maxims of the common sense, through which its own generalizations impoverishes his work, damning him to the most diverse misconceptions.

Keywords: Machiavelli, Medieval Political Theory, *Condottieri*.

<b>INTRODUÇÃO - POR QUE TRABALHAR MAQUIAVEL? .....</b>	<b>9</b>
<b>ANÁLISE - Renascimento: Conceito e Perspectivas.....</b>	<b>18</b>
<b>ATOR E TESTEMUNHA .....</b>	<b>21</b>
<b>MODERNIDADE E O PRÍNCIPE .....</b>	<b>31</b>
<b>POTENCIALIDADES DO PRÍNCIPE: DO MERCENÁRIO AO PRÍNCIPE, E DO PRÍNCIPE AO MERCENÁRIO .....</b>	<b>34</b>
<b>O PRÍNCIPE MAQUIAVELIANO - CASTRUCCIO CASTRACANI E A CONSTRUÇÃO DO ARQUÉTIPO .....</b>	<b>55</b>
<b>CONCLUSÃO - IDENTIDADE ITÁLICA EM CONSTRUÇÃO .....</b>	<b>103</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>109</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXOS - MAPA DA ITÁLIA NO SÉCULO XV:.....</b>	<b>113</b>



## INTRODUÇÃO - Por que trabalhar Maquiavel?

Seu papel enquanto primeiro teórico da filosofia política tal qual compreendida pela Academia tende a reforçar equívocos interpretativos acerca de suas perspectivas, objetivos e princípios políticos e morais. Todos tem algum contato com aqueles que exacerbam os valores de ineditismo da teoria política maquiaveliana; em muitos aspectos em detrimento com alguns princípios já consolidados por autores medievais e suas próprias perspectivas sobre a natureza coercitiva do poder temporal e da autoridade baseada em um conjunto de princípios e práticas comuns aqui denominados moralidade. Assim sendo, a ‘novidade’ alardeada por seus leitores transforma Maquiavel em figura emblemática para a compreensão e análise da cultura política da Modernidade – tal qual baliza temporal é normalmente concebida pela Academia no contexto do Ocidente, não mais Cristandade Latina – da Queda de Constantinopla em 1456, o ‘fim da Idade Média’; à Tomada da Bastilha em 1789, ápice da Revolução Francesa e ‘fim da Idade Moderna’, ‘princípio da Idade Contemporânea’. Ora, a historiografia de nossos tempos trás em seu âmago o princípio da problematização dessas concepções de temporalidade através do questionamento a respeito de seus caracteres de validade. Afinal, o quê, de fato, ‘acabou’ com a conquista otomana sobre Constantinopla? O que teria Mehmed II destruído, o que seria construído a partir de então?

É nesse ambiente de constantes questionamentos que insiro esta pesquisa e a validade de abordar um autor já tão explorado, célebre e popular nas áreas de História e Filosofia: preferi abordar Maquiavel não tanto pelo seu legado teórico; expandido posteriormente por pensadores críticos como Thomas Hobbes; mas ver na construção teórica do diplomata florentino quais são as influencias medievais sobre sua perspectiva política – como o autor é, sim, fruto de seu tempo<sup>1</sup>. Um tempo de transformação política, de novas relações entre pares e desiguais, de um Mundo Novo ingressando na cosmogonia formativa do Velho Mundo – assim como outros Mundos Antigos sendo cada vez mais explorados e integrados a perspectiva eurocêntrica. Assim ingresso, humilde, porém esperançoso, nos quadros que desenvolvem a pesquisa histórica na área de História Medieval no Brasil. Essa pesquisa se dedica justamente a explorar algumas das situações cuja análise equivocada é muito comum a respeito da figura dos príncipes. E também dos mercenários.

Talvez o mais incompreendido dos teóricos explorados pela filosofia política, Maquiavel fora muito rapidamente julgado logo após o sucesso inicial de suas obras

---

<sup>1</sup>HAGGMAN, Bertil. *The Classical Way of Conflict – Civilizational Reflections on Ancient Statecraft*. Comparative Civilizations Review. 2009. p. 52. “In our day, the term *statecraft* is almost exclusively used to define diplomacy or the conduct of foreign policy. Like war strategy, however, statecraft is “an art coping with an adversarial environment in which actions generate reactions in unpredictable ways and chance and uncertainty rule. Like strategy, too, statecraft is also an art of relating means to ends... Statecraft must be concerned both with the goals a nation pursues and with the ways and means necessary to achieve them.” [Lord, p.24]”; pp. 62-63. “He wanted to change and create new modes and orders from an anarchical system of small city-states, unable to defend themselves against foreign military invasions. It is important to extend research on the history of statecraft in ancient times and relate it to present day leadership. This would be of interest to those developing a forward strategy on behalf of the West. The study of civilization and culture play an important role in statecraft. Civilizational study on a grand comparative scale can contribute to improved strategic intelligence. It can be key to successful statecraft in foreign affairs. An understanding of the value systems of other civilizations and cultures can profoundly contribute to improvement of policies, not only in the benevolent hegemonic United States, but in the rest of the West as well.”

entre os círculos letrados da Itália do Renascimento em termos de dissoluto, devasso e mesmo monstruoso quando do recrudescimento da moralidade cristã em resposta ao sucesso reformista das problematizações da instituição eclesiástica por Lutero, Calvino e Zwinglio entre outros. O fenômeno da Reforma Protestante, e mais diretamente a Contra-Reforma levaram a um reforço da ideia de pureza no modo de vida católico; assim como de valores como a sobriedade, a severidade dos hábitos cotidianos e o resgate da moralidade cristã como características positivas; e deveras conflitantes com as obras de Maquiavel; em especial seu escrito mais célebre, O Príncipe.

As línguas modernas do Ocidente cunharam até mesmo termos decorrentes de seu nome. De maneira geral, o termo maquiavélico<sup>2</sup> ainda detém sua conotação calculista e ambiciosa – na língua portuguesa, assim como na língua inglesa, cunhou-se o termo maquiaveliano/*machiavellian* para o tratamento especializado e acadêmico de situações referentes a seu pensamento político-filosófico; a Filosofia observou o surgimento do termo maquiavelismo<sup>3</sup> enquanto uma doutrina política codificada também além das perspectivas do autor, assim como também significando as máximas cínicas e observações mordazes do escritor sobre a realidade, a verdade efetiva das coisas que testemunha; a Psicologia criou em sua observação de tipos de personalidade uma ‘tríade negra’ composta das orientações malevolentes da psique humana, composta pelo narcisismo, a psicopatia e o maquiavelianismo – caracterizado aqui novamente pela personalidade calculista que busca oportunidades de explorar e se aproveitar de outrem.

Sua ruptura com a teoria política medieval, ansiosa em justificar as instituições dos homens perante a inspiração divina – argumentos muitas vezes retirados da Bíblia ou do gênero hagiográfico – dado que seu foco se encontra em exemplos retirados da História assim como exaltação de atos que o próprio autor afirma criminosos e cruéis levou sua obra a ser rapidamente condenada de maneira geral pela cristandade latina; incompatível em sua exaltação à individualidade do príncipe e seus objetivos de conquista e manutenção de seu poder perante o princípio do *bonum commune* medieval. Enquanto os Espelhos de Príncipes propõe a necessidade e utilidade do rei para a administração da justiça assim como da manutenção da paz e a *concordia ordinem*, ou seja, a segurança das instituições para a segurança de todo corpo social; ou seja, pelo bem comum de todo o corpo social, o príncipe maquiaveliano dedica-se a si próprio – a seu próprio bem e prosperidade em detrimento da sociedade política na qual está inserido. Ainda que Maquiavel admire o espírito republicano enquanto a única sociedade política capaz de fato da obtenção e preservação do bem comum – como explorado em sua análise e debate sobre Tito Lívio, enfrentamos em O Príncipe um autor preocupado com domar os ímpetus dos príncipes – no sentido de resgatar a *virtù* itálica perante os governantes dissolutos e pusilânimes que esfazem seus *stati* e não

---

<sup>2</sup> BUARQUE DE HOLANDA F. Aurélio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira S.A; Rio de Janeiro 1985. p.1085. “**Maquiavélico**. Adj. [...] 2. Fig. Que tem, ou em que há perfídia, dolo, má fé; astuto, artiloso.”

<sup>3</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Editora Martins Fontes. São Paulo – 2007. pp. 641-642; “**Maquiavelismo** (in. *Machiavelianism*; fr. *Machiavélisme*, ai. *Machiavelismus*; it. *Machiavellismo*). Doutrina política de Maquiavel ou o princípio no qual ela é convencionalmente resumida. [...] tem explicitamente o objetivo de indicar o caminho por meio do qual as comunidades políticas em geral (e a italiana em particular) podem renovar-se conservando-se, ou conservar-se renovando-se. Tal caminho é o retorno *aos princípios*, conforme a concepção que o *Renascimento* (v.) tem da renovação do homem em todos os campos. [...] A *objetividade* historiográfica e o *realismo* político constituem, assim, os dois pontos básicos do M. Original. Graças a este segundo aspecto, Maquiavel foi considerado o fundador da ciência empírica da política, ou seja, disciplina empírica que estuda as regras da arte de governar sem outra preocupação além da *eficácia* dessas regras. [...]”

zelam por seus súditos, responsáveis pela instabilidade política peninsular e pela rapina dos ‘bárbaros’.

No entanto, a análise mais próxima revela ao pesquisador que seus primeiros leitores, assim com o primeiro sucesso editorial de suas publicações; que Maquiavel fora muito bem aceito e celebrado nos círculos cortesãos e eruditos, entre seus pares humanistas não apenas por seus outros escritos – sua extensa produção inclui histórias, epístolas diversas de caráter pessoal, peças de teatro e fábulas. Em vida, será celebrado enquanto um historiador – *storia scriptor* – e mesmo dramaturgo quando do sucesso de *A Mandrágora*. Porém, mesmo seu ‘opúsculo’, como o autor referia-se a sua obra mais célebre a seus íntimos, seria bem recebida. É de conhecimento notório que a filha do príncipe a quem ofertou essa obra seria leitora de *Il Principe*, mesmo que o pai não o fosse. É certo que seus empregadores entre os Medici também conhecessem o teor do texto – através dessa dissertação desenvolvemos o argumento e evidências dessa recepção.

A avaliação de Daniel Aust de Andrade ainda é muito adequada quanto ao número extenso de interpretações distintas e por vezes contraditórias da obra de Maquiavel<sup>4</sup>. Como o títere a controlar as marionetes ou o ‘jogo de sombras’, estamos apenas a tentar discernir quais os verdadeiros objetivos e perspectivas que nutriam o discurso político e o gênio criativo de Maquiavel. Que suas ferramentas sejam ainda a astúcia, a engenhosidade e a simulação – tanto no ambiente da teoria política quanto na *práxis* de sua atividade diplomática – apenas tendem a demonstrar qual proficiência o autor detinha em tomar a suma importância da sutileza necessária entre o *ser* e o *parecer ser*. Talvez por isso Maquiavel perceba-se como um escritor dedicado à História – sua perspectiva de análise pragmática orientada às ações dos antigos é dissociada e crítica à contemplação própria da Filosofia, até então mais preocupada com a definição de modelos perfeitos e teóricos sobre a política assim como a vida pública.

Esta pesquisa não se propõe a descortinar uma interpretação definitiva e absoluta sobre os escritos políticos de Maquiavel<sup>5</sup>, mas a proporcionar novas reflexões acerca de suas perspectivas tais quais influenciadas por seu contexto – em verdade, deixamos de

---

<sup>4</sup> ANDRADE, Daniel Aust; *O Tirano e o Político em Maquiavel*. Revista Vernáculo, n. 26, 2ª sem./2010. pp. 58-59. “Nas palavras de Isaiah Berlin: “há qualquer coisa de surpreendente na pura e simples quantidade de interpretações das opiniões políticas de Maquiavel” (BERLIN, 2002: 15). [...] Uma versão definitiva parece ser criada apenas para ser falseada por novas interpretações. [...] Isso levanta problemas quanto ao caráter, os motivos e as convicções de Maquiavel, que há mais de quatrocentos anos vêm formando um rico campo de investigação e especulação tanto para estudiosos de literatura e linguística como para historiadores, filósofos e cientistas políticos. Porém a visão mais comum de Maquiavel, pelo menos como pensador político, ainda é o da maioria dos elisabetanos. Na qual ele era um homem inspirado pelo Demônio, professor do mal, grande subvertedor, o “mortífero Maquiavel” de Shakespeare.[...]”

<sup>5</sup> SADEK, Maria Tereza. *Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o indelectual de virtù*. In. WEFFORT, Francisco. (Org.) *Os Clássicos da Política*. 14ª ed. São Paulo, Ática, 2006. Disponível em: [www.ceap.br/artigos/ART13102011193159.pdf](http://www.ceap.br/artigos/ART13102011193159.pdf), acessado em 17 de maio de 2017. p. 7. “Tem-se sempre a sensação de que é necessário ler, reler, e voltar a ler a obra e que são infundáveis as suas possibilidades de formalização. Sua armadilha é atraente – fala do poder que todos sentem, mas não conhecem. Porém, para conhecê-lo é preciso suportar a idéia da incerteza, da contingência, de que nada é estável e que o espaço da política se constitui e é regido por mecanismos distintos dos que norteiam a vida privada. [...] Por isso, qualquer tentativa de sistematizar os escritos de Maquiavel é sempre provisória e sujeita a novas interpretações. Vale assim, para os seus escritos, a mesma metodologia que usava para ler a realidade, e afinal, de há muito sua obra deixou de ser apenas uma referência de erudição ilustrada. Pelo que significa e tem significado nas práticas históricas é ela própria simultaneamente um monumento e um instrumento político, retomando sempre como um enigma complexo que só pode ser decifrado pela análise de sua presença concreta e sua *vertià effetuale*.”.

lado a argumentação de inclinação republicana do Maquiavel *storia scriptor* apresentada nos *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio*; mas assumimos a perspectiva criada pelo *segretario et cittadino* em sua obra mais conhecida, *Il Principe*, assim como nas obras adjuntas de *La Vita di Castruccio Castracani* e a *Il modo che tenne il duca Valentino per ammazar Vitellozzo, Oliverotto da Vermo il. s. Pagolo e t il duca di Gravina Orsini in Senigaglia*. Essa tríade de obras, conjugadas na fonte explorada pelo primeiro editor de Maquiavel, compõe em conjunto seu discurso político mais evidente, e criticado – de sua perspectiva política orientada aos *stati* através da *verità effettuale delle cose*. Essa ‘verdade efetiva das coisas’, seu critério de trabalho e de legitimidade, contempla apenas o que Maquiavel observara em sua vida pública como os métodos e ações que efetivamente garantiam ao governante segurança e influência sobre seus governados. A Maquiavel não interessam os modelos idealizados de governantes ou de sociedades políticas imaginadas como fantasias – longe de si os critérios de legitimidade oriundos da moralidade cristã; como anteriormente explorado em obras acerca de um ‘mundo ideal’, perfeito e absolutamente teórico; inexistente, irreal. O que realmente interessa ao escritor são modelos ideais aplicados à realidade do mundo que observa, tal qual como o mesmo é de fato.

Ao longo da Idade Média, inspirados na racionalização da sociedade política tal qual como tratada na Antiguidade por filósofos como Platão e Aristóteles, o grande tema da discussão política constituía-se da criação de sistemas ideais; de acordo com a moralidade cristã e a percepção cosmogônica de que a vida terrestre deveria ecoar a vida divina; da teorização agostiniana conciliando a Cidade de Deus à Cidade dos Homens. Autores como Tomas de Aquino (1225-1274), Egídio Romano<sup>6</sup> (1243-1316), Dante Alighieri<sup>7</sup> (1265-1321) e Marsílio de Pádua (1270-80/1342-43); e, no ambiente ibérico em ampla difusão de pesquisas no Brasil; Álvaro Pelayo<sup>8</sup>(1333-1350); teorizaram sobre a construção terrena de uma sociedade inspirada no transcendental como perscrutado pela teologia do contexto. Sendo Deus justo em absoluto, também a sociedade dos fiéis na Terra deveria esforçar-se para emular a justiça divina; todos estes autores redigindo obras em diferentes abordagens práticas entre a *auctoritas* eclesiástica e a *potestas* secular; mas sempre de maneira a conciliar a moralidade cristã e a doutrina da Igreja com a funcionalidade política da sociedade secular. Talvez mais simbólico seja o exemplo de Thomas More (1478-1535), contemporâneo de Maquiavel e conhecido pela sua obra *Utopia*, cujo nome ainda é utilizado hoje enquanto uma terra imaginada, inexistente, e de funcionamento harmônico em perfeição e felicidade; sua obra publicada em 1516 – o mesmo ano da apresentação de *Il principe* por Maquiavel a seu possível protetor Lorenzo de’ Medici; demonstrando como ainda nesse momento – o princípio do século XVI, o anseio reformista no interior da Igreja ainda observa a redação de obras de conciliação entre a política secular e a transcendência cristã. Maquiavel reserva a todos estes pensadores sua crítica – quando da redação de obras de caráter instrucional baseando-se em instituições imaginadas e não reais, estariam a ensinar o governante a como arruinar-se – afinal, segundo o diplomata florentino, há uma grande distancia entre a maneira em que ‘as coisas são’ e ‘como deveriam ser’. Esse intervalo formaria príncipes ingênuos ou ineptos para as situações da política real.

<sup>6</sup>VERÍSSIMO, Eliane. “*Ca insegna quali virtù ei principi debbiano avere*”: A contenção régia por meio das virtudes no tratado *De Regimine Principum* de Egídio Romano. Curitiba - 2013.

<sup>7</sup>PAIZANI, Gabriel Ferreira de Almeida; *O pensamento político de Dante Alighieri no tratado De Monarchia*; Revista Vernáculo, n. 23 e 24, Curitiba -2009.

<sup>8</sup> DIEHL; Rafael de Mesquita. *O poder régio e suas atribuições no Speculum Regum (1341-1344) do franciscano Álvaro Pelayo, bispo de Silves (1333-1350)*. 2013 & GIRARDI, Leonardo. *O Espelho dos Reis de Frei Álvaro Pelayo (1341-1344) como instrumento de construção de um identidade régia ibérica*. 2016.

Essa é, de fato, uma das grandes inovações de Maquiavel. Seu argumento está distanciado da concepção cristã que anteriormente permeava a teoria política medieval. O movimento Humanista contou com diversos autores ao longo do século XV buscando ainda a plena conciliação entre o desenvolvimento da filosofia, da política e sua coesão com o cristianismo – como, dentro mesmo de Florença, Marsilio Ficino (1433-1499) e Pico della Mirandola (1463-1494) representando grupos de formação humanista inseridos na sociedade política, traçando suas trajetórias de maneira adjacente ao ambiente da práxis política – diferentemente de Maquiavel; cujo acesso à instrução humanista acoplada aos conhecimentos de latim, história, retórica, gramática e oratória construíram um indivíduo habilitado para o trabalho na política cidadina da República de Florença; e eventualmente, nos círculos cortesãos.

Através de nossa pesquisa um tipo de personagem demonstrou-se consistentemente relevante na perspectiva política maquiaveliana – talvez justamente por desenvolver uma função fundamental na sociedade itálica; representante de uma instituição cristalizada nos séculos XIV e XV, garantida no século XVI; porém surgida desde tempos imemoriais na cultura ocidental; uma prática já observada nos reinos helenísticos e nas *poleis* gregas do período clássico – os mercenários. Talvez sua expressão mais refinada ao longo da Idade Média, os *condottieri* são os líderes e guerreiros mercenários de origens diversas que se agrupam em companhias de combatentes, vendendo sua perícia em combate para as prósperas cidades da Itália – poupando assim os cidadãos desses *stati, comune*, ‘repúblicas e principados’ (na linguagem de Maquiavel) tenham de exercer o serviço militar que, uma vez, determinara os critérios de plena cidadania. De fato, são figuras que exerceram de tal maneira a função de armas que, na atualidade, o termo *condottiere* pode significar em uso corrente na língua inglesa qualquer mercenário – enquanto na língua italiana moderna qualquer líder militar também pode ser adequadamente chamado *condottiere*. O termo seria derivado de duas expressões – *condotta*, que expressa os contratos entre indivíduos e *comune* ou entre vários indivíduos, elaborados especificando os termos de serviço entre mercenário e contratante – e o termo latino *dux*, reativo à *ducere*, significando liderar, conduzir, de maneira que *condottiere*, aquele quem lidera / conduz, seria de certa forma um termo cognato ao português ‘condutor’.

Minha preocupação com essa figura tão própria da sociedade italiana da Idade Média e do período estendido do movimento cultural do Renascimento começou ainda durante minha graduação; gerando dois produtos justamente dedicados à proposta de explorar qual a percepção de Maquiavel sobre os mercenários<sup>9</sup>. Porém, há também algo de romântico na figura dos *condottieri*, considerados na Literatura enquanto personagens que mesclam em si a audácia com a perícia em armas – bandidos, ladrões, porém também guerreiros, dotados de seu próprio sentido de honra e graça. São elaborados muitas vezes tais quais cavaleiros dos romances de cavalaria da Matéria de França ou da Matéria de Bretanha com a crucial diferença de seu *status* determinado por sua função militar propriamente dita, e não de sua nobreza – de linhagem ou espírito – enquanto uma aproximação inclusive na indumentária de combate, do arnês e armadura, montados a cavalo e sobre suas ancas imbatíveis. Os *condottieri* são diversas vezes representados como personagens bombásticos, ‘maiores-do-que-a-vida’, suas ações

---

<sup>9</sup>ZANETTI, Lucca. *Paralelos entre a cristalização do modelo de condottiere, de Maquiavel, e o modelo da Nobreza de Serviço, de Fernão Lopes, séculos XV e XVI*. In: 20º EVINCI / 5º EINTI, 2013, Curitiba. Livro de Resumos, 2013. & ZANETTI, Lucca. *O Príncipe e o Mercenário – A sugestão de um modelo ideal, através de La Vita di Castruccio Castracane, de Nicolau Maquiavel (1518-1520)*. Curitiba, 2014. Disponível em: [http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2014/12/lucca\\_zanetti.pdf](http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2014/12/lucca_zanetti.pdf); Acessado em 28 de setembro de 2016.

justificadas por ouro e glória – um indivíduo que toma as rédeas de seu próprio destino e através de sua força de vontade constrói-se a si próprio<sup>10</sup>, um exemplar de potencial positivo tal qual observado de maneira otimista por Maquiavel nas primeiras linhas de sua obra *La Vita di Castruccio Castracani*, aonde define o personagem sobre o qual no momento escreve como um ‘grande homem’, ‘que fizera grandíssimas coisas’<sup>11</sup> apesar de sua origem humilde.

*“Pare, Zanobi et Luigi carissimi à quelli, che la considerano cosa marauigliosa, che iutti coloro, ò la maggior parte ai essi che hanno in questo modo operato grandissime cosseet intra gl’altri della loro era siano stati eccelliti, habbiano hauuto il principio, et nascimento loro basso, et oscuro, ò uero dalla fortuna, fuora di ogni modo trauagliato. [...] Credo bene questo nasca che uolendo la fortuna dimostrare al’ mondo di essere quelal che facciali huomini grandi, et non la Prudentia comincia a dismostrare le sue forze in tempo che la Prudentia non cì possa hauere alcuna parte, anzi da lei si habbia à riconoscere il tutto. Fu adunque Castruccio Castracani da Lucac, um di quelli [...]”.* [La Vita di Castruccio Castracani. pp. 36.]

Os mercenários não são um fenômeno novo no contexto do século XVI. O mundo antigo está repleto de mercenários, alguns no sentido mais institucionalizado do termo enquanto diversos outros exemplos compoendo quaisquer grupos que travariam combate por terceiros em troca de benefícios diversos – como o butim dos saques ou o assentamento de terras. Ao longo da Idade Média, grupos de mercenários também atingiram renome – da Guarda Varanga composta de eslavos e escandinavos a serviço

---

<sup>10</sup>DELUMEAU, Jean; *A civilização do Renascimento*. Tradução de Manuel Ruas, Editorial Estampa Lda; Lisboa, 1983. pp. 16. “Talvez seja, precisamente, esta noção de modernismo que, no fim do estudo, apareça com maior evidência e com mais viva claridade. O Renascimento, ligado por numerosas fibras aos séculos anteriores, mostra, porém, na figura dos seus homens e das suas obras, traços e cores que preludiam de forma espantosa os caracteres do nosso tempo. Sem dúvida que se não deve procurar alhures a origem dos movimentos e das profundas aspirações do nosso tempo. Promoção do indivíduo, da pessoa, reabilitação da mulher, reforma da educação – que se pretende que seja uma verdadeira formação do homem e já não uma inútil sobrecarga do espírito, esmagado pelo fardo do conhecimento – revalorização do corpo e da educação física, reflexão pessoal e livre sobre o homem, a sua natureza e a sua religião, ímpeto entusiástico, enfim, para as conquistas literárias e técnicas e gosto apaixonado da glória que faz reviver as mais belas tendências da Grécia e de Roma, pois não é verdade que tudo isso, que pertence verdadeiramente ao século XVI europeu, nos surge ao mesmo tempo como assunto nosso?”. Na literatura, *Valperga: or, the Life and Adventures of Castruccio, Prince of Lucca*, 1823, da novelista inglesa Mary Shelley trabalha em criar na figura de Castruccio Castracani tal imagem de um personagem velhaco e maroto, anti-herói, que busca conquistar política e amorosamente a condessa de Valperga; enquanto a séries de novelas de fantasia e jogos de guerra *Warhammer* criou, através de *Warhammer Armies: Dogs of War (5th Edition)*, 1998, de Nigel Stillman, Rick Priestley & Tuomas Pirinen em um pastiche humorado e repleto de paralelos e piadas construídos sobre estereótipos dos italianos na ótica britânica; o mais gritante talvez o personagem *Borgio the Besieger*.

<sup>11</sup> Com a finalidade de facilitar o acesso do leitor às fontes explicitamente citadas durante esta dissertação, as sessões retiradas das fontes serão rebatidas em notas de rodapé com a versão presente na tradução selecionada. Através de toda esta dissertação, tomei de traduções publicadas sempre que possível, apenas traduzindo passagens de mão própria quando as mesmas não se apresentaram em tradução publicada alguma. MAQUIAVEL, Nicolau. *A Arte da Guerra e Outros Ensaio*. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982; pp. 41. “Caríssimos amigos: os que refletem sobre o assunto se maravilham de que todos – ou quase todos – que realizaram grandes feitos nesse munod, fazendo-se notar dentre seus contemporâneos, tiveram origem obscura e humilde, tendo sido submetidos pela sorte a todo tipo de provações [...] Estou convencido de que a sorte, para demonstrar que é ela que dá grandeza aos homens, e não a prudencia, começa a exhibir sua força antes de que esta última tenha ocasião de reevlar a sua, de modo que se lhe reconheça o maior poder.”

do *Basileu* bizantino; de maneira geral todos os grupos denominados genericamente enquanto *vikings*; os almógavares da Catalunha; marinheiros e besteiros genoveses como os que lutaram em Crécy; os piqueiros e alabardeiros suíços; do *kern aogallowglassna* Irlanda; os *stradiotti* albaneses a serviço da República de Veneza; e eventualmente os famosos *Landsknetchs* organizados pelo Imperador Maximiliano, nos principados germânicos.

Com o surgimento das *compagnie di venture* através do século XIII; observa-se na Itália um movimento da gradual substituição das milícias cidadinas; ordinariamente organizadas entre *pedites* e *milites*, de acordo com a posição censitária de cada indivíduo, entre os cidadãos da própria cidade. Defender aos interesses políticos de sua *comuna*, assim como proteger aos seus vizinhos, suas famílias e suas posses configurava parte das responsabilidades básicas do cidadão medieval; porém, com o enriquecimento destes centros urbanos a partir do desenvolvimento da economia – da manufatura e tingimento de tecidos aos bancos – surgiam também a oportunidade de buscar por outros que desempenhassem a empresa guerreira no lugar dos *cittadini*; os *condottieri*. Originalmente filhos terceiros de famílias cidadinas e camponeses de núcleos isolados assolados pela fome, os *condottieri* organizados passam a empreender os conflitos políticos anteriormente resolvidos pelas milícias cidadinas; prosperando no pagamento de seus contratos – as *condotte* – e no próprio saque, fruto da atividade guerreira em si. Esses grupos passam muito rapidamente a se tornarem problemas para as *comune*, dependentes de seu relacionamento intrínseco com o campo – o *contado* circundante e constantemente assolado por *condottieri*; incluindo aqueles contratados pela cidade. Parte do empreendimento destes mercenários inclui a rapina e a bandidagem – principalmente em tempos de paz, quando os guerreiros desocupados passam a atacar quaisquer desarmados e vulneráveis no campo. Seus líderes, os *capitani di ventura*, por vezes eram secundogênitos de famílias da aristocracia cidadina, uma prática que se tornou amplamente disseminada a ponto de notar-se a maior parte *capitani di ventura* do contexto de Maquiavel sendo príncipes também desenvolvendo funções guerreiras enquanto *condottiere*. Na língua italiana moderna, as funções guerreiras vinculadas à figura do *condottiere* levaram ao significado do termo equivaler a qualquer líder militar.

No contexto de Maquiavel, os *condottieri* são figuras bem estabelecidas do ofício de armas da península itálica e também um problema social. A destruição ‘gratuita’ perpetrada pelos combatentes, assolando o *contado*, as vilas, queimando e roubando os grãos dos campos não são ignorados pelas *comune*, que por vezes se vêem forçados a reagir – mesmo a contratar mercenários para enfrentar aqueles que rapinam desenfreadamente seus campos<sup>12</sup>; empresa demasiado custosa. Uma função foi desenvolvida para a rápida espoliação de terras na figura dos *guastatori*<sup>13</sup>, *condottieri* caracterizados pelo movimento rápido e pela colheita dos grãos abandonados nos campos pelos camponeses em fuga antes de reações ou resistências; os estafetas patrulheiros e escaramuçadores identificados como *scorridori*, e no caso dos grupos originários dos Bálcãs a serviço de Veneza os mais famosos *stradioti*. Seus grupos armados contavam com extensos contingentes montados – tanto os três grupos acima nomeados combatendo como cavalaria rápida, pouco armada e evitando o combate prolongado; enquanto a maior parte dos *condottieri* armados tal qual cavalaria pesada; em arnês completo e empregados em cargas e choques violentos.

<sup>12</sup>CAFFERRO, William. *Italy and the Companies of Adventure in the Fourteenth Century*. The Historian. Vol. 58, issue 4, 1996.

<sup>13</sup>MURPHY, David. *Condottiere 1300-1500, Infamous Medieval Mercenaries*. Oxford: Warrior; 115. Osprey Publishing, 2007.

Tais combatentes adquiriram reputação tanto positiva quanto negativa. Positiva ao contemplarem-nos por guerreiros de profissão, mestres de armas, e com essa maestria também conhecimentos táticos surgidos da experiência em combate – proficiência surgida da comparação entre os *condottieri* e as milícias citadinas em gradual desaparecimento; uma vez que as hostes milicianas eram compostas por guerreiros não profissionais, combatentes despreparados e com pouco ou nenhum treinamento, muitas vezes portando armas pouco usadas. Batalhas entre milicianos e *condottieri* tendiam assim a superioridade dos mercenários; ainda que fosse observada entre os próprios *condottieri* o desenvolvimento de uma específica solidariedade de grupo<sup>14</sup>—por vezes as *compagnie di venture* evitariam dar combate aos oponentes quando notando entre eles seus potenciais parceiros e aliados futuros; conduzindo seus saques de maneira a evitar o choque e confronto direto entre suas hostes. Entre os *condottieri* a prática do aprisionamento e troca de resgates, tal qual a prática ocorria entre nobres e cavaleiros se difundira perante a percepção de que um *condottiere* morto era ‘ruim para os negócios’. A percepção de que o *condottiere* que luta por seus inimigos seria um aliado em potencial eventualmente levou ao desenvolvimento de combates muitas vezes acusados pelos detratores dos *condottieri*, Maquiavel incluso, a ‘combates encenados’ aonde não haveria mortes – mais lucrativo para os mercenários seria combinar com aqueles que o combatiam, seus ‘inimigos de momento’, e desenvolver assim relacionamentos de prazo do que cometer-se ao combate com abandono, exterminá-lo, e ter de renegociar benefícios com o *condottiere* seguinte que assumisse o posto do trucidado.

Compondo assim uma classe guerreira no seio da sociedade italiana, e condensando as funções guerreiras dessa sociedade os *condottieri* compõem no contexto do final do século XV e princípio do século XVI forças políticas de vulto. Os séculos XIV e XV observaram o advento de príncipes-*condottiere* de maneira abrangente em toda península itálica; ou ainda *condottieri*-príncipes, comandantes mercenários que através de conquistas ou aclamações tornavam-se príncipes de seus próprios *stati* – diversos desses indivíduos recebem dos conselhos citadinos a *signoria* de suas *comune* para a condição de protetores pessoais da república e da sociedade política ali localizada. O *condottiere* Castruccio Castracani, filho de banqueiros, fora aclamado *signor* em Lucca, eventualmente conseguindo o título de duque a partir de sua liderança em apoio aos gibelinos, teria liderado guerreiros a serviço de Bernabò Visconti de Milão, também assim reforçando a *parte* dos *ghibellini* na Lombardia; Ezzelino da Romano em Pádua e Cangrande della Scala em Verona; ambos senhores originários da aristocracia citadina de suas *comune* desempenharam suas alianças com imperadores através da lide como *condottieri*.

A partir de vinculação política com Filippo Maria Visconti, o *condottiere* Francesco Sforza tornar-se-ia duque, legitimado por conquista e por seu casamento com a herdeira de Visconti, duque de Milão. Braccio da Montone, um *condottiere* de origens médias, recebia os benefícios da *signoria* de Montone e Bologna. Esse movimento levaria a participação de mais filhos das oligarquias citadinas na carreira de *condottieri*,

---

<sup>14</sup>MURPHY, David. *Op. cit.*; pp. 31 “At the battle of Maclodio in 1427, the Venetian commander Carmagnola captured over 10.000 Milanese prisoners with few (if any) fatal casualties on either side although there was a huge loss of horses. Carmagnola further exasperated his combined Venetian and Florentine masters by soon releasing all of his prisoners without any ransom being paid.” Ainda que os numerosos sugeridos por Murphy sejam um exagero comum às fontes medievais, a reação dos venezianos a acusar Carmagnola de traição – prendê-lo, tortura-lo e executá-lo – demonstra não apenas a grande insatisfação de seus contratantes, assim como a inconfiabilidade do uso destes comandantes.



a ponto do maior número deles durante o final do século XV e princípio do século XVI serem mais príncipes-*condottieri* do que *condottieri*-príncipes. Verdadeiras ‘dinastias’ como os Visconti em Milão; os Gonzaga de Mantua, os Malatesta de Rimini, os Sforza em Milão e Pesaro; os Este em Ferrara; por exemplo, comporiam diversos exemplos dessa prática.

Assim sendo, Maquiavel não pode descartar a influência política exercida pelos *condottieri* no seio das sociedades italianas. Tornando-se um fator problemático para sua perspectiva de construção de *stati* sólidos, independentes das rapinas de outros príncipes assim como de *condottieri*, o diplomata passa a contemplar nesses líderes militares uma dissolução da capacidade guerreira dos italianos: que, de herdeiros da gloriosa tradição romana, que pusera aos pés de Roma o Mundo; para os combates ‘ensaiados’ e teatrais de que acusa aos *capitani di ventura* – do vigor ‘verdadeiro’ ao ‘encenado’. Sabemos que essa denúncia é um grande exagero<sup>15</sup> – usual às fontes medievais, e também característica do próprio Maquiavel em algumas situações. No entanto, é sim uma informação considerada como real pelas fontes do período, um preconceito alimentado pelos detratores dos *condottieri* e certamente influenciado pelas negociações entre os *capitani di ventura*.

O fato de que *condottieri* por vezes também são príncipes não é contemplado de maneira explícita por Maquiavel; o autor ao invés disso dissocia ambos os grupos em duas categorias diferentes – aqueles que de fato detêm principados sendo tratados como príncipes; e aqueles que não os obtêm sendo tratados por *condottieri* quando, em realidade, muitos *signori* dos *stati* da península também traçam suas próprias *condotte*, agindo como *condottieri* a serviço de outros senhores da península – o papa; repúblicas como Florença ou Veneza; ou ainda outros príncipes-*condottieri*. De maneira que a lógica política medieval de vinculação direta através de juramentos de fidelidade individual também existiu em paralelo à prática das *condotte*; contratos que documentam de maneira explícita a duração do serviço guerreiro traçado entre contratante e contratado – os próprios *condottieri* e seus combatentes – repletos de informações como despesas diversas, compensações por membros mutilados, cláusulas de exceção, pagamentos totais e mesmo períodos estipulados no qual após o término do contrato os *condottieri* ficaram impossibilitados de traçar *condotte* subsequentes com os inimigos de seu contratante anterior.

A hipótese desta pesquisa é, assim, esclarecer o papel fundamental dos mercenários perante a teoria política de Maquiavel – além da crítica que o autor desenvolve sobre os *condottieri* em *Il Principe*, mas também como são exaltados como indivíduos plenos de potencialidade positiva para ocuparem si próprios os tronos de *signori* da península itálica, conforme é o caso narrado por Maquiavel sobre a figura de Castruccio Castracani. Assim sendo, *La Vita di Castruccio Castracani* é foco de análise dessa dissertação, uma vez que ela forma a parte central e talvez mais importante do tríptico formado na edição *bladiana* aqui explorada – uma vez que fora escolhida de comitente e editor oferta-la no mesmo livro em que também constam *Il Principe* e *Il modo che tenne il duca Valentino per ammazar Vitellozo, Oliverotto da Fermo, il S. Paolo et il duca di Gravina Orsini in Senigaglia*, uma compilação do pensamento maquiaveliano articulado.

---

<sup>15</sup>MURPHY, David. *Op. cit.*; pp. 32. “Further investigation of accounts of Italian battles also indicate that the idea of their being ‘bloodless’ was often a fiction. The vast casualties that resulted from the battle of Parabiago in 1340 confirm this, and the fact that it was fought with snow on the ground also refutes the idea that *condottieri* were averse to campaigning in bad conditions. [...] Over 4000 dead from both armies lay frozen on the battlefield that night. [...] It was also fought to a definite conclusion, simply due to the fact that the rival Visconti factions were vying for control of Milan.”

As advertências e preocupações de Maquiavel sobre o uso de mercenários – por príncipes e repúblicas – são na verdade condizentes com sua lógica pragmática da natureza do poder diretamente relacionada ao fato de que estes mercenários também são, muitas vezes, príncipes rivais daquele que Maquiavel está a instruir. Como esta preocupação é oriunda da percepção do autor de que a lógica de ação que rege os *condottieri* – suas agendas de conquista – é a mesma que o escritor impõe a seu príncipe. E também como os exemplos retirados da História provam, muitas vezes, que o verdadeiro príncipe perfeito de Maquiavel – dotado da *virtù* e conquistador da *Fortuna*, é, na verdade, o *condottiere* de excelência<sup>16</sup>. Não é por acaso que os *condottieri* são chamados também de *capitani di ventura* – ou seja, em uma tradução literal para o vernáculo italiano do nome da deusa *Fortuna*, resgatada da *Tyche* de Políbio – o capitão da *fortuna*-sorte. Maquiavel não apenas condena aos mercenários, mas também sugere que os *condottieri* seriam sim príncipes-em-potencial – discurso que identificamos em sua obra.

## ANÁLISE - Renascimento: Conceito e Perspectivas

O Renascimento é, muitas vezes, encarado tal qual uma baliza temporal bem demarcada sem grandes problematizações acerca do que fora o fenômeno de desenvolvimento do Humanismo que contemplamos, algumas vezes, enquanto o ‘grande’ Renascimento. Uma era de amplo desenvolvimento artístico, tecnológico, bélico, aonde a transformação das perspectivas dos Homens em relação ao Mundo – desde seu relacionamento com o transcendente até aos limites do mundo físico em constante expansão. Uma época aonde surgem novas percepções da realidade humana, com o gradual resgate do foco teleológico na condição do Homem perante o Mundo a substituir ou transformar a relação entre o Homem e Deus. De tal maneira o fenômeno ganhou força que sua interpretação enquanto um período de pleno desenvolvimento da erudição seria levado à outros períodos, outras épocas e outros eventos – o Renascimento Carolíngio e o Renascimento do Século XII também são bases explicativas consolidadas para fenômenos distintos e autônomos.

Talvez o grande responsável por essa percepção do Renascimento enquanto delimitador de uma realidade própria, política, artística e mesmo religiosa seja Jacob Burckhardt<sup>17</sup>. Outros teóricos sugeriram ainda novas percepções sobre como abordar o fenômeno – Peter Burke<sup>18</sup> sugere uma desmistificação do termo e da ‘época’ que normalmente significa dado à franca criação de um discurso muitas vezes propagandístico; que impôs à Idade Média alguns preconceitos como a famigerada expressão ‘Idade das Trevas’ ao notar autores do século XIX reforçando a perspectiva de uma época de pleno desenvolvimento cultural e criativo. Burke sugere ainda que aos pesquisadores que abordam a época não render-se ao objeto nem deixar-se seduzir pelo

<sup>16</sup> Hipótese essa que já explorei anteriormente em minha monografia de graduação; ao abordar outra obra de Maquiavel. ZANETTI, Lucca. *Op. Cit.*

<sup>17</sup>BURKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália*. Companhia de Bolso, 2009.

<sup>18</sup>BURKE, Peter. *The Italian Renaissance: Culture and Society in Italy*. Princeton – Princeton University Press, 1987. & *El Renascimento*. Crítica, Barcelona. 1999. pp.7. “[...] uma edad de oro de la creatividad y la cultura.” Burke aponta como tal perspectiva em reforçar as diferenças da herança histórica do Renascimento em detrção da Idade Média, responsabilidade por ele identificada em Jacob Burckhardt e Jules Michelet, não era algo novo – Giorgio Vasari, muitas vezes chamado de o primeiro historiador da Arte, compara o estilo gótico de maneira negativa ao exaltar Michelangelo como o maior artista desde a Antiguidade Clássica.

mesmo, uma vez que de tal maneira se afirma o ‘Mito do Renascimento’<sup>19</sup> que os próprios autores inseridos no período por vezes se convencem de viver em épocas de ‘Luz’ em comparação às ‘Trevas’ da Idade Média.

É necessário compreender então que o Renascimento em si é um termo muito maleável, uma ferramenta interpretativa que permite ao historiador recortar suas balizas temporais de acordo com sua necessidade. É, no entanto, necessário precisar o que de fato se compreende por Renascimento<sup>20</sup>. Talvez a percepção de vários movimentos culturais cuja proposta também toma em si o resgate e a reinterpretação de heranças culturais anteriores seja a mais acertada – o Renascimento Carolíngio assim como Renascimento do século XII supracitados são caracterizados principalmente pelo resgate de códigos legais romanos assim como de sua interpolação com as tradições legais germânicas; o segundo com a proposta desenvolvida na Universidade de Bologna do resgate, a crítica e o comentário sobre o *Corpus Iuris Civilis*, ou seja, o Código de Justiniano: em si próprio já uma compilação na Antiguidade Tardia das leis tradicionais romanas. Seu maior expoente seria sem dúvida Bartolo da Saxoferrato (c.1313–1357), que desenvolveu seus estudos em Bologna e em Perugia, se estabelecendo posteriormente na segunda e formando o grupo de eruditos do Direito Comum conhecidos como Comentadores/Pós-glosadores. Sua colaboração para a compreensão do Direito Romano, assim como do Direito Comum exercido nas cidades italianas é fundamental. De tal maneira é a influência de Bartolo que Lorenzo Valla (c.1407-1457) ao tecer sua crítica à estilística latina de Bartolo, seria de tal maneira rechaçado e enfim expulso da Universidade de Pavia, logo antes de por meio de comparações e análises textuais Valla provasse como o documento da célebre Doação de Constantino seria falso. Ao mesmo tempo, dirigindo o aspecto de análise à literatura, autores medievais já nos séculos XIII-XIV são identificados enquanto membros do amplo movimento cultural que denominamos Renascimento – Dante Alighieri (c. 1265–1321), Francesco Petrarca (1304-1374) e Giovanni Boccaccio (c. 1313–1375), identificados por Pietro Bembo no século XVI como os criadores da língua italiana, são grandes exemplares de uma nova maneira de redação e percepção do indivíduo perante a cosmologia medieval que denominamos Humanismo, e os *studia humanitatis* de Coluccio Salutati (1331–1406) compostos pela retórica, história, poética e filosofia.

Ora, aqui chegamos ao Renascimento do século XVI, encarado aqui como expressão do Humanismo enquanto amplo fenômeno cultural. O resgate da literatura clássica a parti do princípio *ad fontes*, ou seja, a releitura e escrita inspirada por textos da literatura grega e romana cativam aos escritores do período – Cícero é a maior referência de Petrarca, assim como para inúmeros outros pensadores. Torna-se também

---

<sup>19</sup> É o caso de SICHEL, Edith. *O Renascimento*. Jorge Zahar Editora, 1977. Embora a autora ofereça ao seu leitor uma ampla gama de análises, acaba por reproduzir o ‘Mito do Renascimento’ apontado por Burke dado o deslumbramento sobre o fenômeno que demonstra ao pincelar suas observações com toda sorte de adjetivos positivos.

<sup>20</sup> GARIN, Eugenio. *O Homem Renascentista*. Editorial Presença, Lisboa, 1991. pp. 9 “Sublinhe-se, porém, de imediato que, desde as origens do Renascimento, a ideia do ‘renascer’, do nascer para uma vida nova, acompanhou como um programa e um mito vários aspectos do próprio movimento. A ideia de que uma nova era e novos tempos tinham nascido circula insistentemente no século XV, de tal forma que alguns historiadores, em anos não muito remotos, a focam com insistência, chegando mesmo a considerá-la como uma característica distintiva de todo esse período. Se tal conclusão é muito discutível, deve porem ter-se presente que aquilo que renasce, que se reafirma, que se exalta, não é apenas, nem é sobretudo, o mundo dos valores antigos, clássicos, gregos e romanos, a que se regressa progressivamente. O despertar cultural, que caracteriza desde o início o Renascimento é sobretudo uma afirmação renovada do home, dos valores humanos nos vários domínios: desde as artes à vida diária. [...]”

parte do fenômeno uma ampliação da alfabetização assim como uma expansão do uso da escrita, a leitura e apropriação individual de textos e autores no conjunto dos textos clássicos mais do que mera apropriação ou interpretação dogmática de suas obras<sup>21</sup>. Leonardo Bruni (c. 1370–1444) sugere uma das primeiras divisões tripartidas da História enquanto Antiguidade, Medievalidade e Modernidade. Por vezes chamado de ‘Classicismo’, o resgate das obras clássicas através da busca e do resgate em arquivos muitas vezes localizados em abadias antes do desenvolvimento das escolas citadinas é característica fundamental para compreensão de onde se encontram as inspirações para a centralidade do Homem nesse ambiente. Maquiavel é definitivamente um humanista, sua obra repleta de afirmações sobre a experiência humana enquanto fonte de autoridade – o empirismo solidificando sua argumentação teórica – assim como de referências à autores clássicos. Plutarco, Políbio, Tito Lívio, Cícero e Tucídides compõe a base de seu arcabouço literário e se apresentam amplamente em sua escrita a partir de referências indiretas, ou seja, é um autor firmado sobre o classicismo. Além disso, sua perspectiva política sobre a plenitude da ação do homem já completamente destacado de sua apresentação – ou submissão – ao transcendente divino – é também um índice de um tipo de Humanismo um tanto distinto daquele de Dante e Petrarca, mas ainda assim intimamente preocupado com a condição humana e sua emancipação perante a providência divina.

Compreendemos assim que o Renascimento como o concebemos na Academia nada mais é do que a plena expressão do Humanismo medieval. Trata-se assim de um movimento cultural de resgate de modelos clássicos enquanto exemplares de conduta para a sociedade e sociabilidade, arte, política e literatura, precisados para cada localidade e especificidade segundo os contextos próprios de cada ambiente<sup>22</sup>. Poderíamos ser ainda mais ousados – o Renascimento ao qual Maquiavel pertence é em si a expressão última da Medievalidade, das perspectivas de mundo em conflito e plena transformação tanto na política quanto na literatura, na cultura, no comportamento social assim como na arte<sup>23</sup>.

A proposta desse Humanismo pleno não é o rechaço à figura divina para a exaltação da figura humana, como por vezes disseminado o equívoco, mas sim um

---

<sup>21</sup> SALZER, Georg. *O Humanismo na Europa Central (1450-1536/50): Um resumo*. In.: *A Caminho do Mundo Moderno*. Org. MAINKA, Peter Johann. Editora da Universidade Estadual de Maringá – UEM. 2007. pp. 78-79.

<sup>22</sup> ROMANO, Ruggerio & TENENTI, Alberto. *Los fundamentos del mundo moderno. Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma*. História Universal Siglo veintiuno. Madrid, 1980. pp. 129. “Además, ya se há impugnado claramente el doble empleo que durante mucho tempo se há hecho, y aún se hace, de vocablos distintos – Humanismo y Renacimiento – para indicar fenómenos idênticos o análogos. Para titular las páginas dedicadas a muchas de las más altas creaciones culturales aparecidas em Occidente entre mediados del siglo XV y mediados del siglo XVI se há preferido, desde luego, el primer término. Este, em realidade, como toda definición de la realidade histórica, tiene necesidad de ser precisado em cada caso, según los períodos, los países, los ambientes a los que se aplica. [...] Em rigor, no es preciso tampoco que las características esenciales de este movimiento cultural mantengan siempre entre si las mismas relaciones: basta com que, em su dinâmica transformación, conserven uma suficiente veta de continuidad y um núcleo bastante claro y orgânico.”

<sup>23</sup> RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique. *El hecho y su significado: la caída de Constantinopla y el Renacimiento*. In.: *Entre Histórias de la Edad Media, Veintiún ensayos*. Granada, 2011. Pg. 312. “El modelo era de origen italiano, pero se difundió tan rapidamente que los hijos de quienes lo crearon y alo podían encontrar em cualquier ciudad o corte a la que acudieran em razón de sus negócios, sus intereses artísticos o sus anhelos de promoción social. Fue um período intenso y enormemente creativo que sin embargo fluctuó entre el encanto y el desencanto, entre la sutil sprezzatura de la que hablaba Baldassare Castiglione y la violència política, entre el encuentro com la feliz arcadia y la siniestra conspiración, entre un *habitus* moral que tende a la glorificación del individuo y la vendeta familiar. [...]”

deslocamento e transformação da relevância da figura humana para o centro do *cosmos* medieval, em todos os ambientes: da religiosidade burguesa que trás à família cidadina relativamente mais nuclear do que a família camponesa às expressões artísticas desse mundo novo, em pleno desenvolvimento. Salzer também sugere essa tendência emancipatória da religiosidade em práticas desde a literatura à filosofia e ao emergente conhecimento empírico que eventualmente tomaríamos por ciência. Talvez o exemplo mais singular dessa emancipação perante a religiosidade fora o culto misterico iniciado por Gemisthos Plethon (1355 – 1452/1454), humanista bizantino de tendência neoplatônica que identifica no cristianismo a causa da derrocada bizantina perante os turcos. Em seus últimos anos, Plethon teria ensinado em seus discursos filosóficos o retorno dos gregos ao culto dos Deuses Olímpicos, sua reinterpretação sugerindo local de destaque a Poseidon e explorando um politeísmo/paganismo também enquanto um culto de identidade para o povo grego, suas reflexões sugerindo uma perspectiva eclética em sua obra *Sumário das doutrinas de Zoroastro e Platão*. Gemisthos participara do Concílio de Florença, aonde palestrara na Academia de Marsilio Ficino, e tal fora sua celebridade que, após sua morte, o *condottiere* Sigismondo Pandolfo Malatesta, príncipe de Rimini, em uma *condotta* na Morea, resgataria os restos mortais de Plethon assim como, supostamente, adotaria o culto misterico do sábio grego, depositando suas ossadas em seu *Tempio Malatestiano* quando de seu retorno à Rimini.

Não só a mentalidade acerca do gênero humano se transforma, mas também o mundo físico em si. Gradualmente as tecnologias passam a diminuir as distâncias – encontram-se formas de atravessar o mundo conhecido, assim como o próprio advento de um Novo Mundo – todas essas transformações, no entanto, plenamente recheadas de simbolismos e perspectivas medievais. O Renascimento e os renascentistas devem muito à Idade Média, ainda que sua análise desse passado próximo negativo perante um passado distante positivo tenha logrado nas amplamente disseminadas impressões negativas sobre a época, ao rechaçarem as conclusões medievais para os problemas de sua contemporaneidade, que demanda dos eruditos novas respostas, novas perspectivas interpretativas. Essa jovem Modernidade, repleta de exemplos e personagens desenvolvidos sob o movimento cultural do Humanismo, é que ousou chamar de Renascimento: uma época de transformações nutrida por essa nova cultura, essa nova percepção de indivíduo assim como seu local perante a divindade inclusive quanto à percepção de História – um retorno à perspectiva da Antiguidade aonde a ação humana direta sobrepuja aquela de uma sucessão de eventos divinamente ordenados e planejados. Gradativamente o mundo está mudando, distanciando-se cada vez mais da Idade Média, porém carregando consigo diversas continuidades: perspectivas, expectativas, instituições e preconceitos medievais por bastante tempo.

## Ator e Testemunha

Em 1469, em Florença, nascia Niccolò di Bernardo Machiavelli, que sagramos na língua portuguesa como Maquiavel. É a terceira criança de Bernardo di Niccolò Machiavelli, advogado, mas o primeiro varão. Sua primeira formação no latim e na literatura clássica são evidências do pretendido curso de ocupação e função profissionais aspirados ao primogênito de Bernardo dentro da cidade. O nome de seu pai também oferece ao pesquisador uma sugestão das práticas nominativas de sua família - o patronímico que repete os nomes dos varões de sua família, prática

amplamente difundida na sociedade italiana da tardo-medieval<sup>24</sup>. A vida pessoal de Maquiavel e de sua família é pouco discutida ou explorada em grande parte dos textos acadêmicos sobre si: sua maioria esmagadora análises sobre o caráter político explícito de sua escrita ou ainda tentativas louváveis de decifrar os objetivos implícitos à sua obra. Nesse sentido, Maquiavel segue sendo um mistério gradualmente decifrado pelos estudiosos que se dedicam à sua figura de maneira mais ampla: considerando as conjunturas de sua época que determinam ou influenciam sua redação além da notável multiplicidade de perspectivas advogadas pelo escritor em diferentes textos. Assim, para resgatarmos sua biografia, lançamos mão da ampla e detalhada pesquisa de Roger Masters<sup>25</sup>.

Segundo Masters, a família de Maquiavel compunha-se de cidadãos-proprietários em Florença, ou seja, participantes de camadas urbanas médias, burgueses não-comerciantes que sobreviviam a partir do conhecimento das letras e não diretamente participantes do exercício do poder na República ou mesmo pertencentes aos clãs aristocráticos, ainda que a casa, sobre o nome toscano *Machiavegli* ou ainda no latim *Maclavellorum* contasse com parentes exercendo magistraturas pela República de Florença. De fato, Masters também demonstra que a mãe de Maquiavel, Bartolomea Nelli, também fora uma mulher educada em letras, compondo hinos à Virgem Maria pela felicidade do nascimento de um filho homem enfim, após duas filhas. Masters rastreia os *Maclavellorum* inclusive à pequena nobreza cidadina em Florença detentores de propriedades em caráter feudal em Montespertoli, localidade a cerca de 20 quilômetros de Florença; dessa maneira inclusivos potenciais exemplos do processo de imposição da *comune* sobre o *contado* como explorado por Paul Harrison<sup>26</sup> através de cooptação e negociação entre os conselhos citadinos e a nobreza residente nos campos circundantes à cidade, gerando um movimento dessa nobreza dos *contado* à *comune* já a partir do século XII. Bernardo Machiavelli fora formado em direito, seus rendimentos

---

<sup>24</sup>MASTERS, Roger. *Maquiavel e Da Vinci, Um Sonho Renascentista*. Jorge Zahar Editora. 1999. Pg. 54. "[...] "Niccolò" era um nome comum entre os Machiavelli: três anos mais tarde ele foi dado a um parente que se tornou banqueiro em Roma, e um outro primo Niccolò seria membro do conselho governante, ou Signoria, em 1499, e delegado em negociações com Pistóia no ano seguinte."

<sup>25</sup>MASTERS, Roger. *Op. Cit.* Pg. 53. "Niccolò Conquista Poder (1469-1501)". Todo o capítulo dedica-se à construção de uma biografia de Maquiavel e sua gradual ascensão política.

<sup>26</sup>HARRISON, Paul R. *The tower societies of medieval Florence*. San Jose State Univerisity. 2005. Pg 100-104. "Though the papacy and emperor would continue in conflict over the margravian lands, a third party emerged that undoubtedly benefited the most from this dispute -- the communes. In the disputed margravian territories of Lombardy, the Lombard communes usurped land, and in the disputed margravian territories of Tuscany, the Tuscan communes usurped land. [...] The communes of Tuscany began to believe that the surrounding contado was an extension of their civic jurisdiction, and therefore they began a program of conquest to secure this claim. The fact that the dioceses of the church were based on the same Roman divisions gave the communes the convoluted assumption that they were reclaiming their original ancient right to reign over their contado. Florence had ecclesiastical power over the contadom, and now it assumed it had the right to political power over the contado. Three feudal magnates stood in the way of this goal: the bishop of Florence, the Guidi family, and the Alberti family. Thus it became the intetnion of the commmune to bring these magnates under the submission of the commune. As discussed in the previous chapter, Florenece began to pursue a policy that would destroy the system of castles that protected the Guidi and Alberti families and force these two great magnates to accept the supremacy and jurisdiction of the commune. [...] The seizure of these two fortresses did not mean that they intended to destroy the Alberti family bur rather bring them under the submission of the commune. The Alberti family did not disappear from the political scene in Florence. Instead they were incorporated within the city and continued to be an important player in the city politics. [...] Florence was not unique in this endeavour, for the whole communal era was filled with rivalries and feuds between competing communes in Tuscany, Umbria, Emilia, Venetia and Lombardy. [...]"

compostos de propriedades arrendadas, mas não fora rico ainda que detivesse propriedades em San Casciano, uma casa em Florença, e a família de sua esposa outras propriedades em Mugello. Masters identifica diversos indivíduos da família de Maquiavel cujos nomes e feitos, muitas vezes restritos a linhas breves de informação que, porém, também evidenciam seu caráter enquanto a parte menos influente e próspera da elite cidadina.

Tal fora a preocupação de Bernardo com a instrução de seu filho que, através de seu livro de contas, notamos que já aos sete anos Maquiavel receberia instruções de um professor, aos onze anos de um “*Mestre de Ábaco*”, sugerindo educação matemática/aritmética, e durante a juventude temos registradas as diversas aquisições e empréstimos de obras clássicas de diversos autores supostamente para a instrução de Maquiavel em latim, assim como história, retórica e oratória<sup>27</sup>. As relações de Bernardo também propiciariam à Maquiavel certa proximidade da Academia Neoplatônica de Marsilio Ficino, incentivada e financiada pelos Medici desde a época de Cosimo, aonde humanistas como Pico della Mirandola e Poliziano também circularam durante a juventude de Maquiavel, figuras que ele certamente conheceu ainda que provavelmente não tenha frequentado a escola de Ficino, como nos sugere o fato de que Maquiavel não dominava o grego tal qual o latim e essa língua era a favorecida no círculo humanístico de Ficino, uma vez que contavam também com a presença de sábios de origem bizantina como João Argyropoulos e Demetrios Chalcondyles em sua proposta de resgate e reinterpretação do Neoplatonismo Clássico.

Que Masters enumere a morte de Alessandro Machiavelli em peregrinação à Terra Santa (não podendo ser, assim, o Alessandro Machiavelli nascido em 1412 e que faleceria em Florença, curiosamente, em 1469) sugere um indivíduo capaz de tomar o grande empreendimento dessa viagem por territórios longínquos e potencialmente hostis, ainda que tal informação seja repleta de incertezas, prováveis imprecisões e quaisquer reflexões surgidas daí provavelmente conjecturas sem grande embasamento – não arrisco sequer a afirmar Alessandro Machiavelli falecido na Terra Santa enquanto um cruzado. A participação de Guido Machiavelli em 1378 na Revolta dos Ciompi enquanto um dos representantes dos trabalhadores da guilda dos tecelões de lã sugere seu pertencimento às mesmas camadas médias, dessa vez na condição de comerciantes e artesãos. O exílio de Girolamo Machiavelli por Cosimo *il vecchio* de Medici e sua posterior prisão, no entanto, sugerem com maior certeza que a família de Maquiavel ocupasse cargos políticos e magistraturas de certa importância uma vez que a eleição às magistraturas em Florença segregava elegíveis e não-elegíveis por critérios censitários. Que Cosimo de Medici buscasse o exílio de Girolamo, assim como sua prisão por um retorno ilegal à cidade, sugere que o desafeto estivesse ligado aos grupos dirigentes anteriores à Ascensão política de Cosimo, seus inimigos políticos como a casa de Strozzi (à qual o próprio Maquiavel também se vincularia meio século mais tarde) – uma vez que conhecemos que o método de influência política de Cosimo de Medici, que seria também desenvolvido por seus sucessores, fora da corrupção dos fiscais das eleições as magistraturas a partir do controle dos nomes de elegíveis depositados nas bolsas de sorteio dos cargos. Segundo Masters, Girolamo Machiavelli faleceria na prisão em 1458. Maior evidência também seria a capela detida pela família na Igreja de Santa Croce que eventualmente seria adquirida por uma confraria após a morte de Niccolò.

---

<sup>27</sup>MASTERS, Roger. *Op Cit.* Pg. 54. “[...] Durante a juventude de Niccolò, Bernardo registrou livros de muitos autores famosos, que haviam sido tomados de empréstimo ou comprados: Aristóteles (*Ética, Tópicos*), Cícero (*Filípicas, Dos deveres, Do orador*), Ptolomeu (*Cosmografia*), Boécio (*Das divisões*), Justiniano, Macróbio (*O sonho de Cipião, Saturnais*), Flávio Biondo (*Itália Ilustrada, Décadas*).”

Masters sugere através de especulações que o jovem Niccolò, à época com nove anos, poderia ter testemunhado o episódio da Conspiração dos Pazzi em 1478, aonde diversos conjuradores, organizados por líderes da família de Pazzi, orquestrariam uma tentativa de assassinato contra o então *signor* de Florença, Lorenzo *il Magnifico* de Medici. Com o apoio do papa Sixto IV, Girolamo Riario, o arcebispo de Pisa Francesco Salviati, assim como os irmãos Jacopo e Francesco de Pazzi haviam de remover os Medici da *signoria* de Florença, assim como seus partidários na administração da República como o *gonfaloniere* e outros magistrados. A princípio, um envenenamento fora planejado durante um jantar que celebraria a ascensão a cardeal de Raffaele Riario, sobrinho de Sixto IV e aparentemente ignorante da traição planejada. Porém, os Medici não compareceram ao jantar. No dia seguinte, domingo 26 de abril, durante a missa no Duomo de Florença, os conjurados lançar-se-iam com adagas sobre os irmãos distraídos durante a sacração.

Lorenzo escaparia, mas os conjurados logriam assassinar seu irmão Giuliano, com 19 ferimentos identificados. No entanto, conforme os planos dos conspiradores enfrentavam problemas – da hesitação dos *condottieri* contratados a constantes atrasos e replanejamentos que minariam as certezas e o comprometimento de alguns participantes na empresa – Lorenzo não apenas fugiria, como também rapidamente organizaria seus partidários e caçaria aos conjurados identificados durante a balbúrdia. A maioria dos conjurados seria executada sumariamente por enforcamento das janelas do Palazzo Vecchio, e os Pazzi em específico seriam exilados, retornando à Florença apenas em 1494 com a queda de Piero de Medici, filho de Lorenzo, que teria falecido em 1492. Uma participação por muito ignorada fora desvendada por Marcello Simonetta em 2008, quando resgatou de um arquivo privado uma carta criptografada do então-Duque de Urbino, o *condottiere* Federico da Montefeltro, à Sixto IV, que teria apoiado à Conjura dos Pazzi e disposto seiscentos guerreiros nos arredores de Florença para reforçar as forças dos conjurados se necessário fosse<sup>28</sup>.

Masters cria suposições interessantes sobre o episódio de violência – teria Bernardo Machiavelli testemunhado o incidente? Teria seu filho o acompanhado ao culto que tão rapidamente degenerara em um banho de sangue? Embora Maquiavel fosse de fato muito jovem nessa ocasião para lembrar-se de muito, as suposições de Masters são sensatas uma vez que a família de Maquiavel detinha uma capela e altares na catedral aonde o assassinato ocorrera. O que seria menos improvável pela coincidência seria a presença de Bernardo à casa dos Medici quando seus partidários organizaram a caçada aos conjurados em debandada, assim como a possibilidade de testemunharem os enforcamentos. No entanto, tais sugestões são até o presente momento apenas conjecturas e exercícios históricos – apenas possibilidades verossímeis.

Em 1494, sabemos que Maquiavel enfim trabalharia como secretário e copista de Marcelo Virgílio Adriani, um professor de literatura clássica a serviço da *signoria*. Cinco anos mais tarde seria eleito ao cargo de chanceler da Segunda Chancelaria, aonde desenvolveria sua carreira diplomática enquanto legado representante da República de Florença em cortes estrangeiras, assim como secretário do conselho dos *Dieci di Pace e Libertà*, responsável por funções militares. É possível, no entanto, que seu contato com a instituição da Chancelaria acontecesse desde antes de sua comissão como copista – através da aproximação entre o então primeiro chanceler, Bartolomeo Scala, e Bernardo

---

<sup>28</sup> SIMONETTA, Marcello. *The Montefeltro Conspiracy: A Renaissance Mystery Decoded*. Doubleday. 2008.



Machiavelli<sup>29</sup>. É também em 1494 que Maquiavel observaria ao advento de Girolamo Savonarola à política florentina, com a fragilidade de Piero de Medici após o falecimento de seu pai, Lorenzo.

Enquanto Lorenzo fora um líder carismático e um diplomata brilhante – de acordo com sua embaixada à Ferrante de Nápoles, exortado por Sixto IV a atacar Florença. Sixto IV, após o fracasso da Conjuração dos Pazzi, declara um interdito contra a República de Florença pela morte de Francesco Salviati, arcebispo de Pisa e aliado político do Papa na Toscana, e exalta ao Rei Ferrante de Nápoles contra Florença. Lorenzo, de maneira hábil, deixou Florença para encontrar-se com Ferrante em sua corte napolitana ao entregar-se como refém. Em seu encontro, Lorenzo cativara a Ferrante, e uma solução diplomática para a manutenção da paz e do *status quo* político da Península Itálica.

Em comparação com o gênio diplomático de seu pai, Piero de Medici rapidamente solapa a diplomacia interna fundamental para o apoio dos Medici em Florença, rapidamente perdendo espaço para Savonarola e sua retórica poderosa que, por meio de discursos inflamados, convencera o *popolo* florentino – de maneira heterogênea, conseguindo apoio de diversos grupos sociais distintos – ao combate às licenciosidades e ao pecado para si encarnado nas vestimentas luxuosas assim como na ostentação. Suas ‘fogueiras das vaidades’ criaram mobilizações sociais de vulto – e embora não tenhamos fontes afirmando que Maquiavel conheceu Savonarola pessoalmente, sabemos que o humanista assistiu a um dos discursos do pregador de acordo com uma carta enviada a seu amigo Ricciardo Becchi, a Roma; e mais – Maquiavel não se impressionara com Savonarola. Ao invés disso, denuncia a ‘falsidade’ do pregador que ‘troca de opinião como quem troca de roupas’<sup>30</sup>.

“Depois, uma vez que a *Signoria* havia escrito ao papa sobre si e ele notou que não precisava mais temer os seus adversários em Florença, ao invés de tentar, como antes fizera, apenas unir seus partidários através do ódio a seus adversários e através de assustá-los com a palavra ‘tirano’, ele trocou de capas – agora que ele entende que não precisa mais agir dessa maneira. Então, ele exalta-os à união que foi iniciada, e ele não mais menciona nem tirano nem maldade do povo; ele busca coloca-los a todos contra o Supremo Pontífice e,

---

<sup>29</sup>MASTERS, Roger. *Op Cit.* Pg. 57. “Outro fato sobre Bernardo Machiavelli é provavelmente ainda mais elucidativo quanto ao círculo de contatos e de ligações políticas que o jovem Niccolò iria estabelecer. De 1464 a 1497, o primeiro chanceler de Florença – o administrador responsável pelas funções de secretaria do governo – foi um humanista chamado Bartolomeo Scala. Bernardo Machiavelli era seu melhor amigo, como o confirma uma das obras de Scala, um diálogo entre o autor e o pai de Niccolò. Como Scala foi o responsável pela correspondência administrativa da Signoria de Florença durante o governo de Lorenzo, o Magnífico, e continuou no cargo sob Savonarola, chegou-se até a sugerir que o jovem Niccolò talvez tenha sido incumbido de pequenos serviços da Chancelaria antes de sua própria eleição como segundo chanceler em 1498.”

<sup>30</sup> MACHIAVELLI, Niccolò. *The Letters of Machiavelli*. Chicago University Press. 1988. Pg. 88 “Afterward, since the Signoria had written to the pope in his behalf and he realized that he no longer needed to be afraid of his adversaries in Florence, instead of trying, as he once had, solely to unite his party through hatred of his adversaries and through frightening them with the word “tyrant,” he has changed coats - now that he understands that he no longer needs to act in this way. So, he urges them to the union that was initiated, and he no longer mentions either the tyrant or the wickedness of the people; he seeks to set all of them at odds with the Supreme Pontiff and, turning toward him and his attacks, says of the pope what could be said of the wickedest person you might imagine. Thus, in my judgment, he acts in accordance with the times and colors his lies accordingly.” Também disponível em: <http://www2.idehist.uu.se/distans/ilmh/Ren/flor-mach-lett-sav.htm>; acessado em 03 de março de 2017.

virando para ele e os seus ataques, diz do papa o que poderia ser dito da mais maléfica pessoa que podeis imaginar. Assim, em meu julgamento, ele age de acordo com os tempos e colore suas mentiras de acordo.” 9 de março de 1498.

Torna-se claro o desgosto de Maquiavel por Savonarola, que considera um orador tão apto quando necessita para seus próprios objetivos, ou seja, ele próprio pego em sua teia de acusações por causar a desordem na sociedade florentina. Expulsos os Medici pelo *popolo* inflamado por Savonarola, o pregador dominicano rapidamente catalisa seus recursos, mas também de maneira muito breve tem seus poderes de intercessão divina questionados, mesmo no conflito de Savonarola com o papado aludido na carta acima<sup>31</sup>. Após a derrocada do dominicano, Maquiavel demonstraria mais uma vez o impacto do movimento liderado por Savonarola em sua inabilidade de cristalizar sua vontade e instituições.

“[...] *Moyse, Cyro, Theseo, et Romulo non harebbon' possuto fare osseruar' longamente le lor' constitutioni, se fasseno stati disarmati, come ne nostri tempi interuenne à Frate Girolamo Sauonarola, il qual' rouinò ne suoi ordini nuoui, come la moltitudine cominciò à non crederli, et lui nó haueua el modo da tener' fermi quelli, che hauenan' creduto, ne a far' creder' i discredenti. Però questi tali hanno nel' condursi gran' difficultà, et tutti e lor' pericoli son'tra uia, et conuien' che com la Virtù gli superino. [...]*”<sup>32</sup>. [Il principe. Cap. VI. Pg. 9.]

Da desventura de Savonarola e de seus métodos, Maquiavel extrai a lição ao príncipe que grandes reformas apenas podem impor-se definitivamente e de maneira segura se apoiadas pela força. Ou seja, há em Maquiavel certo empirismo em suas conclusões – é sua experiência política a maior voz de autoridade de sua obra, tal quais os autores clássicos. De maneira ainda mais relevante, a passagem revela ao leitor a crença de Maquiavel no poder coercitivo como fórmula fundamental para o exercício do poder. Assim sendo, o ‘fenômeno’ Savonarola fora acompanhado por Maquiavel, testemunhado por si, e dele o humanista retirou lições. As reformas políticas de Savonarola, transformando o tradicional sistema de sorteio às magistraturas por sistemas de eleição direta, que não sobreviveram à queda do monge dominicano. No entanto, Maquiavel encontra-se no poder em um período de instabilidade política intestina no seio da República Florentina: além do final de um grande período de

<sup>31</sup>MASTERS, Roger. *Op Cit.* Pg. 61. “Três anos antes, em 1494, Niccolò havia testemunhado a súbita ascensão ao poder de Savonarola, o terrível frade que fustigava tanto Florença quanto a Igreja, por comportamento pecaminoso. Depois de Lorenzo, o Magnífico, ter convidado Savonarola para resistir em Florença, o irascível pregador desencadeou uma campanha moralista contra a corrupção na corte Medici e na sociedade florentina. Lorenzo foi então sucedido por seu filho Piero, um chefe fraco e incompetente que logo foi deposto. Em 1494, Savonarola havia maquinado a promulgação de uma constituição republicana para a cidade, combinando retórica populista com fervor religioso e um ataque à riqueza excessiva e ao vício na Igreja. A índole de seu domínio sobre a vida florentina foi condensada na “fogueira das vaidades” que ele organizou em 1497, quando seguidores entusiásticos lançaram objetos de luxo às chamas. No ano seguinte, Savonarola seria excomungado e queimado na fogueira. [...]”.

<sup>32</sup>MAQUIAVEL, Nicolau. *Op. Cit.*;Pg 59-60. “Moisés, Ciro, Teseu e Rômulo não teriam podido fazer obedecer por longo tempo as suas constituições se estivessem desarmados, como em nosso tempo aconteceu a frei Girolamo Savonarola, que viu perder-se o seu trabalho reformador quando o povo passou a não lhe acreditar, não tendo ele meios de manter confiantes os que haviam acreditado nem de fazer com que acreditassem os incrédulos. Esses inovadores encontram grandes dificuldades na sua ação, e todos os perigos ameaçam seu caminho, só podendo superá-los o seu valor.”

estabilidade através da maior parte do século XV com os Medici servindo de *signori* e *gran maestri* da *comune*, e as grandes transformações impostas por Savonarola, Masters nota que a eleição de Maquiavel deve ser encarada justamente como parte da influência de sua família e sua aproximação com o recém-eleito *gonfaloniere di giustizia*, o chefe de estado então, de maneira vitalícia – Piero Soderini, eleito em 1502<sup>33</sup>. Soderini é sem dúvida o principal aliado político de Maquiavel quando de sua eleição, mas o humanista também contava com outros vínculos de aliados políticos – assim como de inimigos. No caos deixado pelo vácuo de poder após a queda de Savonarola, seus antigos apoiadores continuaram a tentar impor seu estilo de vida à comunidade cidadina baseado nas exortações do pregador pela humildade assim como pela simplicidade – e, organizados em sua própria facção política, pressionavam aqueles vinculados aos Medici – como o fora, de certa maneira, Maquiavel.

Antonio Vespucci, irmão do explorador Amerigo Vespucci (celebrado em língua portuguesa enquanto Américo Vespúcio) fora também elevado em 1498, após a execução de Savonarola, como chanceler para os registros públicos, função que circulava entre as duas Chancelarias florentinas, e seu aparentado Agostino Vespucci seria nomeado assistente do segundo chanceler – o que o conduziu a circular próximo a Maquiavel e eventualmente, dele seu aliado. É necessário afirmar que a Florença do final do século XV e princípios do século XVI contava com duas grandes instituições políticas além das magistraturas e dos conselhos cívicos: a Primeira Chancelaria e a Segunda Chancelaria. Enquanto a primeira deveria se concentrar em assuntos externos e a segunda em assuntos internos, havia de fato grande expansão de suas influências sobre as jurisdições uma da outra, o que conduzia a uma grande interpolação e mesmo colaboração entre os dois órgãos. A Segunda Chancelaria se destinava também à coordenação de assuntos de segurança à República, o que conduziria Maquiavel às suas embaixadas e grande controle direto sobre a diplomacia – ou seja, da negociação entre os *popoli* de *comune* distintas - e de assuntos externos à *comuna*.

Enquanto chanceler, Maquiavel teria empreendido vinte e três viagens em viagens fora de Florença. Em 1501 teria se casado com Marietta di Luigi Corsini, e com ela teria seis filhos – ainda que o humanista também mantivesse uma amante, a atriz e cantora Barbara Salutati.

Dois viagens nos interessam em particular – a de 1502, aonde Maquiavel representou a República de Florença perante Cesare Borgia em sua corte em Forlì – seu arquétipo de príncipe de excelência, um homem dotado da *virtù*, empreendedor de grandes feitos e enfim dominado pela *Fortuna*. A segunda viagem já é posterior ao seu exílio, uma viagem de caráter privado à cidade de Lucca em 1520, aonde a redação da obra *La vita di Castruccio Castracani* seria redigida, onde através de personagem

---

<sup>33</sup>MASTERS, Roger. *Op Cit.* Pg. 62 “Na prática, essas eleições eram dominadas por famílias ricas e poderosas que formavam alianças com grupos de protegidos através de várias formas de apadrinhamento e favores. Como na política de nossos dias, as rivalidades eram em parte baseadas em princípios, mas sobretudo em contatos e em características pessoais. Os historiadores que se dedicam à Florença do Renascimento são capazes até de reconstituir quais alianças preeminentes, ou de quem os indicava. Por esse meio, por exemplo, sabemos que alguns membros da família Machiavelli eram aliados à vários homens poderosos que fizeram dura oposição ao superior de Maquiavel, Piero Soderini, depois que este foi eleito, em caráter vitalício, *gonfaloniere* da justiça, ou chefe de Estado, em 1502. Por esse mesmo meio, temos indícios de que, nos últimos anos de sua vida, *Ser Piero* da Vinci pode ter estado associado à família Soderini. A eleição de Niccolò para o influente posto de segundo chanceler não pode ser compreendida senão a partir dessa rede de poder e personalidades baseada em riqueza, família, confrarias e outras ligações sociais que cercavam todas as eleições na república florentina. Então como agora, a política era frequentemente uma questão de favorecimento. [...]”.

histórico do passado distante Maquiavel projeta suas percepções adquiridas da observação da política italiana de sua época com a finalidade da criação de um modelo de príncipe. Que em diversos aspectos Castracani e Borgia se assemelham não é mera coincidência, e exploraremos tais relações em seguida.

É, de fato, na carreira diplomática que Maquiavel comporia uma de suas grandes fontes de autoridade discursivas – a experiência. Sua experiência política enquanto um diplomata a serviço da República de Florença, em cargo de relevância a ponto de tornar-se homem-forte do sumo magistrado executivo da república – o *gonfaloniere* Piero Soderini – é muitas vezes ao longo de sua obra utilizada pelo autor como fonte de autoridade: seu presente a Lorenzo II de Médici, aquilo que mais valoriza dentre os bens de sua pequena propriedade de acordo com o prefácio e a dedicatória de *Il principe*. Sua segunda autoridade é seu pleno conhecimento dos autores clássicos, seu domínio da História através das obras de Políbio, Tito Lívio, Plutarco e Vegécio.

As Legações diplomáticas em si propunham já ao longo da Idade Média uma série de atribuições a seus ‘profissionais’ além da tradicional e evidente representação dos interesses de grupos políticos distantes na corte de um terceiro. O diplomata é assim um intermediário entre dois ou mais grupos – representando e defendendo os interesses de uma parte perante as vontades e agendas de terceiros; sua função intermediária também se tornando aquela de um decisor – adaptando na medida do possível as demandas de seus superiores perante a resistência de seus interlocutores com a finalidade de evitar ou suavizar os atritos entre seus senhores e seus aliados e inimigos. Embora Florença desenvolvesse suas próprias instituições dedicadas à diplomacia – como a própria Segunda Chancelaria – fora em Veneza que surgiu uma verdadeira *ars diplomatica* através do refinamento de seus legados, diplomatas e embaixadores como verdadeiros oficiais de suas extensas redes de informação e espionagem<sup>34</sup>.

Das funções dos diplomatas, também, é a exploração das cortes aonde deve se apresentar; assim como da construção de redes de informação<sup>35</sup> por meio de sua mera presença em território estrangeiro – muitas vezes em potencial a tornar-se território inimigo. É também habitat do diplomata o mundo cortesão, das sombras e dos sussurros, dos conchavos e conjurações, dos subornos, da corrupção ativa e passiva assim como da fina linha entre a face pública e incólume assim como da discrição perante seus interlocutores; todos os aspectos e atividades relacionadas ao estabelecimento e controle de redes de informação através das quais o diplomata pode informar seus superiores para que, assim, tomem suas próprias decisões. De fato, sobrevivem algumas das legações de Maquiavel<sup>36</sup> – suas *relazioni* sendo efetivamente relatórios de suas impressões e constatações sobre as cortes e príncipes que visitou; algumas de suas obras, como a fonte *Il modo che tenne il duca Valentino per ammazar Vitellozo, Oliverotto da Fermo, il S. Paolo et il duca di Gravina Orsini in Senigaglia* são construídas sobre esses relatórios.

<sup>34</sup> D’AMICO, Marco. *The foxes of Venice*. Concordia University. 2014. Disponível em: <http://www.medievalists.net/2014/12/13/foxes-venice/>, acessado em 10 de outubro de 2016.

<sup>35</sup> ARTHURSON, Ian. *Espionage & Intelligence from Wars of the Roses to the Reformation*. Nottingham Medieval Studies XXXV. 1991.

<sup>36</sup> Algumas das legações diplomáticas de Maquiavel foram editadas em português compondo a sessão ‘Escritos Políticos’ de: *O Príncipe & Escritos Políticos*. Tradução de Olívia Bauduh. São Paulo. Editora Nova Cultural Ltda. 1999. Embora a tradução de Olívia Bauduh não seja tão completa ou fidedigna quanto a de Antonio D’Elia; sua compilação de diversas obras menos conhecidas de Maquiavel trazem ao idioma português a oportunidade de contato com mais do que apenas a obra de maior renome, permitindo seu acesso à interessados e pesquisadores.

É nesse circuito que Maquiavel observa as agendas que levariam a sua preocupação em descrever a *verità effettuale delle cose* na política. Afinal, a partir de sua experiência, de pouco serviam os princípios de uma política moralizada e moralizante, da piedade ou da justiça enquanto valores positivos. Sua observação da realidade não condiz com os princípios caros à teoria política medieval; levando à sua máxima de simulação – sobre a importância da imagem pública que um príncipe deveria construir acerca de si. Ora, a construção da imagem do soberano não é assim tão distinta do esforço de construção da imagem do diplomata enquanto um indivíduo de confiabilidade exemplar. Seu amigo, Filippo Casavecchia, diversas vezes trocava cartas sobre suas experiências, esperando as perspectivas de Maquiavel a sua própria carreira como diplomata; ainda que subordinado à Segunda Chancelaria chefiada pelo escritor<sup>37</sup>.

Em 1505, Maquiavel receberia enfim a autorização da *Signoria* para a composição de sua milícia cidadina independente dos *condottieri*, de caráter ‘nacional’ como amplamente propagado na literatura filosófica. Desde 1503 Maquiavel fora responsável pela milícia, mas apenas em 1505 consegue ter aprovado seu projeto. Nesse projeto, o então-secretário buscou conscrever homens das diversas *comune* submetidas à Florença ao longo de todo o *contado* da República, das vilas e campos, e treiná-los à maneira romana, inspirado em suas leituras de Políbio, e atualizando a realidade de seu tempo o ofício de armas dos antigos. Embora seu projeto tenha algum sucesso, como a vitória de sua milícia sobre forças de Pisa em 1509, em 1512 a milícia cidadina seria sonoramente derrotada em Prato, aonde os Medici, apoiados pelo papa Júlio II e utilizando-se de tropas espanholas de Fernando o Católico debandaram os florentinos e saquearam a cidade. Com o desastre militar, os Medici retornariam a Florença – o *gonfaloniere* Piero Soderini, amigo de Maquiavel, seria exilado. A administração florentina e seus magistrados seriam substituídos por partidários dos Medici, e Maquiavel seria exonerado por suas ligações com o *gonfaloniere* deposto. Em 1513, Maquiavel seria acusado de conspirar contra os Medici, aprisionado, e torturado. Não existem provas contundentes da participação de Maquiavel de maneira direta em qualquer mobilização contra os Medici, embora contasse em seu círculo de amigos inimigos ferrenhos destes. Maquiavel utilizar-se-ia depois de sua experiência militar para a composição posterior de sua obra *Della Arte della Guerra* (1519-1520) embora não tenha de fato desempenhado papel de guerreiro.

Quando enfim foi libertado, após três semanas encarcerado, Maquiavel fora exilado para sua propriedade próxima a San Casciano, que herdara de Bernardo, seu pai. É durante seu exílio que o humanista desenvolve sua obra política, sobrevivendo no ofício que dominara seu pai, executando heranças através de *comune* próximas a Florença, mas proibido de retornar à vida pública – sua correspondência com diversos de seus amigos que permaneceram nos círculos cortesãos afirmando sua paixão pela política e seu desejo de reintegrar esses ambientes. Maquiavel também dominaria a poesia, sendo suas obras dramáticas compostas durante seu exílio ainda que anteriormente também tivesse escrito pequenos poemas, desde sua busca pelo favor de Giuliano de Medici aos acontecimentos da República<sup>38</sup>. De fato, já anteriormente ao

<sup>37</sup> De acordo com artigo da Enciclopedia Treccani, Filippo Casavecchia: disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/filippo-casavecchia\\_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/filippo-casavecchia_(Dizionario-Biografico)/), acessado em 25 de fevereiro de 2017.

<sup>38</sup> MASTERS, Roger. *Op Cit.* Pg. 60. Apud Maquiavel. “Ultimamente venho lendo Orlando Furioso de Ariosto, todo o poema é realmente admirável e muitas passagens são maravilhosas. Caso ele esteja aí contigo, transmita-lhe minhas saudações e diga-lhe que minha única queixa é de que em sua menção a tantos poetas me tenha deixado de fora como um chato e que ele fez comigo em seu Orlando o que não terei de fazer com ele no meu Asno.” Maquiavel escreve aí à um amigo em Roma; aonde circulava

contexto de seu exílio Maquiavel buscara vincular-se ao jovem príncipe Giuliano de Medici, ofertando a ele uma poesia ‘*pastorale*’ em uma fonte de datação problemática<sup>39</sup> mas que supunha uma aproximação a Giuliano enquanto o mesmo teria cerca de 15 anos. Essa vinculação para com os Medici lhe serviria após seu exílio quando de suas tentativas de aproximação – como a própria obra *O príncipe* – assim como enfim lograria, muito mais tarde, uma aproximação com Clemente VII e seus aparentados entre os Medici e os Strozzi.

Durante seu exílio, Maquiavel comporia a parte mais expressiva de sua obra – O Príncipe seria fruto já de 1513, mesmo ano no qual começara a composição de sua segunda grande obra, *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio*, que desenvolveria de 1513 a 1519. Encontrando-se com Bernardo Rucellai, seria enfim convidado a participar de discussões no círculo cortesão organizado por seu amigo nos chamados *Orti Oricellari*, aonde frequentaria a partir de 1516 discussões sobre política, história e filosofia<sup>40</sup>. São os amigos que faz circulando nesses jardins que Maquiavel introduz em seu *Discorsi dell’Arte della Guerra*, de 1521. Boa parte de seus companheiros nesse momento são mais jovens do que Maquiavel – Luigi Alamanni e Zanobi Buondelmonti talvez os mais expressivos uma vez que ambos são transformados pelo escritor em personagens de *Dell’Arte della Guerra*, obra redigida através do modelo de diálogo platônico. Em 1517 escreve a fábula *Belfagor*, aonde toma tom jocoso para explorar e criticar a instituição do casamento assim como o local feminino na sociedade citadina, e no mesmo ano as obras *O Asno* assim como a comédia *Andria*. Em 1518, produz a peça pela qual se tornará famoso ainda em vida: *La Mandragola*. É notável como em todas estas três composições, o tema da ludibriação – ou seja, do uso deliberado da astúcia para enganar-se um personagem considerado sagaz se faz presente. Não apenas tal tema se faz presente na redação poética de Maquiavel, como também será de importância notável como ferramenta política para o escritor. Em 1520 comporia duas obras na ocasião de sua visita à cidade de Lucca – um comentário sobre a administração da cidade, assim como suas críticas e elogios em um estudo de caso; e *La Vita di Castruccio Castracani*.

É a partir desta obra de caráter histórico, porém fabuloso, que Maquiavel teria chamado à atenção de Clemente VII, e vinculado sua sorte àquela dos Medici. Em 1525 ele terminaria a obra *Storie fiorentine* comissionada em 1520, uma elegia de Florença assim como dotada de alto teor propagandístico para a Casa de Medici. Enfim, é também em 1525 que Maquiavel comporia sua última obra na forma de *Clizia*, também uma peça de teatro.

---

Ariosto acompanhando Giovanni delle Bande Nere, sobrinho do papa Clemente VII, ambos da casa de Medici a quem Maquiavel também buscava vincular-se.

<sup>39</sup>MASTERS, Roger. *Op Cit.* Pg. 67. “O documento-chave não é explicitamente ligado à política. Trata-se de um manuscrito de poemas de Carnaval copiados na bela caligrafia de Biagio Buonaccorsi, que iria se tornar colega de Niccolò como secretário e seu mais íntimo amigo nas chancelarias florentinas. Na capa desse manuscrito há uma ilustração que foi atribuída a Sandro Botticelli. [...] Excetuando-se algumas adições posteriores, o conteúdo desse livreto inclui um poema de Lorenzo di Pierfrancesco de’ Medici, um de Angelo Poliziano, três de Niccolò Machiavelli e dez de Lorenzo de’ Medici. Como Botticelli morreu em 1510, o manuscrito foi atribuído à corte Medici nos anos imediatamente anteriores à ascensão de Savonarola ao poder. Admitindo que as poesias foram copiadas durante a vida de Poliziano, a cópia não pode ter sido posterior a 1494; se foi feita quando Lorenzo, o Magnífico, estava vivo, é anterior a 1492.”

<sup>40</sup>BIGNOTTO, Newton. *Nicolau Maquiavel (1469-1527) e a nova reflexão política*. In.: A Caminho do Mundo Moderno, Org. MAINKA, Peter Johann. Editora da Universidade de Maringá – UEM. 2007.

## MODERNIDADE E O PRÍNCIPE

A característica de Modernidade do príncipe é praticamente incontestada na Academia, tanto no ambiente da História quanto no da Filosofia, havendo um consenso sobre as novidades ofertadas pelo autor para caracterizá-lo enquanto um Homem Moderno; pós-Medieval em tantos aspectos, porém certamente herdeiro de tantos outros. Como observado por Robert Hariman<sup>41</sup>, no entanto, tais características têm sido amplamente debatidas por pesquisadores diversos sobre quais aspectos definitivamente distinguem o autor de seus pares; muitas vezes fora Maquiavel declarado como o primeiro Homem Moderno em comparação a seu contemporâneo Girolamo Savonarola, último Homem Medieval. Contemplando a Modernidade do pensador como os aspectos que o diferenciam da tradição, o que distingue tanto a sensibilidade acerca da natureza do mundo entre estas figuras, afinal?

A natureza coercitiva do poder como único e verdadeiro crivo para a aplicação da terminologia *potestas* em contraposição ao valor simbólico e expressivo da *auctoritas* medievais já haviam sido amplamente codificadas por Marsílio de Pádua (c.1275- c.1342) através do século XIV; seus *Defensor pacis*(1324)e *Defensor minor*(1342)são tratados que identificam a característica coercitiva do poder a partir de sua dissertação teológica – ou seja, como o verdadeiro poder reside nas armas daqueles que as detêm – inovação muitas vezes atribuída à Maquiavel; que de fato partilha essa opinião.

O que podemos afirmar de maneira mais certa como uma inovação própria de Maquiavel é sua descaracterização do poder enquanto atribuição de caráter divino ao dissociar sua argumentação teórica por completo da religiosidade e da moralidade cristã vigentes em seu contexto. Marsilio é um autor plenamente medieval nesse sentido, sua grande fonte de autoridade não propriamente sua experiência política, porém a força de autoridade da Bíblia – seus exemplos da natureza ‘armada’ do poder retirados das parábolas fundadoras do Cristianismo; e mais – ainda muito orientadas ao poder exercido de maneira ideal, através de representantes seculares das emanações divinas. Maquiavel não se preocupa com o transcendente além da inevitabilidade da *Fortuna* em influenciar os sabores e os destinos dos homens. Sua preocupação com a *verità effettuale* o distingue dos autores medievais, cuja perspectiva sobre o poder não se dissocia da emanação divina.

Talvez mais importante do que tentar perceber Maquiavel como um autor ‘moderno’ seja identificar suas origens teóricas e as perspectivas políticas que nutrem sua escrita, explícitas em seus textos. Muito embora *Il principe* seja exemplar de seu próprio gênero literário, certamente inspirado na *ars dictaminis*, o mesmo também certamente sofre influências dogênero dos espelhos de príncipes medievais; assim como sua perspectiva acerca da escrita da história compõe uma tradição da historiografia vernácula em Florença mais do que a tradição cronística desse mesmo ambiente<sup>42</sup>.

Sobre a natureza da escrita de Maquiavel e suas características próprias, sempre é levantado o questionamento acerca de seu propósito. Afinal, o que quer Maquiavel? O que o autor busca, propriamente, com *Il principe*? As boas graças dos Medici, ou algum

---

<sup>41</sup> HARIMAN, Robert. *Composing Modernity in Machiavelli's Prince*. Journal of the History of Ideas, Vol. 50. No. 1. 1989.

<sup>42</sup>PHILLIPS, Mark. *Machiavelli, Guicciardini, and the Tradition of Vernacular Historiography in Florence*. The American Historical Review, Vol. 84 - 1979.

outro objetivo mais escuso e discreto? Afinal, é bem estabelecido que o próprio Maquiavel detenha a maestria da engenhosidade, seria *Il principe* mais um artifício?

Essa é a opinião de Mary Dietz<sup>43</sup>, que levantou uma perspectiva inédita ao sugerir que a obra não se trata de um verdadeiro manual de governança orientado ao sucesso do príncipe... Mas a seu retumbante fracasso. A autora sugere que em realidade a obra política de Maquiavel, tão distinta em teor político do que suas demais composições – como sua leitura de Tito Lívio e sua apreciação da *res publica* enquanto o mais legítimo dos sistemas políticos – seria na verdade uma farsa discreta, um veneno na taça de Lorenzo II de Medici, uma cobra no leito do *signor* de Florença. Ao lançar mão de sua perícia enquanto escritor, Maquiavel teria composto uma obra aparentemente sólida e repleta de conselhos sensatos ao príncipe, porém em realidade repleta de maus conselhos com a finalidade de solapar ao governo de Lorenzo, ao invés de solidificá-lo. Mais do que mera denúncia, Dietz acredita que os conselhos de Maquiavel – como armar a população de seu principado ao compor a milícia cidadina – seriam propensos a ruir o poder dos Medici; até então inimigos políticos de Maquiavel durante o exílio dos banqueiros de Florença – época em que, justamente, Maquiavel exercera sua magistratura. A persistência dos temas de fraude e traição na obra é para a escritora evidência de que *Il principe* seria muito mais do que mero oportunismo da parte do diplomata, mas sua própria ‘guerra secreta’ contra os Medici.

Entre seus argumentos está a ‘inclinação natural’ de Maquiavel à ousadia tal qual exposto como a única maneira de controle sobre a *Fortuna* – a *virtù* maquiaveliana, afinal, caracterizada não apenas pela astúcia em notar as possibilidades tal qual se apresentam perante o príncipe – mas também ousar agir, deixar de encontrar-se engessado e inativo pela prudência demasiada. Embora boa parte da argumentação de Dietz seja relativamente sólida, parte de sua argumentação também é problemática. Seus três eixos de evidência da ‘sabotagem’ perpetrada por Maquiavel seriam justamente os conselhos sobre Onde o príncipe deve viver – entre os súditos conquistados, na esperança de facilitar as insurreições; Quem o príncipe deve amar – o apoio popular em detrimento das aristocracias, aonde o *popolo* conquistado em polvorosa tomar-se-ia de escárnio pelo príncipe; e Como agir perante a sociedade política que conquista – com liberalidade demasiada, gastando – ou melhor, investindo seu tesouro no prazer de seus súditos; erodindo seus recursos de controle. Ora, seria de grande arrogância de Maquiavel esperar que sua obra fosse tão bem recebida pelos Medici a ponto de ter seu texto seguido linha-a-linha – e, como propriamente se deu, Lorenzo pouco se importou com a oferta da obra. Os grandes elogios de seus colegas como Francesco Vetori e Filippo Casavecchia sobre o teor político de seu *opúsculo* sugerem que a análise política de Maquiavel parecia certa também a esses leitores – estaria também Maquiavel deliberadamente ludibriando seus amigos a fim de ‘testar’ a eficácia de sua ‘bomba-relógio’? Improvável, uma vez que nutrido pelo humanismo cívico e pela percepção romana do valor organizacional da república enquanto mais refinado dos sistemas políticos, é possível que os argumentos de ‘sabotagem’ dos Medici por Maquiavel fossem apenas interpolações de leituras clássicas sem grande reflexão a ponto de solapar o *stato* Medici.

Quentin Skinner<sup>44</sup> sugere uma abordagem mais próxima do corpo de obras de Maquiavel em completo, da relevância do discurso político republicano como

<sup>43</sup> DIETZ, Mary G. *Trapping the Prince: Machiavelli and the Politics of Deception*. University of Minnesota, The American Political Science Review. Vol. 80. No. 3. 1986.

<sup>44</sup> SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*, Tradução de Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras, 1996.



apresentado nos *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio* assim como de seu relacionamento com os princípios demonstrados em *Il principe*. Ao sistematizar o conjunto de valores políticos celebrados na sociedade política contemporânea em sua busca pelas raízes desses valores, Skinner encontra em Maquiavel dois conceitos que permeiam sua perspectiva – a *libertà*, valor caríssimo às *comune* italianas desde mesmo o século X; e a *virtù*. Afinal, a *virtù* maquiaveliana no seio do ambiente da *res publica* não é tão diferente do mesmo valor quanto aplicado ao príncipe – enquanto garante a ‘honra’ e a ‘grandeza’ dos indivíduos a ser assim em prol do benefício da coletividade. Ao advertir aos indivíduos que suas ambições particulares se orientem de acordo com o *bonum comune* da república, o autor propõe assim um freio aos desejos de conquista que atentem contra a *comuna* e o surgimento de tiranos; os conflitos entre *parti*, ou seja, entre grupos políticos distintos, é para o diplomata aonde surgem as grandes ameaças para a *libertà* dos cidadãos – quando um grupo supera ao outro, impõe suas vontades a toda a sociedade política: alçando assim a tirania. Ora, também é a ambição do príncipe orientada para o bem coletivo quanto Maquiavel observa que a manutenção da ordem é também a manutenção da paz no interior do principado. Skinner já percebe nos *stati* de Maquiavel algo muito diferente do Estado como percebido na contemporaneidade enquanto o Estado Nacional Moderno, consolidado burocraticamente em função de si próprio; mas algo mais próximo dos *beneficium* medievais.

Harvey Mansfield<sup>45</sup> partilha com Skinner a percepção de que o *stato* de Maquiavel é tratado pelo escritor como o *dominium* medieval propriamente dito – uma propriedade de quem o detém, seja ele o indivíduo caracterizado pelos *signori* que pontilham a península itálica; ou de coletividades como as repúblicas: tanto indivíduos quanto coletividades podem deter a *signoria* desses *stati*. No entanto, Mansfield vai mais além – nota que essa característica de possessividade dos príncipes sobre seus *stati* tende sempre a ser considerada por Maquiavel em termos de conquista – não propriamente da posse do *stato* que se controla, mas como ele proporciona ao príncipe os poderes para empreender novas conquistas: talvez inclusive perante sua orientação a almejar o objetivo da unificação da Itália.

Mansfield também se aproxima da perspectiva de Dietz a considerar Maquiavel enquanto um personagem dotado de imensas, porém discretas ambições: ao analisar a famosa carta a Francesco Vetori, aonde Maquiavel relata sua vida diária no exílio a seu amigo em atividade política, nota a reverência e mesmo arrogância do florentino ao relacionar-se com os antigos, devorando suas obras com voracidade ainda que em um ambiente imaginado tal qual uma corte solene. Mansfield crê que Maquiavel é sim, potencialmente, o próprio príncipe a quem se refere em *Il principe*, plenamente capaz da engenhosidade e da astúcia em ‘virar as cadeiras’ perante o príncipe. Enquanto Maquiavel apresenta-se a Lorenzo II de Medici na condição de um potencial conselheiro, na verdade prepara seu retorno à vida pública como o ‘poder detrás do trono’, manipulando o príncipe e efetivamente governando de sua posição de mero conselheiro. Assim, mais do que educar ao príncipe, Maquiavel é o verdadeiro príncipe<sup>46</sup> – o único dotado da *virtù* necessária para tomar-se como igual dos antigos,

<sup>45</sup>MANSFIELD, Harvey. *Machiavelli's Virtue*. The University of Chicago Press. 1996.

<sup>46</sup>HAGGMAN, Bertil. *Op. Cit.* Pg. 62-63. “In the 16th century, the Italian Machiavelli, in his work *The Prince*, suggested similar tactics and strategy as did the ancient writers of China and India. But it is important to remember that Machiavelli had patriotic motives. He had observed how Italy had been overrun by the French, plundered by them, and insulted. It was necessary to unite the city-states of Italy and forge a strong state, in short – to liberate Italy. The liberator of Italy, the addressee of *The Prince*, could not count on a spontaneous following of all Italians. He had to pursue a policy of steel and poison, of murder and treachery. The Italian republican cities had to be destroyed: Thus, a new prince, in a city

conhecedor de todos os seus segredos; e, verdadeiro manipulador, pronto para governar através de todos os príncipes que aconselha – seu ideal unificador da Itália discretamente construído por Maquiavel em sua astuta maneira de domar os príncipes de acordo com suas próprias intenções, um *primus inter pares* silencioso e discreto.

Já Nina Witoszek, de maneira mais tradicional, contempla em Maquiavel um erudito de seu tempo pronto para domar os príncipes, mas sem a mesma pretensão notada por Mansfield. Sua perspectiva é de um Maquiavel dotado de um projeto pedagógico dedicado ao resgate da dignidade da sociedade italiana de seu contexto a partir de refrearem-se os impulsos destrutivos dos príncipes corrompidos por sua própria liberalidade exacerbada, em seus termos: um verdadeiro ‘projeto civilizador’ aplicado tanto à natureza quanto aos homens<sup>47</sup>. Também nota que Maquiavel não está sozinho em seu empreendimento tomando, por exemplo, seu contemporâneo Leonardo da Vinci, cujo propósito enquanto engenheiro hidráulico seria o de domar a natureza através da aplicação da razão assim como do resgate e da reinterpretação do conhecimento desenvolvido pelos autores clássicos. A parceria entre ambos como explorado de maneira abrangente por Roger Masters contemplaria assim, na perspectiva de Witoszek, o desenvolvimento do processo criativo e reflexivo em zonas distintas – rios e homens – com o objetivo da integração plena e harmoniosa dos homens a seu ambiente no que denomina “Eco humanismo”. Não apenas Maquiavel deseja que a sociedade italiana resolva seus conflitos internos de ordem política perante a imposição de políticas submissas às potências estrangeiras; Da Vinci busca consigo a integração plena dessa mesma sociedade com o ambiente na qual ela existe: a tentativa em tornar o rio Arno navegável para o desenvolvimento pleno da prosperidade comercial de Florença, transformando o centro urbano em um porto mercante para maior disseminação de seu famoso comércio de tecidos.

## POTENCIALIDADES DO PRÍNCIPE: DO MERCENÁRIO AO PRÍNCIPE, E DO PRÍNCIPE AO MERCENÁRIO

O Príncipe – em sua origem latina, o termo *princeps* surge no interior do exército romano pré-Reforma Mariana enquanto o grupo de combatentes dedicados que, segundo Políbio, formava a segunda linha de combate das formações manipulares.

---

of country taken by him, must make everything new. Machiavelli, however, left unanswered in *The Prince* how new modes and orders could be maintained throughout the ages. The answer was given in his later work, *Discourses*. Thus there is a difference between Machiavelli and the Asian classics of statecraft. The latter recommended policies of cunning, simulation and ruse; the purpose was to keep a ruler in power by violent means if necessary. The Italian master of statecraft recommended violent and deceptive methods to revolutionize Italy for its protection against foreign invaders.”

<sup>47</sup>WITOSZEK, Nina. *Rivers and Humans – The Civilizing Project of Leonardo Da Vinci and Niccolo Machiavelli*. Oslo, 2009. Pg. 4. “There is, then, a good reason for revisiting some chapters of the Renaissance cosmology. It springs from the lacunas in much historical and environmental research today, which not only has divorced the studies of the Cosmos from the Polis, but has disregarded human nature as a salient factor in the process of social change. The greatest achievements of the Renaissance thought - the work of Erasmus, Shakespeare, Montaigne, Leonard and Machiavelli - amount to a long meditation on the ways to restrain nature's furies and the beastly side of human nature as two sides of the same project. The original, "ecohumanist" tradition has been brushed out of modern scholarship and replaced by a rationalist, technocratic agenda which has perverted much of modern understanding of nature and culture.”

Estando entre os *hastati*, guerreiros jovens com armaduras leves, e os *triarii*, veteranos armados à maneira dos *hoplitai* gregos, os *principes* – os primeiros – são aqueles que formam a linha de combate principal, e deveriam vencer a batalha em situações de normalidade – os *triarii* mantidos em reserva apenas intervindo em momentos de suma necessidade.

Mais importante que a acepção militar do termo, no entanto, é o *Princeps senatus*, o cargo assumido por Otávio Augusto quando de sua ascensão política no Senado romano costumazmente contemplada na historiografia enquanto o ‘fim’ da República Romana e o começo do Principado, ou ainda, do Império Romano. Na qualidade de *primus inter pares*, o primeiro entre iguais, o *princeps* deteria poderes executivos plenos, representando em si a dignidade do povo romano com a finalidade da manutenção da ordem e da lei, assim como da proteção do mundo romano. Enquanto títulos como *rex* – apropriado às lideranças não romanas, *dictator* – magistratura de excessão temporária – gerariam conflito para com os demais membros do Senado ainda em um período de grande instabilidade política, Otávio Augusto teria cristalizado e oficializado a instituição do *princeps* com poderes sobre as demais magistraturas ao transferir o conceito de *auctoritas* ao cargo, oferecendo assim a ele um ar de prestígio e influência.

Maquiavel se mostra através de *Il Principe* assim como das *Storie fiorentine* como um crítico mordaz dos *condottieri*, mas mesmo durante seu esforço para a composição de uma milícia cidadina Maquiavel tem de submeter-se ao conhecimento estratégico e a perícia tática dos mercenários. Um homem das letras e da diplomacia, Maquiavel apenas detém conhecimento teórico sobre as artes militares, e não domina os métodos de treinamento e preparação de guerreiros que sua milícia necessita se pretendem ter qualquer sucesso em combate. A partir do comentário afiado de Matteo Bandello, notamos a imperícia militar de Maquiavel, assim como sua dependência dos serviços de um *condottiere*.

*Vós vos lembrais, sem dúvida, do dia em que o nosso engenhoso senhor Nicolau Maquiavel, junto aos muros de Milão, quis realizar essa disposição de infantes de que ele havia abundantemente tratado em seu livro sobre a arte da guerra... O senhor Nicolau, naquele dia, nos manteve plantados ao sol por mais de duas horas, sem jamais conseguir ordenar três mil infantes da maneira proposta no livro... Vendo então que ele não resolveria o problema tão cedo, vós me dissestes: ‘Bandello, vou pôr fim a esse espetáculo aborrecido a fim de que possamos todos ir almoçar’. E dizendo logo a Maquiavel que se retirasse e transferisse a responsabilidade para as vossas mãos, num piscar de olhos, com a ajuda de tamborins, vós ordenastes esses três mil homens de diversas maneiras, para grande admiração de todos presentes.<sup>48</sup>*

Bandello é altamente sardônico em sua crítica a Maquiavel – notando no secretário da segunda chancelaria um homem prepotente e convencido de suas conclusões teóricas porem absolutamente incapaz de ordenar seus milicianos. É sabido que guerreiros mal treinados não tem esperança qualquer ao dar combate a uma força melhor treinada e organizada, e ao tratarmos dos *condottieri* estamos pensando em grupos experientes e capacitados – uma vez que a natureza da arte da guerra tende à rapidamente eliminar os incompetentes no ofício das armas. A crítica de Maquiavel traçada tanto nas *Storie Fiorentine* quanto em *Il principe* trata principalmente na deslealdade desses mercenários, mais do que sua perícia guerreira. O que o humanista

---

<sup>48</sup> LARIVAILLE. Paul. *A Itália no tempo de Maquiavel: Roma e Florença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979. Pg. 83.

teme é a propensão de *condottieri* em seguir suas próprias agendas ao invés de combater o inimigo de maneira dedicada – supostamente tão dedicada quanto foram os legionários romanos que idealiza a partir de Vegécio, Políbio e Plutarco. Para Maquiavel, os *condottieri* não possuem o interesse de lutar pela sua identidade – ainda muito atrelada à condição de sua cidade natal – e é essa falta de reconhecimento de uma identidade única, italiana, no seio da classe guerreira por excelência no interior da Itália do Renascimento que Maquiavel culpa pela falta de articulação dos príncipes-*condottieri* e a sujeição dos *stati* peninsulares a poderes estrangeiros – ao Imperador, aos Reis de França e Espanha, e eventualmente, em seu temor, mesmo ao Sultão turco que avança implacável pelos Balcãs e pelo Mar.

Mas quais fatores propiciaram a instituição dos *condottieri* na Itália como classe guerreira dominante, opção de carreira para secundogênitos de linhagens nobres assim como para burgueses empreendedores e aventureiros de toda sorte? Onde estão os cavaleiros dessa Itália? Afinal, o termo e a ocupação social de *cavaliere* ainda existe no contexto de Maquiavel, mas algo aconteceu deste o surgimento dos *condottieri* que extirpara da cavalaria na península itálica setentrional boa parte do seu caráter bélico – no sul, as tradições cavalheirescas em Nápoles dado sua especificidade histórica ainda seguiam um modelo um pouco mais aproximado do francês: mesmo no século XVI, no contexto das Guerras Italianas, há um famoso episódio de habilidade cortesã assim como cavalheiresca: a chamada *Disfida di Barletta*, também tomada como Desafio de Barletta, que seria altamente romantizada durante o século XIX e utilizada pelo movimento de unificação italiana do *Risorgimento* amplamente como prova do ‘valor italiano’.

Em 1503, bateram-se em Barletta treze cavaleiros italianos liderados por Ettore Fieramosca e treze cavaleiros franceses liderados por Guy la Motte após comentários ‘insultuosos’ sobre qual nação teria a melhor perícia em armas – italianos ou franceses. Fieramosca é tradicionalmente identificado enquanto um cavaleiro / *cavaliere* mas por vezes também é chamado *condottiere* – em realidade, é provável que Ettore se identificasse enquanto ambos ao mesmo tempo, sabendo que a condição de *condottiere* fora desenvolvida de maneira conjunta por toda sorte de personagens independentemente de suas outras atribuições ou funções sociopolíticas. É possível que todos os *cavaliere* italianos também fossem *condottieri*, uma vez que os organizadores da equipe italiana liderada pelo ‘heróico’ Fieramosca fora tradicionalmente identificada pelos também-*condottieri* Prospero e Fabrizio Colonna (este último a principal voz de experiência tático-militar na obra de Maquiavel *Dell’Arte della Guerra*). O duelo fora vencido pelos italianos, que tomaram o arnês e armas dos vencidos assim como o resgate acordado em 100 ducados por cavaleiro capturado, tal qual nas tradições dos torneios medievais.

O advento dos *condottieri* a partir do século XIII é a princípio o de uma coexistência com os grupos guerreiros citadinos, *milites* e *pedites*, os primeiros identificados com a nobreza cavalheiresca originária dos detentores de terras e privilégios de caráter feudal no *contado* que gradativamente migram para habitarem os centros urbanos, e os segundos compondo todos os demais citadinos conscritos em tempos de guerra para a defesa dos interesses da *comune*. *Osmilites* formam na sociedade italiana os grupos *bellatores* segundo a teoria da trifuncionalidade, porém as características próprias do ambiente urbano dão aos *milites* maior maleabilidade social<sup>49</sup>, com a gradual miscigenação entre *milites* e prósperos mercadores levando à

<sup>49</sup> HARRISON, Paul R. *Op. Cit.* Pg. 80. “One of the most active groups in the growing population of Florence was the nobility. The nobles had been moving into the city for years, and the process of territorial expansion throughout the *contado* only accelerated the process of noble migration. As Jones

uma gradual exaustão dos critérios que compunham a individualidade da *militia* enquanto grupo social próprio, e o surgimento do grupo mais amplo e heterogêneo dos *magnates*.

Porém, o que de fato gera a maior descaracterização dos *milites* na Itália são as práticas cidadinas de fazerem-se cavaleiros em ocasiões diplomáticas ou festivas indivíduos que não participam do ofício de armas característico da *militia* – ou seja, detentores de títulos de cavalaria que não desempenhavam atividades militares. Percebida principalmente a partir do século XIII e XIV, mesmo observadores advindos de outras regiões da cristandade latina notavam uma diferenciação entre a cavalaria italiana e seus pares de outras regiões<sup>50</sup>. Trevor Dean, ao explorar esse caráter particular da cavalaria ‘à moda italiana’ encontra nos estudos de Salvemini uma perspectiva historiográfica que sugere a transformação do grupo detentor de títulos de cavalaria de uma classe detentora de atribuições militares a uma categoria de dignidade cidadina garantida como honraria e recompensa para indivíduos que não desempenhavam mais quaisquer funções de caráter guerreiro<sup>51</sup>, situação encarada por Salvemini como uma degeneração da qualidade cavalheiresca perante o raciocínio da burguesia mercantil em franco desenvolvimento nos espaços urbanos da península.

Dean nota que, suplementando as situações de adubamento de cavaleiros observadas na Itália assim como em França ou Inglaterra – tipificadas a princípio em adubamentos marciais (junto a batalhas) e não marciais (comemorações diversas, declaração de peregrinações) seria um fenômeno particular ao ambiente cultural italiano – mais do que aquele florentino: aquela em relação ao apontamento do indivíduo enquanto juiz<sup>52</sup>, notado pelo autor enquanto o principal argumento desenvolvido por

previously commented, class distinctions were not clear, and the division between the knightly class and the wealthy merchant class was extremely porous. The wealth of the early merchants allowed them to intermarry with the knights, eventually obscuring completely the distinctions between the two groups until they were identified solely as a wealthy class, and in due time they too began to develop an association with the intent to protect and promote their wealth - the *societas militum*. During the consular phase of the commune almost anyone with the financial means to acquire the accoutrements of warfare could possibly qualify as a *miles*. This group would later be identified as the magnates, a rather nebulous term as we later shall see, but during this consular phase social promotion was relatively fluid and dynamic.”

<sup>50</sup> DEAN, Trevor. *Knighthood in later medieval Italy*. In. Europa e Italia: Studi in onore di Giorgio Chittolini / Europe and Italy, : Studies in honour of Giorgio Chittolini. Firenze, Firenze University Press 2011. Pg. 144 “[...]Alvaro Pelagio, who remarked that many Italian knights were rustics or of peasant descent [...]”.

<sup>51</sup> DEAN, Trevor. *Op. Cit.* Pg. 144. “For Salvemini, a combination of factors – bourgeois acquisition of wealth undermining noble social exclusivity; use of mercenary armies removing the military rationale of chivalry – led to knighthood becoming a mere honorific title. The separation from values was made evident in the stress Salvemini gave to mercantile mentality as dominant: in a world of measuring and counting, bourgeois traders saw nothing serious in chivalric morality. The separation from military practice was stressed in Salvemini’s use of evidence from the fourteenth century of knighthood being conferred on children, old men and the dead. Knighthood thus became no more than a necessary qualification for a job as judge.”

<sup>52</sup> DEAN, Trevor. *Op. Cit.* Pg. 146-147. “Knighthood for judicial office can thus serve as the first type. It was expected that judges should be knights. A nobleman (*dominus*) of San Miniato, son of a man called Barone, due to set off for Reggio to act as Capitano del popolo, was knighted by his uncle. Jacopo d’Appiano, made Capitano of Pisa in 1393, arranged for himself to be made a “knight of the popolo”, considering the nature of his office. In Bologna in 1366 it was thought noteworthy by the local chroniclers when a podestà was appointed who was not a knight. More usually, when a non-knight was appointed, perhaps unexpectedly, a simple ceremony of knighthood would be rushed through. Thus in Siena in 1351 the podestà died in post, and the Sienese government decided to appoint his 25-year-old son in his place, and had him knighted at the commune’s expense. [...]”

historiadores do século XIX e XX. James Hankins<sup>53</sup> também observa a ampla realidade dos adubamentos não-marciais, e do exagero da prática de forma a surgirem resistências a disseminação da prática por parte de grupos da aristocracia cidadina de caráter tradicional, ou seja, das famílias da nobreza feudal que detinham os privilégios da cavalaria enquanto *milites*.

Ainda que o adubamento marcial fosse à forma mais comum da prática – inclusive, sugere Dean, servindo enquanto fórmula de reforço de vínculos políticos e hierarquias do poder entre indivíduos de maior e menor influência política, é a primeira fórmula a mais criticada e notada pelos próprios indivíduos da época. O cronista Franco Sacchetti é particularmente voraz em sua condenação à prática – como observado por Dean<sup>54</sup> e também por Hankins<sup>55</sup>: o novelista do *Trecento*, vinculado à perspectiva

---

<sup>53</sup>HANKINS, James. *Civic Knighthood in the Early Renaissance: Leonardo Bruni's De Militia (ca. 1420)*. Faculty of Arts and Sciences, Harvard University. 2011. Pg 2-3. "In Florence we hear of four-year-old children and old men on their deathbeds being made knights. During the tumult of the Ciompi in 1378 sixty-seven men were created knights by the revolutionary workers in a single day. When the Ciompi revolt was put down and the oligarchy restored there was yet another orgy of knight-making: twenty-four new knights were created on 20 January 1382 at a single ceremony. Such mass creations were clearly political actions, not rewards for military virtue, as was shown many years ago by Gaetano Salvemini. The aim was to undermine or to strengthen the power of the Parte Guelfa, a conservative political society in Florence, which was also a *societas militum* to which knights automatically belonged by reason to their rank. A similar disregard for the military functions of knighthood is shown in the practice of awarding knighthood to men who were being sent on diplomatic missions; here the motive seems to have been to permit Florentine diplomats to cut a better figure abroad when representing their city. As late as 1419 we hear of a mass creation of twenty knights, the sole purpose of which was to enrich the spectacle of welcome for the solemn entry of Pope Martin V into Florence. It seems that the desire to have twenty Florentines dress up in crowns of olive leaves, green tunics sewn with pearls, gold sword, spurs and swordbelt, so as to welcome the Holy Father with greater splendor, was sufficient inducement for the Florentine government to debase the coinage of knighthood."

<sup>54</sup>DEAN, Trevor. *Op. Cit.*Pg. 147. "[...] It was this practice that drew the acerbic criticism of Franco Sacchetti in a piece of social commentary inserted into one of his *novella* concerning Dolcibene, an entertainer or 'courtier-knight' (*cavaliere di corte*) of a type that conservatives scorned and that historians have taken as a sign of decadence. After inveighing against the giving of knighthood to <mechanicals, guildsmen, even bakers>, or, worse, to <carders, usurers and *ribaldi*> - <shites not knights> - Sacchetti also complains of judges and notaries receiving knighthood: How apt it is for a judge to be made a knight so that he can serve as podestà! It's not that knowledge does not befit a knight, but it should be real knowledge, without pay, without issuing *consilia* from a lectern, without attending court as an attorney – that's good chivalric exercise. Even worse, notaries are made knights...". Segundo extrato recortado por Dean nas palavras do próprio Sacchetti: "Li meccanici, gli artieri, insino a' fornai... ancora più giù, gli scardassieri, gli usurai e' rubaldi barattieri... cacaleria non cavalleria." & "Come risiede bene che uno giudice per poter andare rettore si faccia cavaliere! E non dico che la scienza non istea bene al cavaliere, ma scienza reale senza guadagno, senza stare al leggio a dare consigli, senza andare avvocatore a' palagi de' rettori. Ecco bello esercizio cavalleresco. Ma e' ci há peggio: che li notai si fanno cavalieri." In.: SACCHETTI, Franco. *Il Trecentonovelle*, ed. A. Lanza, Firenze, 1984. P. 325.

<sup>55</sup> HANKINS, James. *Op. Cit.*Pg. 1-2 "In the comic tales of Franco Sacchetti, the *trecento novellista*, there is a story (no.150) that shows with great vividness how Florentines of the early Renaissance viewed the knighthood of their time. A knight of the Bardi family has been chosen as a judge (podestà) in the city of Padua. He is a tiny man, unmilitary in his habits, and an indifferent horseman. To give himself a more impressive appearance, he decides to wear a magnificent crest on his helmet, consisting of a bear rampant with drawn claws and the motto: "Non ischerzare con l'orso, se non vuogli esser morso" (Don't play with the bear if you don't want to be eaten). On his way to Padua, he passes through Ferrara, where in the main piazza by the prince's castle he is accosted by a gigantic German knight. The German, who is a bit tipsy, is incensed to see the diminutive Florentine bearing what he claims are his, the German's, own arms and so he challenges the Florentine to a duel. The Florentine, however, can see no point in coming to blows and arranges a deal through his seconds. "Let's settle this with florins and put

aristocrática sobre os *cavalieri / milites* enquanto detentores de responsabilidades militares, denuncia a corrupção desses grupos anteriormente caracterizados pela participação de indivíduos da nobreza cidadina diversa ao tratar os cavaleiros ‘burgueses’ enquanto ‘poltrões’ e ‘bufões’. Seu choque ao escandalizar-se com notários tornando-se cavaleiros deve-se principalmente à percepção aristocrática de que o serviço de notário não é diferente daquele de mercador ou camponês: trata-se da percepção do trabalho enquanto solvente da dignidade nobiliárquica.

Ora, a pequena anedota de Sacchetti releva muito ao interlocutor sobre as perspectivas dos florentinos sobre a cavalaria: primeiramente, de que o cavaleiro florentino em questão é pouco mais do que um tratante, um indivíduo que não valoriza sua honra perante a ameaça de violência do cavaleiro germano; ao mesmo tempo em que demonstra como o cavaleiro Bardi é na verdade um astuto, uma verdadeira raposa – que logra não apenas evitar bater-se com o estrangeiro, como também o ludibria, lucrando ao vender-lhe o elmo que gerou a disputa. Sacchetti denuncia como este cavaleiro Bardi é sintoma da degradação moral e funcional da cavalaria – Bardi não detém nenhum dos atributos de um cavaleiro. Ele não é corajoso ou habilidoso o suficiente para enfrentar o germano, ele arroga-se um lema belicoso e em seu primeiro desafio prefere enfrentar seu oponente pela perfídia ao invés de pelas armas. Ele não é honrado, pois deixa de lado qualquer percepção de sua importância para escapar do combate. Assim, como sugerido por Hankins, a cavalaria para esse indivíduo seria percebida apenas uma honraria que lhe garantia uma indumentária impressionante – algo para ser comprado e vendido, não uma função social de caráter militar. Também revela ao leitor a percepção de atributos de identidade, a partir do ponto de vista do autor florentino, entre os respectivos grupos – florentinos e germanos, os primeiros sagazes e maleáveis, e os segundos ‘inocentes’ e belicosos.

E Sacchetti certamente não é o único a partilhar dessa percepção. Hankins nota em Boccaccio também a mesma crítica ao cavaleiro descaracterizado e destituído de seus atributos militares, e nota também que nem mesmo os juristas<sup>56</sup> evitavam notar a cavalaria cidadina como evidência do declínio das atribuições militares aos grupos uma vez identificados plenamente como *milites*. Sendo a prática principalmente impulsionada pelos interesses da oligarquia cidadina organizada através das guildas e dos grandes mercadores e banqueiros, no caso de Florença, são natural que houvesse reações da parte aristocrática da elite, com a tentativa de cercearem-se os ingressos à classe da *societas militum*, as tentativas identificadas por Hankins pelas agendas da Parte Guelfa em regular alterações às instituições das magistraturas com a finalidade de

---

honor aside, he says. If you want me to go on my way as I came, I'll be off right now; if you mean that I shouldn't bear his crest, I swear by God's holy angels that it's mine and that I had it made in Florence by the painted Luchino and it cost me five florins; if he wants it, give me five florins and take the crest away." The German, triumphant as though he'd conquered a city, paid it willingly. The Bardi knight went off with his five florins to Padua, where he was able to purchase a new crest for only two florins, making a clear profit of three."

<sup>56</sup> HANKINS, James. Pg. 2. " [...] He had no sense of shame at his lack of *bellica virtus*. Nor was he an isolated character, at least in the literary imagination. The theme of the decline of knighthood was, as a matter of fact, a common one in the literature of the period. In the *Corbaccio* of Giovanni Boccaccio the knights of the time are depicted as 'poltroons spangled with pearls and draped in ermine, decked with gold spurs and sword with gilded hilt, yet with as little appreciation of true knighthood as the devil has of the cross'. The jurists were as acerbic as the novellists on the subject. Cino da Pistoia criticized "pseudo-knights who were immersed in their profits and scarcely knew how to gird on a sword. They enjoyed the prestige and privileges of knighthood without having any of the military responsibilities of the order."

diminuir a influência política da chamada *gente nuova*, ou seja, os novos e descaracterizados cavaleiros.

A *societas militum* assim tencionava garantir que seus membros portassem-se de maneira a manter a *dignità cavalleresche* doada pela *comuna* de Florença ao grupo seleto de seus cidadãos. Como parte das celebrações observadas por Paola Ventrone como métodos de reafirmação da influência política da cidade<sup>57</sup>, assim como dos grupos políticos específicos que a compõe, parte das responsabilidades dessa *societas militum* justamente tratava da participação dos cavaleiros nos cortejos e desfiles de caráter político cívico.

A obra de Leonardo Bruni, *De Militia*, é segundo Hankins parte da agenda política desse grupo: a reforma da cavalaria cidadina em decadência – um escrito humanista cuja proposta é o sincretismo entre os ideais medievais da cavalaria reinterpretados enquanto o valor helenístico do serviço militar em defesa da *comuna*. A partir de aproximações entre os *militēs* medievais e os *equites* da sociedade romana, Bruni encontra diversos argumentos de continuidade entre a instituição antiga para com a organização de seu tempo sugerindo que as origens militares do grupo dos *militēs* fossem uma decorrência direta da cavalaria romana. O paralelo entre as repúblicas de Florença e Roma também proporciona a Bruni a argumentação de que a cavalaria em ambos os casos compor-se-ia de indivíduos cujo propósito maior é a proteção da *comuna*, reinterpretada no conceito clássico de *polis* – organizando em uma associação natural os homens para a vida em segurança.

Ainda que se utilize das conclusões de C. C. Bailey a respeito do fenômeno do advento dos *condottieri* como classe militar por excelência enquanto paralelo – senão mesmo decorrência – da descaracterização da cavalaria na península itálica; assim como da percepção de que *De Militia* deve ser tratado e traduzido como ‘Da Cavalaria’, e não como anteriormente assumira-se como ‘da milícia’ por Paul Oskar Kristeller na década de 1960, Hankins também critica o pressuposto de Bailey a respeito da obra *De Militia* tratar-se também de uma crítica ao sistema dos mercenários. Hankins afirma que Bruni jamais sequer menciona *condottieri* em sua obra, e nesse ponto a perspectiva de Bailey seria equívoca sobre a pertinência da obra Bruni. É necessário também notar a aproximação de Bruni com representantes importantes dessa aristocracia – no caso, o banqueiro Palla Strozzi – uma das figuras mais influentes no ambiente da política florentina de seu período.

Enquanto a cavalaria se descaracteriza militar e moralmente, outro fenômeno concorrente, paralelo e potencialmente dependente do primeiro surge no ambiente das repúblicas italianas – a ascensão e cristalização dos *condottieri* enquanto figuras detentoras da atividade guerreira por excelência, talvez o mais refinado sistema de mercenários do Ocidente Medieval<sup>58</sup>. Ainda que as *comune* organizassem suas defesas

<sup>57</sup> VENTRONE, Paola. *La costruzione dell'identità cittadina in Italia tra XIII e XV secolo: feste, rituali, simboli*. In.: *Identitats*, Flocel Sabaté, Ed. Pagès Editors, Lleida, 2012. & *La festa di San Giovanni: costruzione di un'identità cívica fra rituale e spettacolo (secoli XIV-XVI)*. In.: *Annali di Storia di Firenze*, II. 2007.

<sup>58</sup> MURPHY, David. *Condottiere 1300-1500, Infamous Medieval Mercenaries*. Oxford: Warrior; 115. Osprey Publishing, 2007. Pg. 6. “It is too easy, however, to oversimplify and classify the *condottieri* as mere mercenaries. Many sources, both contemporary and modern, have been inclined to do this and it is interesting to see how many recent publications do not even use the word ‘*condottiere*’, preferring ‘mercenary’ instead. The *condottieri* system was unique in terms of its time and place and was perhaps the most sophisticated expression of the mercenary ideal. In Italy, between 1300 and 1500, a professional military caste was created that was perfectly suited to the prevailing trends on the peninsula at the time. The men of this caste were total professionals and were apolitical in their outlook. They developed a system of complex contracts to gain the utmost benefit from each employment. While



principalmente a partir de milicianos temporários liderados pela cavalaria uma vez representada pelos *milites*, a decadência destes em um momento de prosperidade econômica cada vez maior proporcionou o fim dessas milícias citadinas e o uso destes recursos no financiamento destes mercenários – através de *condotte*, dispondo destes guerreiros ao serviço da *comuna*, ou mais comumente o pagamento de subornos para que estes não arrasassem os campos circundantes dos quais a cidade depende por meio de saques e bandidagem; subornos estes que muitas vezes apenas incentivavam aos *condottieri* a continuar a ameaçar o *contado*, mantendo a república dependente como sua refém. A solução para livrar-se de *condottieri* problemáticos, por vezes, tornava-se contratarem *condottieri* para combaterem aos primeiros, fazendo do sistema um funcionamento circular para a desgraça da cidade<sup>59</sup>.

Os mercenários medievais que identificamos como *condottieri* são a princípio compostos por indivíduos reunidos em companhias livres e autônomas que, a princípio, são mais relevantes como grupo do que como indivíduos. As diversas Companhias de São Jorge – um nome muito popular dado o papel do santo como protetor dos guerreiros – assim como outras surgem ainda no século XIII, e, no entanto, a partir do final do século XIV e princípio do século XV observa-se uma gradual transformação na maneira a qual essas companhias se organizam, assim como de suas lideranças.

Assumiam hierarquias bem-organizadas em capitães e subcomandantes, arautos, cavaleiros e guerreiros, organizados em grupos chamados de *lanze* / lanças, também chamados de *corazza* / couraça e *barbuta* / elmo; que poderiam compor-se entre três e oito indivíduos de acordo com cada grupo, uma vez que o método preferido de combate dos *condottieri* fora a do combate montado em formações de cavalaria pesada, tal qual a imagem do cavaleiro dos romances de cavalaria. Essas formações compunham normalmente de um ou dois guerreiros, um escudeiro e um pajem para funções diversas que normalmente não incluíam dar combate. As *lanze spezzate*, ou lanças partidas, eram combatentes de *lanze* reorganizados em grupos novos uma vez contratados individualmente. Outras funções também contam com batedores – *scorridori* – e saqueadores responsáveis pela manutenção da *compagnia di ventura*, os *guastatori*. Os grupos de *condottieri*, por vezes chamados *condotte* ou *bandiere* / bandeiras seriam então formados de grupos de 30 a 100 *lanze* e seus adjuntos. O próprio *condottiere* formava suas *lanze* pessoais, ecoando as mesnadas de duques, chamadas por sua vez de *casa* – a *casa* do *capitano de ventura* formava assim seu grupo mais íntimo de guerreiro, companheiros e funcionários. As cidades e senhores que dispunham de seus

---

these contracts in theory also protected their employer, the efficiency and military superiority of these men effectively held the Italian states to ransom. These men were the condottieri.”

<sup>59</sup>CAFERRO, William. *Op. Cit.* Pg. 809. “In the end no policy – whether bribing, fighting or alliance – was effective in relieving Italy of the burden of the companies. Mercenary raids were, like the plagues and famines of the era, unavoidable disasters destined to run their course and exact a severe price. Even contemporary calls for ‘ancient valor’ and ‘manly spirit’ were essentially romantic notions whose efficacy was doubted by their own proponents. [...] Whatever the course of action, the greatest impact of the raids was on the economies of local communes. Bribes and mercenary-related costs could be met only by raising large amounts of money. In an era of limited resources and ever-growing expenses, communes were forced to press money out of their already heavily burdened citizens through loans and taxes. In several towns, Jews were called upon more often to lend money, sometimes specifically to pay for mercenary-related expenses; the same was true of the Church. Fiscal stress was exacerbated by repeated plagues and famines that significantly reduced the tax base. The companies further diminished the tax base by inducing frightened farmers to abandon their lands. There is also evidence that companies were used as an economic weapon, as a means of waging economic warfare against a foe. The Pisans and the Siense complained loudly and frequently that the Florentines set mercenary companies on them for the express purpose of despoiling their lands. [...]”

serviços também enviavam combatentes aos *condottieri*, os *colaterali*, cuja função seria observar e incentivar os mercenários a cumprirem-se os objetivos dos contratantes.

Enquanto as companhias do século XIII e princípio do século XIV organizavam-se em grupos de líderes que partilhavam o comando desses grupos – como, por exemplo, Werner von Urslingen, Konrad von Landau e Fra Moriale dividiram a liderança de sua Companhia de São Jorge até a morte do primeiro; as companhias posteriores seriam organizadas sob a liderança carismática de líderes individuais, cuja influência sobrepujava aquela de seu grupo de mercenários. Os nomes individuais dos *condottieri* começam a tornarem-se mais relevantes em delimitar seus grupos e objetivos do que os das grandes companhias, cada vez mais quais os grandes exemplos do individualismo ‘aventureiro’ sugerido por Michael Mallet<sup>60</sup>.

Enquanto as primeiras companhias compunham-se muitas vezes de diversos indivíduos que, organizados e unidos para a campanha, logo após o final desta dispersavam-se de volta à seus lares, observa-se uma gradual profissionalização desses grupos ao passo de que os indivíduos passam a não mais abandonar o grupo de combatentes quando não estão em campanha, aguardando que seus *capitani di ventura* busquem contratos relativamente mais estáveis para com as *comune* e os príncipes da península. A instabilidade política que compõe esse ambiente da Itália setentrional torna-se cada vez mais propícia aos mercenários<sup>61</sup> – os conflitos entre as diversas repúblicas relativamente constantes até a Paz de Lodi de 1456 também garantiam amplas oportunidades de *condotte*, ou seja, os contratos pelos quais os *condottieri* são denominados. Alguns desses contratos observam quantias amplas sendo organizadas pelos *condottieri* e depois administradas aos seus guerreiros. O período de relativa paz entre 1456 até a Invasão de Carlos VIII de França em 1494 também fora pontuado por conflitos menos significantes entre *comune* menos importantes, com a notável exceção da Guerra do Sal (também chamada de Guerra de Ferrara) de 1482-84.

Verdadeiras escolas de pensamento tático surgiram entre os *condottieri*, em específico entre os uma-vez aprendizes de Alberigo da Barbiano<sup>62</sup>, Braccio da Montone

---

<sup>60</sup> MALLET, Michael. *O Condottiere*. In. O Homem Renascentista, Org. Eugenio Garin. Editorial Presença. 1991. Pg. 40. “Mas o que dizer dos condottieri como “homens do Renascimento”, como representantes daquele individualismo, daquela busca de fama e de grandes feitos tão convincentemente descritos por Burckhardt e Symonds? [...] Se é certo que o Renascimento italiano foi ilustrado, em muitos domínios, por uma extraordinária multidão de gênios – o que diz muito acerca das oportunidades e dos estímulos desse período – também é certo que as vidas e o destino da maior parte dos homens e das mulheres continuaram a ser dominados por limitações tradicionais e, em alguns casos, novas. Os êxitos de um *condottiero* dependiam mais do seu nascimento, do facto de pertencer a uma família de soldados, dos caprichos do serviço de Estado e das oscilações da economia do Mediterrâneo do que das suas qualidades pessoais ou do seu talento militar. A promoção era motivada mais pelo aumento de dez lanças no contrato ou de meio florim a mais por mês por cada lança na lista de pagamentos do que pela conquista de cidades e a aquisição de palácios. O *condottiero* tinha certo controlo sobre a sua companhia, mas em última análise o seu destino era regido pelas capacidades, pelas necessidades, pelos objetivos e pelos meios do príncipe ou do Estado que servia.”

<sup>61</sup> CAFERRO, William. *Op. Cit.* Pg. 796. “But it was in Italy, where they were known as ‘Companies of Adventure’ and their captains as *condottieri*, that they committed their worst crimes. With its wealthy cities and contentious communal politics, Italy provided a particularly fertile field for mercenary activity. Since the thirteenth century, mercenaries had taken part in local wars, and by the middle of the fourteenth century, the peninsula was flooded with companies. [...]”

<sup>62</sup> MURPHY, David. *Op. Cit.* Pg. 13. “Many of the successful condottieri of the 15th century trained under renowned exponents of the profession. Francesco Novello Carrara, one of the victors at Castagnaro in 1387, had been apprenticed as a young man to Sir John Hawkwood. Jacopo dal Verme learned his profession under Gian Galeazzo Visconti and assisted his mentor in the coup that made Visconti the duke of Milan. Some of the more successful condottieri leaders established what were de facto schools

e Muzio Attendolo Sforza, cujos aprendizes por sua vez também consolidariam suas escolas táticas. Respectivamente, e diversas vezes em conflito após seu aprendizado com Barbiano, que, ainda muito influenciado pela *bellica virtus* dos *milites*, evitava o uso de infantaria ou cavaleiros desmontados; a escola *bracceschi* propunha o uso cuidadoso de tropas de maneira controlada e deliberada, com grupos destacados como reservas para se necessário fosse darem combate em situações específicas; enquanto a escola *sforzeschi* preferia o uso conjunto de infantaria e cavalaria em ondas de ataque massivos para que sobrepussem os oponentes em uma grande onda de combatentes.

Assim, a atividade militar dos *condottieri* se provava amplamente lucrativa e sem grandes perigos uma vez que grupos rivais muitas vezes entravam em acordos nutridos por uma solidariedade de grupo que vislumbrava o inimigo de hoje como o provável aliado de amanhã. Acusações sobre a ineficácia de mercenários são amplamente disseminados através da literatura da época – talvez o mais sugestivo as palavras do apotecário florentino Luca Landucci em seu diário:

*E a dì primo d'agosto 1478, e nimici presono Lamole e andorone presi più di cento persone, e tutta volta bombardavano la Castellina. L'ordine de'nostri soldati d'Italia si é questo: tu atendi a rubari di costà e noi faremo di quà; el bisogno d'accorstarci troppo non è per noi: lasciono bombardare parecchi di un castello e non comparisce mai soccorso. Bisogna vanda un dì di questi Tramontani che v'insegnino fare le guerre.*<sup>63</sup>

A indignação de Landucci demonstra a solidariedade de grupo dos *condottieri*, a qual proporcionava prosperidade aos mercenários. De tal maneira tornou-se consolidada a ‘casta mercenária’, como sugere David Murphy, que eventualmente mesmo os *signori* da península buscaram formar seus filhos como *condottieri*. A carreira militar, uma vez destacada dos *cavalieri*, continuava a ser uma necessidade primária para a segurança e influência política das casas dos senhores da península, ainda mais a partir do momento em que as cidades passaram a não contar mais com os serviços militares de sua nobreza própria, descaracterizada, não mais responsável pela proteção das *comune*. Assim sendo, principalmente durante o século XV, passamos a observar personagens entre os *condottieri* que provem de linhagens de *signori* prósperos e influentes na península. Em alguns casos, os *signori* tratam-se na verdade de *condottieri* de grande sucesso que, através de oportunidades – os devaneios da *Fortuna*, diria Maquiavel! – lograram conquistar para si seus próprios principados. Alguns, como Francesco Sforza (duque de Milão a partir de 1450) e Federico da Montefeltro (senhor de Urbino a partir de 1444 e duque a partir de 1474), são exemplos impactantes – a ponto de serem alguns dos mais

---

of the condottieri profession. Here they taught their young pupils not only skill at arms but also tactics and the practical knowledge that they would later need to negotiate contracts and maintain their own companies. Condottieri leaders such as Alberigo da Barbiano (d.1409) and Bartolomeo Colleoni (d.1475) trained a whole series of young men, who first served as their junior officers before becoming leaders of their own companies. To be a successful condottiere, a captain relied on skilled men who continued to train to hone their fighting prowess. The condottieri captain who paid attention to such details usually reaped the rewards in battle.”

<sup>63</sup> LANDUCCI, Luca. *Diario fiorentino dal 1450 al 1516 continuato da un anonimo fino al 1542 con annotazioni di Iodoco del Badia*. Firenze. G. C. Sansoni editore. 1883. Em tradução livre nossa: “Em primeiro de agosto de 1478 o inimigo capturou Lamole e lá foram aprisionadas mais de cem pessoas e continuaram a bombardear Castellina. A regra de nossos soldados italianos parece ser a seguinte “Vocês saqueam ali, e nós vamos saquear aqui; não há razão para nos aproximarmos uns dos outros.” Eles permitem um forte ser bombardeado por vários dias sem tentar socorrê-lo. Precisamos que os soldados de além dos Alpes nos ensinem a fazer guerra.”

influentes potentados de seu contexto político<sup>64</sup>. Torna-se potencialidade, se não propriamente um objetivo comum entre os *condottieri* à conquista de seus próprios principados – afinal, ser *signor* detinha um reconhecimento de *status* social sem igual nessa sociedade.

A categoria social dos *condottieri* uma vez cristalizada na sociedade italiana medieval passa a deter um espaço análogo em outras sociedades da cristandade latina ao da cavalaria enquanto um grupo socialmente justificado por seu papel – no caso, o domínio pleno da arte da guerra, assim como composto por indivíduos que partilham entre si uma solidariedade de grupo determinada pela percepção de vínculos e práticas tácitas entre aqueles que se percebem como iguais.

Maquiavel acusa justamente a esse grupo composto de *condottieri*-príncipes a responsabilidade pela fragilidade político-militar dos *stati* italianos perante a invasão estrangeira perpetrada a partir de Carlos VIII em 1494. Em *O Príncipe*, o autor critica as atitudes dissolutas dos príncipes da península itálica, por ele considerados responsáveis pela situação atual que observa: a desintegração político dos *stati* italianos a serem espoliados e dominados por estrangeiros.

[...] *Acquistata adunque il Re la Lombardia, si riguadagnò súbito quella reputatione che li haueua tolta Carlo. Genoua cedette, i Fiorentini gli diuentorno amici. Marchese di Mantua, Duca di Ferrara, Bentiuogli, Madonna di Furli, Signore di Faenza, di Pesaro, di Rimino, di Camerino, di Piombino, Lucchesi, Pisani, Sanesi, ognuno se li fece encontro, per esser suo amico, et allhora posserno considerare li Vinitiani la temerità del' partito preso da loro i quali per acquistare due terre in Lombardia, fecero Signore al Re di doi terzi d'Italia.*<sup>65</sup>[*Il príncipe* –pg. 5 verso]

<sup>64</sup> MALLET, Michael. *Op. Cit.* Pg. 56. “[...] Nesta situação, o mecenatismo de muitos *condottieri* tornou-se indistinguível do da nobreza, de que muitos descendiam e em cujo seio muitos eram reintegrados por concessões feudais. [...] Somas enormes foram ganhas pelos maiores *condottieri* e os cofres do Estado esvaziaram-se para fazer face aos pagamentos estipulados nos contratos militares. Em meados do século XV foram firmados contratos por mais de 100000 florins anuais e uma enorme quantidade desse dinheiro ficava nas mãos dos *condottieri* após o pagamento das tropas e o aprovisionamento necessário. Quando morreu, em 1343, Niccolò da Tolentino deixou 200000 florins, e Bartolomeo Colleoni, que morreu em 1475, deixou, só em dinheiro, 232000 ducados. [...] Sem os meios ganhos com a sua atividade militar, o mecenatismo dos Gonzaga, dos Este, dos Malatesta e dos Montefeltro teria sido muito menos significativo; os palácios ducais de Mantua, Ferrara e Urbino não teriam sido construídos e decorados se esses príncipes *condottieri* não tivessem usufruído de rendimentos muito superiores aos das receitas provenientes dos seus pequenos Estados. [...]” & LAW, John. *O Príncipe do Renascimento*. In.: *O Homem Renascentista*. Org. GARIN, Eugenio. Editorial Presença, Lisboa; 1991. Pg. 21. “A forte e persistente impressão de violência que tais incidentes podem criar é reforçada pelo facto de muitos senhores ou aspirantes a senhores da Itália do Renascimento terem um temperamento guerreiro: alguns deles eram soldados de profissão, *condottieri*. Uns provinham de dinastias reinantes já firmadas, como os Este de Ferrara, os Gonzaga de Mântua, os Montefeltro de Urbino. [...] Êxito muito maior teve Francesco Sforza, que provinha de uma família de mercenários; também tentou adquirir senhorias no Estado pontifício, nos anos trinta do século XV, antes de conquistar o ducado de Milão, em 1450, em parte por direito de herança, devido a seu casamento com Bianca Maria Visconti, mas sobretudo devido ao seu poderio militar e ao talento político.”

<sup>65</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *Op. Cit*; Pg. 46. “Conquistada que foi a Lombardia, o rei recuperou sem demora a reputação perdida por Carlos: Gênova cedeu, os florentinos tornaram-se seus amigos; o marquês de Mântua, o duque de Ferrara, Bentivoglio, a senhora de Furli, os senhores de Faenza, de Pesaro, de Rimino, de Camerino, de Piombino, os pisanos, os sieneses, os luqueses, todos lhe ofereceram sua amizade. E então puderam os venezianos avaliar a temeridade do partido que tomaram: com o fito de adquirir duas cidades da Lombardia, fizeram o rei senhor de um terço da Itália.”

Maquiavel tem por prática denominar grupos em gentílicos plurais - *sanesi, pisani, lucchesi, fiorentini, vinitiani* - os *stati* compostos por Repúblicas; aonde no momento não se encontram *signoria* governar; mas a vontade dos grupos que compõe a sociedade política local e os conselhos; ao ponto que *stati* representados por seus *signori* são identificados por aqueles que os detém<sup>66</sup>: *Marchese di Mantua* (Francesco Gonzaga), *Duca di Ferrara* (Ercole I d'Este), *Bentiuogli* (Giovanni Bentivoglio, tiranode Bolonha), *Madonna di Furli* (Caterina Sforza), *Signore di Faenza* (Astorre Manfredi), *di Pesaro* (Giovanni Sforza), *di Rimino* (Pandolfo Malatesta), *di Camerino* (Giulio Cesare da Varano), *di Piombino* (Giacomo d'Appiano). Notemos que dessa lista de príncipes do norte da Itália, contamos com seis *condottieri*; os demais relacionados à *condottieri* em suas famílias próximas<sup>67</sup>.

Tal vinculação de *signori* com *condottieri*, em muito casos imediata, sugere que a busca em desenvolver carreira militar entre os mercenários fora generalizada como a melhor opção para estes grupos das múltiplas nobrezas peninsulares. Para compreender qual o papel particular dos *signori* nessa sociedade é necessário perceber qual o processo de ascensão desses indivíduos – o movimento político das repúblicas que passam a buscar a proteção de *signori*, ofertando plenos poderes da dignidade pública à personagens individuais capazes de defender a sociedade comunal.

São estes indivíduos então os Leões e Raposas de Maquiavel, detentores em si da *anima* de ambos os animais, os verdadeiros Príncipes dessa península que ainda devem, segundo o humanista, disciplinar-se para atingirem o pleno exercício do poder. Afinal, quem seriam os Leões e as Raposas de Maquiavel, senão seu príncipe mercenário, inúmeras vezes mesclados ao longo da História de seu contexto?

Os príncipes que governam a Itália do tempo de Maquiavel são fruto de um processo político concorrente com o da cristalização dos *condottieri* enquanto uma instituição nessa sociedade. A partir de meados do século XIII, e principalmente observado no século XIV, as *comune* italianas passam a observar a sujeição da *comuna* e de seus conselhos cidadãos voluntariamente à autoridade política de grupos específicos muito mais restritos, os *signori*. Enquanto a partir do século XI a experiência urbana adotara práticas de magistraturas adaptadas a partir de instituições romanas – como, por exemplo, o consulado como fórmula política organizacional e executiva, a identidade cidadina encarada como uma república, ou a administração da justiça pelos *podestà* – por amplo tempo as *comune* haviam sido regidas e organizadas politicamente através de conselhos e assembleias locais que em si detinham a *Signoria* da *comuna*. Ou seja, as instituições políticas colegiadas e compostas pelos membros do *popolo* – o ‘povo’ – os cidadãos designados perante de códigos censitários e oriundos principalmente da aristocracia cidadina assim como da oligarquia mercantil, em relacionamento intrínseco com o *contado*, as áreas rurais sobre as quais os centros urbanos exerciam sua influência política direta<sup>68</sup>.

<sup>66</sup> Novamente reforçando a hipótese de Mansfield e Skinner sobre a natureza do *stato* maquiaveliano; ou seja, de sua correspondência ao *dominium* medieval enquanto uma propriedade de seu senhor.

<sup>67</sup> Francesco Gonzaga, Ercole d'Este, Giovanni Sforza, Giacomo d'Appiano, Giovanni Bentivoglio e Pandolfo Malatesta foram todos homens de armas de carreira mercenária assim como *Signori* de seus principados; enquanto Astorre Manfredi e Caterina Sforza foram filhos de *condottieri* – Caterina seria inclusive mãe de um famoso *condottiere* Giovanni *delle Bande Nere* de Medici.

<sup>68</sup> CHITTOLINI, Giorgio. *Le città italiane del centro e del nord: un'identità territoriale e 'statale' (secoli XV-XVI)*. In.: Identitats, Flocel Sabaté, Ed. Pagès Editors, Lleida, 2012. Pg. 215-216. “Fra XIV e XV secolo si costituirono, intorno ai maggiori signori e alle città più potenti, i nuovi stati regional che caratterizzano l'Italia del Rinascimento: principi come i Visconti (o, in misura minore, gli Scaligeri, gli Estensi) e ‘città dominanti’ (come Firenze, o Venezia) estesero il loro dominio alle città meno forti, e ai territori che ad esse facevano capo. Questo processo, di formazione di stati a dimensione regionale, non scardinò

Um dos princípios mais caros para as repúblicas italianas medievais fora o da *Libertà* – a Liberdade, conquistada através do reconhecimento da autonomia local de cara *comuna* para a eleição/escolha de seus líderes políticos, administradores e juízes pelos potentados do Império após as vitórias militares da Liga Lombarda<sup>69</sup> – ampla aliança entre *comune* e nobres autônomos, e mesmo *signori* primitivos – perante os imperadores Hohenstaufen fragilizada por crises políticas internas e externas. Essencialmente caracterizada pelo princípio de autonomia política das constituições políticas locais civis perante as ordenações e imposições de administradores pelo Papado ou, mais sensivelmente, pelo Império.

No entanto, gradativamente, algumas das *comune* do centro-norte da península italiana atravessam momentos de instabilidade política nutrida por conflitos intestinos constantes entre grupos políticos competidores, muitas vezes degenerando suas próprias assembleias e magistraturas a partir da resolução de conflitos políticos pela

---

tuttavia l'immagine di un'Italia costituita primariamente da un sistema di 'territori cittadini', e non la trasformò in una somma di 'territori statali' principeschi o repubblicani. Le città dominante, come Venezia, Firenze, mantennero una loro identità ben distinta da quella degli stati di cui si trovarono a capo. Ugualmente le città 'capitali', residenze di principi e signori, difesero, o cercarono di difendere, la loro specifica identità urbana nei confronti del *dominus*. Le città soggette, forti delle autonomie loro riconosciute, e delle ampie prerogative che conservarono su grande parte dei loro contadi, stabilizzate anzi nel loro ruolo di capitali provinciali, poterono continuare a tener viva l'immagine di un organismo unitario, comprendeva di città e territorio."

<sup>69</sup> SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Companhia das Letras, São Paulo, 1996. Pg. 28-29. "Durante essa longa luta, as cidades da Lombardia e da Toscana não tiveram êxito apenas ao vencer o imperador no campo de batalha: também conseguiram constituir um vasto arsenal de armas ideológicas, com as quais procuraram legitimar essa continuada resistência àquele que era, nominalmente, seu suserano. A essência de sua objeção às exigências do imperador consistia na tese de que elas tinham o direito a preservar sua "liberdade" contra qualquer interferência externa. [...] Depreende-se, de numerosas proclamações oficiais, que seus propagandistas geralmente tinham em mente duas idéias bastante claras e distintas quando defendiam sua "liberdade" contra o Império: uma era a idéia do direito a não sofrerem qualquer controle externo de sua própria vida política - ou seja, a afirmação de sua soberania; outra era a idéia do direito, conseqüente do primeiro, a se governarem conforme entendessem melhor - ou seja, a defesa de suas constituições republicanas. A maneira como o termo "liberdade" então veio a conotar tanto a independência política quanto o auto governo republicano foi delineada em dois importantes estudos do pensamento político florentino no século XIV. Bueno de Mesquita provou, estudando as cartas diplomáticas florentinas ao tempo da invasão de Henrique VII (em 1310), que, quando os florentinos tomaram a iniciativa de se opor ao imperador proclamando "a liberdade da Toscana", sua preocupação fundamental consistia em "deitar fora o jugo da servidão à tutela germânica" e reafirmar seu direito de se autogovernarem (Bueno de Mesquita, 1965, p. 305). Analogamente, Rubinstein mostrou que os conceitos de *libertas* e *libertà* vieram a ser utilizados "quase como termos técnicos da política e diplomacia florentinas" no curso do século XIV, e eram quase invariavelmente usados a fim de expressar essas mesmas idéias de independência auto governo (Rubinstein, 1952, p. 29)". Pg. 32-33. "Isso o leva [a Bartolo de Saxoferrato] a considerar fundamental que "essas cidades, *de facto*, detenham o *merum Imperium* desde muito tempo". E a constatação o faz concluir que "mesmo que não consigam provar que têm uma concessão do imperador, sugiro que, na medida em que possam provar que têm exercido *de facto* o *merum Imperium*, então será válida sua pretensão a exercê-lo" (vol. 7, p. 160). Obviamente podemos ler, nessa defesa das cidades italianas e de seu *Imperium*, uma implícita pretensão revolucionária: o anseio de serem reconhecidas como corpos plenamente soberanos e independentes. Essa conclusão acaba sendo explicitada por Bartolo na forma de um epigrama que, podemos dizer, encarna a essência de seu ataque aos glosadores e demais defensores do Império. Declara ele que, como as cidades são governadas por "povos livres" que possuem seu próprio *Imperium*, pode-se então dizer que elas efetivamente constituem *sibi princeps*, ou seja, que cada uma delas é *princeps* de si mesma."

violência<sup>70</sup> de tal maneira que testemunhas desse fenômeno rapidamente acusam grupos políticos dos mais distintos pelos conflitos violentos expressados por lutas armadas, banditismo, assassinio, a propagação da *vendetta* – verdadeiras batalhas nas ruas das cidades medievais – ou seja, impondo a responsabilidade pelo caos às facções políticas envolvidas. Ora, nesse ambiente aonde a violência física grassa como o método mais legítimo de resolução política surge como instituição política as Sociedades das Torres – grupos familiares extensos, agregados e clientes que, reunidos com o propósito de defesa mútua, passam a cercar suas moradias, seus *palazzi*, suas *loggia*, chegando mesmo a fecharem-se ruas com muros e gerando complexos e vizinhanças acessíveis por poucos e bem-vigiados acessos, caracterizados pela construção de Torres. Essas Torres tornar-se-iam verdadeiras fortalezas – castelos que pontilham o ambiente urbano entre as demais construções<sup>71</sup>. A prática da *vendetta*, embora um fenômeno já observado na sociedade lombarda do século X e com antecedentes na prática do *wergeld* germânico<sup>72</sup>, torna-se codificada e refinada nesse ambiente, e de tal maneira disseminada através das sociedades comunais que também nela se identifica a causa da instabilidade política no seio da *comuna*, o que proporcionaria a reação coletiva com a organização de restrições pelas ordenações cidadinas e pela penalização da prática pelas assembleias<sup>73</sup>.

A insegurança e desordem surgidas da instabilidade política que então assolava a sociedade comunal gerou então a prática da consolidação da *Signoria* das *comune* nas mãos de grupos muito mais restritos, em sua maioria de origem aristocrática, no que se convencionou a denominar na historiografia enquanto ‘déspotas’ ou ‘tiranos’, estes últimos conforme expressões presentes nas próprias fontes. Estes *Signori* seriam os príncipes do Renascimento conforme caracterizados por John Law<sup>74</sup>, indivíduos cuja proposta seria resgatar a sociedade urbana da desordem política e da violência causada pelas facções políticas em conflito – através da liderança carismática assim como da perspectiva de sua própria violência. A *Signoria* detida por esses indivíduos, no entanto, lhes era ofertada pelos próprios conselhos e assembleias cidadinos – tornando assim as alcunhas enquanto ‘déspotas’ e ‘tiranos’ muito mais propaganda difamatória de seus inimigos políticos – internos e externos a seu *stato* – do que propriamente uma realidade<sup>75</sup>. Assim sendo, a proteção da sociedade assim como a manutenção da ordem

<sup>70</sup> COHM JR; Samuel Kline & RICCIARDELLI, Fabrizio - Editors. *The Culture of Violence in Renaissance Italy: Proceedings of the International Conference*. Georgetown University at Villa Le Balze, 3-4 May. Le Lettere, 2010. Pg. 19. “These papers investigate a wide range of violent action and convention over the three centuries of the late Middle Ages and Renaissance and their ramifications for altering and settling differences in private disputes as well as with collective action, whether between social classes or with factional competition for power and representation. As several of the papers explored, languages of power became more dominant across the Italian peninsula and across social classes from the late fourteenth century on. States developed the use and threat of violence into finer tools of political control and oppression and could employ it with especial horrific effect in moments of crises.”

<sup>71</sup> HARRISON, Paul R., *Op. Cit.*

<sup>72</sup> SUTHERLAND, Jon N.; *The Idea of Revenge in Lombard Society in the Eight and Tenth Centuries: The Case of Paul the Deacon and Liutprand of Cremona*. *Speculum*. Vol. 50, N.3. 1975.

<sup>73</sup> ZORZI, ANDREA. *Legitimation and legal sanction of the vendetta in Italian cities from the twelfth to the fourteenth centuries*. In. COHM JR; Samuel Kline & RICCIARDELLI, Fabrizio - Editors. *The Culture of Violence in Renaissance Italy: Proceedings of the International Conference*. Georgetown University at Villa Le Balze, 3-4 May. Le Lettere, 2010.

<sup>74</sup> LAW, John. *O Príncipe do Renascimento*. In.: *O Homem Renascentista*. Org. GARIN, Eugenio. Editorial Presença, Lisboa; 1991.

<sup>75</sup> Como é o caso do próprio Castruccio Castracani, que embora não fosse descrito por Maquiavel nos termos de tirano – que o humanista florentino reserva para outros indivíduos ao longo de sua obra – fora tratado amplamente desta maneira pela historiografia. GREEN, Louis. *Lucca under Castruccio*

e da paz nas cidades italianas seriam mantidas por esses *signori*<sup>76</sup>, gerando um dualismo entre os princípios de *Libertas / Libertà* e a *concordia ordinem*; entre a Liberdade e autonomia representada pelas decisões conciliares dos cidadãos à supremacia dos *signori*.

Também se faz necessário pensar acerca dos *signori* da península que a função de liderança política através das repúblicas italianas na condição de príncipe não fora apenas desempenhada por homens – mas também por mulheres. É curioso notar como nos conselhos e assembleias cidadinos a presença de mulheres é quase inaudita – a influência feminina nos caminhos do poder medieval nas sociedades urbanas italianas, referente principalmente às repúblicas nas quais o *popolo* detém a *signoria* sem a interpolação de um príncipe é quase desconhecida, ainda que dificilmente inexistente – as pressões sociais assim como os horizontes de expectativa impostos às mulheres provavelmente proporcionando maiores restrições de acesso aos conselhos cidadinos uma vez que estas personagens estariam mais contraídas a seus papéis tradicionais nessa sociedade; e assim, detendo menores possibilidades de negociação e mesmo inversão de suas funções sociais.

É nos ambientes cortesãos e inclusive na própria condição de príncipe – ou seja, detentora da *signoria* de certas cidades – que notaremos a importante influência feminina nos ambientes políticos. Ainda que possível seja encarar a contribuição de

---

*Castracani: The Social and Economic Foundations of a Fourteenth-Century Italian Tyranny*. I Tatti Studies in the Italian Renaissance, Vol. 1. 1985. Aqui, Green trata justamente de demonstrar como a *signoria* detida de fato por Castracani fora ofertada e aceita pelo ‘tirano’ repetidas vezes pela assembleia da república de Lucca.

<sup>76</sup>SKINNER, Quentin. *Op. Cit.* Pg. 45-47. “A difusão do que Sismondi chamou “essa brilhante chama de liberdade”, por todas as cidades-repúblicas italianas, infelizmente não passou de um espetáculo de curta duração (Sismondi, 1826, val. 3, p. 245). Em fins do século XIII a maior parte dessas cidades fora a tal ponto cindida por suas facções internas que elas se viram forçadas a abandonar as constituições republicanas e a aceitar o poder forte de um único *signore*, passando assim de uma forma de governo livre para outra despótica, a fim de atingir maior paz cívica. A causa fundamental dessa erosão das liberdades republicanas deve-se procurar nas divisões de classe que começaram a se aprofundar a partir dos princípios do século XIII (Jones, 1965, p. 79). O avanço do comércio deu proeminência a novas classes de gente, *gente nuova*, como se dizia, que logo enriqueceram comerciando nas cidades e na *contada*, ou campo, dos arredores (Jones, 1965, p. 95). Contudo, a despeito de sua crescente riqueza, esses *popolani* não tinham voz nos conselhos governantes de suas cidades, que continuavam sob o firme controle das famílias dos magnatas mais antigos (Waley, 1969, pp. 187-97). À medida que essas divisões se agravavam, vieram a gerar um inquietante aumento da violência cívica, com os *popolani* se batendo por reconhecimento, enquanto os magnatas lutavam para conservar seus privilégios oligárquicos. [...] Diante desse panorama de lutas civis que se acirravam, não surpreende que em fins do século XIII a maior parte das cidades do *Regnum Italicum* tenha alcançado a conclusão - mais ou menos voluntária - de que sua melhor esperança de sobrevivência residia em aceitar a chefia forte e unificada de um único *signore*, em vez de uma “liberdade” assim caótica (Hyde, 1973, p. 141; Waley, 1969, p. 237). Foi Ferrara a primeira cidade a experimentar, com sucesso, o governo hereditário de uma única família: em 1264 os Etensi conseguiram efetuar uma transição pacífica da dominação informal da cidade em mãos de Azzo d'Este para a senhoria formal de seu filho Obizzo, proclamado então “senhor permanente” de Ferrara, ao que se alegava “com o consentimento de todos”.] Seguiu-se, entre as cidades importantes, Verona. Aqui o processo começou com a eleição de Mastino della Scala como *capitano del popolo*, em 1262. Ele se valeu dessa posição para exercer uma ascendência basicamente pessoal sobre a cidade, e assim conseguiu fundar uma dinastia. Quando foi morto, em 1277, seu irmão Alberto imediatamente se viu reconhecido como senhor de Verona e capitão-geral vitalício. E, quando Alberto por sua vez morreu, em 1301, seu filho Bartolomeo - o primeiro patrono de Dante, após seu exílio de Florença - pôde assumir o poder como *podestà* hereditário da cidade (Allen, 1910, pp. 94-6, 124, 141-3). A partir dessas experiências, rapidamente se difundiu pelo *Regnum Italicum* a prática de confiar o governo a *signori*.”



damas através dos espaços cortesãos enquanto secundária perante o mais evidente protagonismo de homens, fazê-lo seria negar a estas personagens sua influência política tanto da sociabilidade intrínseca aos grupos dirigentes assim como novamente submeter o papel feminino a um secundo plano que, muitas vezes, é anacrônico perante as perspectivas dos próprios indivíduos do contexto analisado. Assumirem o papel de regente e administradora da *signoria* de seus esposos e filhos não era prática incomum<sup>77</sup>.

Um dos papéis que frequentemente observamos uma maior liberdade de ação e influencia política feminina é certamente o de *concupina* – ou seja, das amantes dos príncipes. O estudo de Helen Ettliger não apenas identifica essas personagens, como também as insere em lugar de destaque e relevância política a ponto de seus protetores – pais, irmãos e mesmo maridos – sendo aqueles a buscarem ativamente elevar suas filhas e esposas à condição de *paramour* do príncipe; condição ilícita a contrária a moralidade cristã, valorizada positivamente na sociedade de corte<sup>78</sup> - uma condição diferente daquela de *consorte*, ou seja, esposa – com sua implicação política pertinente às

---

<sup>77</sup> DE VRIES, Joyce; *Caterina Sforza's Portrait Medals: Power, Gender, and Representation in the Italian Renaissance Court*; *Woman's Art Journal*, Vol. 24, No. 1 (Spring - Summer, 2003), Pg. 23. "In early modern Italy, noblewomen who served as long-term regents often transgressed acceptable gender roles to preserve their power. Women like Eleonora of Aragon (1450-93), her daughter Isabella d'Este (1474-1539), and others oversaw the family affairs when their husbands were away in battle or on diplomatic visits; this was a temporary and politically expedient arrangement.' Less frequently, widows functioned as regents until their firstborn sons could ascend to power; this was an official position that could last several years. Although regency was not an uncommon role for women, it was nonetheless problematic because rulership was a specifically masculine activity. Women were thought to be irrational and particularly vulnerable to manipulation from those who could compromise the estates of the rightful heirs. Furthermore, Renaissance codes of conduct held that virtuous women "abstain from public life." The few widows who succeeded as long-term regents effectively negotiated these social and cultural barriers and have often been cast as anomalies by their contemporaries and modern historians alike. The female regents themselves were primarily responsible for creating this "exceptional" status. They selected prescribed behaviors from both masculine and feminine ideals to form a successful base of power, and thus set themselves apart from their sex by stretching the rules of proper female behavior."

<sup>78</sup> ETLINGER, Helen S. *Visibilis et Invisibilis: The Mistress in Italian Renaissance Court Society*, *Renaissance Quarterly*, Vol. 47, No. 4 (Winter, 1994). Pg. 770-771. Fifteenth century Italy has been called both the "golden age of bastards" and the "age of golden bastards" But while scholars from Jacob Burckhardt to Lauro Martines have decried princely infidelity and the political problems resulting from the promotion of the inevitable bastards, they have not discussed a central character in the creation of such situations: the mother of those bastards or, more properly, the mistress of the prince. "Golden bastards," male and female, could not have existed without the tacit cooperation of noble women and the men who protected them - husbands, fathers, and brothers. And herein lies a conundrum. Paternal, spousal, and/or fraternal consent to an illicit relationship which was, at best, a tenuous claim on the generosity of a prince might appear to violate the model constructed by family historians of a society concerned with preserving the honor of their women in order to enhance the family's position through advantageous marital alliances of the virgin daughters. The willingness of husbands not to oppose and even to donate their wives to the prince's pleasure contradicts Martines's assertion that "courtly ladies had no such license (to commit adultery), reaching for which they faced the penalty of death." On the contrary, evidence shows that adulterous wives of courtiers not only bore their bastards openly but were never executed for having carnal relations with the prince. Furthermore, these princely favorites, married or single, were openly recognized and honored ladies, some even holding property in their own right and achieving a degree of independence not normally available to Renaissance women. These data alone indicate that structures and definitions of what constituted socially acceptable behavior for women in fifteenth-century Italy were neither rigid nor uniform. Even more significant, evidence suggests that, contrary to modern belief, families found these liaisons advantageous and actively cultivated such relationship."

alianças. Ambos papéis se mostram importantes perante a corte principesca ainda que com papéis distintos quanto à sua relevância política.

A mulher príncipe, no entanto, também se mostra um fenômeno relativamente raro – seus exemplares exaltados mais positivamente do que negativamente por eruditos da época. Ainda que a moralidade cristã partisse da lógica da fragilidade feminina – receptáculo do pecado e da perdição da humanidade encarnada desde o princípio do tempo pela figura de Eva, as mulheres muitas vezes detinham em si atributos negativos – como as personificações da *Invidia* e da *Calumnia* - ao mesmo passo de que a figura feminina é gradativamente resgatada pela religiosidade burguesa emergente, e a reabilitação da figura de Maria enquanto sábia e constante protetora de Cristo – levariam também aos grupos humanistas esforços de teorização de modelos positivos da condição feminina. Ao mesmo tempo em que o resgate e reinterpretação dos gêneros literários clássicos trariam o ressurgimento do gênero biográfico – tanto de inspiração às *Vidas Paralelas* de Plutarco como dos homens célebres de Cícero – o gênero *De Viris Illustribus*, surgia também à percepção de que também mulheres poderiam ocupar o local modelar para a sociedade medieval. No lado religioso, as hagiografias e os textos de mártires são, a certo passo, também obras especulares com o objetivo de inspirar a piedade ainda que não o martírio em si. No lado secular, por sua vez, as obras do gênero supracitado propunham modelos de cortesia e virtude positiva a serem sim emulados. Enquanto Petrarca traçaria seu próprio *De Viris Illustribus*, obra de compilação biográfica tanto sobre personagens do mundo romano quanto de personagens de caráter bíblico, Boccaccio desenvolveria tanto o *De Casibus Virorum Illustrium*, debruçado sobre grandes homens, assim como uma obra dedicada às figuras modelares femininas, *De Mulieribus Claris*, ambas as obras de caráter didático que, através do relato biográfico sobre personagens célebres inspiraria a virtude dos leitores e leitoras assim como advertiria contra os vícios destes personagens – ou seja, composta tanto de modelos positivos quanto de modelos negativos de ação. Não por acaso, *De Mulieribus Claris* dedica a maior parte de suas biografias às mulheres em posição de poder político indubitável – rainhas e princesas da Antiguidade.

O caso que nos interessa particularmente é o de Caterina Sforza, príncipe de Forlì e Ímola, conforme nos é relatado por Maquiavel; não apenas a obra se encaixa no seio da teoria política maquiaveliana como um exemplo laudável de primazia e ação política decisiva desempenhado por uma mulher, assim como explora de fato os métodos e objetivos dessa personagem enquanto um príncipe por seu próprio direito, detentora da *signoria* de não apenas um, mas dois centros urbanos de relevância estratégica na região da Romagna, na Itália central<sup>79</sup>. Maquiavel narra na *Storie*

---

<sup>79</sup>DE VRIES, Joyce. *Op. Cit.* Pg. 23-24. “Caterina demonstrated her political acumen in the pivotal days following Girolamo's murder. Imprisoned in Forlì with her six children and other members of her family and court, she convinced her captors that she would cooperate. Keeping her children hostage, they released her on the condition that she negotiate the surrender of the Riario fortress still held by its loyal castellan. Once safely inside the stronghold, Caterina informed the conspirators that she instead intended to fight to preserve the family's territories. Furthermore, she hinted that she was pregnant with a child who would eventually take power if the rebels dared to kill her children. Caterina gambled on the assumption that the conspirators would not murder the relatives of the duke of Milan, whose troops were approaching the city. Her logic proved sound, and within weeks of her husband's murder, Caterina took office as regent for her son Ottaviano (b. 1479). Her position as the widow of Girolamo Riario and the mother of his heir became the foundation of her power. She maintained a public image of regent/widow/mother, even though she bore the children of two other men, Giacomo Feo (1469/70-95) and Giovanni de' Medici (1467-98), both of whom she may secretly have married (c. 1490 and c. 1498, respectively). Caterina received political counsel from two powerful male relatives, her uncle Lodovico Sforza, the de facto duke of Milan, and Girolamo's cousin Raffaele Riario, the cardinal of San Sisto and the papal chamberlain. Their support was essential to her rule, but Caterina's diplomatic skills should not be underestimated. She developed her own alliances with the neighboring territories of Ferrara and Florence. [...]”.

*fiorentine* um episódio com a intensão de qualificar positivamente a um príncipe-mulher.

*Surgiram, nessa época, importantíssimos tumultos na Romana. Francesco d'Orso, de Furli, era homem de grande autoridade naquela cidade, mas caiu em suspeitas perante o conde Girolamo Riario, ao ponto de muitas vezes ser por ele ameaçado. Por viver em grande temor, Francesco foi aconselhado pelos amigos e parentes a alguma ação preventiva, e já que temia ser morto pelo conde, mata-lo antes, fazendo fugir com a morte de outro os perigos que eram seus.[...] Com isso estabelecido, Francesco na hora escolhida foi à casa do conde; deixou seus companheiros nas primeiras peças, chegou à porta daquela onde estava o conde e disse ao criado que o avisasse que desejava falar com ele. Foi-lhe dada permissão para entrar, e quando se encontraram a sós, depois de uma pretextuosa conversação, matou-o; chamou seus companheiros e também o criado mataram. [...] Depois destes homicídios, fizeram grande estardalhaço e lançaram pela janela a cabeça do conde, e gritando "Igreja e Liberdade" armaram o povo todo, que odiava a avareza e a crueldade do conde; começaram a saquear suas casas e prenderam a condessa Caterina e todos os seus filhos. Só restava tomar a fortaleza se quisessem que sua empresa terminasse bem. Como o castelão se recusou a entregá-la, pediram à condessa que o convencesse. Ela prometeu fazê-lo se a deixassem entrar lá, e para garantir sua confiança que retivessem seus filhos. Os conjurados acreditaram em suas palavras e lhe permitiram entrar; assim que ela o fez, os ameaçou com a morte e todo tipo de suplícios em vingança ao assassinio de seu marido; e como passaram a ameaçá-la de matar seus filhos, respondeu-lhes que tinha nela mesma a maneira de fazer outros. [...]*<sup>80</sup>

Frente ao assassinato de seu marido, Maquiavel relata que a primeira ação de Caterina Sforza fora ludibriar aos seus captores em detrimento da segurança de seus próprios filhos. Ao subir na murada e levantar suas próprias saias, mostrando aos seus inimigos sua genitália, Caterina preocupa-se mais em manter-lhe o *stato* seu – e do então-assassinado Girolamo Riario. Para Maquiavel, Caterina se prova uma mulher extraordinária por deixar de lado sua condição feminina para assumir imediatamente o papel de príncipe.

Julia Hairston percebe em Maquiavel a gênese narrativa desse episódio e da carga lendária que o mesmo reúne em sim uma vez que tal evento passa a ser amplamente disseminado em obras com o propósito da narrativa de vidas de mulheres ilustres<sup>81</sup>. A autora desenvolve o argumento da perspectiva de Maquiavel sobre Sforza

<sup>80</sup> MAQUIAVEL, História de Florença. Pg 415-416. *História de Florença*. Original *Istorie Fiorentine*, de Niccolò Machiavelli in *Opere di Niccolò Machiavelli, Volume Secondo*. Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1971, Torino. Tradução de Nelson Canabarro. São Paulo: Musa Editora, 1998. Pg. 415-116.

<sup>81</sup> HAIRSTON, Julia L. *Skirting the Issue: Machiavelli's Caterina Sforza*, *Renaissance Quarterly*, Vol. 53, No. 3 (Autumn, 2000), Pg. 689-690. "Anyone familiar with the story of Caterina Sforza realizes that I have glossed over the most memorable, controversial part of the legend - her conduct once inside the fortress while her children were held captive by the conspirators. Machiavelli recounts the incident in its entirety in both the Discourses and in the Florentine Histories, and makes passing reference to it in the Prince. As my analysis of the historical and historiographical tradition will show, the Discourses represents not only the foundational text of the legend surrounding Caterina Sforza, but also the original source of her skirt-lifting - In Forli conspirators killed Count Girolamo their ruler and captured his wife and small children. These conspirators knew they were not secure if they were not masters of the fortress, but the castellan was unwilling to surrender it. Then Madonna Caterina (for so the Countess was called) promised that if the conspirators would let her enter the fortress, she would have it surrendered to them; they might keep her children as hostages. With that promise, they let her enter. As soon as she was inside, she reproached them from the wall with the death of her husband,

não escapando dos recursos retóricos baseados na percepção da mulher enquanto indivíduo frágil – Caterina é para o humanista um príncipe que, apesar de uma fragilidade natural intrínseca à sua condição, reage à sua Fortuna mais na posição de *signor* do que de mãe<sup>82</sup>.

O Humanismo cívico encontraria na *Libertà* um conceito inalienável - indivíduos como Brunetto Latini (c. 1220-1290), escreveriam a exaltação dos valores comuns e dos princípios das repúblicas livres<sup>83</sup>, independentes da influência política

threatening them with every kind of revenge. And to show that she did not care about her children, she uncovered to them her genital members, saying that she still had means for producing more children. Numerous historiographers, men of letters, as well as authors of the *de mulieribus claris* genre later recount the tale. They virtually always include at least one of the two elements present in the Discourses version: Sforza lifts her skirts and is reported to say that she still has the means to make more children.”

<sup>82</sup> HAIRSON, Julia. *Op. Cit.* Pg. 707-708. “[...] How might Machiavelli have understood her skirt-raising? As pointed out earlier, contextualizing the gesture is clearly the key to understanding it. First and foremost, it is to be interpreted as being deliberately aimed at a particular target. In this sense, one of its meanings may well be construed as apotropaic, that is, designed to avert or turn aside evil. As such, Sforza is attempting to ward off the conspirators and force them to flee. The sheer immodesty of the gesture may also be intended as a signal to let the conspirators know the boldness and audacity of their adversary. The gesture's "content" also contributes to its possible meaning. Sforza's display of her genitalia is clearly intended to refer to her reproductive capabilities. She is at once saying, "Look, I'm a potential mother" and "I'll prove it to you." The female role in reproduction is a source of strength for her and her anasyrmos is intended to represent a symbolic display of her power. Unlike Plutarch's Spartan and Persian women, however, Caterina Sforza is contemporaneously the warrior (and thus the man) as well as the childbearer (or woman.) She has in effect assumed both roles. One cannot help but note that Machiavelli does not relate that the conspirators' threats against her children provoked her to raise her skirts. He clearly states that she lifted her skirts in order to "show that she did not care about her children." His is the only version to ascribe this motivation to her gesture. As a result, Sforza's behavior is represented as highly atypical both for a mother because of its lack of maternal sentiment and for a woman because of its audacity and immodesty. Yet at the same time Machiavelli re-genders Caterina Sforza as masculine, he also surreptitiously "disarms" her, paradoxically using the female body and maternity as his weapons. Sforza's anasyrmos serves as a reminder to his readers and to himself that she is, after all, "just" a woman even though she behaves like a man.”

<sup>83</sup>SKINNER, Quentin. *Op. Cit.* Pg. 66-67. “Latini expressa as mesmas idéias, dando especial ênfase ao postulado de que o único critério de verdadeira nobreza só pode ser a posse da virtude. Inicia sua comparação das virtudes’, no segundo livro de seus *Livros do tesouro*, falando daqueles ‘que se deleitam com a nobreza de sua linhagem e se gabam de seus ancestrais famosos’ convicção característica dos estoicos, segundo a qual tais pretensões só podem ser absurdas, dado que “averdadeira nobreza, como diz Horácio, nada é senão a virtude” (p. 296; cf. Holmes, 1973, p. 128). Insiste em que, ainda que um homem herde um nome respeitável, “não há nobreza nele se levar uma vida desonesta” (p. 296). E, inversamente, sustenta que “não se deve considerar o poder ou linhagem de alguém” quando se cogita escolhê-lo como *podestà* ou magistrado, já que as únicas questões relevantes a levar em conta devem ser “a nobreza de seu coração e o caráter honrado de sua vida” (p. 393). Dessas mesmas teses encontramos eco em Dante, no quarto livro do *Banquete*, e a esse propósito pode ser significativo que o autor tenha estudado com Latini, a quem apresenta, no *Inferno*, como seu mestre, lembrando com admiração o que este lhe ensinou (p. 159; cf. Davis, 1957, pp. 74, 86). Dante começa seu longo exame da nobreza mencionando a crença - que diz ser partilhada por “quase todos” - de que o único critério para a nobreza seria “a posse de uma riqueza de origem antiga” (p. 240). Mas essa tese ele desqualifica, explicando que as riquezas “são naturalmente vis” e por conseguinte “estranhas à natureza da nobreza” (pp. 276, 279). Dante também discute a opinião segundo a qual é nobre “quem for filho ou neto de um homem digno, ainda que ele próprio seja um homem de nada” (p. 258). Isso ele entende ser um erro ainda mais infeliz, pois um tal homem “não é apenas vil” mas, “de todos, o mais vil”: porque não foi capaz de seguir os bons exemplos de que dispunha (p. 259). Sua conclusão, a que por fim chega após vinte capítulos de minuciosas considerações, é simplesmente que, “onde quer que esteja a virtude, estará a nobreza” (p. 322). Tal como Latini, Dante assim conclui que a

de *signori* – inclusive a partir da composição de textos dentro da tradição dos Espelhos de Príncipes dedicados à composição de quadros plenamente habilitados para a liderança política das repúblicas italianas, que não deixam de deter as características de um *vir virtutis* – assim como no homem a virtude promoveria o bem-viver, nos magistrados ela promoveria o bem-governar, e assim, a condução do *bonum comune*, o bem comum. Virtudes exaltadas por esses autores seriam a prudência, a boa conduta englobada pela honestidade, a sobriedade e a continência, assim como a fortaleza / *fortitudo*, a piedade, a coragem, a paciência e a constância, uma seleção muito presente na exaltação da moralidade cristã – ao mesmo tempo em que também se apontam os vícios do mau governo como a avareza e a cobiça (que solapam a autoridade do magistrado quando do não pagamento de seus funcionários e representantes), incluindo nestes a parcimônia enquanto evidência de uma vida de avareza, a má-fé perante a palavra dada, evitar-se a todo custo à fraude e o logro. É necessário apontar nesse momento a observação de Skinner sobre a natureza da virtude cívica em detrimento da *virtù* principesca de Maquiavel – o pragmatismo demonstrado pelo escritor do século XVI ao buscar a *verità effettuale delle cose*, ou seja, as coisas como são realmente – em muitos casos contradizendo as virtudes exaltadas por outros humanistas como fundamentais para a boa governança: Skinner nota que Maquiavel elabora sobre a perspectiva de Latini a percepção de que o príncipe deve sim buscar a virtude positiva para sua governança sem que esta traga riscos para o êxito de seu governo. É a atuação em prol da virtude política, mais do que a virtude intrínseca à ação em si, que importa à Maquiavel como mais relevante para a manutenção do poder do príncipe.

A multiplicidade de unidades políticas na península itálica geraria então a adoção do governo de *signori* em muitas dessas *comune* – e o fenômeno se expande amplamente através dos séculos XIV e XV, de maneira que a Itália de Maquiavel vê nos cinco grandes *stati* que compunham o cenário político quatro principados – o Ducado de Milão, a República de Florença (que *de facto* fora ao longo da maior parte do século XV uma *Signoria* detida pelos Medici, *primus inter pares*, ainda que *de jure* a *Signoria* sempre se mantivesse nas mãos do *popolo* e dos conselhos), os Estados Pontifícios (cujas *Signorie* eram detidas pelo Papado ou ainda por vigários papais por este impostos) e o Reino de Nápoles. Apenas a República de Veneza seria contemplada ainda como uma ‘república livre’ no começo do século XVI, graças a seu sistema político peculiar, e um exemplo para Florença conforme observado nas diversas tentativas da mesma em tornar-se uma república ‘livre’. É sempre necessário lembrar que cada uma das unidades políticas que compunham a colcha de retalhos que forma a Itália medieval deve ser encarada em suas especificidades – o fenômeno supracitado é amplo e generalizado, mas cada caso demanda atenção própria para que se evitem os equívocos<sup>84</sup>.

---

qualidade de nobreza - o que, a seus olhos, qualificaria alguémpara liderar o povo - deveria ser considerada uma propriedade puramentepessoal, mais propriamente uma conquista individual que o patrimônio defamílias porventura agraciadas com antiguidade ou riquezas.”.

<sup>84</sup> GILLY, Patrick. *Cidades e Sociedades Urbanas na Itália Medieval – Séculos XI-XIV*. Campinas – SP, Editora UNICAMP. Belo Horizonte – MG, Editora UFMG. 2011. Pg. 91-92. “A despeito disso, as últimas décadas do século XIII e as primeiras do século XIV foram marcadas pela explosão de tensões sociais e políticas e pela incapacidade por parte dos governantes de colocar um fim a essa situação. [...] Ao mesmo tempo em que o *popolo* conquistava cada vez mais a gestão dos assuntos da cidade, até mesmo os controlava totalmente, outros tipos de poder eram experimentados, o que anunciava o fim da autonomia comunal, compreendia como expressão do policentrismo político e da competição regulada pelo poder. Deste ponto de vista, o estabelecimento dos senhorios revela como os governos do povo no fim do século XIII compartilham o mesmo exclusivismo político que encerra a fase precedente da divisão

A consolidação dos espaços de poder nas mãos de *signori* garantia a esses indivíduos uma ampla gama de ações no sentido do exercício do poder de maneira legítima, apoiados pelos conselhos e assembleias cidadinas na qualidade de protetores da ordem e da segurança do *popolo* – através do uso legítimo da violência, ou seja, do poder coercitivo. Enquanto anteriormente tal autoridade estivera dispersa em inúmeras instâncias – como no *milites* aristocrático cujos poderes de juízo eram também justificados por suas acepções militares antes de sua descaracterização, como já explorado – o Príncipe desse contexto é de fato perpetrador de violência, de tal maneira que a impressão comum sobre esses indivíduos é a da crueldade desmedida e da sede de sangue. É nos *condottieri* que muitos destes príncipes irão buscar os guerreiros que representarão assim como executarão de fato o seu poder coercitivo.

De maneira direta, alguns príncipes tratariam de buscar o traçar de *condotte* com *condottieri* diversos, trazendo para si o poderio bélico de suas *compagnie di venture* já organizadas, na condição de contratantes. Porém, como explorado anteriormente, assim como William Caferro nota que as repúblicas tornavam-se reféns da violência, do banditismo e da infidelidade e volubilidade dos *condottieri*, também o seriam os príncipes que dependessem apenas de mercenários para exercer seu poder coercitivo – de maneira um tanto humorada podemos relatar o caso da Traição de Novara, em 1500. Durante as Guerras Italianas, o duque de Milão Ludovico ‘il Moro’ Sforza (1452-1508) encontrava-se sitiado em sua possessão de Novara pelo rei de França Luís XII, que havia anteriormente tomado de si o Ducado em 1499. Em uma situação até então inaudita, mercenários suíços encontravam-se nos dois lados da guerra, e avessos a lutar com seus conterrâneos, a Dieta suíça buscou intermediar o conflito. Luís XII teria ofertado deixar os suíços sobre o pagamento de Ludovico partirem em paz se lhe entregassem seu inimigo, o que teria sido recusado pelo juramento de fidelidade traçado pelo contrato de Sforza com seus mercenários, que tentariam retirá-lo da cidade em segredo durante a retirada dos suíços da praça. Nessa ocasião, Sforza seria entregue por dois mercenários suíços aos franceses embora a companhia houvesse se comprometido a não vender o Duque. Reza a lenda que embora os traidores houvessem escapado para França,

---

competitiva do poder. Para dizer a verdade, o desenvolvimento dos senhorios pessoais sobre uma ou diversas cidades começou ao mesmo tempo em que o declínio do império na Itália, mas ele toma forma decisiva a partir do fim dos Staufen. Os primeiros ‘sucessos’ senhoriais, nos quais uma família se mantém no poder durante diversas gerações, começam com os Montefeltro em Urbino, em 1237, depois o marquês d’Este em Ferrara, em 1240, cidade à qual se juntam Módena e Reggio, e entre 1288 e 1306, os Della Torre em Milão, rapidamente substituídos pelos Visconti no fim do século XIII. A lista dessas tentativas é relativamente longa: os Della Scala em Verona, em 1259, depois em Vicenza e Pádua, os Bonacolsi em Mântua, em 1260, finalmente substituídos pelos seus antigos aliados, os Gonzaga, em 1328, os Carrara em Pádua, em 1318, sem falar nas miríades de pequenos tiranos da Romanha: os Polenta em Ravena, em 1275, os Ordelaffi em Forli, a partir de 1278, os Malatesta em Rimini, em 1295. Os tiranos (segundo a terminologia frequentemente empregada pelos cronistas para designar essa nova realidade que emergia) tinham chegado ao poder ao subverter, a partir do interior, as instituições comunais. Nomeados podestades ou capitães do povo, tolerados originalmente pelos cidadãos que os viam como um meio para chegar à paz e à concórdia inacessíveis de outra maneira, eles veem os seus cargos prorrogados por anos, até mesmo por toda vida. Fortalecidos por sua legalidade, os senhores continuam formalmente a respeitar as instituições comunais, mas esvaziando-as de sua essência: os conselhos tornam-se vazios, privados de toda a capacidade de decisão. [...]”. SKINNER, Quentin. *Op. Cit.* Pg. 48. “Essa passagem do governo *in libertà* ao governo *a signo ria* foi consumada suave porém rapidamente na maioria das cidades que compunham o *Regnum Italicum* - sem dúvida por estarem exauridas pelas guerras que resultavam de um quadro marcado por incessantes rixas e brigas de facções. Mas houve várias exceções importantes a essa regra. Algumas poucas cidades resistiram à ascensão dos déspotas, com vigor e eventualmente até com êxito; nesse processo, desenvolveram uma aguda consciência do valor que merecia ser dado à independência política e ao governo republicano.”.

retornariam ao cantão de Uri, na Suíça, dali a três anos – e lá, seriam imediatamente apreendidos e decapitados pela traição que solapara a reputação de fidelidade aos contratos dos guerreiros suíços.

Ainda que a Sforza não contasse com *condottieri* italianos, mas com mercenários suíços organizados à sua própria maneira, a Traição de Novara evidencia como também os príncipes encontravam-se à quase completa mercê de seus mercenários. Essa fragilidade dos *signori* muitas vezes encontrava-se sanada pela participação dos próprios em empreendimentos militares como *condottieri*, organizando suas próprias *compagnie di venture* e traçando campanhas em toda Itália – e além. Os Colonna, família aristocrática romana, por exemplo, contavam com no mínimo três *condottieri*<sup>85</sup> no princípio do século XVI – integrando-se ao sistema dos *condottieri* ao invés de sujeitar-se aos caprichos de seus mercenários para o exercício pleno de seu poder coercitivo. Uma vez integrados, surge aí a figura dos príncipes-*condottieri*, indivíduos que desenvolvem sua formação guerreira – nesse momento fundamental tanto teoricamente quanto praticamente – junto dos *condottieri*, formando suas redes de sociabilidade e também solidariedade com estes indivíduos, e eventualmente utilizando-se de seus guerreiros, dos combatentes que organiza, como sua força coercitiva.

A escolha de Maquiavel por Castruccio Castracani (1281-1328) para a composição de seu exemplo arquetípico de príncipe não é mero acaso – e certamente o escritor estava plenamente informado de que Castracani surgia de um grupo oligárquico vinculado à nobreza mais antiga em Lucca, que Castracani fora um dos *condottieri* de sucesso ao completar sua potencialidade e tornar-se príncipe, *signor* de Lucca, sua legitimidade garantida pela sua vinculação ao Imperador e ao reconhecimento de seus partidários nos conselhos cidadãos. Castracani é um *condottieri* que logra o principado, e também continua a agir como *condottieri* na sua condição de *signor* de Lucca – suas ações enquanto mercenário então alimentando sua influência política sobre a Toscana.

## O Príncipe Maquiaveliano - Castruccio Castracani e a Construção do Arquetipo

Dentre todas as edições possíveis, foi selecionada a edição *bladiana* de 1532; editada pelo *stampador de libri* Antonio Blado d'Asola. A partir de minhas primeiras aproximações do contexto enquanto um pesquisador e profissional da História, tal versão foi encontrada gratuitamente na Internet graças ao esforço de digitalização desenvolvido pela biblioteca que conserva o documento. Após as primeiras análises, das quais a monografia de graduação em licenciatura e bacharelado em História – *O Príncipe e o Mercenário – A sugestão de um modelo ideal, através de La Vita di Castruccio Castracane, de Nicolau Maquiavel (1518-1520)*<sup>86</sup> – fora o produto de maior profundidade investigativa; notamos que a edição de Blado é talvez a mais aproximada do manuscrito original dado ao relacionamento pessoal entre o editor para como o comitente da obra – o banqueiro e político Filippo Strozzi; assim como para com o mecenas de Maquiavel o papa Clemente VII; ambos intermediários entre o autor e o

<sup>85</sup> Marcantonio Colonna(1478-1522), Prospero Colonna (1452-1523), e Fabrizio Colonna(1450–1520), todos amplamente envolvidos nos conflitos das Guerras Italianas. O último fora tomado por Maquiavel para conduzir a voz do discurso da experiência militar no diálogo platônico *Discorsi sopra l'Arte della Guerra*.

<sup>86</sup> ZANETTI, Lucca. *Op. Cit.*

editor; e definitivamente interessados na disseminação e preservação da obra após a morte do escritor. É Strozzi quem faz o intermédio entre Clemente VII e Blado, assim como quem mantinha os manuscritos de Maquiavel, de quem fora amigo nos seus últimos dias.

Durante o curso da pesquisa resgatamos também outros documentos que evidenciam não apenas o grande interesse de diversos editores em reproduzir as obras de Maquiavel, como também a autorização ‘institucional’ para sua impressão através do *privilegio* papal garantido por Clemente VII. Não apenas o papa detivera um relacionamento pessoal com Maquiavel quando este buscou aos Medici para ofertar seus serviços enquanto escritor e conselheiro – que culminaria a princípio no trabalho de Maquiavel enquanto historiador com a obra *Storie fiorentine* – quanto o mantivera a seu serviço enquanto um ‘conselheiro’ ocasional, ofertando ao autor diversos trabalhos como a responsabilidade pela manutenção e reconstrução das muralhas de Roma e Florença; assim como acompanhar a seu parente Giovanni *delle Bande Nere* em campanha em 1527. Ora, a autorização de Clemente VII declara que o pontífice estava a par do teor do texto de Maquiavel, dado que a obra explicitamente autorizada no texto do *privilegio* fora justamente *Il principe*.

Para confrontar a edição de 1532, buscaram-se edições traduzidas das obras para auxiliar ao pesquisador na tarefa de abordar a linguagem do *cinquecento*, ainda que o dialeto florentino utilizado por Maquiavel e reproduzido por seu editor fosse muito similar ao italiano moderno – também elaborado sobre o dialeto de Florença. Assim sendo, escolhi pela tradução de Antonio D’Elia, cujas preocupações com a justificativa acerca das escolhas que o próprio tomou durante o processo de tradução revelam no tradutor a atenção à aproximação da mensagem discursiva apresentada pelo texto mais do que uma mera correspondência ‘letra-a-letra’.

De fato, duas colocações de D’Elia levaram a sua escolha enquanto nossa obra de apoio – o comentário acerca dos termos *virtù* e *fortuna*, que continuarão a atormentar os leitores e autores da língua portuguesa, assim como a escolha pela ‘latinização’ dos títulos dos capítulos de *O Príncipe*.

“*Virtù* e *fortuna* são vocábulos que espantam os tradutores de *O príncipe* para o português (no Brasil), aquele pelo seu curinguismo, este por um malfadado e irremovível galicismo que vai levando o nosso “fortuna” a abandonar o seu bonito e original significado – *exatamente* o do italiano – para o de “bens”, “riqueza” francês (e em francês *fortune* é, também, o *fortuna* do latim, do italiano, do português, só que nós ficamos como o significado secundário francês); a tal ponto, infelizmente, que tivemos de abandoná-lo, não fossem nos acusar de recorrermos a... italianismos.

Conservamos em latim os títulos dos capítulos, como vêm nas melhores edições italianas. Maquiavel, embora não tivesse escrito em latim nenhuma de suas obras (parece que o fez, sem intenções *artiste*, na adolescência), como muitos de seus contemporâneos, conhecia-o bem, e usou-o, além de nos títulos de *O príncipe*, no endereçamento de muitas de suas cartas.”<sup>87</sup>

Ora, enquanto detemos o maior respeito pelo trabalho de tradução de Antonio D’Elia, devo na posição de historiador discordar dele quando da escolha pela

<sup>87</sup>MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Tradução de Antonio D’Elia. São Paulo. Círculo do Livro S.A. Sem data. Pg. 30-31.



conservação dos títulos dos capítulos em latim como evidência de uma tradição no tratamento da obra posterior à redação em si e mesmo ao contexto de suas primeiras edições impressas. Muitas vezes menciona-se o nome da obra enquanto *De principatibus* – porém, na edição *bladiana* de 1532 o nome da obra é, em todos os momentos, *Il principe*. Não apenas quanto ao nome da obra, estendendo essa questão aos títulos dos capítulos também, todos redigidos em língua vernácula e não em latim.

Não questiono aqui o conhecimento de Maquiavel sobre o latim – algo que o próprio tradutor evidencia como verdade – o escritor fora de fato um conhecedor da língua; e as mais diversas de suas fontes seriam consultadas na língua latina; mas trata-se de uma escolha de Maquiavel redigir toda (ou quase toda) sua obra em italiano; no dialeto florentino. Uma escolha também política dentro dos círculos letrados nos quais circulava; mas também fruto de um fenômeno do desenvolvimento das línguas regionais de maneira distinta e própria. No caso específico de Florença, sugere-se ainda mesmo o desenvolvimento econômico próprio da cidade e sua transformação em um grande centro político-econômico dado a disseminação das letras e da gradual alfabetização da população urbana (claro, jamais da mesma maneira como sugerida pelo Iluminismo muito posterior) conjunta ao fenômeno dos duplos razonetes, das transações e trocas de moedas e dos aluguéis sobre rendimentos de propriedades<sup>88</sup>; tão importante quanto à riqueza material sendo assim o valor da transmissão de conhecimento. O desenvolvimento político e econômico de Florença enquanto um florescente centro comercial é dependente de seu desenvolvimento cultural – anteriormente mesmo ao advento da cunhagem específica do *florin*, em si próprio um desenvolvimento da transformação do ‘padrão prata’ carolíngio, com os valores cunhados em moedas de prata o ‘padrão ouro’ medieval, com os valores cunhados em moedas de ouro como o *grosso* e o próprio *florin*.

Faço aqui a minha própria *De Vulgari Eloquentia* – pois mesmo Dante em sua composição notou os valores próprios da língua vernácula ‘artificial’ perante o latim enquanto uma ‘língua franca’ literária. De certa maneira, a tradução de trechos seletos do texto para o latim quando originalmente não o foram é também ‘transsubstanciação’ do caráter da obra e do autor em personagens distintos daqueles que de fato são apresentados pelas fontes. Ora, Maquiavel também escreveu uma obra, menos conhecida, sobre a língua italiana em si, *Discorso o dialogo intorno alla nostra*

---

<sup>88</sup> FAINI, Enrico. *Before the Florin- The origins of Florence’s economic boom*. Firenze; 2015. Disponível em:

[https://www.academia.edu/10984653/Before\\_the\\_Florin.The\\_origins\\_of\\_Florence\\_s\\_economic\\_boom\\_english](https://www.academia.edu/10984653/Before_the_Florin.The_origins_of_Florence_s_economic_boom_english); acessado em 28 de setembro de 2016. A inovação técnica rastreada por Faini trata da padronização do crédito relacionado ao mercado de terras em Pistóia, próxima a Florença, mais especificamente com o desenvolvimento de um modelo específico para o tratamento do rendimento dessas propriedades durante períodos de concessão, como aluguéis e garantias vendidos e negociados – tratando mais de investidas e concessões do que propriamente vendas. Essa padronização é conjunta ao desenvolvimento da função de notário, assim como dos banqueiros e a subsequente agiotagem; assim como concorrente ao desenvolvimento legal do direito Comunal em Bologna. A pesquisa de Faini conclui uma ‘revolução intelectual’ ao passo do refinamento da linguagem comercial decorrente destes fenômenos, uma transformação e ‘democratização’ dos valores em papéis de aluguéis de terras no interior das cidades da Toscana, observando o mesmo fenômeno se espalhando a partir do primeiro evento em Pistóia; além de precursores como o duplo razonete, das cartas de crédito e dos algarismos indo-arábicos que possibilitariam o fenômeno. A demanda por profissionais habilitados e que possuísem o domínio das fórmulas dessas transações de terras e aluguéis dessas propriedades disseminando a linguagem vernácula escrita assim como impulsionando um maior número de alfabetizados na sociedade cidadina.

*lingua*'(c. 1515)<sup>89</sup>. Embora sua atribuição a Maquiavel seja por vezes questionada, o teor do diálogo sugerido no interior da obra condiz com o estilo usual de sua redação: mordaz e cínico quando necessário. O que realmente nos interessa nesse *Discorso* é propriamente a afirmação do dialeto florentino enquanto o 'superior' a todos os demais idiomas da península, em distinção para com a linguagem 'cortesã' de Baldassare Castiglione ou o modelo literário do *Trecento* sustentado por Pietro Bembo; utilizado, por exemplo, por Petrarca e Boccaccio<sup>90</sup>.

Se o próprio Maquiavel fez sua profissão de fé ao afirmar na superioridade própria do vernáculo florentino, sua escolha por redigir sua obra mais célebre em italiano, ou seja, na língua romance ao invés de em latim; traduzir os títulos de seus capítulos ou o nome de sua obra lhe faz demasiado desserviço. Ainda que a tradição dentro dos grupos de tradução tenha ordinariamente escolhido por esse caminho, prefiro em todos os casos trabalhar com a terminologia original tal qual escolhida pelo autor, sempre que possível, uma vez que os equívocos mais grossos surgem de problemas de tradução dos mais simplistas.

Quanto à segunda questão, referente aos vocábulos problemáticos *virtù* e *fortuna*, me dedicarei a construir tais conceitos enquanto sugerido por evidências apresentadas no corpo do texto das fontes analisadas. O 'curinguismo' sugerido por D'Elia é chave deste primeiro termo, e sua multiplicidade de significados é característica própria do mesmo; assim como pertinente ao uso 'livre' do termo como proposto por Maquiavel. Assim, me parece mais adequado 'criá-lo' de acordo com o autor, confrontando as sugestões interpretativas resgatadas com a bibliografia selecionada. Referente aos temores do tradutor quanto aos significados de *fortuna*, tão apropriadamente próximo ao original italiano no português antes da interpolação do significado secundário francês, ousou mandar às favas os críticos que acusarem seu uso enquanto suposto estrangeirismo. Defendo o resgate da terminologia e do significado que é seu, propriamente, e de qual maneira seria mais adequado o reforço do significado de fortuna enquanto os sabores da sorte senão perante de seu uso?

O tradutor utiliza-se de 'boa sorte' ou 'má sorte', para descrever o que sua interpretação oferta em termos de *Fortuna* conforme o termo surge no corpo do texto – sentidos que nem sempre seriam absolutamente positivos ou negativos, sendo assim

---

<sup>89</sup> Anônimo. "*Dialogo intorno alla nostra lingua*": Dante e Niccolò. Accademia della Crusca e MICC (Media Integration and Communication Center) 2010-2013; Disponível em: <http://www.viv-it.org/schede/dialogo-intorno-alla-nostra-lingua-dante-e-niccol%C3%B2>; acessado em 28 de setembro de 2016. & Anônimo. "*Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua*", Accademia della Crusca e MICC (Media Integration and Communication Center) 2010-2013; Disponível em: <http://www.viv-it.org/autori-opere/opere/discorso-o-dialogo-intorno-alla-nostra-lingua>; acessado em 28 de setembro de 2016.

<sup>90</sup>MARRONE, Gaetana. *Encyclopedia of Italian Literary Studies*: A-J.Taylor & Francis, 2007. Pg. 1054. "Dante, in the *De vulgari eloquentia*, elaborated the notion of *illustre vulgare* (a Latin neuter form, "illustrious vernacular"), which does not correspond to any of the individual local dialects but has those features of regularity, uniformity, and abstraction that we attribute to a *koine* or to a 'standart'. Similar ideals are central in the Renaissance discussions designated as *questione della lingua*, which concern the variety of Italian most suitable to be adopted as a literary language, such as the *lingua cortegiana*, the idiom used by the intellectuals and administrators in the main Italian courts; or, in the form that actually prevailed, literary Tuscan as used by the great writers of the *trecento*, represented, in particular, for prose by Boccaccio's *Decameron* and for poetry by Petrarch's *Canzoniere*. This ideal of a model based on the Tuscan *trecento* literary language was codified by Pietro Bembo in his 1525 *Prose*, a work that had a crucial importance in the determining the history of Italian. Similarly the *Vocabolario degli Accademici della Crusca*, published in 1612, the first important dictionary of a national language, was based on a canon of authors deemed to be linguistically 'pure', in particular those of the Tuscan *trecento*."

traduções um tanto inadequadas ainda que D’Elia se esforçasse tanto para evitar ser um *traditore*, parafraseando-o. O mesmo caso ocorre, de maneira menos sensível, ao traduzir *virtù* enquanto ‘valor’ – muito embora este termo a partir das fontes seja utilizado sempre carregando características de sentido positivo, *virtù* está de tal maneira impregnado de significados diversos e em momentos contraditórios que o leitor deve tomar cautela ao encarar o ‘valor’ maquiaveliano.

É necessário compreender ambos os conceitos tais quais nos ofertados são por Maquiavel em sua perspectiva particular uma vez que ambos são amplamente utilizados através de obras diversas mesmo anteriormente ao Humanismo, sendo parte de uma dinâmica entre as características do indivíduo – a *Virtù* – e todos os eventos que o mesmo não controla, porém de maneira independente interferem na vida pública e política desse personagem – a *Fortuna*. Essa dupla de conceitos é fundamental à lógica argumentativa de Maquiavel, estando presentes através de toda sua obra de natureza política e histórica. O príncipe, detentor da *Virtù*, ou seja, das características necessárias à manutenção do governo, estaria apenas assim habilitado para reagir aos sabores e devaneios da *Fortuna*, todo e qualquer incidente que possa afetar a sociedade para a qual a ele foi ofertado o papel de guardião. Esse príncipe maquiaveliano é assim similar a reis, príncipes e imperadores medievais uma vez que sua maior atribuição continua sim sendo a manutenção da ordem – tal qual teorizada na fórmula *concordia ordinem* – no contexto do humanismo cívico apreciada enquanto *bonum comune*, ou seja, o bem comum ou ainda na fórmula da *communis utilitas*.<sup>91</sup> Para Maquiavel, a ordem trata-se de uma convenção entre os homens necessária a partir da política e não uma imposição divina à sociedade<sup>92</sup> - sua conclusão é de que o homem é mau em seu estado natural a partir de sua observação em sua carreira política assim como de seu conhecimento dos clássicos<sup>93</sup>.

A *Virtù* tem, no entanto, caráter elástico de acordo com as situações que a *Fortuna* imponha ao príncipe, e de maneira ampla é composta de valores muito distintos daqueles apresentados no gênero literário dos Espelhos de Príncipes ainda que sua fórmula básica seja a mesma. A *Virtù* compor-se-ia então da coragem, da astúcia, da gregariedade – ou seja, da liderança carismática – da audácia assim como da prudência

<sup>91</sup> MIATELLO, André Luís Pereira. *Relações de Poder e Bem Comum na Baixa Idade Média Italiana (séculos XIII-XIV)*. Anos 90, Porto Alegre, v.20, n.38, 2013.

<sup>92</sup> SADEK, Maria Tereza. *Op. Cit* Pg 6. “A ordem, produto necessário da política, não é natural, nem a materialização de uma vontade extraterrena, e tampouco resulta do jogo de dados do acaso. Ao contrário, a ordem tem um imperativo: deve ser construída pelos homens para se evitar o caos e a barbárie, e, uma vez alcançada, ela não será definitiva, pois há sempre, em germe, o seu trabalho em negativo, isto é, a ameaça de que seja desfeita.” Ou seja, a perspectiva maquiaveliana sobre a *concordia ordinem* se diferencia da perspectiva de outros pensadores medievais – como Tomás de Aquino ou Marsílio de Pádua – aonde a ordem é encarada como legação divina aos homens.

<sup>93</sup> AMARAL, Maria do. *Maquiavel e as relações entre ética e política*. Ensaios Filosóficos, Volume VI – Outubro/2012. Pg 4. “O realismo extremo impresso em toda sua obra rompe com uma tradição oriunda da Grécia Antiga – o da construção de utopias políticas – para descrever não como o homem deve agir, ou como deve ser o governo, mas sim como o homem age de fato e como, de fato, é o governo. Para tanto, Maquiavel observa os fatos, atém-se ao estudo histórico principalmente da Antiguidade, sobretudo da Roma Antiga. Esse levantamento histórico leva o autor a uma constatação bastante radical de que os homens sempre agiram pela via da corrupção e da violência. Antes mesmo de Hobbes, que afirmava que o homem é mau, Maquiavel já constatava a propensão do homem ao mal, a o erro, e, por isso, ao analisar a ação política sua opção foi pela descrição da verdade efetiva, não se preocupando em ocultar o que se faz e não se constuma dizer. Vale ressaltar que um dos elementos que confere unidade à obra maquiaveliana é sua concepção absolutamente pessimista do homem: “...é necessário que quem estabelece a forma de um Estado e promulga as suas leis, parta do princípio de que todos os homens são maus, estando dispostos a agir com perversidade sempre que haja ocasião.” [...]”.

em certa medida. Para Maquiavel, a prudência se faz um mal necessário – ao mesmo tempo em que permite a reflexão sobre a ação a ser tomada, o autor também nota que a prudência compõe um obstáculo ao príncipe uma vez que engessa o personagem na inatividade e o impede de aproveitar as oportunidades ofertadas pela *Fortuna*. O vocábulo adotado da literatura clássica provém justamente da percepção de que o valor da *Virtù* é característica intrínseca do *vir*, ou seja, do homem, composta por atributos da virilidade.

Posteriormente, no século XVII, Torquato Accetto teria publicado em 1641 a Nápoles a obra *Della dissimulazione onesta*, um texto dedicado à questão do uso da prudência enquanto uma ferramenta de reação do sábio perante os influentes e poderosos no ambiente cortesão por meio do uso medido da mentira – o que chama de dissimulação, uma ação naturalizada através de longo tempo com a finalidade de opor-se à tirania dos poderosos ao integrar-se entre os mesmos em busca dos momentos oportunos – sua preocupação é ao uso da prudência como característica principal de reação. No século XVII, Maria Cecília Pilla observa um desenvolvimento do mesmo princípio em Mazarin, cardeal em França e mediador de disputas de corte, primeiro ministro de Ana d'Áustria, inclusive em sua preocupação para o binômio de ação simulação e dissimulação – o primeiro expressando a ação tal qual a da atuação teatral, a mentira e o ardil, enquanto a segunda trata-se da estratégia política de sequestrar as informações sensíveis dos olhos do público, esconder a realidade da ação<sup>94</sup>.

Tal discurso também já transparecia em Maquiavel – e com a mesma terminologia de simulação e dissimulação como ferramentas de influência política nas mãos do príncipe. Ambas compõe aspectos desejados do uso da engenhosidade, ou seja, da astúcia do príncipe em simular as características desejáveis ao governante – mas não prender-se a elas como regra moral quando tal atitude não fosse proveitosa.

*Non può per tanto um' signor' prudente, ne debbe osseuar' la fede, quando tal' osseuantia gli torni contrò et che sono spente la cagioni che la fecen' promettere, et se gli huomini fussen' tutti buoni quest precepto non saria buono, ma perche san' triste, et non l'osseuarebbono à te, tu ancora non l'hai da osseuar aà loro, ne mai à um' Principe mancorno cagioni legitime di colorare l'inosseuantia. Di questo sene potrien' dar' infiniti essempi moderni, et mostrar' quanti paci, quante promesse sieno state fatte irrite, et uane per*

---

<sup>94</sup> PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim, *Mazarin: Ética e Política na França de Luís XIV*. In.: Ética em movimento. Orgs. Anor Sganzerla, Ericson Sávio Falabretti, Francisco Verardi Bocca. São Paulo: Paulus, 2009. pp. 104. “[...] Antes da publicação do breviário, outras importantes publicações de cunho semelhante circulavam na sociedade europeia com bastante sucesso. Duas merecem destaque por sua aproximação com a obra de Mazarin: *A arte da sabedoria mundana: um oráculo de bolso* (1647), de Baltasar Gracián, e *Da dissimulação honesta* (1641) de Torquato Accetto. Torquato Accetto e Baltasar Gracián, tal como Mazarin, plenos de uma racionalidade de corte, procuram, cada qual à sua maneira, construir uma legitimação moral de como viver numa sociedade em que se faz necessário saber empunhar a máscara da dissimulação.” pp. 107 “A dissimulação é um capítulo importante da moral europeia do século XVII, dis Míssio (2005). Nesse período, a dissimulação é vista como meio de ação política e civil válida e necessária. O *Breviário dos Políticos* pode ser visto como um manual que contém estratégias político-morais de sobrevivência nos espaços público-privados como a corte. Hipocrisia ou estratégia? Mais uma vez é importante lembrar que o mundo de Mazarin é muito diferente do mundo que se conhece hoje. É um universo que condena a simulação e aceita a dissimulação. Mas que significados tinham essas palavras? A simulação era rejeitada porque era sinônimo de hipocrisia e mentira, impostura ou fingimento. É fazer parecer aquilo que não se é. Dissimulação é um meio honesto e necessário de governo, é ocultar aquilo que se é. Por isso considerava-se a dissimulação como um meio honesto e necessário para o exercício do poder social ou político. A dissimulação então era aceita como arma frente aos simuladores, sua justificativa oral está em seu papel defensivo.”

*l'infidelità de' Principi, et à quello che há saputo meglio usar' la Volpe è meglio successo, ma è necessario questa natura saperla bem' colorire, et esser' gran' simulator' e dissimulatore et son' tanto semplici gli huomini, et tato obediscano àle necessità presenti che colui che inganna trouerrà sempre chi li lascerà ingannare*<sup>95</sup>. [Il Principe, Cap. XVIII, pg.24]

A *Fortuna*, por sua vez, trata-se de uma reinterpretação da *Tyche* dos autores clássicos – principalmente de Políbio. Ou seja, um conceito que personifica na deusa da sorte as oportunidades que provém aos homens os tesouros da honra, a riqueza, a glória e mesmo o poder. Nesse sentido, a *Fortuna* romana tratar-se-ia de uma força não maligna, porém a de uma divindade que, perante a conquista dos homens, lhes proporcionariam de acordo com seu desempenho sua simpatia - mais do que a *Tyche* grega, fatalista. A imagem utilizada por Maquiavel no capítulo XXV de *Il Principe* sobre a *Fortuna* tratar-se de uma potência feminina é intrinsecamente conectada com sua percepção de que é papel do homem detentor da *Virtù* domá-la, conquista-la, surrá-la. As implicações dessa expressão nos revelam também a percepção dos papéis de gênero do *cinquecento*, aonde tal expressão de violência contra a figura feminina é central ao argumento político.

*Conchiudo adunche che variando la Fortuna, et gli huomini stando ne i loro modi ostinati, sono felici, io iudico ben' questo, che sia meglio esser' impetuoso, che respetiuo perchje la Fortuna e donna, et e necessário (uolendola tenere sotto) batterla, e t urtarla, et si uide che lasi lascia più uincer' da quesi, che da quelli, che fredamente procedano. Et però sempre come donna é, amica de giouani perche son' menrespettiui, più feroci, e con più audácia la comandano*<sup>96</sup>. [Il Principe, Cap. XXV, pg.34]

Assim sendo, é da capacidade e do desejo humano da conquista – segundo Maquiavel, fado dos homens oriundo de sua natureza mesquinha e cruel – a aquisição da honra, da conquista e da glória através da dominação da *Fortuna* a partir de sua *Virtù*. O governante tem, no entanto, uma responsabilidade para com a *comuna* que o eleva e para com a república que lhe oferta a sua *signoria* – a manutenção da ordem e da segurança de seu *popolo*.

Para isso, detém o privilégio do uso da força – ou seja, do poder coercitivo – o que, nesse contexto, significa além da força da lei os meios para a imposição de sua vontade. Em outras palavras, guerreiros – lembrando que a força militar por excelência da Itália do século XV e princípio do século XVI são os *condottieri*. A tradição

<sup>95</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *Op. Cit.* Pg. 112. “Não pode e não deve, portanto, um príncipe prudente manter a palavra empenhada quando tal observância se volte contra ele e hajam desaparecido as razões que a motivaram. Se os homens fossem todos bons, esse preceito não seria bom, mas como são pérfidos e não mantêm a sua palavra em relação a ti, da mesma maneira não tens de mantê-la em relação a eles. Nunca faltaram a um príncipe razões legítimas com que mascarar as inobservâncias. Disso poder-se-iam oferecer numerosos exemplos modernos e mostrar quantas convenções de paz, quantas promessas se fizeram irritas e vãs em razão da infidelidade dos príncipes; e que aquele que melhor soube usar a natureza da raposa teve mais êxito. Mas é necessário saber bem disfarçar essa natureza e ser grande simulador e dissimulador. E são tão simples os homens e tanto obedecem às necessidades presentes, que aquele que engana encontrará sempre quem se deixe enganar.”

<sup>96</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *Op. Cit.* Pg. 146. “Concluo disso, portanto, que, modificando-se a sorte e obstinando-se os homens nas suas maneiras de ser, serão felizes enquanto estas estiverem de acordo com aquela e infelizes quando dela discordarem. Julgo melhor ser impetuoso que cauteloso, porque a sorte é mulher, e é necessário, para dominá-la, bater-lhe e feri-la. Vê-se que ela se deixa mais facilmente vencer por aqueles do que pelos que se conduzem friamente. Ainda, como mulher que é, ama ela os jovens, porque estes são menos cautelosos, mais bravios e com maior audácia a dominam.”

anglófona atribui a Maquiavel a seguinte máxima (jamais verificada) – *Before all else, be armed*. Em tradução livre – ‘Antes de tudo, esteja armado’. Ainda que não seja encontrada em quaisquer obras de Maquiavel, a expressão sumariza sim a perspectiva de Maquiavel sobre a natureza do poder – a *Virtù* trata, afinal, de preparar o príncipe por meio da prevenção contra quaisquer desastres impostos pela *Fortuna*. Ainda no capítulo XXV, Maquiavel nos oferece mais uma célebre imagem:

*Al' che pensando io qualche uolta sono in qualche parte inchinato ne la oppinion' loro, nù di manco per che il nostro libero arbitrio non sia spento, iudico poter' esser' uero che la Fortuna sia arbitra de la metà de le attionì nostre. Mache ancora ella ne lasci governare l'altra metà ò, poco meno á noi. Et assomiglio quella à un' filme rouinoso, che quando è s' à dirá, allaga i piani, rouina gli arbori, et li edificii, lieua da questa parte terreno, ponendolo à quell'altra, ciascuo gli fugge dauanti ognun' cede al suo furore, senza poterui obstare, et benche sia così fatoo, non resta però che gli huomini quando sono tempi quieti, non ui possino fare prouedimenti, e con ripari, e con argini in modo che, crescendo poi ò gli anderebbe per un' canale, ò l'impeto suo non sarebbe sì licentioso, e danoso, similmente interuiene de la Fortuna, la quale dimostra la sua potentia, doue non è ordinata virtù a resistere [...]*<sup>97</sup>. [Il Principe, Cap. XXV, pg.33]

Ou seja, é característica da *Virtù* compor o preparo do príncipe para quaisquer eventualidades impostas pela *Fortuna* – e deter essa *Virtù* depende apenas do ímpeto do próprio livre-arbítrio do Príncipe. De certa maneira, preferimos descrever esse relacionamento sendo a *Virtù* todo e qualquer recurso ao qual o príncipe tenha acesso direto para precaver-se de quaisquer eventos e inimigos, enquanto a *Fortuna* sumariza estes inimigos assim como todos os recursos e eventos que o príncipe não controle diretamente. O título dessa dissertação se refere justamente à característica algumas vezes ambígua da *Virtù* tal qual abordada por Maquiavel no capítulo XVIII de *Il Principe*, aonde inspirado na sensibilidade cortesã e pelas fábulas de Esopo cunha ao personificar em animais características fundamentais para o seu príncipe modelar. Não é inovador ao fazê-lo – através de toda Idade Média a profusão de representações da raposa enquanto detentora da sagacidade e engenhosidade, que expõe os vigaristas assim como se aproveita das oportunidades – no círculo francês como Raynart/Renard<sup>98</sup>; assim como do Leão enquanto figura de poder e bravura, são bem consolidados nos bestiários.

<sup>97</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *Op. Cit.* Pg. 143. “Essa opinião tem sido mais aceita em nossos tempos, em virtude das grandes mudanças que se viram e vêem fazer a todo momento, fora de toda humana previsão. Pensando nisso, eu, algumas vezes e em certos casos, tenho inclinado a aceitar tal opinião. Não obstante, desde que o nosso livre arbítrio não se extinguiu, julgo poder ser verdade que a sorte seja árbitro da metade de nossas ações, mas quase certamente nos deixe governar a outra metade ou quase. Comparo-a a um rio desastroso que, quando se enfurece, inunda as planícies, destrói arvores e edifícios, carrega terra de um ponto para outro, e diante do qual todos fogem e a cujo ímpeto cedem, sem poder coisa alguma intentar para contê-lo. Mas, apesar de sua natureza, não é impossível aos homens, quando este rio estiver em calma, tomar medidas preventivas, construindo barragens e diques, de maneira que, avolumando-se ele depois, ou correrá por um canal ou o seu ímpeto não será tão violento nem tão danoso. Assim, também, se dá com a sorte, a qual demonstra o seu poder quando não há decisão no organizar a resistência contra ela, e dirige os seus assaltos contra os pontos nos quais sabe que não foram feitos diques e barragens que a contenham.”

<sup>98</sup> CHADWICK, Joan V; *The Fox: A Medieval View, and Its Legacy in Modern Children's Literature*. History of Ideas, Between the Species. Winter & Spring 1994.

*Essendo adunque un' Principe necessitato saper' ben' usar' la bestia, debbe di quelle pigliar' la Volpe, et il Leone, perch' il Leone non si defende da lacci, la Volpe non si defende da Lupi. Bisogna adunque esser' Volpe à conoscer' i lacci, et leone à sbigotti' e Lupi.[...] <sup>99</sup>. [Il Principe, Cap. XVIII, pg.24]*

O apelo de Maquiavel à sensualidade animal – tema tão distante da centralidade do homem de acordo com a interpretação usual do humanismo – é continuado sobre a alegoria da instrução de Aquiles pelo centauro Quíron. Enquanto Quíron ensina a Hércules a arte da guerra, e a Orfeu as artes líricas; é Aquiles quem mais se beneficia da instrução de Quíron – em si próprio besta quimérica e inumana – pois Aquiles aprende com o centauro tanto os dons da poesia quanto a perícia em combate que o tornaria para sempre lembrado<sup>100</sup>. Ambos conhecimentos são necessários para o pleno príncipe, assim como para o maior dos heróis.

Uma última, porém fundamental, peça para a compreensão da obra de Maquiavel é sua percepção acerca da *verità effettuale delle cose*. Descrito enquanto um autor de preocupações de natureza pragmática é de maneira imediata que Maquiavel explicita ao interlocutor que sua obra discute a natureza dos principados ‘tal qual eles são’ e das ações políticas ‘tal qual elas ocorrem’.

*Et perche io so che molti di questo hanno scritto, dubito seri uendone ancor' io, non esser' tenuto presuntuoso, partendomi massime nel' disputar' questa matèria da gliordini di gli altri. Ma essendo l'intento mio scruer' cosa utila à chi l'intende, m'e parso più conveniente anar' drieto à la uerità effettual' de la cosa che al'imaginazione di essa. Et molti si sono imaginati Republiche et Principati che non si son' mai uisti ne consciuti esser' in uero, perche elgi e tanto discosto da come si uiue, à come si douerria uiuere, che colui che lascia quello che si fa, per quello che si douerria fare, impara più tosto la rouina, che la preservation' sua. [...] <sup>101</sup>. [Il Principe, Cap. XV, pg.33]*

Ao invés de elaborar uma reflexão sobre um ambiente político perfeito, porém inexistente – uma crítica de Maquiavel aos demais autores de teorias políticas preocupados principalmente em ‘como as coisas deveriam ser’ ao invés de ‘como as coisas são’, ou seja, dissociando seu pensamento do humanismo abstrato inspirado na tradição helenística da reflexão sobre organizações políticas perfeitos ao modelo de Platão e Aristóteles. Esse realismo tem sido citado como uma das características que inovação à teoria política proporcionados por Maquiavel<sup>102</sup>.

<sup>99</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *Op. Cit.* Pg. 101. “Sendo, pois, preciso a um príncipe saber bem usar a natureza dos animais, deve aproveitar-se das qualidades da raposa e do leão, porque o leão não sabe defender-se contra as armadilhas, e a raposa não sabe defender-se contra os lobos. É preciso, portanto, ser raposa para reconhecer as armadilhas, e leão para amedrontar os lobos.”

<sup>100</sup> LUKES, Timothy J. *Lionizing Machiavelli*. In. *American Political Science Review*, Vol. 95, No. 3. 2001.

<sup>101</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *Op. Cit.* Pg. 101. “Com sei que sobre isso muitos escreveram, receio, fazendo-o eu também, ser considerado presunçoso, principalmente porque, ao tratar deste assunto, me afasto das regras estabelecidas pelos outros. Mas sendo minha intenção escrever coisa útil, destinada a quem por ela se interessar, pareceu-me mais conveniente ir diretamente aá efetiva verdade do que comprazer-me em imaginá-la. Muita gente imagiou repúblicas e principados que jamais foram vistos ou de cuja real existência jamais se teve notícia. E é tão diferente o como se vive do que como se deveria viver, que aquele que desatende ao que se faz e se atém ao que se deveria fazer aprende antes a maneira de arruinar-se do que a de preservar-se.”

<sup>102</sup> BARBOSA, Evandro, & COSTA, Thaís Cristina Alves. *A Verità Effettuale como fundamento do Realismo Político de Maquiavel*. *Perspectiva Filosófica*, Vol. 42, n.1. 2015.

A versão das fontes explorada ao longo desta dissertação fora disponibilizada na internet pela *Bibliothèque Saint-Geneviève*. A *Bibliothèque* é uma instituição francesa que administra a antiga coleção da Abadia de *Saint-Geneviève*, e conta com mais de dois milhões de obras em seus acervos abrangendo todas as áreas do conhecimento – história, geografia, filosofia, religião, ciências sociais aplicadas e puras, línguas, literatura, arte e psicologia; divididos em três coleções<sup>103</sup>. Também fora posteriormente encontrada no site *Web Archive*<sup>104</sup>, aonde fora incluída em 2013. O website é dedicado à coleção de documentos de caráter variado – incluindo obras consideradas de direito público, aonde se encontram fontes de épocas diversas em publicações de épocas mais variadas. O *Web Archive* também conta com a ferramenta *Wayback Machine*, dispositivo que permite ao pesquisador o acesso às páginas na web que tenham sido inseridas em seu sistema, assim mantendo páginas da maneira em que foram registradas após eventuais mudanças, atualizações, e mesmo cancelamento e inabilitação das mesmas – ou seja, permitindo a análise de retratos da História da Internet, gênero ainda pouco definido da pesquisa histórica.

Uma vez encontrada, notamos tratar-se da versão mais antiga da fonte a ser editada e publicada enquanto um livro, ainda que a leitura de tais fontes enquanto manuscritos tivessem ampla disseminação entre os pares do autor e seus círculos de discussão política mais extensos como dos eruditos reunidos nos *Orti Oricellari*. De fato, também contamos com a consulta de três documentos que atestam a afirmação acima – resgatados da iniciativa *Primary Sources On Copyright*<sup>105</sup>, composto por historiadores e pesquisadores de Direito das Universidades de Cambridge, Bournemouth e Glasgow, assim como do grupo CIPIL – *Centre for Intellectual Property and Informational Law*. Esse corpo, criado em 2008, dedica-se principalmente a disponibilização de fontes que sugerem, desde o surgimento dos livros no formato mais reconhecível à perspectiva contemporânea, o advento do que se contempla atualmente enquanto ‘Direitos Autorais’ ou ‘Direitos Intelectuais’; o *Copyright*. O material ofertado pelo recurso do *Primary Sources On Copyright* conta com documentos do Renascimento, desde o surgimento da imprensa na segunda metade do século XV; à Convenção de Berna de 1886; e além. Deparamo-nos com um problema: o quê, no século XVI, caracterizaria assim a ‘posse’ sobre um livro? E, se possível for tal conceito, sobre a obra física ou sobre as ideias nela registrada? O modo de tratamento dado à coletânea de obras do autor pelo comitente das mesmas sugere que a posse fora daquele que as obras encomendara – nesse sentido, mais aos livros e manuscritos físicos do que aos princípios políticos e perspectivas filosóficas descritos nesses documentos.

As fontes que evidenciam a antiguidade das obras analisadas são licenças autorizando ao editor compor e publicar obras de Maquiavel – mais especificamente, garantido em 23 de agosto de 1531 a Antonio Blado D’Asola por Giulio de Medici, então Papa Clemente VII, e detentor das obras de Maquiavel; que falecera em 21 de junho de 1527a seu serviço.

<sup>103</sup> O site da Bibliothèque Saint-Geneviève pode ser acessado no seguinte endereço: <http://www-bsg.univ-paris1.fr/>; Acessado em 24 de junho de 2016.

<sup>104</sup> A fonte está disponível em <https://archive.org/details/4R581INV679>; Acessado em 24 de junho de 2016.

<sup>105</sup> Bently, L. & Kretschmer, M., eds; *Primary Sources on Copyright (1450-1900)*, eds, [www.copyrighthistory.org](http://www.copyrighthistory.org).



Tais documentos evidenciam a prática já estabelecida do chamado *privilegio*<sup>106</sup>. No contexto do século XVI, essa prática já observada desde as últimas décadas do século XV<sup>107</sup> caracteriza-se pela garantia de direitos de publicação de livros especificamente denominados; a condenação e punição daqueles que, sem o *privilegio*, editarem e publicarem os títulos garantidos ao detentor. Assim, o *privilegio* se caracteriza por um recurso legal que asseguraria aos primeiros impressores a legitimidade da produção de certas obras ao punir aqueles que as reproduzissem sem autorização; assim como pagando ao livreiro pelas obras que imprima. O fenômeno da imprensa desde sua criação por Guttenberg por volta de 1450 – a prensa mecânica e os tipos móveis - se disseminou de maneira rápida através da Cristandade Latina, de tal maneira que, observamos, cerca de 60 anos após sua morte a prática da imprensa é legítima o suficiente para o recebimento do *privilegio* papal – a garantia da segurança econômica do impressor e editor. No caso, não apenas observamos que Blado receberia o *privilegio* para a impressão de obras de Maquiavel por 10 anos, *privilegio* também ofertado a outro editor, Melchior Sessa<sup>108</sup>, no mesmo ano; mas também observamos que todas as fontes – os *privilegi* assim como a primeira versão impressa de *Il Principe*, que também inclui *La Vita di Castruccio Castracane* e *Il modo che tenne il Duca Valentino per ammazar Vitellozzo Vitelli, Oliverotto da Fermo il.s. Pagolo et il Duca di Gravina Orsini in Sinigaglia* – foram impressas na mesma máquina, na mesma prensa e com os mesmos tipos, facilmente identificáveis através de comparação direta dado ao bom estado de conservação das fontes. De fato, na capa do documento sob o título das obras inclusas na fonte, o *stampador* declara sua obra realizada com agradecimentos e *privilegi* de N.S. Clemente VII. Um terceiro editor, Bernardo Giunta (ou Giunti), estabelecido em Florença, teria também acesso às obras de Maquiavel – publicando em concorrência a Blado o *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio* em 1531 e *Il Principe*<sup>109</sup> e *Istorie fiorentine* em 1532, este último contando com um prefácio ao novo duque Alessandro de Medici aonde lhe ofertava seu apoio e fidelidade.

<sup>106</sup>Witcombe, Christopher L.C.E.; *Copyright in the Renaissance: Prints and the "Privilegio" in Sixteenth-Century Venice and Rome (Studies in Medieval and Reformation Thought)*, (No. 100)Hardcover– May 27, 2004.

<sup>107</sup> Observamos também no projeto *Primary Sources on Copyright (1450-1900)*, que em Veneza, o erudito e historiador Marco Antonio Sabellico recebera já em 1486 o *privilegio* pela impressão de sua obra, precisamente uma História de Veneza chamada *Decades rerum Venetarum*, autorizado pelo Senado da República Veneziana. *Marco Antonio Sabellico's Printing Privilege, Venice (1486)*, *Primary Sources on Copyright (1450-1900)*, eds L. Bently & M. Kretschmer, [www.copyrighthistory.org](http://www.copyrighthistory.org) Disponível em: [http://www.copyrighthistory.org/cam/tools/request/showRepresentation?id=representation\\_i\\_1486](http://www.copyrighthistory.org/cam/tools/request/showRepresentation?id=representation_i_1486)

<sup>108</sup> Os documentos do *privilegio* conferido por Clemente VII a Antonio Blado d'Asola e a Melchior Sessa estão presentes também no projeto *Primary Sources on Copyright (1450-1900)*. Ambos redigidos e assinados por Blosius – cognome de Luis de Blois, monge beneditino, criado com Carlos V na corte borguinhã e dele íntimo; na época da redação dos documentos a serviço da cúria pontifícia. *Antonio Blado's privilege for Machiavelli's works, Vatican (1531)*, *Primary Sources on Copyright (1450-1900)*, eds L. Bently & M. Kretschmer, [www.copyrighthistory.org](http://www.copyrighthistory.org) & *Melchior Sessa's privilege for Machiavelli's works, Vatican (1534)*, *Primary Sources on Copyright (1450-1900)*, eds L. Bently & M. Kretschmer, [www.copyrighthistory.org](http://www.copyrighthistory.org).  
Disponíveis em: [http://www.copyrighthistory.org/cam/tools/request/showRepresentation?id=representation\\_i\\_1531&http://www.copyrighthistory.org/cam/tools/request/showRepresentation?id=representation\\_i\\_1534](http://www.copyrighthistory.org/cam/tools/request/showRepresentation?id=representation_i_1531&http://www.copyrighthistory.org/cam/tools/request/showRepresentation?id=representation_i_1534).

<sup>109</sup> CERESA, Massimo. GIUNTI, Bernardo. In.: *Dizionario Biografico degli Italiani - Volume 57* (2001). Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/bernardo-giunti\\_%28Dizionario-Biografico%29/](http://www.treccani.it/enciclopedia/bernardo-giunti_%28Dizionario-Biografico%29/), Acessado em 02 de setembro de 2016; Informação também notada em: MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Tradução de Antonio D'Elia. São Paulo. Círculo do Livro S.A. Sem data. Pg. 24-25. A edição de Giunta, no entanto, parece não ter recebido oficialmente um *privilegio* papal, diferentemente das

Ou seja, o interesse pela publicação ‘profissional’ dos textos de Maquiavel fora quase imediata – ou, no mínimo, de algumas destas obras. Sabemos que os círculos cortesãos nos quais o autor circulara foram local de exposição e debate de suas obras – dinâmica própria dos grupos de elite e camadas médias urbanas através do contexto do Renascimento – a correspondência de Maquiavel para com seus pares e amigos participantes das reuniões nos *Orti Oricellari*, e posteriormente na corte de Roma e mesmo novamente na Florença dos Médici sugere não apenas um interesse raso, mas mesmo o destaque que as perspectivas de Maquiavel suscitavam em seus correspondentes imediatos. Nessas redes de sociabilidade política e literária surgiam outros eruditos como Francesco Vettori, Francesco Guicciardini, Zanobi Buondelmonti e Luigi Alamanni, que eventualmente também dispersar-se-iam nas cortes principescas da Itália e além-Alpes enquanto conselheiros, poetas, homens de leis e mesmo historiadores.

O editor e impressor que comporia a primeira edição de *O Príncipe*, aquela que estamos a nos debruçar através dessa pesquisa, circulara em Roma assim como diversos outros impressores da Lombardia e do Vêneto, gradualmente suplantando em relevância os impressores alemães que haviam dominado o advento do mercado editorial na região no final do século XV. Antonio Blado d’Asola<sup>110</sup> é reconhecido enquanto editor e impressor de livros oficial da câmara (pontifícia) desde declaração de 1535, ainda que desde 1530 já estivesse a produzir obras para a Cúria; recebendo a partir de 1539 um pagamento mensal de quatro ducados de ouro. Continuará a desempenhar sua função entre seus pares editores-impressores até sua morte em 1567, quando suas posses seriam manejadas por herdeiros que continuariam na mesma oficina até 1572. Nascido em Asola próxima a Mantua, cidade que já houvera fornecido à Veneza outros tipógrafos e editores como Andrea Torresano (sogro do mais célebre Aldo Manuzio), Blado comporia obras em italiano, grego e latim em conjunto com o veneziano Paolo Manuzio, em 1540, sob contrato e incentivo dos cardeais Marcello Cervini e Alessandro Farnese. Em 1550 obterá de Júlio III, Henrique II e Carlos V *privilegi* de obras de Demóstenes, Eurípedes, Apolodoro, Euclides, Teodereto e s. Gregório Nazianzeno; demonstrando que Blado conseguira tal renome e estabilidade em seu cargo que pudera manter sua posição enquanto impressor oficial da Cúria independentemente da sucessão de Papas no trono de s. Pedro. Pouco se sabe de sua personalidade, exceto uma carta a Michele Tramezzino, na qual Blado reclamara dos poetas cujas obras publicara de sua própria despesa, da ausência de menções de qualquer natureza ou agradecimento por sua memória; e uma exortação de sua função para a glória e grandeza da cidade que o recebera no prefácio de seu último livro impresso, *Statuti di Roma*.

Na folha de rosto da fonte contamos com os títulos completos da cada obra editada tal como composta por Maquiavel, assim como um breve agradecimento do editor ao papa Clemente VII ‘e outros Príncipes’, que descreve brevemente a natureza

---

edições de Blado e de Sessa. Segundo CERESA, a versão de Giunta de *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio*, de 1531, conta com uma crítica direta à edição *bladiana* sobre a mesma obra – afirmando que Blado teria interferido em um dos capítulos de Maquiavel enquanto sua versão seria mais fidedigna ao escritor. Essa informação sugere que mesmo antes do *privilegio* papal autorizando a edição *bladiana* de *Il Principe* o editor já vinha a algum tempo trabalhando com textos de Maquiavel – no caso, os *Discorsi*.

<sup>110</sup> BARBERI, Francesco. BLADO, Antonio. In.: *Dizionario Biografico degli Italiani - Volume 10* (1968) Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/antonio-blado\\_%28Dizionario-Biografico%29/](http://www.treccani.it/enciclopedia/antonio-blado_%28Dizionario-Biografico%29/); Acessado em 02 de setembro de 2016. As informações biográficas acerca de Antonio Blado d’Asola foram retiradas do site da *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*, também chamada *Treccani*. Instituição privada de interesse público, segundo declaração de missão, com apoio do governo italiano, contando com amplo acervo histórico e de artigos digitalizados como o consultado.

de seu *privilegio*, sua duração de dez anos; e a data da edição em algarismos romanos com o ano de 1532. Interpolações posteriores contam com uma anotação no canto superior direito da página com o símbolo (p.2), descrevendo uma numeração de análise muito posterior à criação do documento – que conta com um sistema distinto de numeração de fólhos que ignora as páginas anteriores ao princípio das fontes em si. Há também um selo da *Bibliothèque Saint-Geneviève*, sob o agradecimento do editor, carimbado para fins de controle da instituição – arriscando desfigurar a obra, porém aplicado de maneira sensata sob o texto e não sobre o mesmo; ou seja, sem comprometer a leitura.

Contamos no princípio da fonte, no entanto, uma interjeição de Antonio Blado d’Asola a seu patrão, Filippo Strozzi (1489-1538), na página seguinte aos títulos das obras presentes na fonte. Nesse momento, é necessário afirmar que trata-se de Filippo Strozzi o Jovem nascido em 1489 e que faleceria em 1538; e não seu pai, Filippo Strozzi o Velho (1428–1491); ambos os banqueiros e importantes figuras na sociedade política florentina. A família Strozzi mantivera relações ondulantes para com os Medici desde o século XV, pendulando entre momentos de aliança política e momentos de áspero conflito, desde sua rivalidade econômica perante a competição dos respectivos bancos, até o exílio de seus rivais – situação gradualmente agravada quando da divisão interna na própria Casa de Medici após a morte de Lorenzo II de’ Medici.

Duas linhas da família de Médici existiram desde o século XV – os descendentes de Cosimo *il Vecchio* (1389-1464), e os de seu irmão mais novo Lorenzo o Velho (1395-1440). Enquanto os descendentes diretos de Cosimo seriam reconhecidos enquanto a linha ‘sênior’ da família – os reconhecidos príncipes de Florença Piero *il Gottoso* e Lorenzo o Magnífico, os descendentes de Lorenzo o Velho eventualmente se caracterizariam enquanto ‘apoiadores da república’ florentina, tomando a alcunha de *dei Popolani* ou *Popoleschi* (Populares/Do Povo), entrando em conflito direto com seus primos quando da conjura de Giovanni *il Popolano* (1467-1498) e seu irmão, Lorenzo di Pierfrancesco (1463–1503) que apoiaram a Savonarola<sup>111</sup> durante sua sublevação contra Piero di Lorenzo *il Fatuo* (1472–1503), filho do Magnífico. Quando historiograficamente se afirma o exílio da família de Medici em 1494, referem-se à linha sênior da Casa, enquanto os *dei Popolani* mantiveram-se influentes em Florença. Decorrentes deste primeiro conflito haveria outros, culminando com o fim da linhagem ‘sênior’ no assassinato de Alessandro de Medici *il Moro* (1511/12-1537), primeiro Duque de Florença à maneira hereditária, por seu primo distante, Lorenzino de Medici (1514–1548) – por vezes chamado Lorenzaccio, provavelmente por incentivo de Filippo Strozzi. O Ducado seria herdado por Cosimo I de’ Medici (1519-1574), filho de Giovanni *delle Bande Nere* (1498–1526) e neto de Giovanni *il Popolano*. Cosimo I eventualmente tornar-se-ia o primeiro Grão-Duque da Toscana.

Cosimo *il Vecchio* de’ Medici entrara em conflito com Palla Strozzi, uma vez o homem mais rico de Florença<sup>112</sup>; que arquitetara seu exílio em 1433 com Rinaldo degli Albizzi. Quando da recuperação política de Cosimo de’ Medici e seu retorno à Florença após negociar apoio entre os Pitti e os Soderini, já em 1434, suas reformas políticas também passaram pela perseguição de seus adversários e no exílio de Palla Strozzi e seu filho, Filippo o Velho, que se estabeleceriam respectivamente em Pádua e Ferrara. Embora Palla não retornasse a Florença, eventualmente Filippo Strozzi retornaria à República após estabelecer seu banco também em Nápoles. Seu filho homônimo, originalmente batizado Gianbattista porém renomeado por sua mãe em honra ao pai,

<sup>111</sup>MASTERS, Roger. *Op Cit.* Pg. 63.

<sup>112</sup>CRABB, Ann. *The Strozzi of Florence: widowhood and family solidarity in the Renaissance*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000.

falecido enquanto o jovem tivera apenas dois anos, assumiria seus empreendimentos enquanto banqueiro, e também desenvolveria sua própria carreira enquanto *condottiere*. Filippo Strozzi o Jovem então lograria aliar-se aos Medici – então exilados de Florença entre 1494 a 1512 após os movimentos sociais de Girolamo Savonarola e o reestabelecimento da República Florentina; momento da carreira política de Maquiavel.

A aliança de Strozzi para com os Medici dar-se-ia através de seu casamento com Clarice de' Medici, filha de Piero de' Medici *il Fatuo* (literalmente, o Infeliz) – o responsável pelo exílio da família em 1494; aliança através da qual Strozzi aproveitaria importância política e diplomática até a morte de Lorenzo, Duque de Urbino em 1519. A ascensão política de Alessandro de Medici, de caráter reconhecidamente violento, levou ao autoexílio, quando da morte de sua esposa, de Strozzi e seu filho Piero a Roma, uma vez que Piero, filho de uma Medici, também demonstrava-se um potencial rival a Alessandro pela *signoria* de Florença. Quando da morte de Alessandro, Strozzi tentara com apoio de outros exilados de Florença retornar à cidade, enfrentado então por Cosimo I. Suas hostes bateram-se em 1537 na Batalha de Montemurlo, aonde Filippo Strozzi fora derrotado e capturado; seu filho escapando para Veneza. Consolidado o poder de Cosimo I, com a subsequente afirmação de sua legitimidade enquanto duque por Carlos V ainda naquele ano<sup>113</sup>; o final de Strozzi não é claro – supostamente assassinado por ordem do duque na *Fortaleza da Basso*, ou suicídio, durante seu aprisionamento.

Tratado por *magnifico* e *nobile*, Blado apresenta-se na posição humilde de um servo leal a Filippo Strozzi, agradecendo a influência de seu patrão para com o papa, que lhe garantiria o *privilegio*. O editor posiciona-se enquanto trabalhador e sagaz, aproximando-se de seu patrão na condição natural de um homem que busca servir a um mecenas honrado e nobre, desculpando-se de quaisquer erros de sua indústria, e buscando a proteção do nome de Strozzi. Blado também comemora a oportunidade de editar as obras de Maquiavel:

[...]amenissime prague della eloquentia Thoscana, si me offese el Principe di messer Niccholo Machiavelli vostro amico, & cittadino fiorentino, a chi por la eccellenza del' suo ingegno, & sagacità del' iuditto facilmente hoggi si da la laude del' be'n, et accomodato dire, di modo che havendo io com l'altri industrea suvenuto à i miei defetti, mi son persuoso quest mia honore<sup>114</sup>[...][*Il principe* – prefácio de Blado, sem página]

Mais do que apenas celebrar Maquiavel, Blado também celebra ao próprio comitente da obra, Strozzi, ao comparar o banqueiro e *condottiere* a um príncipe tais quais os modos desenvolvidos pelo autor nas obras que agora editou. Não apenas o editor sugere que Maquiavel fora de fato próximo de Strozzi como também sugerido por Landon<sup>115</sup>; mas também implicando uma amizade entre o então recém-falecido escritor e o político comitente. A pesquisa de William Landon explora de fato o relacionamento

<sup>113</sup>DAVIES, Jonathan. [Culture and power : Tuscany and its universities 1537-1609](#)([Online-Ausg.]. ed.). Leiden: Brill. 2009. p. 31.

<sup>114</sup> MACHIAVELLI, Niccolò. *Il Principe... La vita di Castruccio Castracani da Lucca... Il modo che tenne il duca Valentino per ammazar Vitellozo, Oliverotto da Fermo, il S. Paolo et il duca di Gravina Orsini in Senigaglia*. Antonio Blado d'Asola. Roma, 1532. Disponível em: <https://archive.org/details/4R581INV679>, Acessado em 20/07/2014.

<sup>115</sup>LANDON, William J.; *Lorenzo di Filippo Strozzi and Niccolo Machiavelli: Patron, Client, and the Pistola fatta per la peste/An Epistle Written Concerning the Plague*. University of Toronto Press. 2013.

de Maquiavel e Lorenzo Strozzi, irmão mais velho de Filippo<sup>116</sup>. A possibilidade dessa aproximação também se evidencia na aliança matrimonial contraída por Filippo Strozzi com Lorenzo II de Medici – a quem *Il Principe* fora ofertado – através do casamento de Filippo com a irmã de Lorenzo; Clarice de Medici. Maquiavel já circulava novamente em Florença a serviço da Casa de Medici no momento em que compõe sua obra política, na condição de dramaturgo e escritor<sup>117</sup>.

[...] & quantunche l'author medesimo dirizasse questa sua ben'ordinata fatica al'Magnifico Lorenzo de Medici, vostro cognato qual' havea el Principato effetuale, è parlo anche à me dirizarvi questa mia in esso usata diligentia & così accómpagnarla com un'altro Principe imaginativo, a chi no manca se non el Principato effetuale, accio si possa chiamare Principe da vero il quale seti certamenti voi Messer' Philippo mio osservam, che li modi vostri son' tali, che facilmente vi possa mettere nel' numero di quelli che hebbero el Principato, & accompagnarvi com chi l'author nostro volsi accompagnare un' suoassolutissimo Principe, che me rendo certo attenta la virtù, nobilità, & eccessive parti vostre<sup>118</sup>[...][*Il principe* – prefácio de Blado, sem página]

Notamos a partir dessa passagem como Blado tenta as boas graças de Strozzi ao agradecer pela suposta participação do mesmo no processo de oferta do *privilegio* das fontes garantido por Clemente VII. Ora, sabemos também que a esposa de Strozzi, Clarice de Medici, fora protegida pelos Medici em Roma assim como seus parentes do ramo sênior da família – seus sobrinhos Lorenzino e Catarina (futura rainha de França) – recebidos na casa de Strozzi a Roma com as bênçãos e proteção de Clemente VII, primo em segundo grau de Clarice. A aliança entre Strozzi e os Medici seniores ainda é sólida em 1531/32; o que reforça a possibilidade de que Blado se insere no contexto desta aproximação política – o conflito de Strozzi com os Medici é posterior, e travado principalmente com o ramo júnior da Casa e com o sucessor de seu cunhado, o bastardo Alessandro de Medici.

A maneira como tal apelo pela continuidade dos favores de Strozzi por seu editor condiz com o próprio teor da obra. Blado publica três documentos nessa fonte, fazendo uma compilação de obras de caráter político-histórico ao colecionar em um único volume *Il Principe; La Vita di Castruccio Castracani e Il modo che tenne il Duca Valentino per ammazar Vitellozzo Vitelli, Oliverotto da Fermo il .s. Pagolo et il Duca di Gravina Orsini in Sinigaglia*. Aproveitando do texto que acessou durante a edição, Blado oferece a Strozzi a condição de príncipe – para si, seu comitente detém todas as características que fazem de um homem um príncipe: sua *virtù*, sua nobreza, assim como sua engenhosidade e graça; apenas lhe falta de fato um principado! É evidente que Strozzi conhecia o teor do texto de Maquiavel, caso contrário tais referências seriam perdidas e não reconhecidas pelo comitente – fracassando assim a tentativa do editor em manter-se bem quisto pelo banqueiro. Ainda mais, Blado referencia ao cunhado de

<sup>116</sup> Uma nota explicativa se faz necessária quanto às práticas nominativas destes personagens. William Landon se refere em sua pesquisa à aproximação entre Maquiavel e Lorenzo di Filippo Strozzi; enquanto Blado se refere em seu prefácio a Filippo di Filippo Strozzi (algumas vezes chamado na fonte de Philippo; e através da historiografia como Filippo Stozzi o Jovem), nascido Gian Battista e renomeado por sua mãe Salvaggia Gianfigliuzzi quando do falecimento de seu pai, Filippo Strozzi o Velho.

<sup>117</sup> Embora apenas apresentada pela primeira vez em 1526, as datas estimadas da escrita da peça *La Mandragola* são sugeridas para 1518. *O Asno de Ouro* seria escrita em 1517, assim como *Andriae Clizia* entre 1518 e 1520.

<sup>118</sup> MACHIAVELLI, Niccolò. *Op. Cit.*

Strozzi, o ‘verdadeiro príncipe’ Lorenzo de Medici, enquanto um detentor ‘pleno’ de um principado – nesse caso específico, tanto a *signoria* de Florença quanto o ducado de Urbino; obtido com o empreendimento de seu tio Leão X. O conhecimento explícito de Blado sobre o teor da obra que editou, assim como o conhecimento implícito de Strozzi e de Clemente VII sobre o texto, e assim, as ideias de Maquiavel sugerem que a recepção das perspectivas políticas tão condenadas pelos autores do final do século XVI e principalmente do século XVII não era consenso entre os eruditos e cortesãos contemporâneos ao autor. Se na cúria romana o próprio Papa, maior autoridade entre os estudiosos da lei e da moralidade cristã assume para si um texto tão evidentemente profano – e, diriam alguns críticos, mesmo pagão<sup>119</sup> – notamos que sua perspectiva a respeito dos métodos de governo dos príncipes, expostos e criticados, serviam bem aos interesses da sociedade política de sua época.

Podemos, enfim, adentrar o corpo das fontes de fato. Logo após o prefácio de Blado, *Il Principe* é introduzido com um sumário dos capítulos nos quais a obra é dividida, assim como as páginas nas quais os capítulos estão localizados. Como os tamanhos desses capítulos flutuam entre parágrafos de meia página a muitas páginas, o editor numerou-as a partir de um método que contempla os fólhos, ou seja, cada folha em si (frente e verso) enquanto uma numeração apenas. Sendo assim, a *carta I* trata tanto a frente como o verso da paginação marcada enquanto *I*; começando a paginação apenas a partir do prefácio abaixo analisado – não incluindo assim as folhas de rosto, a capa, ou o prefácio à Strozzi. Dessa maneira, nas citações seguintes referentes ao posicionamento das passagens mencionadas, utilizarei o método do editor acrescidos da informação frente/verso, conforme necessário.

O prefácio de Maquiavel a Lorenzo di Piero de Medici é então apresentado ao leitor. Enquanto o prefácio de Blado a Filippo Strozzi fora retirado de todas as edições e traduções recentes, talvez considerado uma peculiaridade específica da versão da fonte analisada e não propriamente parte do texto de Maquiavel (uma vez que não fora escrito pelo autor florentino) o prefácio de Maquiavel a Lorenzo de Medici é amplamente disseminado em conjunto com o corpo principal do texto, aonde o autor justifica sua obra – e sua pertinência enquanto um possível conselheiro leal e experiente ao jovem e inexperiente *Signor* de Florença, lembrando que Lorenzo de’ Medici teria assumido o controle político da República em 1513 com apenas 20 anos, o ducado de Urbino com

---

<sup>119</sup>*Anti-Machiavel*. Autor anônimo. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Anti-Machiavel>; acessado em 26 de setembro de 2016. No interior da Academia fala-se mesmo de um movimento de rechaço às ideias de Maquiavel assim como de desqualificação de sua pessoa – talvez seu ícone mais explícito sendo Frederico II da Prússia (Frederico o Grande), mecenas de Voltaire e escritor da obra *Anti-Machiavel of oordeelkundig onderzoek, van den Vorst, van Machiavel / Anti-Machiavel ou Essai de critique sur le Prince de Machiavel*. Como inúmeros críticos do florentino, a essência da crítica de Frederico é de caráter principalmente moral – apontando os malefícios cometidos pelos personagens utilizados como exemplos positivos de atitudes pelo autor. Embora sua primeira redação tenha sido sugerida desde 1730, sua obra teria sido revisada pelo próprio Voltaire em 1738-1739 e apenas publicada em 1740. Embora talvez o mais ilustre de seus críticos, o contexto da Contra-Reforma já havia vetado a Maquiavel publicamente condenando-o ao *Index*. De acordo com Bireley, Robert, *The Counter Reformation Prince: Anti-Machiavellianism or Catholic Statecraft in Early Modern Europe* (1990), “...there were in circulation approximately fifteen editions of the Prince and nineteen of the Discourses and French translations of each before they were placed on the Index of Paul IV in 1559, a measure which nearly stopped publication in Catholic areas except in France. Three principal writers took the field against Machiavelli between the publication of his works and their condemnation in 1559 and again by the Tridentine Index in 1564. These were the English cardinal Reginald Pole and the Portuguese bishop Jeronymo Osorio, both of whom lived for many years in Italy, and the Italian humanist and later bishop, Ambrogio Caterino Politi.” Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Prince](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Prince); acessado em 26 de setembro de 2016.

23 anos; enquanto a primeira magistratura cidadina de Maquiavel – sua eleição enquanto Secretário da Segunda Chancelaria tomara lugar quanto o diplomata contara com 29 anos.

Maquiavel principia logo após ordenarem-se os vinte e seis capítulos de *Il principe* – organizados em algarismos romanos, ainda que a paginação conte com algarismos indo-arábicos – com um prefácio dedicado a Lorenzo de’ Medici. Sabemos que este prefácio fora uma reorganização preparada perante uma das mudanças que a própria *fortuna* impusera a Maquiavel: quando da redação da obra, o autor primeiramente dedicara-a a seu tio – Giuliano de’ Medici, duque de Nemours<sup>120</sup>. De fato, Giuliano se mostrava um potencial príncipe ao assumir a *signoria* de Florença a partir da construção de sua figura política por seu irmão, Leão X. Giovanni de’ Medici, que se tornaria papa no ano seguinte, já construía outras alianças pela família ao convencer Carlos V a expulsar de Florença aqueles que haviam contribuído com o exílio da família em 1494; ou seja, a ruína do *gonfaloniere* Piero Soderini e, consigo, de Maquiavel. Com a ascensão de Giovanni ao papado como Leão X, Florença ficaria aos cuidados de seu irmão Giuliano; que receberia de seu irmão um casamento arranjado com Filiberta, filha de Philip II, duque de Savóia, em 1515; e eventualmente o título de Duque de Nemours do rei de França Francisco II no ano seguinte. A morte repentina de Giuliano levou Maquiavel a enfrentar um novo contexto, e assim, novas possibilidades em tomar o sucessor de Giuliano, Lorenzo II, como seu potencial mestre – Leão X também utilizava sua própria influência política para ‘criar’ a figura de Lorenzo, seu sobrinho, como fizera com Giuliano; seu irmão mais novo – já em 1516 o papa empreendera a Guerra de Urbino, conferindo após custoso conflito armado o ducado a Lorenzo.

Conhecemos que, com a mudança da dedicatória, Maquiavel fora oferecer sua obra a Lorenzo em um episódio malfadado, como nos narra Masters<sup>121</sup>.

“Conta-se que, por volta do momento em que a dedicatória foi mudada, Niccòlo ofereceu pessoalmente um exemplar de *Dos principados* a Lorenzo de’ Medici. O presente foi dado “num momento em que ele [Lorenzo] estava ganhando um par de cães de corrida, e ele falou e olhou com mais gentileza para o homem que lhe deu os cães do que para ele (Maquiavel)”. Como não seria de surpreender, Niccolò “partiu enraivecido”. Apesar de sua relação com Francesco Vettori, ele foi tão incapaz de conseguir um emprego de Lorenzo de’ Medici quanto o fora de seu tio Giuliano.”

Grande ironia sofreu Maquiavel! Justamente sendo o tema de sua dedicatória; o autor em posição de humildade perante seu interlocutor desejado oferece seu conhecimento ao então-príncipe de Florença partindo da menção de como usualmente se aproximam dos príncipes aqueles que querem buscar favores e recompensas com eles. Sua humildade ao apresentar-se enquanto ‘pequeno’ perante um ‘grande’ como Lorenzo é parte de evidente recurso discursivo para adquirir uma aproximação com o príncipe sem sujeitar-se ao que na própria obra condenaria: ser encarado enquanto um mero adulator, um bajulador junto a Lorenzo; mas demonstrar como o autor também

<sup>120</sup>MAQUIAVEL, Nicolau. *Op. Cit.*; Pg. 26-28. Antonio D’Elia, em sua introdução sobre o autor, reproduz parte da célebre carta, datada de 10 de dezembro de 1513, aonde Maquiavel primeiro menciona seu ‘opúsculo’ que se tornaria *Il principe*; assim como também o escritor comenta a seu amigo ter debatido com um segundo companheiro, Filippo Casavecchia; que também trabalhara para a República na função de comissário.

<sup>121</sup>MASTERS, Roger. *Maquiavel e Da Vinci, Um Sonho Renascentista*. Jorge Zahar Editora. 1999. Pg. 174.

segue o costume do presentear, tal qual seus recursos – no caso, o conhecimento oriundo de sua experiência política assim como de sua educação histórica.

*Sogliono il più de le uolte che desiderano acquistare gratia à presso un'Principe farse li innazi có quelle cose che in tra le loro habbino più care, ò de le quali uegghino lui più delettarsi, donde si uede molte uolte esser' loro presentati, cauagli, arme, drappi doro, pietre pretiose, e simili ornamenti, degni de la grandeza di quelli: Desiderando io adunque offerirmi à la uostra. M. Con qualche testimone dela servitù mia uerso di quella, non ho trouato intra la mia supelletile cosa, quale io habbi più cara, ò tanto stimi quanto la cognitione dele attioni delli huomini grandi, imparata da me con una lunga esperientia dele cose moderne, e una continua lettione dele antiche<sup>122</sup>[...] [Il principe – pg. 2]*

O autor apresenta-se enquanto um homem de letras, e apenas nessa condição. Maquiavel conhece o risco, que explorará durante a obra, de parecer um mero adulator; ou ainda mais no uso desmedido e despropositado da astúcia. Através desse texto não pretende, explicitamente, ludibriar àquele com quem busca reunir seu destino na condição de erudito. Para clamar pela atenção de Lorenzo e comovê-lo, Maquiavel admite se encontrar em um momento de fragilidade, expondo-se ao final deste prólogo.

*Pigli adunque vostra. M. questo piccolo dono, con quello animo che io lo mando, il quale si da quella fia diligentemente considerato, & letto vi conoscerà dentro uno estremo mio Desiderio, che lei peruengha à quella grandeza, che la Fortuna, & le altre sua qualità gli prometteno, & se uostra. M. Dallo ápice dela sua alteza qualche uolta uolgerà gli occhi in questi luoghi bassi conoscerà quanto indegnamente io sopporti una grande, & continua malignità di Fortuna. <sup>123</sup>[Il principe – pg. 2, verso]*

Já em seu prólogo Maquiavel começa a explorar e ‘armar’ seus recursos discursivos – entre eles, a fortuna. Notemos como o autor originalmente trata o termo *Fortuna* em maiúscula: aqui fortuna também é, mais do que as condições de boa ou má sorte, um nome próprio: ou seja, a deusa romana clássica que abençoa ou amaldiçoa aos homens. Trata Maquiavel de introduzir sua condição perante Lorenzo como alguém que tem sido recorrentemente alvo da *Fortuna*, da má sorte, que tem girado sua Roda para baixo e repetidamente tentado afogar a Maquiavel; ao mesmo tempo em que contempla como a *Fortuna* tem abençoado a Lorenzo – sua condição, como de maneira tão célere

<sup>122</sup> Com a finalidade de facilitar o acesso do leitor às fontes explicitamente citadas durante esta dissertação, as sessões retiradas das fontes serão rebatidas em notas de rodapé com a versão presente na tradução selecionada. MAQUIAVEL, Nicolau. *Op. Cit*; Pg. 33. “Costumam, o mais das vezes, os que desejam obter graça junto a um príncipe chegar-se a ele com as coisas que, entre as suas, tenham em maior conta, ou com as quais mais o vejam deleitar-se. Daí ver-se frequentemente serem eles presenteados com cavalos, armas, tecidos de ouro, pedras preciosas e ornamentos de igual valia, dignos de sua grandeza. Desejando apresentar-me a Vossa Magnificência com algum testemunho de minha vassalagem, não encontrei, entre as coisas do meu cabedal, nem uma que me seja tão cara ou que tanto considere quanto o meu conhecimento dos feitos dos grandes homens, por mim obtido através da longa experiência das coisas modernas e do continuado estudo das antigas [...]”;

<sup>123</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *Op. Cit*; Pg. 34. “Receba, pois, Vossa Magnificência este pequeno presente com o espírito com que eu o mando. É obra que, diligentemente considerada e lida, lhe dará a conhecer o meu desejo extremo: o de que Vossa Magnificência alcance a grandeza que o destino e as suas qualidades lhe prometem; E se Vossa Magnificência, do ápice, de sua altura, deitar alguma vez os olhos para estes lugares aqui embaixo, verá quão injustamente sofro uma grande e contínua malignidade da sorte.”



conseguiu tomar a *signoria* de Florença mesmo que através do falecimento súbito de seu tio Giuliano.

Enfim podemos adentrar a própria obra em si, e seu primeiro fólio propriamente dito. Antes de adentrar o primeiro capítulo, notamos como Maquiavel – ou seu editor – identificou-se no princípio de fato do corpo da obra. Por mais que sua exoneração do cargo tenha-se passado em 1512 após o fracasso de sua milícia cidadina contra as hostes espanholas de Carlos V; Maquiavel ainda se chama não apenas cidadão de Florença (*cittadino*) o autor ainda se chama secretário (*segretario*). A possibilidade de essa informação ser uma inserção posterior por Blado existe, porém seria fácil conquistar a inimizade de Clemente VII ao lembrar ao papa do esforço republicano entre a efervescência teocrática de Girolamo Savonarola e o governo dos opositores dos Medici em Florença encabeçado por Soderini. Clemente VII, Giulio de' Medici, tivera o pai Giuliano assassinado cerca de um mês antes de seu nascimento durante a Conjuração dos Pazzi em 1478, aonde implicados foram diversos opositores do governo de seu tio, Lorenzo o Magnífico.

Os indícios da inclinação de Maquiavel a um eventual retorno ao ambiente político de Florença, potencialmente sua reinserção no cargo que uma vez ocupara e do qual fora espoliado enquanto secretário da Segunda Chancelaria – e, por que não, do Conselho dos *Dieci di Libertà e Pace*? Talvez o cargo fosse meramente um título distintivo para melhor identificação de Maquiavel por aqueles que não lhe eram seus íntimos ou mesmo próximos; apenas reconhecendo-o enquanto do cargo político que uma vez exercera. Essa última possibilidade me parece mais plausível, uma vez que intitular-se inequivocamente enquanto Secretário em uma obra ofertada ao Duque de Urbino e *signor* de Florença poderia ser considerada plenamente ofensiva, como se reivindicasse direitos e cargos – lembramos que Maquiavel busca o favor de Lorenzo de' Medici, não sua inimizade. Exonerado em 1512 e torturado em 1513 por suposto envolvimento em resistência ao novo *signor*, Giuliano, é provável que perante Lorenzo em 1516 Maquiavel não fosse imediatamente lembrado. Ainda há a possibilidade de que Maquiavel identificasse enquanto o papel político de maior importância que já houvesse exercido; sobre o qual ansiasse retornar e através do qual ainda encarasse sua realidade – afinal, de seu cargo Maquiavel aproveitou viagens ao redor da cristandade latina – a Roma, a Forlì, assim como a França e aos principados germânicos. A referência também se toma pelo papel que desempenhara nessa função enquanto diplomata – e de onde teria adquirido não apenas sua experiência política, como aonde pudera observar a natureza dos príncipes e de onde se autorizou a compor a obra que agora analisamos.

*Quante siano le spetie di Principati, et con quali modi si acquistino. Uttili stati, Tutti e Dominiiii che hanno hauuto, et hanno Imperio sopra gli huomini sono stati, et sono ò Repu. Ò Principati. E Principati sono ò hereditaiiii, de quali el sangue del loro Signor' ne sia stato logo tepo Principe p è sonno nuoui tutti, come fù Milano à Francesco Sforza, ò sonno come memora aggiuti alo stato hereditario del' Principe che li acquista, come il Regno di Napoli al Re de Spagna, sonno questi domini così acquistasi ò cosueti à uiuere sotto un' Principe ò usi ad esser' liberi, et acquistonsi ò con l'armi d'altri ò con proprie, ò per Fortuna, ò per Virtù.<sup>124</sup>[Il principe – pg. 3]*

<sup>124</sup>MAQUIAVEL, Nicolau. *Op. Cit*; Pg. 37. “QUOT SINT GENERA PRINCIPATUUM ET QUIBUS MODIS ACQUIRANTUR.\* De quantas espécies são os principados e de quantos modos são conquistados – Todos os Estados, todos os domínios que tiveram e têm império sobre os homens, foram e são ou repúblicas ou principados. Os principados são ou hereditários, dos quais os ascendentes do seu senhor foram por

O capítulo I trata de tipificar os *stati* de Maquiavel; quais suas naturezas assim como abordará a estes. Aqui surge um dos grandes problemas conceituais de quando se aborda a linguagem de Maquiavel – O do termo *stato*. A tradução utilizada, assim como tantas outras, traça o paralelo de maneira direta e sem grandes questionamentos acerca do termo para sua tradução literal Estado, como em Estado Moderno. Não mesmo estado, *status*, com suas conotações amplas; mas Estado com ‘E’ maiúsculo configurando falar-se de ‘Estados’ tais quais os Estados Nacionais Modernos, os aparatos de governo teorizados pelo ‘Leviatã’ de Thomas Hobbes, entre outros. O que se trata de um grande equívoco ao se abordar Maquiavel.

De maneira usual se notam os equívocos dos autores que, de maneira direta, aproximam o *stato* de Maquiavel através do termo Estado. Por mais que algumas de suas acepções permitissem a equivalência ou aproximação entre a perspectiva maquiaveliana do termo e o senso comum sobre o que se pensa Estado; é necessário manter o termo enquanto compreendido em seu período, enquanto concebido pelo escritor no século XVI. É atribuída a Maquiavel o primeiro uso da palavra Estado<sup>125</sup> quando da menção de seu *stato* que agora analisamos, porém, Mansfield prova que não apenas Maquiavel não fora o primeiro a introduzir o vocábulo à linguagem política medieval<sup>126</sup>, como também seu *stato* não se relaciona a percepção que detemos sobre o termo Estado. De fato, sua sugestão é que tomemos o termo enquanto um desenvolvimento do latim *status* – significando condição (em que algo se encontra/de algo), situação, ou propriamente estado com este significado de condição; assim sendo, o *stato* maquiaveliano é mais aproximado com a ideia de *dominium* do que de Estado.

---

longo tempo príncipes, ou novos. Os novos ou são inteiramente novos, como o foi Milão sob Francesco Sforza, ou são membros acrescentados ao Estado hereditário do príncipe que os conquista, como o reino de Nápoles, que é do rei de Espanha. São estes domínios, desta forma conquistados, habitualmente submetidos a um príncipe ou livres; e conquistados ou com armas alheias ou com as próprias, pela boa sorte ou pelo valor”.

<sup>125</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Op. Cit.* Pg. 364. & BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política Vol.1.* Artigo: Estado Moderno, Pg. 425-431. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

<sup>126</sup> MANSFIELD, Harvey C; *Machiavelli's Virtue*. The University of Chicago Press. Chicago. 1998. Pg. 285-286. “The word “state” does indeed occur in political contexts in the Middle Ages, but to name the regime, not a neutral, impersonal state. In this usage the Latin *status* does not stand alone, but requires some accompanying word or phrase to specify whose *status*. The “state of the Church” (*status ecclesiae*) or “state of the realm” (*status regni*) has the general meaning of “state” as condition, still in use today, in which one must specify the condition of stability or a good condition, so that *status* could mean the welfare (of the realm) or the well-being (of the Church), which sets limits on the actions of the pope. *Status* did not mean the extent of effective power, when power is abstracted from its particular ends and is generalized as the power to do anything. When *status* comes to mean abstract, general power, effective for any end, we see the connection between state as a general or universal condition and state as sovereign, and we recognize modern state. To illustrate the meaning of *status*, we may consider Thomas Aquinas’s commentary on Aristotle’s *Politics* (ca. 1260), an authoritative source because of its influence and because its object is political science, not legal argument. Neither Thomas in his commentary nor William of Moerbeke in his translation makes use of *status* for the discussion of the regime in the third book of the *Politics*. But *status* does enter the revision of Aquinas’s commentary made by Ludovico de Valentia in 1492 using Leonardo Bruni’s translation of Aristotle from the early fifteenth century. As instances of a general rejection of Moerbeke’s Grecisms, *oligarchia* becomes *status paucorum*, and *democratia*, *status popularis*. This is done in a context where the *politia* (regime) is said to be nothing other than the *ordo dominantum* in the city. The “state of the few,” then, is their domination; but it is also their condition, order, or way of life, which is the condition of the city where they dominate. This thoroughly unmodern identification of the *power* in a society with the *condition* of that society, which makes its politics responsible for its way of life, seems characteristic of medieval usage, and of Florentine usage as well, before Machiavelli.”

Ora, o primeiro capítulo de *Il principe* nos oferece o significado mais aproximado de uma definição clara sobre o que configura, para Maquiavel, seus *stati – dominii e Imperio*. Aonde se detém o *dominium* e o *Imperio* configura assim o *stato* do escritor; cuja perspectiva de *Imperio* enquanto uma dignidade e um valor mais do que uma extensão territorial caracterizada pelos poderes que exercem sobre ela sua influência se aproximam da interpretação romana; a qual certamente detinha conhecimento acerca. De maneira mais extensa, a reflexão sobre a perspectiva da ciência política traçada por Mansfield aproxima-se da sugerida por Skinner ainda que se diferencie da mesma em um ponto específico. O *stato* maquiaveliano não é propriamente um estado impessoal moderno; onde o estado independe de personagens específicos; mas sim um desenvolvimento do relacionamento entre *polis* e *politeia* de Aristóteles e Platão – a abstração aonde um grupo dotado de mesma cultura compõe o grupo dirigente dessas sociedades, o denominado *partisan regime* de Mansfield; que inserido no contexto do Renascimento italiano pode ser percebido enquanto o governo das *partique* compõe a sociedade política das *comune* italianas; ou como explorado pelo autor, as confrarias e *universitas* enquanto congregações de indivíduos<sup>127</sup>. Tal corporativismo enquanto sugerido por Mansfield pode ser observado nos mais diversos ambientes das sociedades medievais – as *fraternitates*<sup>128</sup>, associações de clérigos e leigos reunidas pela necessidade da manutenção de *memoria* de seus membros e aproximados através da celebração litúrgica; as sociedades de torres<sup>129</sup> compostas por grupos heterogêneos e diversas famílias reunidas por motivos de segurança e eventualmente se tornando grupos políticos; mesmo entre os componentes das *condotte*, as *parti* enquanto facções políticas, além do monacato como mencionado. O estado impessoal moderno tal qual concebido e expressado no termo Estado, com ‘E’ maiúsculo, o monstruoso Leviatã hobbesiano, depende de magistraturas e cargos dissociados das opiniões e desejos de seus ocupantes, transsubstanciados em conceitos desencarnados em ocupações dissociadas dos indivíduos que o compõe. E este não é o caso do *stato* de Maquiavel. O *stato* do escritor florentino é tratado no texto enquanto uma posse daqueles que o controlam tal qual o *dominium* medieval; sendo definido através de sua ‘possessividade’<sup>130</sup>. Mansfield nota essa situação e a ela adiciona a

---

<sup>127</sup>MANSFIELD, Harvey C; *Op. Cit.* Pg. 287-288. “[...] If this is to happen, the state as a corporation must be radically abstracted from the actual persons who govern through it. The medieval corporation, often called *universitas*, was the legal person of a preexisting group, for example the monks of a monastery. It conferred a legal immortality on their group, thus a certain impersonality, but it did not require the monks to abstract from their character as monks when constituting the *universitas*. A greater abstraction occurred when *universitas* was used to describe the community that was the source of law beyond communities existing under the law. But again, although a legal person, the *universitas* was a particular community, a particular people having an existence before its legal existence; the legality conferred by incorporation was a baptism, not a creation. Hence, as Brian Tierney explains the principle of medieval corporatism, the people command as *universitas* but obey as individuals. This is precise opposite of the principle by which the modern state is incorporated: according to Hobbes and our present understanding, we are free as individuals and obey as citizens. The medieval individual is an individual of a certain multitude; the modern individual is abstracted from any multitude. The modern state is created by incorporation from the “state of nature” of abstract individuals or something like it. The modern state is not merely a legalized, incorporated version of a preexisting regime, it is artificial in order to abstract from any regime that might be lurking behind the medieval corporation.”

<sup>128</sup> FRANK, Thomas. *Confraternities, Memoria and Law in Late Medieval Italy*. Friedrich-Meinecke-Institut; Freie Universität Berlin. Sem data.

<sup>129</sup>HARRISON, Paul R., *Op. Cit.*

<sup>130</sup>MANSFIELD, Harvey C; *Op. Cit.* Pg. 288. “When Machiavelli uses *lo stato* without a possessive pronoun, however, he seems always to imply one. Merely because the word *stato* in the Italian of Machiavelli and of his contemporaries had acquired the ability to stand alone by contrast to the Latin

reflexão de como o autor guia a compreensão do *stato* a partir de seu *principe*; seja ele o indivíduo ‘implícito’ durante a abstração teórica, o personagem histórico, ou a coletividade em seu contexto; todas as referências de Maquiavel à um *stato* são relativas a alguém/algo que detenha a posse deste conceito.

Devemos concordar com a crítica de Mansfield, principalmente orientada aos historiadores com o equívoco interpretativo do anacronismo, no referente ao termo Estado<sup>131</sup>; pequeno pecado tão popular na bibliografia anglófona. O deslize e o pecado que Mansfield tão sagazmente aponta, no entanto, também pode ser traçado contra sua própria redação ao naturalizar a discussão política através do termo *regime*, que lhe serve de aparato de uso geral principalmente quanto ao exemplificar um grupo dominante ou mesmo um estilo específico de sociedade política e seus funcionamentos intrínsecos. Ora, *regime* em si é um termo também repleto de pesada carga histórica assim como dotado de inúmeras acepções distintas, ainda que o discurso do autor permita ao pesquisador inferir quais deles se referem em específico – de conjunto de instituições à mera orientação momentânea do Estado; e que não passam pela crítica de Mansfield<sup>132</sup>.

Nesse primeiro capítulo, Maquiavel também já utiliza pela primeira vez seus conhecimentos de História enquanto erudito, se não propriamente enquanto um historiador. A redação de *Il Principe*, entre 1513 (a carta a Francesco Vettori) e 1516 (a reescrita da dedicatória e apresentação a Lorenzo II), ocorre antes da escrita de suas obras de caráter historiográfico – como os *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio*, supostamente iniciados em 1517; *La Vita di Castruccio Castracani*, terminada em 1520 e mesmo *Storie fiorentine*, datada de 1526. O que não implica dizer que Maquiavel não tomasse a História enquanto o fator mais relevante para a determinação política dos povos – como se tornaria mais evidente pelo caráter didático de toda obra.

*La Vita di Castruccio Castracani* é foco central de análise dessa dissertação, uma vez que ela forma a parte central e talvez mais importante do tríptico formado na edição *bladiana* aqui explorada. De fato, não podemos afirmar até qual ponto Filippo Strozzi ou Antonio Blado d’Asola interviram no corpo do texto de Maquiavel – mas o que podemos afirmar é que tanto o comitente quanto o *stampador de libri* estavam plenamente informados do propósito destes textos assim como do conteúdo político dos mesmos, assim como da teoria política que o humanista florentino estava a traçar uma

---

*status*, it does not follow that *stato* meant “impersonal state” any more than did *politia* in Moerbeke’s translation of Aristotle’s *politeia*, which also stood by itself. The phrases Skinner cites as possible counter-examples suggesting a tincture of impersonality in Machiavelli’s *stato* – *la maestà dello stato*, *l’autorità dello stato*, *la mutazione dello stato* – prove on examination to refer to the majesty, authority and change of *someone’s* state. The someone may be collective, as in *stato di Firenze*, but that does not make Florence’s state any less personal than Aristotle’s *status popularis* (in Bruni’s translation of Aquinas’s commentary), which is a regime belonging to the people. If the *stato di Firenze* includes Pisa, that is because Pisa belongs to the Florentines.”

<sup>131</sup>MANSFIELD, Harvey C; Op. Cit. Pg. 284-285. “As far as I can see in the research of others, the classical understanding of the regime prevailed in medieval usage before Machiavelli. It is not easy to see whether partisan regime or impersonal state is in question, because of the unhistorical habit, almost universal in medieval historians, of using the term “state” before it occurs or not as it was used in history. This habit is a form of superiority that implies that the observer knows what is going on better than the participant, as, for example, when the observer knows that the participant lives in a “medieval” period whereas the participant knew or conceived no such thing. Many medieval historians are in truth scholars of the unnoticed beginnings of modernity. Sometimes they speak of “the state” as taking shape, implying that the state is essentially modern; sometimes they contrast the “medieval state” with the “modern state”, implying that the state is essentially universal. [...]”.

<sup>132</sup> ABBAGNANO, Nicola; Op. Cit. Pg. 840. & BOBBIO, Norberto; Op. Cit. Pg. 1081.

vez que a composição da edição *post-mortem* costura para o interlocutor uma lógica argumentativa sólida – *Il Principe* é o manual da política pragmática, enquanto *La Vita di Castruccio Castracani* e *Il modo che tenne il duca Valentino per ammazar Vitellozzo, Oliverotto da Fermo, il S. Paolo et il duca di Gravina Orsini in Senigaglia* formam, respectivamente, seus *exempla* retirados da História antiga e recente<sup>133</sup> da lógica argumentativa apresentada em *Il Principe*.

Por que Maquiavel escolheria Castruccio Castracani para sobre ele construir o arquétipo de seu *grande uomo*, seu príncipe de excelência? Sendo detentor da *signoria* de Lucca aonde sua condição de potência seria plenamente desenvolvida, Lucca deve ser encarada como o palco de sua visão. Um primeiro ambiente da descrição de suas perícias e virtudes que eventualmente levariam Castracani a alçar-se a outros ambientes de conquista – perante a Toscana, e influência política sobre toda a Itália setentrional.

Lucca é um centro de importância regional na Toscana desde a Antiguidade. O nome provém do lígure antigo a partir do vocábulo *luk*, significando ‘local pantanoso’<sup>134</sup>, referindo-se às características físicas da região; e não do osco *Lucania/Leukania*, referente à região na Antiguidade análoga à atual Calábria e por vezes traduzida como ‘terra do Sol’ por sua provável etimologia greco-latina para *leukos* (branco) e *lux* (luz), equívoco observado em materiais de interesse turístico. Originalmente uma fortaleza etrusca, contanto também com evidências de um assentamento lígure mais antigo, a relevância estratégica do posicionamento do forte é reconhecida pelos romanos, que expandem as fortificações e tornam a cidade uma *castra*. É em Lucca que, em 56 a.C; se afirmam os vínculos e acordos entre Júlio César, Pompeu e Crasso no que historiograficamente seria denominado o ‘Primeiro Triunvirato’<sup>135</sup>. Em fontes medievais dos séculos XIV e XV, por vezes o nome da *comune* é grafado como *Luccha/Lucha*, tal qual é o caso do *codex Sercambi*<sup>136</sup>, a forma moderna *Lucca* já consolidada na obra de Maquiavel, ou seja, a forma atual já cristalizada no princípio do século XVI.

Maquiavel tem um relacionamento de negócios com Lucca – é para lá que viaja a trabalho para executar transações durante seu exílio em 1520, e é nessa cidade que se atribui o local de redação de *La Vita di Castruccio Castracani*, assim como do tratado *Sommario delle cose della citta di Lucca*<sup>137</sup> no qual explora as ordenações e conselhos da república *lucchese*, assim como críticas sobre os pontos positivos e

<sup>133</sup> MASTERS, Roger. *Op. Cit.* Pg.227. Nota 175. [186] “Este último texto pretendia: Zanobi Buondelmonte escreveu a Niccolò em Lucca, partilhando os elogios de vários de seus amigos a Vida de Castruccio Castracanei, chamando-a de “esse seu modelo de uma história” e instando-o a retornar para poder discutir com Battista della Palla aquela “nossa idéia de que tens conhecimento” de escrever uma História de Florença (Zanobi Buondelmonte a NM, 6 de setembro de 1520, Machiavelli and His Friends.#263, pp.328-29).”

<sup>134</sup> De acordo com o ArtLucca – Azienda di promozione turística, assim como GRIECO, Romy. *Lucca, town of Art.* Renzo Santori. Editions Italcards. Bologna, sem data. Pg. 3.

<sup>135</sup> Como afirmado por Plutarco, tanto na vida de César (capítulo 21), quanto nas vidas de Crasso (capítulos 14 e 15) e Pompeu (capítulo 51). Comentário disponível em: <http://www.livius.org/sources/content/plutarch/plutarchs-caesar/the-lucca-conference/>; acessado em 1 de fevereiro de 2017.

<sup>136</sup> Também conhecido como *Croniche Sercambi* ou *Croniche di Luccha*, a obra escrita conjuntamente com *novelle* por Giovanni Sercambi, morador da cidade, que a teria composto entre 1368 e o ano de sua morte, 1424. Diversas sessões do manuscrito contém a fórmula *Luccha*, assim como ilustrações relacionadas aos eventos narrados.

<sup>137</sup> Em português logramos uma tradução deste opúsculo na compilação *O Príncipe & Escritos Políticos*. Tradução de Olívia Bauduh. São Paulo. Editora Nova Cultural Ltda. 1999; sob o título de *Breve descrição do Governo da cidade de Lucca*. Pg. 249.

negativos da organização política de sua *Signoria*<sup>138</sup>. Sua observação elogiosa é ofertada à distinção entre os cidadãos de Lucca entre a administração pública e a administração de justiça no interior da *comuna*, ou seja, uma perspectiva positiva sobre a divisão entre esferas de poder anterior à de Montesquieu.

Quanto à Castracani, sabemos que o personagem já chamara a atenção de outros autores além de Maquiavel. O editor e gramático Aldo Manuzio, contemporâneo do autor florentino, editou e publicou em Veneza, no ano de 1503 a obra *Le Azioni di Castruccio Antelminelli, signori de Lucca, com la genealogia della famiglia*. A mais antiga obra de caráter biográfico específico, excetuando as menções sobre Castracani presentes em crônicas diversas, seria aquela do *lucchese* Nicollo Tegrini *Vita Castruccii Antelminelli lucensis ducis*<sup>139</sup>, publicada em 1496 em Modena. O interesse de Tegrini, patricio da cidade de Lucca e diplomata, parece a princípio nutrido por um propósito ‘patriótico’ pelo valor de seus conterrâneos no passado. Assim sendo, notamos que Maquiavel não fora o primeiro a escrever sobre a figura célebre de Castracani, mas seus pares não apenas eram seus contemporâneos como também circulavam em ambientes cortesãos – Manuzio presente a Roma diversas vezes na condição de editor, enquanto Tegrini na condição de diplomata perante Carlos VIII de França e o imperador Maximiliano<sup>140</sup>.

Nos primeiros parágrafos de *La Vita*, Maquiavel segue a fórmula humanista de explicitar os objetivos de seu texto ao endereçá-la a alguns de seus amigos que ainda circulam na política florentina, jovens escritores que logram nutrir-se com ânimo da experiência política de um Maquiavel já maduro<sup>141</sup>. Luigi Alamanni e a Zanobi

<sup>138</sup> MASTERS, Roger. *Op. Cit.* Pg. 175. “*Outra missão comercial, novamente para liquidar um caso de falência, enviou Niccolò para Lucca, onde ele escreveu um ensaio sobre a situação política da cidade (“Um sumário dos negócios da cidade de Lucca”) e a Vida de Castruccio Castracani. Este último texto pretendia ser um “modelo de uma história” que ele poderia escrever sob encomenda para os Medici.*”

<sup>139</sup> TGRIMI, Nicollo. *Vita Castruccii Antelminelli Lucensis ducis auctore Nicolao Tegrino equite ac iurisconsulto Lucense una cum etrusca versione Georgii Dati nunc primum vulgata*. 1496. Tradução ao dialeto toscano da língua italiana moderna por Georgi Dati, 1742. Enquanto a obra original fora redigida em latim, diferentemente das obras de Maquiavel e Manuzio, essa edição bilíngue foi traduzida ao italiano – tratado como *Etrusca versione. A Arte da Guerra e Outros Ensaíos*. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. Sérgio Bath sugere que Maquiavel certamente conhecia a versão de Tegrini muito embora um infeliz erro de grafia tenha gerado equívocos agora solucionados. Pg. 10. “A família Guinigi, das mais ilustres, não parece ter marcado muito a época de Castruccio. Talvez por isso Maquiavel a tenha escolhido, na ficção, como protetora de Castracani (não há dúvida de que Maquiavel conhecia a *Vita di Castruccio* de Niccolò Tegrini [*sic*] – esta sim uma biografia veraz – seguindo-a quando não lhe parecia necessário alterar a história para amoldá-la aos objetivos de sua “fantasia”).” Grifo sobre erro de digitação problemático.

<sup>140</sup> SIMONETTI, G., *I biografii di Castruccio Castracani degli Antelminelli*, in *Studi storici* di A. Crivellucci e E. Pais, II (1893), Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/niccolo-tegrini\\_\(Enciclopedia-Italiana\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/niccolo-tegrini_(Enciclopedia-Italiana)/), acessado em 4 de fevereiro de 2017.

<sup>141</sup> ZANETTI, Lucca. *O Príncipe e o Mercenário – A sugestão de um modelo ideal, através de La Vita di Castruccio Castracane, de Nicolau Maquiavel (1518-1520)*. Curitiba, 2014. Pg. 35. “A referência direta à seus companheiros de debate nos Orti Oricellari é em si importante – demonstra o círculo de sociabilidades no qual o autor transitou, principalmente após seu exílio político. Luigi Alamanni e Zanobi Buondelmonti - a quem o texto é endereçado dado que seu conteúdo, segundo Maquiavel, lhes seria de grande interesse - também são personagens de outras obras do literato florentino. Ambos são personagens intervenientes nos *Discorsi sopra L’Arte della Guerra*, também escritos por Maquiavel, aonde traçam um diálogo platônico com Cosimo Rucellai e com o *condottiere* Fabrizio Colonna sobre as melhores técnicas e inspirações para a condução da guerra.”

Buondelmonti são afinal poetas que compõe o grupo que se reunia nos jardins de Bernardo Rucellai<sup>142</sup>.

*Pare, Zanobi et Luigi carissimi à quelli, che la considerano cosa meravigliosa, che tutti coloro, o la maggiore parte ai essi che hanno in questo modo operato grandissime cose e intra gl'altri della loro eta siano stati eccellenti, abbiano havuto il principio, e nascimento loro basso, e oscuro, o vero dalla fortuna, fuora di ogni modo travagliato. Perche tutti, o ei sono stati esposti alle fiere, o eglino hanno havuto fi vile padre che vergoniatisi di quello si sono fatti figliuoli di Giove, o di qualche altro Dio. [...] Credo bene che questonasca che volendo la fortuna di mostrare al'mondo di essere quella che faccia li huomini grandi, e non la Prudentia comincia a dimostrare le sue forze in tempo che la Prudentia non ci possa avere alcuna parte, anzi da lei si habbia a riconoscere il tutto.*<sup>143</sup> [La Vita di Castruccio Castracani da Lucca; a partir desse momento referida como *La Vita*; pg. 36]

Alguns elementos sugerem a aproximação de *La Vita di Castruccio Castracani da Lucca* com o gênero *De Viri Illustribus*, uma biografia mais aproximada do modelo clássico sendo uma reelaboração do gênero, inspirada em Plutarco e Tito Lívio mais do que no modelo das *chanson de geste* medievais. Maquiavel, que no momento da redação se encontra em desgraça, deixa transparecer como percebe sua própria sorte ao afirmar como a Fortuna rege os destinos de todos – elevando os medíocres e arruinando os grandes, potencialmente intervindo em todos os assuntos dos homens. Talvez ainda mais notável seja como Maquiavel sugere aqui uma análise positiva da Prudência enquanto valor positivo<sup>144</sup>, ao passo que em outras passagens a característica também fosse encarada como negativa.

<sup>142</sup>DE CARO, Gaspare, *Zanobi Buondelmonti. Dizionario Biografico degli Italiani - Volume 15* (1972), Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/zanobi-buondelmonti\\_%28Dizionario-Biografico%29/](http://www.treccani.it/enciclopedia/zanobi-buondelmonti_%28Dizionario-Biografico%29/), acessado em 15 de maio de 2017. "Certo è che il B. godeva di molte amicizie tra i letterati, non soltanto fiorentini: l'Ariosto, per esempio, fu più volte suo ospite, nello splendido palazzo che il B. possedeva in piazza Santa Trinita. Ma soprattutto il B. contava le proprie amicizie nella raffinata schiera dei frequentatori di Cosimino Rucellai, dal Cattani a Filippo Nerli, da Antonfrancesco degli Albizzi e da Antonio Brucioli a Iacopo Nardi e a Luigi Alamanni, da Giovambattista della Palla a Niccolò Machiavelli. Grande, particolarmente, fu l'intimità del B. con quest'ultimo, e non pare dubbio che il giovane mercante e banchiere fosse tra coloro dai quali, come ricorda il Nardi (II, p. 12), "Niccolò era amato grandemente... e anche per cortesia sovvenuto, come seppi io, di qualche emolumento". Questa congettura sembra autorizzata anche dalla dedica dei *Discorsi*, nella quale il Machiavelli si scusa col B. e con il Rucellai se l'omaggio dell'opera "non corrisponde agli obblighi che io ho con voi" (*Il Principe e Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio*, p. 121). Comunque fu certamente una affettuosa amicizia e il Machiavelli dovette esserne assai confortato nel suo triste ritiro dalle incombenze politiche, come traspare da certe lettere del segretario in disgrazia."

<sup>143</sup>MAQUIAVEL. Nicolau. *A Arte da Guerra e Outros Ensaios*. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. Pg 41. Na tradução de Sérgio Bath: "Caríssimos amigos: os que refletem sobre o assunto se maravilham de que todos – ou quase todos – que realizaram grandes feitos neste mundo, fazendo-se notar dentre seus contemporâneos, tiveram origem obscura e humilde, tendo sido submetidos pela sorte a todo tipo de provações. Ou estiveram expostos às feras ou seus genitores foram tão vis que a vergonha os levou a tomar como pai a Júpiter ou alguma outra divindade. [...] Estou convencido de que a sorte, para demonstrar que é ela que dá grandeza aos homens, e não a prudência, começa a exibir sua força antes de que esta última tenha ocasião de revelar a sua, de modo que se lhe reconheça o maior poder."

<sup>144</sup>ZANETTI, Lucca. *Op. Cit.* Pg. 33. "A Prudência se revela sujeita assim aos desígnos da Fortuna, mas Maquiavel observa uma maneira de resistir à seus ímpetos – a preparação, e a oportunidade. Aquele dotado da *virtù* como imaginada pelo autor seria, segundo o mesmo, mais apto à 'tomar a Fortuna', e assim, aproveitar-se das oportunidades apresentadas por si. Enquanto a *virtù* é controlável – através da

Castruccio Castracani degli Antelminelli adquire através da narrativa as características necessárias para que o personagem logre seus grandes feitos – Maquiavel contra com os registros da carreira de Castracani a partir das crônicas de Tegrimi e Manuzio, entre outros, e tece sobre o personagem histórico do qual se distancia cerca de duzentos anos comentários sobre sua índole, sua malícia, seu psicológico de maneira a inspirar ao leitor a empatia com o seu herói. De tal maneira o protagonista é desenvolvido na narrativa que o mesmo seduz ao interlocutor desavisado ainda que as informações de caráter pessoal fossem imaginadas por Maquiavel sem grandes formas de as comprovarem como reais. Novamente, não é do interesse de Maquiavel a realidade histórica no momento da redação<sup>145</sup> – sua obra aqui consiste de um texto didático que deve ser portado de maneira adjunta às instruções presentes em *Il Principe*. Isso se observa principalmente em algumas situações fabulosas apresentadas na fonte, como por exemplo, a narrativa do advento de Castracani – o jovem Castruccio não nasce na versão de Maquiavel: a criança é um órfão resgatado por uma mulher enviuvada – Dianora - piedosa, e sem filhos, e criado junto a seu tio, o cônego Antonio. Assim sendo, o Castruccio Castracani segundo Maquiavel é um personagem idealizado vestido nas roupas de seu homônimo real.

Essa fantasia tem o propósito de profecia ao sugerir que Castracani é, de fato, um sujeito excepcional desde seu nascimento – um homem destinado pelos sabores da Fortuna aos grandes feitos graças a sua habilidade natural, detentor da *Virtù*, tal qual os modelos de história e retórica os quais Maquiavel nutre seu texto – tanto medievais, quanto clássicos<sup>146</sup>.

---

disciplina, da educação humanística, das lições dos autores clássicos e da experiência de vida – a Fortuna é ditada pelo acaso. Trata-se de um conflito entre os recursos sobre os quais os homens têm controle e os eventos sobre os quais não tem controle algum.”

<sup>145</sup>BLOMQUIST, Thomas W. *The Castracani Family of Thirteenth-Century Lucca*. Speculum, Vol. 46, No. 3. 1971. A prosopografia utilizada por Blomquist revela diversas incompatibilidades com a narrativa de Maquiavel, reafirmando a teoria de que Maquiavel interpola informações fantasiosas ao seu discurso. Maquiavel não menciona a origem burguesa de Castracani em uma família de banqueiros em momento algum, deixando de lado informações que pudessem entrar em conflito com seus interesses narrativos.

<sup>146</sup>BONDANELLA, Peter E. *Castruccio Castracani: Machiavelli's Archetypal Prince*, Italica, Vol. 49, No. 3 (Autumn, 1972), Pg. 302-303 “The idealization of important historical protagonists is, in fact, a trait of classical biography and history. Since history and rhetoric were seen as sister arts, the purpose of one (instruction) was furthered by the skillful literary (and there-fore rhetorical) presentation of the major characters in the narrative. Scholes and Kellogg indicate that such historical biography is “almost the perfect complement of realistic fiction. Its subject is real, a “historical” personage, but its substance is highly fictionalized in the interest of emotion and moral instruction; to move and to teach is its object. ... In an empirically oriented culture, biography will tend to develop in the direction of “scientific” accuracy of fact; but without continual pressure from empirical modes of thought, the Life quickly slides over into romance, as it did in the saint's-life formulations of the Middle Ages.” [...] Historical characters often assumed stereotyped forms, just as painters followed classical models and poets imitated classical *topoi*: “what mattered to the Renaissance historian was not to convey any precise indication of the individuality of this man, or to describe precisely what was said or done on this occasion, but to give a general impression of a leader, a battle, an oration. If the evidence was not available, it was permissible ... to invent.” [...] E. H. Gombrich has noted that the medieval portrait was rarely an accurate copy of the person portrayed but was frequently a stereotyped idealization: all the artist did was to draw a conventional figure and to give it the insignia of office—a crown and sceptre for the king, a mitre and crozier for the bishop. This characteristic of medieval art had its counterpart in literature as well. [...] Other medieval examples of idealized and stylized portraiture can be found in the romances of Chretien de Troyes 10 or in the *Cantar de mio Cid*, where Thomas R. Hart has demonstrated that the epic has both a literal or historical meaning (since it is in most respects a true story) and a figurative meaning (since the Cid is portrayed as an exemplary hero by the poet's rearrangements of historical events).”



*Fu adunque Castruccio Castracani da Lucca, uno di quelli, il quale, secondo i tempi ne' quali visse, e la Città donde nacque fese cose grandissime, e come li altri non hebbe piu felice, ne più noto nascimento come nel' ragionare del' corso della sua vita s'intendera la quale mi è parlo ridurre alla memoria delli huomini, parendomi haver' trovato in essa molte cose e quanto alla Virtù e quanto alla Fortuna di grandissimo essemplio. Et mi e parso indicarla a uci come a quelli che più che altrihuomini, che io conosco delle attioni virtuose ui dilettrate.<sup>147</sup>[La Vita, pg. 36]*

Maquiavel descreve um núcleo familiar aonde Castracani será acolhido – sua referência externa à igreja de San Michele di Lucca que tem nesse momento a função de uma âncora entre o passado distante e incontestável e o presente concreto e observável<sup>148</sup>. Bondanella também nos aponta o impulso de Maquiavel em tornar todos os eventos acerca da vida de Castracani como notáveis, desde sua infância – o destaque nos jogos infantis e nas guerras imaginadas dos jovens, rapidamente deixando de lado a carreira eclesiástica pensada por seu tio, mas jamais abandonando a sede pela leitura dos clássicos. Ora, Maquiavel aqui demonstra como o personagem não é plenamente subserviente aos comandos de outros, mas senhor de suas próprias escolhas e atitudes – assim, o príncipe deve dedicar-se à leitura, à formação clássica de acordo com a tradição humanista para assim detêr em sua perspectiva a autoridade discursiva dos antigos, assim como seus estratagemas.

*Cresceva in Castruccio con li anni la gratia, e in ogni cosa dimostrava ingegno, e prudenza, e presto secondo la età imparo quelle cose a che da Messer Antonio era indirizato, il quale disegnando di farlo benesitii, secondo tale fine lo ammaestrava. Ma haveva trovato soggetto a l'animo sacerdotale al tutto dissorme perche come prima Castruccio pervenne alla età di .XIII. anni, e che incominciò à pigliar' un' poco di animo sopra a Messer' Antonio e Madonna Dianora, e non gli temer punto, lasciati i libri Ecclesiastici da parte, cominciò à trattare l'armi, ne di altro si dilettaua che o di maneggiare quelle, o con li altri suvi equali correre, saltare; far' alle braccia, e simili esercitii, dove ei mostrava virtù di anima e di corpo grandissima, e di lunga tutti li altri della sua età superava, e se pure ei leggeua alcuna volta, altre lettioni non li piaceuono che quelle che di guerre ò, di cose fatte de grandissimi huomini ragionassino. Per la qual' cosa Messer Antonio ne riportava dolore e noia inestimabile.<sup>149</sup> [La Vita, pg 37]*

<sup>147</sup>MAQUIAVEL. Nicolau.*Op. Cit.* Pg 41. “O nome de Castruccio Castracani consta dessa relação: seus feitos tiveram grande importância, considerandos-e a época e o lugar em que viveu; como as outras personagens que nos interessam aqui, não teve nascimento feliz ou ilustre, o que se verá na narrativa de sua vida – que quis registrar, para benefício da memória dos homens, por haver nela encontrado muitos exemplos extraordinários da ação do valor e da sorte. Pareceu-me apropriado endereçá-la a vós que, de todas as pessoas que conheço, sois as que mais se interessam pelos atos valorosos.”

<sup>148</sup>BLOMQUIST, Thomas W. *Op. Cit.* APUD ZANETTI, Lucca.*Op. Cit.* Pg. 36. “Blomquist observa que é perante esta igreja que os Castracani burgueses ignorados por Maquiavel mantinham suas mesas de negócio com os demais banqueiros da cidade.”

<sup>149</sup>MAQUIAVEL. Nicolau.*Op. Cit.*Pg 42. “Castruccio cresceu graciosamente, demonstrando sempre engenho e prudência e aprendendo tudo o que lhe ensinava Messer Antônio. Este, querendo fazê-lo sacerdote, para que mais tarde pudesse transferir-lhe suas funções e seus privilégios, encaminhou-o para tal fim. Mas Castruccio não se inclinava espontaneamente para a vida sacerdotal; aos quatorze anos, quando pôde manifestar sua tendência natural, começou a demonstrar interesse pela carreira das armas. Vivia a exercitar-se, correndo e treinando com os companheiros de mesma idade, que excedia amplamente em vigor físico e disposição marcial. Quando estudava, só lhe interessavam as lições

Castracani não se torna um escritor, mas sim um conhecedor das obras clássicas, cada vez mais interessado na dinâmica do príncipe: aquela da conquista. Seu interesse nos assuntos de guerra e nas Histórias – os feitos dos grandes homens – nutrem seu futuro potencial. Um jovem forte, ágil e rápido, um exemplo da máxima platônica *mens sana in corpore sano* - ‘*virtù di anima e di corpo grandissima*’ por sua própria natureza.

A progressão natural de Castracani é a carreira em armas, e tal qual racionalizado por David Murphy, é entre os *condottieri* que Castracani desenvolve seu aprendizado da arte militar, conforme a prática entre os próprios mercenários<sup>150</sup>. Na narrativa de Maquiavel, o jovem Castracani é um aprendiz e escudeiro nos moldes da dinâmica dos mercenários para Francesco Guinigi, seu mestre. Não poderia ser menos extraordinário do que o próprio Castracani<sup>151</sup>:

*Era nella Città di Lucca uno gentil’huomo della famiglia Guinigi chiamato Messer Francesco il quale per ricchezza, per gratia, e per virtù passava di lunga tutti li altri Lucchesi, lo esercizio del’quale era la guerra, e sotto i Visconti di Milano haveva lungamente militato.*<sup>152</sup>[*La Vita*, pg 37].

Guinigi trata do aprendizado militar de Castracani, seu primeiro mestre e contato com a experiência militar – Maquiavel oferece ao jovem um indivíduo tão detentor de *virtù* quanto ele próprio – quem melhor poderia alertá-lo, ensiná-lo? Guinigi é nesse ponto o modelo positivo de *condottieri*, que assume o compromisso de aconselhamento e tutela com sucesso. De certa maneira, o guerreiro também encarna o bom conselheiro – Guinigi nota a perícia natural de Castracani, e logo também tem suas capacidades notadas pelo jovem. Esse discernimento é também tema de *Il Principe*.

*Passato per tanto Castruccio di casa Messer’ Antonio Castracani Calonaco in casa Messer’ Francesco Guinigi condottiero è*

relacionadas a guerra e com os feitos de grandes homens. Tudo isso causava enorme dor e tristeza a Messer Antônio.” A versão traduzida do extrato selecionado na fonte fora evidentemente reduzida.

<sup>150</sup>MURPHY, David. *Op. Cit.* Pg. 13. “From the surviving accounts of the lives of the condottieri, it is also obvious that, apart from this basic apprenticeship into the condottieri profession, some Young men were recognized as being of particular promise and were selected for further training. This is especially true by the 15<sup>th</sup> century when life as a condottiere represented a valid career option for a young man. Rather than joining the Church or studying to be a surgeon or advocate, a youth could choose to train to become a condottiere.” & Pg. 14. “The training of condottieri was therefore an ongoing and intensive process. The pool of condottieri was constantly being renewed through the instruction of young men in the ways of the profession. The more promising, wealthy or ambitious young men could receive a further level of higher education under a renowned condottiere before taking command of their own companies. On a purely practical level, the success of condottieri in battle was directly proportional to the level of training in which they had engaged in order to perfect battlefield manouvres and formations. So while a *condotta* might stipulate that only trained men could be deployed, in reality there were various levels of training going on at all times within condottieri companies.”

<sup>151</sup>ZANETTI, Lucca. *Op. Cit.* Pg. 37. “Um guerreiro profissional, estimado pelos seus por ser Gibelino e por haver combatido por longo tempo pelos Visconti de Milão. Aqui a narrativa nos oferece um indício da profissão de Guinigi - Francesco Guinigi era um *condottiere*, que estivera em campanha na Lombardia, e agora tornava a sua terra natal.”

<sup>152</sup>*Idem.* Pg 42. “Na mesma cidade de Lucca havia então um gentil-homem da família Guinigi chamado Messer Francisco, que sobressaía dentre todos os concidadãos pela riqueza, graça, e valor; era militar de profissão, tendo servido durante um longo período sob as ordens dos Viscondes de Milão.” Aqui Bath comete um equívoco grosseiro ao traduzir o nome da família Visconti, senhores e duques de Milão até meados do século XV, por ‘Viscondes’.

*cosa straordinaria à pensare in quanto brevissimo tempo ei diventò pieno di tutte quelle virtù e costumi che in uno gentil'humono si richieggono. In prima ei si fece uno eccellente cavalcatore, perche ogni ferocissimo cavallo conforma destrezza a maneggiava, ei nelle giostre, et ne torneamenti, ancora che giovinetto era, più che alcuno altre riguardevole, tanto che in ogni actione, ò forte ò destra non trovava huomo che lo superase, a che si aggiugneuono i costumi, dove si vedeza una modestia inestimabile, per che mai non se gli vedeva fare atto ò, sentivasegli dire parola che dispiacessi, e era riverente a i maggiori, modesto con gli equali, e con li inferiori piacevuole, le quali cose lo facevano non solamente da tuta la famiglia de Guinigi ma da tutta la Città di Lucca amare.<sup>153</sup> [La Vita, pg 38]*

A *virtù* guerreira será um tema repetido ao longo de toda a obra – de sua formação enquanto um combatente montado – método de combate favorito dos *condottieri* – por toda sua carreira enquanto mercenário e enfim mesmo após sua aquisição do principado com sua aclamação à *signoria* de Lucca. Maquiavel é explícito em como a proficiência militar é fator fundamental e inquestionável do príncipe. Guinigi rege a educação de Castracani partindo em campanha à Lombardia, a serviço dos Visconti, marchando contra Pavia – e em todas as funções designadas para si, Castracani supera expectativas por sua prudência assim como em todas as responsabilidades delegadas a si. Seu retorno à Lucca é celebrado pela fama que o acompanha uma vez que todos reconhecem em si um jovem mercenário pleno de potencial.

Maquiavel tece então a rede de influência política e coercitiva de Castracani quando do falecimento de Francesco Guinigi. Morto o *condottiere*, suas posses e a guarda de seu filho, Pagolo Guinigi. Pagolo torna-se um personagem de suma importância para a narrativa da obra, uma vez que ele torna-se então o aprendiz de armas de Castracani, seu escudeiro, segundo em comando e posteriormente herdeiro. Maquiavel não questiona a virilidade de Castracani, mantendo-o na companhia de damas em ocasiões sociais, mas quaisquer filhos de sangue do personagem são mencionados em *La Vita*. Em seu lugar, Pagolo Guinigi assumirá funções equivalentes a de um filho – seu herdeiro inclusive do principado conquistado por Castracani.

As ambições históricas de Castracani nutrem sua perspectiva de conquista – supostamente orientada para a reconstrução da Marca da Toscana, dissolvida com o final da Casa de Canossa e dos últimos vigários imperiais no século XII. Inserindo o personagem no conflito entre gibelinos e guelfos, as circunstâncias da herança de Castracani, assim como dos oponentes de seu mestre, levariam a alçar o jovem *condottiere* à causa dos gibelinos,

*Morto per tanto Messer' Francesco Guinigi, e rimaso Castruccio governatore, e tutore di Pagolo, accrebbe tanto in riputatione, e potentia che*

---

<sup>153</sup>*Idem*. Pg 42-43. “Transferindo-se Castruccio da casa do padre para a do militar, com espantosa rapidez adquiriu todas as qualidades e os hábitos de um verdadeiro gentil-homem. Tornou-se, antes de mais nada, um exímio cavaleiro, dominando com grande destreza os animais mais bravios; embora muito jovem, excedia nas competições todos os concorrentes. Com efeito, nesses exercícios não havia quem o superasse. Além disso, sua conduta era de extraordinária modéstia. Nada do que fazia ou dizia podia ser criticado: comportava-se respeitosamente com relação aos mais velhos, com modéstia para com os iguais e benevolência com os inferiores. Por tudo isso era querido não só pela família Guinigi, mas por toda a cidade de Lucca.” Novamente, observamos uma discrepância entre a versão apresentada pela tradução ao português e do original em italiano. A versão traduzida reprime mais algumas passagens da formação atlética de Castruccio.

*quella gratia che foleva havere in Lucca si converti parte in invidia. Talmente che molti come huomo sospettoso, e che havessi l'animo tirannico lo calunnia. Uono intra i quali il primo era Messer' Giorgio delli Opizi capo della parte Guelfa. Costui sperando per la morte di Messer' Francesco rimanere como Principe di Lucca li parva che Castruccio sendo rimasto in quello governo per la gratia che li davano le sue qualità, gliene havessi tolta ogni occasione, e per questo antava seminando cose che gli toglieessino gratia. Di che Castruccio prese prima sdegno, al' quale poco di poi si aggiunse il sospetto. Perche pensava che Messer' Giorgio non poserebbe mai di metterlo in disgratia a'l Vicario del' Re Ruberto di Napoli che lo farebbe cacciare di Lucca<sup>154</sup>. [La Vita, pg 38].*

A intriga contra Castracani liderada por Giorgio delli Opizi, líder guelfo, apresenta o personagem como um contra-modelo – um difamador invejoso que circula a solapar o renome e a autoridade do príncipe, tentando influenciá-lo por forma de corrupção ao propositalmente desinformar o governante. É nesse momento que a figura de Ugucione della Faggiuola surge na narrativa, um personagem equivalente à figura do *signor* aliado, o ‘outro’ príncipe. De fato, Ugucione é apresentado à trama na condição de um aliado poderoso à Castracani – também *condottiere* de profissão, já *signor* de Pisa. Um dos pequenos tiranos que consolidam sua autoridade sobre a *comuna* através da legalidade, teria sido eleito pelos pisanos e depois se assenhoriado da praça dado seu poder coercitivo.

Castruccio busca o auxílio militar de Ugucione para sobrepujar a Opizi. De maneira extensa é demonstrada a conjura – Maquiavel é descritivo e sua narrativa rica em detalhes com a finalidade de levar o leitor a aceitar a perspectiva de que Castracani é, em verdade, o agredido e não o agressor. Os planos são descritos sem que Maquiavel descreva se serão bem ou mal-sucedidos antes do final da narrativa do conflito, gerando uma breve impressão de suspense ao leitor.

*Dato per tanto ordine à quello che dovevano fare, Castruccio cautamente affortifico la torre dei Honesti, e quella riempie di munitione, e di molta vettovaglia per pottere bisognando rmanteresi in quella qualche giorno. E venuta la notte che si era composto com Ugucione, dette il segno à quello, il qualle era scieso nel' piano con di molta gente intra i monti, e Lucca, e veduto il segno si accostò alla porta San Piero, e misse fuoco nello antiporto. Castruccio dal'altra parte levò il romore chi da mando il Popolo all'arme, e sforzò la porta dalla parte di drento.<sup>155</sup>[La Vita, pg 38].*

<sup>154</sup>*Idem*. Pg 43 “Com o falecimento de Messer Francesco Guinigi, tornou-se procurador dos seus procurador dos seus bens e tutor de um filho de treze anos que deixara: Pagolo. De tal forma cresceram seu poder e fama que a popularidade de que gozava em Lucca começou a se transformar em parte em inveja; houve quem passasse a caluniá-lo, dizendo-o suspicaz e de ânimo despótico. Desses caluniadores o maior era Messer Jorge, da família Opizi, chefe da facção dos guelfos, que pretendia ser príncipe de Lucca após a morte de Francisco, oportunidade que perdeu para Castruccio, graças a popularidade deste, devido a suas qualidades. Por isso Jorge o difamava. A princípio Castruccio reagiu com desdém, ao qual depois se somou a suspeita. Acreditava-se porém que Messer Jorge não poderia jamais pôr o desafeto em desgraça junto ao representante do rei Roberto de Nápoles - o que ocorreria em Lucca.”

<sup>155</sup>*Idem*. Pg 43. “Expedidas as ordens para que fizessem o que deviam, Castruccio fortificou cuidadosamente a torre dos Onesti, acumulando ali munições e mantimentos que permitissem a resistência durante alguns dias. Na noite aprazada, enviou um sinal a Ugucione, que tinha descido com muitos acompanhantes para a planície que medeia entre as montanhas e a cidade de Lucca. Tendo recebido o sinal, Ugucione se aproximou da porta de São Pedro, a cujos contrafortes ateou fogo. De seu lado, Castruccio aos gritos convocou os cidadãos às armas, forçando a porta por dentro.”

A artimanha é um sucesso – Giorgio delli Opizi é eliminado, assim como muitos de seus familiares e partidários, ou seja, os guelfos de relevância em Lucca, são todos expulsos da república. Castracani aproveita-se da oportunidade lhe ofertada pela *Fortunaa* partir de sua *Virtù* oportunista, e, logrando abrir os portões da cidade, Ugucione e seus guerreiros rapidamente tomam a cidade. Ugucione, no entanto, é quem mais se beneficia da situação no momento – reformando as ordenações de Lucca e tornando-se *signor* da *comuna*, expandindo assim seu *dominium* de Pisa à Lucca. Os exilados buscam auxílio nas cidades de orientação política guelfa na Toscana, seus principais expoentes Pistóia e Florença. Assim, a conquista de Lucca da causa guelfa à gibelina gera uma reação guelfa que levaria à primeira batalha propriamente narrada como o primeiro grande ponto de ascensão político-militar de Castracani.

Florença organizaria uma grande hoste, que bateria-se com os partidários de Ugucione no passo de Montecatini, suas forças compostas de guerreiros de Pisa, Lucca, mercenários lombardos e cavaleiros alemães; retirando Ugucione da batalha por ocasião de uma doença que o privara da habilidade de bater-se. A descrição da batalha de Montecatini é também aonde Maquiavel demonstra a seu leitor seu conhecimento sobre as obras consideradas fundamentais para a tradição militar ocidental. Nesse sentido, notamos uma interpolação direta ao texto de Maquiavel princípios táticos retirados do manual de táticas militares *De Re Militari*, também muitas vezes apresentado sobre o título *Epitoma Rei Militaris*, do autor tardo-romano Vegécio. Maquiavel amplamente constrói sua argumentação teórica sobre métodos de combate assim como da logística de hostes de maneira mais específica em sua obra *Dell'Arte della Guerra*, redigido entre 1519-1520 e publicado em 1521; e aonde o autor nutre-se de Políbio assim como de Vegécio como suas fontes de ciência militar, propondo explicitamente um retorno ao modelo romano de combate através do uso de infantaria equipada tal o legionário de outrora para suplantar o modelo de seu próprio momento – a cavalaria pesada de choque (organização de combate favorita dos próprios *condottieri*) e os blocos de piqueiros e alabardeiros, assim como o emergente uso de armas de fogo nos campos de batalha<sup>156</sup>.

A presença de Vegécio no arcabouço teórico de Maquiavel não seria surpreendente – o autor, cuja escrita supostamente fora executada entre as últimas duas décadas do século IV e as duas primeiras do século V sem grande certeza do momento

---

<sup>156</sup> Ainda que as armas de fogo, sob a forma do canhão, já fossem amplamente utilizadas através da cristandade latina como armas de assédio à fortalezas e contra muralhas impassíveis, é no final do século XV e começo do século XVI que propriamente as armas de fogo começam a aparecer nos campos de batalha campal: sob a forma de arcabuzes e outras armas de fogo pessoais assim como canhões preparados para uso contra formações cerradas de guerreiros. O *ethos* militar do período de Maquiavel ainda é o de avançar sobre os guerreiros inimigos e sobrepuja-los no combate corporal, ainda que o advento dessas novas tecnologias gradualmente transformaria a feição da guerra e o próprio *ethos* dos combatentes e eruditos táticos. Maquiavel, em *Dell'Arte della Guerra*, ainda percebe nas armas de fogo rudimentares um modelo que pensa ser apenas uma febre de momento – considerando canhões em campo como peças imóveis, capazes de apenas um ou dois disparos antes do movimento das hostes lhes calasse – uma vez que o canhão é uma arma de tiro direto e linear (e não balístico, por sobre os combatentes tal qual a catapulta, o onagro ou o trabuco). Um canhão disparando de uma altura de cerca de um metro do chão é um risco tão grande para os combatentes de seu lado quanto de seus inimigos. Uma análise concisa e ampla sobre a questão das armas de fogo na Idade Média nos é ofertada por MCLACHLANN, Sean. *Medieval Handgonnes*. Weapon series. Osprey Publishing. 2010. Acerca o *ethos* militar da primeira metade do século XVI: GAT, Azar. *Machiavelli and the Decline of the Classical Notion of the Lessons of History in the Study of War*. Military Affairs, Vol. 52, No. 4, 1988. Sobre o raciocínio tático primariamente 'Antigo' e Medieval de Maquiavel sobre a utilidade de armas de fogo: CASSIDY, Ben. *Machiavelli and the Ideology of the Offensive: Gunpowder Weapons in "The Art of War"* The Journal of Military History, Vol. 67, No. 2. 2003.

dessa redação<sup>157</sup>, fora amplamente copiado e recebido de maneira farta através de todas as cortes medievais. O autor do prefácio da tradução de John Clarke afirma a presença de *De Re Militari* nas bibliotecas de celebridades medievais, como Foulques o Negro, Ricardo Coração-de-Leão e mesmo Henrique II, ainda que não nos apresente fontes.

No entanto, no caso da passagem em *La Vita di Castruccio Castracani*, é breve o comentário: ao descrever a disposição dos guerreiros de Castruccio perante a aliança guelfa encabeçada por Florença, que tem em sua formação guerreiros experientes ao centro e os piores de seu número nos flancos de sua linha de combate. Maquiavel descreve a engenhosidade tática do *condottiere* ao dispor no centro de sua linha de batalha os guerreiros de menor habilidade ao passo que em seus flancos dispõe seus melhores e mais bem-equipados combatentes. Marchando esses guerreiros proficientes mais à frente da linha do que o centro de sua formação de maneira rápida quando o choque torna-se iminente, Castruccio força o combate pelos flancos e evita bater-se com o centro das formações – evitando os melhores combatentes guelfos enquanto seus próprios guerreiros mais proficientes podem bater-se contra os flancos de seus inimigos, mais frágeis.

*Haveva Castruccio veduto come li nimici havevano messe tutte le loro forze nel' mezo delle schiere, e le genti più deboli nelle corna di quelle, Onde che esse fece il contrario, perche messe nella corna del' suo esercito la più valorosa gente havevse, e nel' mezo quella di meno stima: e uscito de suoi alloggiamenti con questo ordine come prima venne alla vista dello esercito inimico, il quale insolentemente (secondo l'uso) lo veniva a trovare comandò che le squadre del' mezo andassero adagio, e quelle delle corna com presteza si movessino, tanto che quando venne alle mani con i nimici, le corna sole del mezzo si posavano, perche le genti di mezo di Castruccio erano rimaste tanto indiceto che quelle di mezo delli inimici non le aggiungnevano, e così venivano le più gagliarde genti di Castruccio a combattere con le più debolti degli inimici, e le più gagliarde loro si posavano senza potere offendere quelle havevono allo incontro, ò dare alcuno aiuto ài suoi.*<sup>158</sup>[*La Vita*, pg 39]

Assim, logra a debandada das forças guelfas uma vez que os guerreiros mais débeis rapidamente fogem de sua investida, levando a toda hoste florentina à fuga. Ora, aqui temos evidente – ainda que não a partir de uma citação titular direta: o uso de uma das formações descritas por Vegécio pelo personagem de Maquiavel, mais

<sup>157</sup> Uma possibilidade explorada por S. H. Rosenbaum, com argumentos convincentes da carreira política de Vegécio assim como levando em conta eventos descritos da obra sugere uma redação mais tardia, através de meados do século V, mas ainda contempla a possibilidade de sua pesquisa ser fragilizada por aspectos menos evidenciáveis da redação. ROSENBAUM. S. H; *WHO WAS VEGETIUS?* 2013. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/192987630/Who-Was-Vegetius>; acessado em 18 de janeiro de 2017.

<sup>158</sup> *Idem* Pg 44. “Castruccio percebeu que o exército inimigo tinha concentrado suas forças na formação central, reunindo os soldados mais fracos nos dois flancos. Deliberou assim fazer o contrário: colocou nas suas alas os combatentes de maior valor e no centro os menos valentes. As tropas deixaram suas posição mantendo essa ordem, e logo que o exército contrário foi avistado (aproximando-se insolentemente como mandava o costume), ordenou que os soldados do centro marchassem mais devagar e os dos flancos se apressassem. Desse modo, no momento do encontro dos dois exércitos só suas alas se engajaram em combate, permanecendo em repouso as fileiras centrais; no exército de Castruccio, os soldados que ocupavam esta última posição tinham ficado tão atrasados em relação aos companheiros que as tropas correspondentes do inimigo não podiam alcança-los. Puseram-se então os mais valorosos de um lado a lutar com os mais fracos do outro lado – cujos valentes não podiam entrar no combate, nem ajudar os companheiros.”

especificamente sua quarta formação<sup>159</sup>. Maquiavel complementa a sabedoria de Vegécio com a disposição dos guerreiros mais habilidosos contra os mais débeis oponentes, atribuindo assim maior astúcia e perícia tática a Castruccio – não apenas o *condottiere* soube ler a disposição da hoste inimiga, utilizou-se do conhecimento tático da autoridade tradicional, Vegécio, assim como adicionou sua própria engenhosidade ao combate para superar com maestria o desafio lhe imposto pela *Fortuna*. A *Virtù* de Castracani suplanta não apenas a *Fortuna*, mas também a sabedoria dos antigos.

A fim de engrandecer o triunfo de Castracani, Maquiavel atribui numeros questionáveis ao combate ao afirmar que o massacre dos debandados contaria com mais de 10 mil mortos durante a batalha e a subsequente perseguição, incluindo certas figuras notáveis entre os guelfos – de florentinos a napolitanos, seus aliados nessa batalha; enquanto entre os guerreiros de Maquiavel apenas 300 mortes, incluindo ao filho de Ugucione, Francesco, no primeiro assalto. A conquista é toda de Castracani, seu renome ressoando a região de tal maneira que Ugucione transforma-se de seu mentor e aliado em um inimigo.

Consumido pela inveja, pelo pesar e também pelo medo da influência carismática de Maquiavel, o *signor* de Pisa passa a planejar uma reação que novamente iria demonstrar princípios já apresentados em *Il Principe*. A partir deste momento, Ugucione della Faggiuola se torna um contra-modelo de príncipe – paranóico, e apoiando-se em conselheiros e homens de confiança ineptos, é da ação de Ugucione que surge sua própria derrocada.

*Fece questa rota al'tutto grande il nome di Castruccio in tanto che ad Ugucione entrò tanta gelosia, e sospetto dello stato suo, che nom mai pensava se non come lo potessi spegnere [...] [La Vita, pg 39]*

Maquiavel escreve no capítulo XVIII de *Il Principe* que a formação da *Virtù* guerreira é apenas uma parte da habilidade plena que o príncipe necessita para manter-se o *stato*, e assim, poder governá-lo para a coletividade. Inspirado nas figuras animais presentes na literatura clássica e célebres na cultura medieval principalmente a partir de Esopo, Maquiavel afirma:

*“Precisando um príncipe de saber usar bem o animal, deve tomar como exemplo a raposa e o leão; pois o leão não é capaz de se defender das armadilhas, assim como a raposa não se sabe defender dos lobos. Deve,*

---

<sup>159</sup>[VEGETIUS RENATUS, Flavius](#); Clarke, Lieutenant John (tradutor), editor desconhecido para original de 1767. ["The Military Institutions of the Romans \(De Re Militari\)"](#)Digital Attic 2.0. Brevik, Mads. Apenas conta com os Livros I-III, o IV livro deixado de lado pelo editor, que abreviou o texto com o objetivo de ‘conformar a língua moderna’ (“to conform to modern usage”) de acordo com nota no principio da edição de 1940, de autoria também desconhecida. *“The fourth formation is this: as your army is marching to the attack in order of battle and you come within four or five hundred paces of the enemy, both your wings must be ordered unexpectedly to quicken their pace and advance with celerity upon them. When they find themselves attacked on both wings at the same time, the sudden surprise may so disconcert them as to give you an easy victory. But although this method, if your troops are very resolute and expert, may ruin the enemy at once, yet it is hazardous. The general who attempts it is obliged to abandon and expose his center and to divide his army into three parts. If the enemy are not routed at the first charge, they have a fair opportunity of attacking the wings which are separated from each other and the center which is destitute of assistance.”*Disponível em.: <http://www.digitalattic.org/home/war/vegetius/>, acessado em 25 de janeiro de 2017.

*portanto, ser raposa para conhecer as armadilhas e leão para espantar os lobos.<sup>160</sup>”.*

Em Montecatini, Maquiavel fizera de Castruccio um Leão. Faltava fazer-lhe Raposa. Ainda que a redução da obra de Maquiavel apenas à percepção comum do uso indiscriminado e amoral da Astúcia, assim como da Violência, da Engenhosidade e da Perfídia seja tremendamente enganosa, estes princípios estão intimamente ligados à percepção do escritor sobre a necessidade de ação do Príncipe sobre a sociedade política que governa, assim como sobre seus oponentes e inimigos. Note-se que todas as características associadas ao nome de Maquiavel são ações em potencial – percebidas assim enquanto parte dos recursos formativos aos quais o Príncipe deve servir-se a fim de atingir seus objetivos. Dado a percepção do erudito da ação adequada ser particularmente determinada pela História dos grupos afetados, é logo em um de seus escritos enquanto historiador que encontramos algumas situações do uso da Astúcia para a expansão da influência política do Príncipe, ou para a manutenção de seu poder. É necessário notar que toda a obra de Maquiavel contém, em maior ou menor intensidade, reflexões ou situações de perfídia, enganação ou fraude – perpassando *O Príncipe*, notamos que o tema principal de sua peça de teatro *A Mandrágora* é precisamente ardid do protagonista Callimaco, que para deitar-se com a bela Lucrezia ludibria a seu marido, Nicia. Assim, a Astúcia e a Engenhosidade enquanto descritas como valores imprescindíveis ao Príncipe arquetípico se evidenciam como características também celebradas pelo autor na composição de sua própria moralidade explicativa; de sua percepção ética peculiar assim como de seu ‘projeto civilizador’<sup>161</sup>.

Ugucione trama contra Castracanicom a finalidade de captura-lo e elimina-lo. A oportunidade que aproveita é da ocasião do assassinato de certo Pier Agnolo Micheli, cujo assassino teria sido protegido na casa de Castracaniem Lucca. Uma vez que Ugucione ocupava-se em Pisa, este ordenaria seu filho, Neri, que governava Lucca em seu nome que apressasse o *condottiere* e o matasse. Embora Neri capturasse Castruccio em ocasião de um jantar no *Palazzo della Signoria* local, hesitaria em executá-lo sem justificativas dado a influencia política de Castracani, adorado em Lucca.

Informado de Castracani encontrar-se seu cativo, Ugucione rapidamente marcharia de Pisa a Lucca na companhia de 400 cavaleiros, uma força capaz de impor sua vontade de maneira coercitiva ao *popolo* de Lucca. Porém, ao passo que Ugucione deixa Pisa, lá há uma sublevação contra o *signor*, e de lá seus partidários são informados – o qual Ugucione rapidamente retorna à cidade para suprimir o movimento. Durante esse atraso, Castracani é libertado em Lucca pelo *popolo*, que, de maneira a livrar-se de Ugucione, expulsa seu filho e seus guerreiros da cidade. Aclamado e liberto, Castracani organiza a turba, e investe contra Ugucione que, perdidos suas *signorie*, abandona a Toscana fungindo à Verona aonde serviria os Della Scala. É este o fim do príncipe que confia as ações de seu governo a representantes ineptos – o exílio e a perda de seu *dominium*.

Aqui não apenas a astúcia de Castracani é demonstrada – aproveitando-se da oportunidade para livrar-se de Ugucione e assenhorar-se de Lucca, mas também os perigos da inépcia dos funcionários e tenentes dos príncipes. Tivera Ugucione

<sup>160</sup> MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. Tradução de Antonio D’Elia. São Paulo. Círculo do Livro S.A. Sem data. Capítulo XVIII – *Quomodo Fides a Principibus sit Servanda*. Pg 111.

<sup>161</sup> WITOSZEK, N. *Op. Cit*; Witoszek acredita que a perspectiva de Maquiavel é parte de seu projeto civilizador nutrido por princípios caros ao Humanismo Renascentista – aquele da ‘domesticação’ das paixões humanas, em particular aquela dos Príncipes.



designado alguém mais resoluto do que seu próprio filho e Castracani rapidamente eliminado enquanto fora oportunidade, talvez Ugucione jamais perdesse o controle de Pisa e Lucca. Da maneira que as circunstâncias foram impostas à Ugucione pela *Fortuna*, o príncipe-*condottiere* foi por ela punido uma vez que não deteve da *Virtù* necessária para manter seu *stato*.

Castruccio então se torna enfim príncipe e *signor* de Lucca, as circunstâncias e oportunidades transformando o *condottiere* de origem ignóbil em *capitano del popolo* de Lucca. As instituições cidadinas aclamam Castracani como seu senhor legítimo. Novamente se faz preciso afirmar que os personagens tais quais Castracani embora sejam historiograficamente tratados por tiranos e déspotas são indivíduos que assenhoram-se de seus *stati* com a colaboração do *popolo* e das instituições por ele desempenhadas<sup>162</sup>. Castracani rapidamente conquista os territórios anteriormente controlados por Ugucione – as pequenas cidades no *contado* de Lucca e Pisa, como Serezana aonde edificaria um castelo assim como Massa, Carrara e Lavenza, para solidificar seu controle sobre a região circundante e sobre influencia imediata das *comune*. Pontriemoli é tomada para assegurar seu principado de avanços advindos da Lombardia, a expansão da órbita de influencia política de Lucca orientada à estratégia de Castracani em assegurar o seu *stato*.

Outros jogadores também influenciam a política do principado de Lucca, e Castracani mostra-se politicamente habilidoso. Quando da visita à Itália pelo Imperador ‘Frederico da Baviera’, Maquiavel demonstra a habilidade diplomática necessária para o pleno exercício do poder por Castracani.

*Era venuto in questo tempo in Italia Federigo di Baviera Re de Romani per prendere la corona dello Imperio di quale Castruccio si fece amico, e lo andò à trovare con .CCCC. cavagli, e lascio in Lucca suo luoghotenente Pagolo Guinigi del’ quale per la memoria del’ padre faceva quella stimetione che se fussi nato di lui. Fù ricevuto Castruccio da Federigo honoratamente, e datoli molti privilegi, e lo fece suo luoghotenente in Toscana, e perche i Pisani havevano cacciato Gaddo della Gherardesca, e per pauri di lui erano ricorsi à Federigo per aiuto, Federigo fece Castruccio Signore di Pisa*<sup>163</sup>[...][La Vita, pg 40]

Uma vez que seus inimigos incluem os florentinos assim como os guelfos que derrotara em Montecatini, Castruccio recebe o Imperador na Toscana com um amplo séquito de cavaleiros, buscando a aliança e vinculação política com o príncipe

<sup>162</sup>GREEN, Louis. *Op. Cit*; Green enumera atas dos conselhos citadinos aonde afirmam-se as eleições sucessivas de Castracani à condição de *capitano del popolo*, ou seja, como a *comuna* reconhecia de fato sua preponderancia política sobre a sociedade urbana.

<sup>163</sup>MAQUIAVEL. Nicolau. *A Arte da Guerra e Outros Ensaio*s. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. Pg 44. “Nessa época chegara à Itália Frederico da Baviera, rei dos romanos, que pretendia a coroa do Império. Castruccio fez-se amigo do rei, indo ao seu encontro com quinhentos cavaleiros. Deixou em Lucca como representante Pagolo Guinigi – que tratava como um filho, em homenagem à memória do seu falecido benfeitor. Frederico recebeu Castruccio com honrarias, concedendo-lhe muitos privilégios e fazendo-o seu governador nas terras de Toscana. Como os cidadãos de Pisa tinham expulso Gaddo della Gherardesca, tendo recorrido ao rei movidos pelo temor que seu antigo governante lhe inspirava, Frederico fez Castruccio Senhor de Pisa.[...]” Aqui observa-se um possível equívoco de Maquiavel sobre a identidade do personagem. O Rei dos Romanos no período, o qual aliara-se a Castruccio, fora Frederico da Áustria. Após ser derrotado na Batalha de [Mühldorf](#) (1322), Luis o Bávaro tomara o manto de Rei dos Romanos, e seria então também aliado de Castruccio – o jogo político itálico também se articulando com os príncipes alemães. Maquiavel cria aqui, juntando os nomes dos dois pretendentes em ‘Frederico da Baviera’.

germanico. Conhecendo a reputação de Castracani, o Rei dos Romanos o recebe, e nota que a magnificência da recepção estaria sim a altura de si. Pagolo Guinigi, a esse ponto também tomando o aprendizado de *condottieri* sob a tutela de Castracani, passa a ser identificado como sujeito perspicaz e habilidoso – o ‘bom conselheiro’ sobre o qual o príncipe precisa se apoiar, e quem solidifica ao seu poder. O Imperador é convencido por Castracani, e o nomea vigário imperial assim como reafirmando sua influência sobre Pisa ao transferir sua *signoria* à Castracani. Os territórios que formam o *stato* de Castracani se expandem ainda mais – o destino natural do príncipe e o desejo de todos os homens. A relevância política de Castracani se expande com o apoio imperial, e os demais *signori* gibelinos – toscanos e lombardos – vinculam-se à sua esfera de atividade. Com o auxílio de desterrados oriundos de Florença e de lá expulsos pela parte Guelfa, Castracani organiza a conquista de toda Toscana – aliando-se a Mateo Visconti de Milão, e organizando a guarda cidadina de Lucca para assim reunir mais combatentes dentre os seus apoiadores.

*Cinto adunque di quelle forze, e di questi amici, accadde che Messer' Matteo Visconti fu assaltato da i Guelfi di Piacenza, i quali havevano cacciati i Ghibellini, in aiuto de quali i Fiorentini, e il Re Ruberto havevano mandato loro genti. Donde che Messer' Matteo richiese Castruccio che dovesse assaltari i Fiorentini, acciò che quelli costretti a difendere le case loro rivocassino le loro genti di Lombardia. Così Castruccio con assai gente assalto il Val' Darno<sup>164</sup>[...][La Vita, pg 40]*

Nesse momento observamos que Maquiavel leva à Castracani um sincretismo entre vigário imperial, *signor* e também *condottiere*, cada qual dependente das outras funções que reúne. Enquanto *condottiere* detém dos poderes coercitivos para impor sua dominação sobre as *signorie* que detém, e também por isso logrou convencer ao Imperador que detém dos poderes civis para tornar-se um aliado relevante.

Um novo desafio ao príncipe arquetípico surge quando a sublevação dos Poggio em Lucca contra a *signoria* de Castracani na cidade. Enquanto o *signor* encontrava-se em campanha no Vale do Arno, uma das famílias oligárquicas de Lucca – os Poggio - organizou uma rebelião contra seus representantes. Ao receber notícia dessa sublevação contra si, Castracani rapidamente retorna à Lucca para encontrar os ânimos acalmados por iniciativa de Stefano di Poggio, que teria intercedido junto aos seus em nome do príncipe. O que se descreve é uma das passagens sobre o uso da crueldade e do medocoma como um instrumento de instrução política do príncipe.

Embora os Poggio houvessem participado dos apoios à ascensão de Castracani, os mesmos se sentem não recompensados adequadamente pelo *signor*, que, concentrado em sua própria agenda, negligenciou seus aliados. A rebelião é incitada e no entanto rapidamente apaziguada, a participação de Stefano di Poggio fundamental para que seus parentes depusessem as armas na condição de mediador entre os interesses de sua casa e aqueles do príncipe. Castracani, satisfeito, organiza um banquete para celebrar a paz quando de seu retorno à Lucca – e é nesse banquete que todos os insurretos – inclusive Stefano di Poggio – são assassinados por Castracani, suas propriedades confiscadas e seus sobreviventes expulsos.

---

<sup>164</sup>*Idem*. Pg 46. “Mas, não obstante essas forças e esses amigos, Messer Mateus Visconti foi assaltado pelos guelfos de Piacenza (que tinham expulso os gibelinos, em defesa dos quais tanto os florentinos como rei Roberto tinham enviado expedições militares). Messer Mateus pediu assim a Castruccio que atacasse os florentinos, para que estes, obrigados a defender sua cidade, chamassem de volta os soldados que tinham enviado à Lombardia. Foi assim que Castruccio, com muitos homens atacou o vale do rio Arno [...]”

[...]e non prego per se perche giudicava non havere di bisogno, ma per l'altri di casa, pregandolo, che condonasse molte cose alla giovaneza, molte alal antica amicitia, e obbligo che quello haveva con la loro casa. Al' quale Castruccio risposi gratamente, e lo confortò a stare did buono animo mostrandogli havere più caro havere trovato posai i tumulti [...] confortò Stephano à farli venire tutti a lui dicendo che ringratiava Diò di havere havuto occasione di dimostrare la sua clemenza, e liberalità. Venuti adunque sotto a la fede di Stephano e di Castruccio furono insieme com Stephano imprigionati, e morti.<sup>165</sup> [La Vita, pg 41]

A suposta fidelidade e apoio de Stefano não o protege nem aos seus da retribuição de Castracani – o príncipe lança mão do recurso da crueldade e da violência extrema de maneira rápida e breve, suprimindo aos revoltosos de maneira absoluta e decisiva uma vez que o governo uma vez questionado jamais seria tão sólido e seguro quanto anteriormente, segundo o próprio autor em *Il Principe*. O evento não apenas acaba com a ameaça política dos Poggio em Lucca, como também adverte a todos os demais potencialmente envolvidos em pensamentos de insurreição a repensar ou ainda mesmo abandonar suas próprias tentativas de ação contra o príncipe.

Nesse sentido, agir com crueldade também é parte da *virtù* maquiaveliana tal qual defendida em *Il Principe* – Maquiavel dedica todo um capítulo de reflexões sobre a questão -ainda que deva ser implementada de maneira rápida e sempre decisiva – Maquiavel critica aos príncipes pouco cruéis, ou cruéis por longos períodos de tempo, suas ações mais onerando suas bases de apoio ao gerar mais descontentamento – que incentiva a resistencia – do que o medo respeitoso que suprime a resistencia. Castracani age garantido pela segurança de ser o príncipe punindo a dissensão, diferentemente de como fora Ugucione, que agira sem justificativa contra Castracani e assim incendiara o *popolo* contra si.

[...]Conchiudo adunque tornando a l'esser' temuto, e amato, che amandogli huomini à posta loro, e temendo à posta del' Principe, deue un' Principe sauio sondarsi in sù quello che e suo, no insù che e d'altri, deue solamente ingegnarsi di fuggir' l'odio come è detto.<sup>166</sup> [Il Principe, pg 23]

Logrando paz com os florentinos para concentrar-se na Conjura dos Poggio, uma vez resolvida a questão, Maquiavel explora os planos de conquista de Castracani sobre outro importante centro toscano – a cidade de Pistóia. Através de uma conjura, Maquiavel descreve uma conquista partindo da sagacidade e astúcia de Castracani, o

<sup>165</sup> *Idem*. Pg 47. "... apresentando-lhe pedidos que fazia não para si – porque nada reivindicava – mas para seus parentes, rogando-lhe que fosse generoso com a juventude, considerando a antiga amizade das suas famílias e tudo o que devia aos Poggio. Castruccio respondeu graciosamente, com palavras de conforto e boa disposição, demonstrando pensar que o fato de que o distúrbio tinha sido estancado era mais importante que sua ocorrência; pedir a Stefano que viesse com todos os reinvidicantes a sua presença dizendo que agradeceria a Deus pela oportunidade de mostrar sua clemência e liberalidade. Mas quando todos se apresentaram, confiantes em Castruccio e Stefano, foram juntos com este último aprisionados e mortos."

<sup>166</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe. Tradução de Antonio D'Elia. São Paulo. Círculo do Livro S.A. Sem data*.Pg 23. "Concluo, pois, voltando à questão sobre o que é mais conveniente: se ser amado ou temido, dizendo que um príncipe sábio, para amar como convém os seus súditos e ser por eles temido como convém, deve valer-se do que é seu, não daquilo que é dos outros. Deve apenas esforçar-se por evitar o ódio, como se disse."

que, segundo outras fontes, parece ser improvável – um recurso retórico para solidificar a engenhosidade de Castracani em sua obra mais do que um relato do acontecimento.

[...]e havendo desiderio grande di occupare Pistoia parendoli quado ottenessi la possessione di quella Città di havere un' piede in Firenze, si fece in varii modi tutta la montagna amica, e con le parti di Pistoia si governava in modo, che ciascuna confidava in lui[...]e più presto insula guerra mandorono a lui sefretamente l'uno, e l'altro per aiuti, e Castruccio à l'uno, e l'altro li promessse, dicendo à Iacopo che verrebbe in persona, e à Bastiano che manderebbe Pagolo Guinigi fuo allievo<sup>167</sup>[...] [La Vita, pg 41]

[...]in sù la meza notte che così erano convenuti Castruccio, et Pagolo ciascuno fù à Pistoia, e l'uno, e l'altro fù ricevuto come amico. Tanto che entrati drento quando parve à Castruccio fece il cenno à Pagolo, doppo il quale l'uno uccise Iacolo da Già, e l'altro Bastiano di Possente, e tutti li altri loro partigiani furono parte presi, e parte morti, e corsono senza altre oppositioni Pistoia per loro, e trata la Signoria adi palagio, constrinse Castruccio il Popolo a darli ubidienza, facendo à quello molte rimessioni di debiti vecchi, e molte oferte, e così fecece à tutto il contado, il quale era corso in buona parte à vedere il nuovo Principe, tale che ognuno ripieno di speranza mosso in buona parte, dalle virtù sue, si quitò. [La Vita, pg 41]

A tomada de Pistóia é um episódio de importância fundamental para o desenvolvimento da perfídia autorizada por Maquiavel ao príncipe – mais do que pela conquista e expansão de seu *dominium*, o desejo de todos os homens – mas pelo uso deliberado da astúcia. Castracani não hesita em lançar mão de métodos de traição para a tomada da cidade partindo de um elaborado esquema que demonstra muito dos conselhos sugeridos por Maquiavel em *Il Principe*. O bom conselheiro encarnado por Pagolo Guinigi é o subalterno confiável sobre o qual o príncipe pode depositar sua confiança, um contra-modelo do seguidor incapaz anteriormente representado pelo hesitante filho de Ugucione della Faggiuola, Neri – que por sua inatividade e falta de iniciativa pôs toda a conquista de seu príncipe à ruína.

No entanto, nos deparamos com uma questão sugerida pelo tradutor Sérgio Bath<sup>168</sup>. Teria sido a tomada de Pistóia um evento inventado por Maquiavel? Fruto de

---

<sup>167</sup>MAQUIAVEL. Nicolau.;

*A Arte da Guerra e Outros Ensaíos. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.* Pg 47. “Muito empenhado em ocupar Pistóia, por parecer-lhe que possuindo aquela cidade teria um pé posto em Florença, procurava demonstrar aos pistoienses sua amizade, de modo que todos ali confiavam nele [...] e como ambos confiavam em Castruccio mais do que nos florentinos, considerando-o mais expedito e eficaz em termos militares, pediram secretamente sua ajuda. Castruccio prometeu assistência a um e a outro, comunicando a Jacó que iria vê-lo em pessoa e a Sebastião que lhe mandaria Pagolo Guinigi. [...] Por volta de meia-noite, conforme tinham combinado, Castruccio e Pagolo chegavam a Pistóia – os dois recebidos como amigos. Uma vez na cidade, Castruccio num momento oportuno mandou um sinal para Pagolo, e logo o primeiro matou Jacó e o segundo, Sebastião. Todos os seguidores do chefe branco e do chefe negro foram presos ou mortos. Percorrendo a cidade sem encontrar oposição, Castruccio chegou à sede do governo de Palagio, obrigando o povo local a jurar-lhe obediência, perdoando dívidas antigas e fazendo numerosas doações. Agiu de tal modo que a população, que acorrera para ver o novo príncipe, se tranquilizou, cheia de esperanças, comovida com suas qualidades.” A tradução novamente suprime partes da narrativa.

<sup>168</sup> MAQUIAVEL, Niccolo. *Op. Cit.* Pg 10. “Vários outros episódios da vida de Castruccio contada por Maquiavel não correspondem aos fatos reais. Para dar um só exemplo, o herói foi feito senador romano em 1327, por Luís o Bávaro, e não por Enrique. Na batalha de Altopascio, consegui vencer os florentinos, mas, tendo retornado a Roma, permitiu que seus inimigos reocupassem Pistóia, ameaçando Luca. Morreu em setembro de 1328, possivelmente de malária, e não logo depois da vitória sobre Florença,

seu compromisso didático e, assim, irreal senão inverossímil? Uma vez que é este o evento que revela em Castracani a mais amoral das raposas, buscamos investigar tal conquista.

Em outros documentos da autoria de Maquiavel, não encontramos descrição detalhada dessa primeira conquista de Pistóia por Castracani<sup>169</sup>, além de brevíssima passagem afirmando que a cidade fora ocupada. Partimos então em busca da voz de outros autores sobre o evento, encontrando em Manuzio e Tegrimi narrativas sobre como a cidade fora assediada. A versão descrita em Manuzio é particularmente clara.

*Nè volendo più differire la impresa di Pistoia, parendogli che questo indugio potesse arrecargli molto pregiudicio, argumentandosi in quella città molto li suoi nimici, poste in assetto le sue genti, si condusse a Serravalle, di Aprile del detto anno: e quivi fece tutte le sue provisioni per mantenere il suo essercito: il quale subito spinse sotto Pistoia assediandola . Sentivano i Pistoiesi gran dissima oppressione, perchè Castruccio scorreva per tutte le ville, guastando e facendo grandissimi danni: e si sarebbero facilmente dati,[...]*<sup>170</sup>

Castracani lança-se à campanha com ao decidir remover de Pistóia seus inimigos – a cidade anteriormente dominada pelos guelfos ainda que, como sugere Maquiavel, divididos entre as facções de brancos e negros. Manuzio explicitamente relata o cerco à cidade, descrevendo também os saques perpetrados pelas hostes do príncipe de Lucca, típicas da campanha assim como do assédio como forma de manutenção da hoste. Notemos também como Manuzio utiliza-se do verbo *guastare* na fórmula *guastando* para implicar o saque das vilas e dos campos circundantes: tal prática comum nos métodos de guerra dos *condottieri* a ponto da alcunha dos guerreiros que desempenhavam função de saqueadores e batedores cristalizada como *guastatori*.

Contamos assim com duas fontes sugerindo que a tomada de Pistóia por Castracani fora um empreendimento guerreiro, uma campanha de conquista militar, enquanto a versão relatada por Maquiavel em *La Vita* comenta um elaborado artil completamente ausente nas demais narrativas sobre o evento. Como tanto a obra de Manuzio (1506) quanto a de Tegrimi (1496) foram publicadas respectivamente quatorze e vinte e quatro anos antes da escrita da biografia de Maquiavel, e seus autores

*como preferiu contar Maquiavel, dramaticamente.*” Bath não oferece referências para nenhum desses que problematizou em sua brevíssima introdução à obra.

<sup>169</sup>MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença*. Original *Istorie Fiorentine*, de Niccolò Machiavelli in *Opere di Niccolò Machiavelli, Volume Secondo*. Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1971, Torino. Tradução de Nelson Canabarro. São Paulo: Musa Editora, 1998; Pg. 117. Cap. 29. “Corria o ano de 1325, e Castruccio, que havia ocupado Pistóia, tinha se tornado de tal forma poderoso [...]”. Uma menção sobre um cerco a Pistóia por Castruccio é tratada no capítulo seguinte, mas se refere à uma campanha subsequente na qual Castracani reconquista a cidade que havia sido tomada de si pelos florentinos.

<sup>170</sup> MANUZIO, Aldo. *Le azioni di Castruccio Castracane degli Antelminelli signore di Lucca com la genealogia della famiglia descritta da Aldo Manucci*. Terceira edição. Tipografia de Luigi Guidoti. Lucca, 1843.

Disponível

em:

[https://books.google.com.br/books/about/Le\\_azioni\\_di\\_Castruccio\\_Castracane\\_degli.html?id=aRGg2mE2KGQC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Le_azioni_di_Castruccio_Castracane_degli.html?id=aRGg2mE2KGQC&redir_esc=y), acessado em 2 de fevereiro de 2017. Pg 67.Traduzo: “Também não querendo adiar mais a empresa de Pistoia, pensando que esse atraso pode causar-lhe muito prejuízo, argumentando-se que naquela cidade haviam muito de seus inimigos, preparou sua gente, marchou-os Serravalle, em abril daquele ano: e lá ele fez todas as suas disposições para manter seu exército: o qual subito lançou-se sobre Pistoia sitiando-a. Os Pistoleses sentiram grandíssima pressão, porque Castruccio corria por todas as vilas. Saqueando e causando grandes danos, e souberam-se facilmente entregues [à ele] [...]”.

circulavam também nos mesmos ambientes cortesãos que o escritor florentino, arriscamos afirmar que Maquiavel provavelmente conhecia suas obras; a ausência de qualquer descrição da primeira tomada de Pistóia por Castracani na subseqüente obra *Storie fiorentine* uma cuidadosa aproximação do assunto pela qual Maquiavel evita ser contradito pelos outros relatos do mesmo evento. Certamente seus leitores participam do mesmo universo dos leitores das outras versões, circulando nos mesmos espaços e partilhando os mesmos contatos e referências.

Maquiavel procede a inserir Castracani novamente em questões referentes ao conflito mais amplo entre gibelinos e guelfos; uma vez que se trata do período do Exílio de Avignon, o *popolo* de Roma – aristocracia tratada historiograficamente enquanto ‘Barões Romanos’ por Paul Larivaille<sup>171</sup> – passam a entrar em conflito político com os magistrados imperiais na *comuna* romana. Enrico, vigário imperial, recorre à Castracani – conhecido enquanto potentado gibelino – a influenciar diretamente na política romana para refrear os impulsos da aristocracia local ao se dirigir com 600 cavaleiros para Roma.

Tal fora a reputação de Castracani que o mesmo seria recebido com grandes honrarias em Roma, deixando Lucca segura na regência de seu fiel Pagolo Guinigi. Maquiavel sugere que a mera presença de Castracani na cidade consolida os gibelinos romanos a apaziguarem seus conflitos.

[...] *e imbrevisimo tempo la sua presenza rende tanta riputatione ala parte dello Imperio che senza sangue, ò altra violenza si mitigò ogni cosa. Perche fato venire Castruccio per mare assai frumento del' paese di Pisa levo la cagione dello scandolo. Di ppoi parte ammonendo parte gastigando i capi di Roma, li riduse voluntariamente sotto il governo di Enrico, e Castruccio fù fato Senatori di Roma, e datoli molti altri honori dal' Popolo Romano il quale ufficio Castruccio prese con grandissima pompa. E si misse una toga di broccato in dosso con lettere dinanzi che dicono .egliè quel' che Dio vuole, e di drieto dicono. E sarà quel' che Dio vorrà.*<sup>172</sup>[*La Vita*, pg 41]

Castruccio, diplomata habilidoso, aceita as honrarias e mimetiza aos senadores romanos de outrora, mandando vir de Pisa alimentos para serem distribuídos ao *popolo* romano. Resolvidos os conflitos em Roma, o príncipe conta que sua presença na cidade logre favores com o Imperador no futuro. Porém, novamente os guelfos florentinos mobilizam-se contra Castracani, incensados pela tomada de Pistóia durante a trégua – Pistóia sendo um reduto dos guelfos na Toscana segundo em importância apenas para própria Florença. Dada à ausência de Castracani, em Roma, os florentinos tratam segundo Maquiavel de organizar e incentivar uma rebelião em Pistóia contra o jugo de Castracani – expulsando seus partidários da cidade e proporcionando ao povo de

<sup>171</sup> ZANETTI, Lucca, *Op. Cit.* Pg. 50 Apud LARIVAILLE. Paul. *Op. Cit.*; Pgs. 48-49. “O autor explora e nota na política romana uma influência do patriciado cidadão a tal ponto a intervir mesmo na política pontifícia como uma decorrência de uma ainda maior fragilização dos argumentos em prol da interferência da Igreja na política secular e na administração urbana da Cidade Eterna, principalmente com o Exílio de Avigno e o Cisma do Ocidente. Maquiavel, muito bem informado da questão, observa sua importância para o surgimento da situação seguinte.”

<sup>172</sup> MAQUIAVEL. Nicolau. *Op. Cit.* Pg 48. “ [...] em muito pouco tempo sua presença se deu tal força ao império que, sem sangue ou violência, tudo se resolveu. Castruccio fez vir trigo de Pisa, por mar, eliminando a causa dos distúrbios. Usando advertências e pressões, levou os chefes políticos de Roma a se submeterem voluntariamente ao governo de Enrique. Por isso ganhou muitas honrarias do povo romano, tendo sido feito senador – título que recebeu com grande pompa, vestindo uma toga de brocado com as seguintes palavras bordadas na frente: “é este quem Deus escolhe”; e atrás: “E será o que Deus escolher”.

Pistóia a sua *Libertá*. O princípio de salvaguardar a Liberdade das repúblicas italianas fora um manto de responsabilidade tomado por Florença após a destruição de Milão em 1162 ainda no contexto da Liga Lombarda – e sua potencia retórica, ainda que potencialmente uma situação aonde os guelfos busquem impor sua própria hegemonia sobre a Toscana, é por si só justificação para o conflito com Castracani, identificado na perspectiva dos florentinos enquanto um tirano ao mesmo tempo em que aceito e celebrado em Lucca.

Em Serravalle, além da planície de Pescia, a hoste florentina buscaria enfrentar Castracane, que retornado à Lucca também levanta seus próprios guerreiros para retomar Pistóia – e, impedido de sitiar a cidade pela presença das forças guelfas, retirou-se para o passo de Serravalle aonde poderia tentar igualar suas chances de vitória perante o inimigo muito mais numeroso – os guelfos teriam reunido 40 mil homens enquanto Castracani apenas 12 mil guerreiros.

*E ben' che si confidassi nella indústria sua, e virtù loro, puré dubitava  
appicandosi nel luogo largo di non esser' circondato dalle moltitudine de  
nimici.*<sup>173</sup> [La Vita, pg 41]

Seu domínio da arte da guerra impedia Castracani de dar combate ao inimigo em condições desfavoráveis – e assim sendo, buscou defender um passo nas colinas defendido pelo castelo de Serravalle, guarnecido por um castelão alemão chamado nas fontes apenas por Manfredi. Uma vez que Manfredi preferia manter-se neutro a juntar-se a Castracani em combater os guelfos, o príncipe-*condottiere* não tolera o risco do castelão a seu flanco. Mesmo negociando deixar para o alemão o castelo incólume, Castracani conspira com locais e tem seus guerreiros infiltrados na fortaleza, Manfredi assassinado e a praça tomada rapidamente para dar batalha aos florentinos – mais uma vez Castracani lança mão da traição para assegurar seus objetivos.

Assim, Castracani dita o local da batalha assim como o terreno mais favorável – com a disposição da fortaleza como um possível refúgio se a *Fortuna* ditasse que os florentinos vencessem sua hoste. Desconhecendo que Castruccio havia tomado o castelo – e não podendo avistar as disposições do inimigo sobre a crista da colina – os guelfos marcharam sobre um inimigo preparado em uma situação no qual a sua superioridade numérica servia ao inimigo. Ordenando o ataque antes que os guelfos ajustassem suas tropas, Castracane flanquear a força maior enviando cavaleiros e infantes da fortaleza, pressionando os florentinos e surpreendendo sua retaguarda.

A vitória é mais uma vez completa – os florentinos debandam em confusão, vencidos segundo Maquiavel mais pelo terreno do que propriamente pelo vigor dos guerreiros de Castracani.

[...] *che da nimici incominciarono à fuggire, e cominciò la fuga da  
quelli che erano di drieto verso Pistoia, I quali di stendendosi per il piano,  
ciascuno dove meglio li veniva provedeva ala sua salute, fù questa rotta grande,  
e piena di sangue*<sup>174</sup>[...][La Vita, pgs 42-43]

Dúzias de nobres florentinos, toscanos e napolitanos que compunham a hoste guelfa seriam aprisionados segundo Maquiavel, de acordo com a prática da troca de

<sup>173</sup>MAQUIAVEL, Nicolau. *A Arte da Guerra e Outros Ensaio*s. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. Pg 48. “Embora confiasse na sua capacidade e no valor dos soldados que comandava, temia o combate num espaço amplo, onde poderia ser cercado por multidão de inimigos.”

<sup>174</sup>*Idem*. Pg 48. “[...] se puseram a fugir. E os que se encontravam atrás fugiam também, na direção de Pistóia, correndo pela planície em um salve-se quem puder. Foi uma derrota sangrenta.”.

prisioneiros por resgates – prática comum também entre os *condottieri*. Com a notícia dessa vitória inesperada, Pistóia expulsa novamente seus guelfos, e recebem a Castracani em celebração, novamente entregando a *signoria* da *comuna* a ele. Maquiavel, no entanto, faz Castracani ainda desejoso de punir os guelfos pela insurreição, e nos dias seguintes o príncipe avança sobre os territórios do *contado* florentino, tomando a cidade de Prato e diversos castelos em ambas as margens do rio Arno, acampando a apenas duas milhas de Florença supostamente a plena vista das muralhas. A hoste vitoriosa celebra a sua vitória com festas de escárnio perante os florentinos, incapazes de resistir a Castracani<sup>175</sup>.

[...] *dove stette molti giorni à dividere la preda, e à fare festa dela Vittoria havuta, facendo in dispregio de Fiorentini battere monete, correre pali à cavagli, à huomini, e à meretrici, nè mancò di volere corrompere alcuno nobile cittadino perche li aprisela notte le porte di Firenze.*<sup>176</sup> [La Vita, pg 43]

Castracani também planeja conquistar a Florença, mas essa presa se provaria grande demais, poderosa demais para si. Mesmo corrompendo alguns moradores a abrir os portões durante a noite para seus guerreiros, o complô é rapidamente descoberto e os responsáveis enforcados por sobre os portões. Castruccio se satisfaz em saquear o *contado* de Florença, causando grandes danos e mantendo a cidade à sua mercê.

Porém, eventualmente os guelfos recebem mais apoio do Rei de Nápoles com o envio de Carlo, seu filho, na companhia de 4000 cavaleiros – o suficiente para que Castracani necessite repensar seu plano de ação contra Florença. Perante uma nova insurreição contra si em Pisa, Maquiavel relata que Castracani não prossegue com a ideia de montar cerco à Florença. A rebelião em Pisa é duramente repreendida e seus instigadores executados. Enquanto Castracani lida com insatisfações beirando à levantes em Pisa e Pistóia, de maneira que enquanto o príncipe estava em Pisa rebeliões eclodiam em Pistóia e vice-versa, os guelfos formam novas hostes com o apoio de Ruggerio de Nápoles.

[...] *ragunoro insieme grande gente perche convocorono in loro aiuto quasi tutti i Guelfi d'Italia, e feciono uno grossissimo esercito di più che .XXX. mila fanti e .X. mila cavagli*[...] <sup>177</sup>[La Vita, pg 43]

<sup>175</sup> ZANETTI, Lucca. *Op. Cit.* Pg. 53-54. “Perante os portões de Florença, Maquiavel demonstra o escárnio dos vitoriosos sobre os vencidos – uma vez debandados os regimentos preparados pelos florentinos, a cidade estaria então à mercê de Castruccio, que após saquear o *contado* de Florença com impunidade por diversos dias, divide o butim entre seus guerreiros, e festeja entre eles com o tradicional *pallio* – as corridas de cavalos, as disputas entre homens e meretrizes, assim também como cunhando moedas. Paola Ventrone observa nesse tipo manifestação ‘festiva’ uma celebração destinada ao escárnio dos vencidos, assim como uma demonstração de sua impotência e submissão – embora Maquiavel não permita a Castruccio a tomada de Florença, uma vez que tal ocorrência seria conhecida por leitores seus conterrâneos, trata-se ainda de uma situação análoga às práticas de celebração de festas, inclusive religiosas sobre as praças conquistadas com a finalidade de demonstrar sua submissão a *comuna* ou ao *signore* que a tomou.” & VENTRONE, Paola. *La costruzione dell'identità cittadina in Italia tra XIII e XV secolo: feste, rituali, simboli*. In.: Identitats, Flocel Sabaté, Ed. Pagès Editors, Lleida, 2012

<sup>176</sup> *Idem.* Pg 48. “[...] onde passaram muitos dias a dividir os despojos e a festejar a vitória, fazendo cunhar moedas, organizando competições com cavalos, homens e meretrizes. Quiseram corromper alguns cidadãos de Florença para que, de noite, lhe abrissem as portas da cidade [...]”.

<sup>177</sup> *Idem.* Pgs 50-51. “[...] decidiram não perder mais tempo, reunindo um grande exército – mais de trinta mil infantes e dez mil cavaleiros – convocando quase todos os guelfos da itália (sic) para que os ajudassem.”.



Castruccio se torna de tal maneira influente, temido por seus inimigos, que Maquiavel recorre ao exagero – aonde ‘todos os guelfos da Itália’ se reuniam em força para enfrentar ao príncipe gibelino, dessa vez seu maior desafio e destino derradeiro. Encontrando-se com seus inimigos nas proximidades de Pisa, por onde faziam seu avanço sobre territórios do *contado* pisano, ou seja, sobre a *signoria* de Castruccio. Para o príncipe, Maquiavel afirma, trata-se de nova oportunidade de vencer seus inimigos e abrir para si mais uma vez o caminho para a tomada de Florença – e a partir dessa, toda Toscana. Novamente se encontra dispondo de menores números do que seus inimigos, Castracani pensa em mais uma vez flanqueá-los e prepara-se enviando Pagolo Guinigi à Pisa com cinco mil homens, enquanto pessoalmente aguardaria aos guelfos no castelo de Fucecchio, um promontório entre os rios Gusciana e o Arno, com 20 mil infantes e quatro mil cavaleiros.

O gênio militar de Castracani se prova novamente ao passo em que Maquiavel descreve diversas dificuldades de que os guelfos teriam de enfrentar para impedir a comunicação entre Fucecchio e Pisa assim como o assalto à posição defendida pelo *condottiere*. Novamente Castracani sabe escolher bem aonde dar combate ao oponente, guardando o vau do Arno guardado pela fortaleza e ditando a aproximação do inimigo.

[...] *Et Castruccio per dare loro animo di pigliare questo partito di passare, non si era posto com le genti sopra la riva D’Arno, ma allato alle mura di Fucechio, e haveva lasciato spatio assai intra il filme, e lui*<sup>178</sup>. [La Vita, pg 43]

Posicionado perante terreno traiçoeiro, Castracani aguarda aos guelfos – e fatalmente florentinos e napolitanos atacam suas posições, enfrentando o vau – ao passo que Maquiavel atribui a Castracani a tática de mandar seus guerreiros apenas se aproximarem do rio no momento em que os inimigos vadeiam quase nas margens. Vulneráveis nos baixios.

*Venuto per tanto la matina de di .X. di Giugno i Fiorentini ordinati ala zuffa fectono cominciare à passare parte della loro cavalleria, e una battaglia di .X mila fanti. Castruccio che stava parato, e intento À quello che gli haveva in animo di fare com una batagglia di .V. mila fanti, e ter mila cavagli li assalto, ne dette loro tempo ad uscire tutti fuora dele acque, chef ù alle mani com loro, mille fanti spediti mando sù per la riva dalla parte di sotto d’Arno, e mille di sopra . Erano i fanti de Fiorentini aggravati dalle acque, e dalle armi, ne havevano tutti superato la grotta del’ Fiume, i cavagli passati che furno alquanti per haveere rotto il fondo d’Arno fero il passo ali altri difficile [...]*<sup>179</sup>. [La Vita, pg 44]

<sup>178</sup>*Idem*. Pg51. “Para incentivar os adversários a escolher esta última alternativa, Castruccio não colocara suas tropas nas margens do rio, mas sim nos muros do castelo, deixando um espaço suficiente entre os soldados e o Arno.”.

<sup>179</sup>*Idem*. Pg 51. “Na manhã de 10 de junho os florentinos, em ordem de combate, começaram a cruzar o rio com parte da cavalaria e dez mil infantes. Foi quanto Castruccio, que aguardava, atento às suas intenções, atacou-os com cinco mil soldados de infantaria e três mil cavaleiros. Os florentinos nem tiveram tempo para sair todos do rio, antes de enfrentar os assaltantes. Além disso, mil infantes com armas ligeiras tinham sido deslocados pela margem, a jusante, e outros mil a montante. Os soldados de Florença estavam sobrecarregados de armas, seus movimentos dificultados pela água; mal tinham conseguido subir a barranca do rio. A passagem dos primeiros cavalos, escavando o leito, tornava mais difícil o cruzamento dos que se seguiam [...]”.

Prevedendo que os guelfos deveriam tentar atravessar o rio em posições acima ou abaixo do vau que guardava, despachou guerreiros aos próximos pontos de passagem para resistir possíveis avanços secundários. Maquiavel arma escaramuçadores a serviço de Castracani tal qual as ‘tropas ligeiras’ inspiradas em Políbio – armados com pequenos escudos redondos e azagaias como os *leues* ou *uelites* das formações romanas pré-Marianas. Essas tropas geram grande confusão entre os guelfos ao ferirem cavalos, que por sua vez. Ainda que os líderes guelfos exaltem seus homens ao combate contra a força menor, confiantes em sua superioridade numérica, a posição é mantida por Castracani.

Essa não é a única referencia de Maquiavel à Políbio – o autor também sugere que Castracani teria adotado o sistema manipular romano ao enviar cinco mil guerreiros às margens do rio para substituir aqueles que até então teriam protegido as margens no vau, de maneira organizada e cuidadosa para dar aos florentinos apenas alguns metros antes da troca de linhas, uma referencia direta as manobras descritas por Políbio ao tratar do exercito romano durante as Guerras Púnicas – da substituição em combate de guerreiros exaustos por descansados.

Em Fucecchio Castracani é vitorioso uma última vez. A batalha é a glória do príncipe e a derrota de Florença. Mesmo que todo o episódio fosse ficcional, das táticas empregadas à sua ausência em outras biografias de Castracani, novamente contamos com um confronto sangrento marcado pelo exagero das casualidades – em números mais específicos que o embate em Montecatini. Maquiavel afirma que vinte mil, duzentos e trinta e um mortos entre os florentinos, e apenas mil quinhentos e setenta entre os armígeros de Castracani. Mas a *Fortuna* dá uma vitória à Castracani com uma mão, e uma derrota com a outra.

*Ma la fortuna nimica ala sua gloria, quando era tempo di dargli vita gliene tolse, e interrompe quelli disegni che quello molto tempo innazi haveva pensato di mandare ad effetto, ne gliene poteva altro che la morte impedire. Erasi Castruccio nella battaglia tutto il giorno affaticato quando venuto il fine di essa tutto pieno di affanno, e di fudore si fermò sopra la porta di Fucecchio per aspettare le genti che tornassino dalla vittoria, e quelle com la presentia sua ricevere, e rigratiare, e parte, se purê alcuna cosa cascasse da nimici, che in qualcheluoco havessino fato testa, potere essere pronto a remediare giudicando l'officio d'um buon capitano essere montarei l primo à cavallo, e ultimo scendere. Donde che stando esposto ad uno vento che il più dele volte à mezzo di si lieva di in sù Arno, e suole essere quase sempre pestiferò agghiacciò tutto. La qual' cosa non essendo stimata da lui, come quello che asimili disafi era assueto, fù cagiõe della sua morte. Perche la notte seguete fù d'uma grandíssima febre assalitò, la quale andando tutta via in augumeto, e essendo il male da tutti i medici giudicato mortale , e accorgendosene Castruccio chiamò Pagolo Guinigi, e li disse queste parole.*<sup>180</sup>. [La Vita, pg 44]

---

<sup>180</sup>*Idem*. Pgs 52-53. “Mas a sorte, inimiga da glória de Castruccio, no momento em que devia dar-lhe vida, a roubou, interrompendo os planos que ele há muito tinha imaginado executar – e que só a morte poderia impedir. Com efeito, Castruccio se tinha empenhado na batalha durante todo o dia; depois, coberto de suor e de cansaço, esperou na porta do castelo de Fucecchio pelo retorno dos combatentes, para recebê-los pessoalmente e agradecer-lhes a vitória; e também para remediar alguma inesperada resistência do inimigo – pensava que o bom comandante devia ser o primeiro a montar e o último a descer da montaria. Expôs-se assim ao vento gélido que muitas vezes ao meio-dia se levanta sobre o Arno, quase sempre prestífero – como não estava habituado àquilo, essa foi a causa de sua morte. Na noite seguinte teve uma febre altíssima. Como seu mal piorasse e os médicos o considerassem mortal, chamou Pagolo Guinigi, dizendo-lhe”.

Morre assim Castracani, derrotado pela febre após a batalha às margens pantanosas do Arno. Mas não morre simplesmente – Castracani morre em glória após sua mais impressionante vitória. Mesmo às portas da morte o príncipe preocupa-se em ordenar seus armígeros a celebrar a vitória e desbaratar os inimigos remanescentes. Em sua cama, moribundo, Castruccio oferece a seu herdeiro Pagolo Guinigi sua oração fúnebre – fazendo si próprio o conto de sua vida, sua carreira enquanto *condottiere* e príncipe. Esse discurso é a mais evidente atribuição fictícia a Castracani – a retórica de Maquiavel é quase instrucional. Todos os elementos explorados em *Il Principe* e exemplificados em *La Vita* são sumarizados nos lábios do próprio protagonista. Maquiavel aqui também culpa a *Fortuna* pelo fim prematuro de Castruccio aos 47 anos logo ao proporcionar a ele a possibilidade de completar seus sonhos de conquista.

Afirma inclusive que é apenas a *Fortuna* potente o suficiente para refrear as ambições de um homem como Castracani – um argumento similar ao desenvolvido anteriormente em *Il Principe* ao referir-se ao outro exemplo personificado de príncipe arquetípico por Maquiavel – Cesare Borgia. Maquiavel não problematiza as ambições de Castruccio como positivas ou negativas, apenas que são condições próprias dessa sorte de indivíduo detentor natural da *Virtù* de corpo e alma, que disciplina a *Virtù* da mente e da guerra através da dedicação ao estudo das obras clássicas e das artes de combate.

“[...]il che se li fusse riuscito, che gli riusciva l'anno medesimo che Alessandro morì s'acquistava tante forze e et tanta reputatione, che per se steso si sarebbe retoo, senza dependere da la Fortuna, ò forza d'altri, masolo da la potentia, et uirtù sua. Ma Alessandro morì doppo cinque anni ch'egli haueua incominciato à trarre fuore la spada [...] Et era nel' Duca tanta ferocia, et tant auirtù, et si ben' conosceua come gli huomini s'habbino à guadagnare, ò perdere, et tanto eron' ualidi li fondamenti, che in si poco tempo s'haueua fatti, che se non hauesse hauuto quelli eserciti adasso, ò fusse stato sano, harebbe retoo à ogni difficoltà [...] Ma se ne la morte di Alessandro fusse stato sano, ogni cosa gli era facile. Et lui mi disse ne di che fù creato Iulio secondo, che haueua pensato a tutto quello che potessi nascere, moredo el padre, et à tutto haueua trouato rimedio eccetto che nò pensò mai insù la sua morte di star' ancor' lui per morire. Raccolto adunque tutte queste attioni del' Duca non saprei riprenderlo anzi mi par' (com'io ho fatto) di perporlo ad imitar' a tutti, coloro che per Fortuna, et con l'armi d'altri son' saliti à l'Imperio [...]” [Il principe, Cap. VII, pg.11-12]<sup>181</sup>

<sup>181</sup>MAQUIAVEL, Niccolo. *O Príncipe*, Capítulo VII, Pg. 66. “Se isso se ouesse realizado (e haveria de realizar no próprio ano em que Alexandre morreu), ele teria adquirido tanto poder e tanta reputação, que a si próprio se teria bastado e não dependeria mais da sorte e do poder alheios, mas da força e habilidade próprias Mas Alexandre morreu decorridos cinco anos do momento em que ele começara a empunhar a espada.. [...] Mas havia no duque tanta energia e tanto valor, sabia ele tão bem quanto os homens devem ser conquistados ou aniquilados que em tão pouco tempo havia assentado, que, não tivesse ele tido sobre si aqueles exércitos ou gozasse saúde, teria superado todas as dificuldades. [...] Se no momento da morte de Alexandre gozasse de saúde, tudo lhe teria sido fácil. Disse-me o duque, quando foi eleito Júlio II, que pensara no que aconteceria se morresse seu pai e que para tudo achara remédio; mas que jamais pensara que, à hora da morte do pai, pudesse ele também estar à morte. Havendo assim resumido todas as ações do duque, não posso censurá-lo; ao contrário, sou de parecer que se deve, como aliás o fiz, propô-lo como modelo da todos aqueles que, pela sorte e pelas armas de outrem, ascenderem ao poder.”

Em si, o discurso fúnebre é repleto de fórmulas de sabedora, aonde o príncipe aconselha seu sucessor e herdeira como manter seu *stato* – por meio da sabedoria de sua experiência. Lamenta que a conquista de Pistóia houvesse atizado aos florentinos, cuja potencia manteve sua expansão militar em cheque, e que deveria ter-se satisfeito com a *signoria* de Lucca e Pisa – sem a inimizade de Florença, pensa que lograria um estado menor, porém muito mais sólido e tranquilo para Guinigi. Também reflete sobre a inevitabilidade da *Fortuna*.

*Ma la Fortuna che vuole essere arbitra di tutte le cose humane, non mi há dato tanto giuditio ch'io l'habbia prima potuta conoscere, ne tanto tempo ch'io l'habbi potuta superare*<sup>182</sup>. [La Vita, pg 45]

O lamento de Castracani é em muitos momentos o lamento do próprio autor. Maquiavel também sofrera inúmeros reveses da *Fortuna* em momentos que contemplara executar verdadeiras mudanças em Florença – como, por exemplo, a derrota e desbaratamento de sua milícia à moda clássica em Prato – o desastre que dissolveria sua tentativa de implementação prática de sua teoria militar. Mesmo assim, Maquiavel derrotado não admitiria o fracasso de seus métodos. Castruccio adverte a seu herdeiro sobre seu *stato* – da infidelidade de seus súditos em Pisa e Pistóia, dos seus supostos aliados.

*Hai per vicini i Fiorentini offesi, e in mille modi da noi ingiuriati, e non spenti, ai quali sara più grato lo avviso della morte mia, che non sarebbe lo acquisto di Toscana, nelli Principi di Milano, e nello Imperadore non puoi confidare, per esser', discosto, pigri e li loro soccorsi tardi, non dei per tanto sperare in alcuna cosa fuora che nella tua indústria et nella memoria della virtù mia, e nella riputatione che ti arreca la presente vittoria, la qualse se tù saperai co prudentia usare ti dará aiuto à fare accordco com i Fiorentini, [...]*<sup>183</sup>. [La Vita, pg 45]

Urge a Guinigi que se comprometa com os florentinos para que logre a paz, para que possa então concentrar-se em desenvolver seu principado – dos riscos da Pistóia dividida intestivamente por várias facções assim como pelo anseio do *popolo* de Pisa em recuperarem sua independência, ou seja, sua liberdade de um *signor* estrangeiro. É assim que Castracani tenta passar sua própria *virtù* à Guinigi – tal qual Maquiavel tenta inspirar seus interlocutores, principalmente partindo de *Il Principe*, perante a exposição de sua experiência política, um racionalismo proto-empírico uma vez que sua voz de autoridade de maior destaque é justamente a experiência da ação sugerida e conclusões observadas e supostas a partir das informações referentes à experiência.

É o próprio príncipe quem se censura perante seu herdeiro, reconhecido que seu *statu* é frágil e que a manutenção de seu *dominium* dependerá da *virtù* do próprio Pagolo, de sua própria indústria e engenhosidade ao mesmo passo que dependera da *virtù* de Castracani durante sua conquista.

<sup>182</sup>*Idem*. Pg 53. “Mas a sorte, que quer arbitrar todas as coisas humanas, não me deu o julgamento necessário para que me conduzisse assim, nem o tempo suficiente para superar todas as dificuldades.”.

<sup>183</sup>*Idem*. Pg 53. “Terás como viinhos os florentinos – que ofendemos e injuriamos de mil maneiras, sem que os tenhamos exterminado. A notícia de minha morte lhes dará mais alegria do que sentiriam com a conquista de toda a Toscana. Não debes confiar nos príncipes de Milão, ou no imperador, porque estão longe, são lentos e sua assistência é tardia. Só te debes apoiar, portanto, na tua indústria e na memória do meu valor, como na fama que te traz a presente vitória; se souberes usá-la com prudência, te assistirá a fazer um acordo com Florença que, desalentada pela derrota, há de querer tal ajuste”.

[...] io tì ho lasciato questo Regno, l'altro che io te lo ho insegnato mantenere. Di poi fatti venire quelli cittadini che di Lucca di Pisa, e di Pistoia militavano seco, e raccomandato À quelli Pagolo Guinigi, e fattili giurare ubbidientia si morì, lasciando a tutti quelli (che lo havevono sentito ricordare) di se uma Felice memoria( e à quelli che li erano stati amici) tanto Desiderio di lui, quanto alcuno altro Principe che mai in qualunque altro tempo morì. Furono le esquie sue celebrate honoratissimamente, e sepulto in Santo Francesco di Lucca.<sup>184</sup>. [La Vita, pg 45]

Ainda que seu governo sobre Pisa e Pistóia seja de legitimidade questionável, Castracani deseja que Pagolo seja seu herdeiro legítimo, assim como conseguir de seus guerreiros o apoio ao jovem para a manutenção e consolidação de seu *stato*, sendo assim para Guinigi seu legado – seu conselho e sua experiência. Seguindo a fórmula dos panegíricos, Maquiavel encerra a narrativa após a morte de Castracani com uma série de trinta e quatro ditados de sabedoria atribuídos ao personagem.

*Fù adunque Castruccio per quanto si è dimostrò uno huomo non solamente raro nè tempi suoi, ma in molti di quelli che innanzi erono passati. Fù di persona più che l'ordinario, di alteza, e ogni membro era al'altro respondente, e era di tanta gratia nello aspetto, et com tanta humanità raccoglieva li huomini che non mai li parò alcuno che si partisse da quello mal'' contento. I capelli suoi pendevano in rosso, e portavali tonduti sopra li orecchi, e sempre, e dogni tempo com il capo scoperto era grato ali amici, ali inimici terribilie, giusto com i sudditti, infedele com li esterni, ne mais potette vincere per fraude che cercasse di vincere per forza, perche diceva che la vittoria non il modo della vittoria si arrecava gloria Niuno fù mais più audace ad entrare ne pericoli, ne più cauto ad uscirne; e usava di dire che li huomini debono tentare ogni cosa nè di alcuna sbigottirsi, e che Dio e amatore delli huomini forti, perche si vede che sempre gastica li impotenti com i potenti [...].<sup>185</sup>. [La Vita, pg 45]*

Suas últimas observações tratam de exaltar a Castracani tal qual Maquiavel exalta a memória de Bórgia como um homem de grandes feitos cujas circunstâncias restringiram seu progresso pleno e definitivo enquanto um grande conquistador ou um regente competente. Maquiavel lembra então que esse sucesso independe da linhagem do indivíduo – de maneira similar à percepção humanista da nobreza enquanto atributo

<sup>184</sup>*Idem*. Pg 53. “E ficarás a dever-me duas obrigações: por te deixar este reino e por te haver ensinado a guardá-lo”. Depois de ter assim falado, Castruccio mandou chamar os cidadãos que seguiam suas ordens em Luca, Pisa e Pistóia, recomendando-lhes Pagolo Guinigi. Fez com que todos jurassem obediência e morreu, deixando uma feliz lembrança em todos que o haviam conhecido; e entre amigos deixou mais saudades do que qualquer outro príncipe jamais. Foi sepultado com grandes honrarias, em São Francisco, na cidade de Luca”.

<sup>185</sup>*Idem*. Pg 53. “Como se viu, Castruccio foi um homem extraordinário, não só na sua época mas também comparado com os que o haviam precedido. No físico, tinha o corpo harmonioso e boa altura; era de aparência tão agradável e tratava a todos com tal humanidade que nunca aconteceu alguém procura-lo e despedir-se insatisfeito. Seus cabelos tendiam para o ruivo; usava-os cortados na altura das orelhas, andava sempre descoberto, sob chuva ou neve. Tratava os amigos com gratidão e era terrível para com os inimigos; justo com relação aos súditos mas não dava confiança aos estrangeiros. Se podia vencer pelo engano não tentava vencer pela força, dizendo que a glória provém da vitória, não do modo como é obtida. Ninguém enfrentava perigos com maior audácia, nem os resolvia com maior prudência. Costumava dizer que é preciso tentar tudo, não se abater com nada – que Deus prefere os homens fortes, porque faz sempre com que os poderosos punam os impotentes”.

de estado de espírito ao invés da linhagem de sangue – mas sim da criação, da disciplina e da *virtù* individual do príncipe. Sua perfídia, audácia e engenhosidade não são incoerentes dentro da lógica argumentativa que fundamenta este personagem. Suas últimas palavras a respeito de Castracani são alguns paralelos para com suas figuras de inspiração com as quais compara diretamente em capacidade e *virtù* com o *condottiere*.

*Visse ,XLIII. Anni, e fù in ogni fortuna príncipe, e come della sua buona fortuna ne appariscono assai memorie così volle che ancora della cattivá apparissino, perche le manettet com le quali stette in catenato in prigione si veggono ancora hoggi fitte nella torre della sua habitatione, dove da lui furno messe accio che facessino sempre fede della sua adversità, e perche vivendo ei non fù inferiore nè à Philippo di Macedonia Padre di Alessandro, ne à Scipione di Roma, è morì nella età del'uno, e de l'altro, e senza dubbio harebbe superato l'uno e l'altro se in cambio di Lucca egli havessi havuto per sua Patria Macedonia ò Roma.<sup>186</sup>. [La Vita, pg 47]*

Esse último recurso ao paralelo com figuras históricas conhecidas ao redor de toda tradição latina mais reforça a perspectiva de Castruccio Castracani a servir ao interlocutor na condição de um modelo – como o tratamos aqui, um arquétipo de príncipe perfeito. Ao sugerir que seu renome seria comparável ao de Cipião e ao de Felipe da Macedônia, Maquiavel sugere que as condições de seu advento ‘no lugar errado e na hora errada’ são a causa de Castracani ter se mantido uma figura mais restrita. A exaltação do indivíduo não poderia ser melhor ao ser equiparado com figuras tão célebres, referencias obvias para qualquer conhecedor dos clássicos latinos.

A obra que conclui o tríptico maquiaveliano organizado por Blado e Strozzi é a Descrição – *Descrittione del modo tenuto dal' Duca Valentino nello ammazzar Vitellozzo Vitelli, Oliueroto da Fermo, il Signore Pagolo, et il Duca di Gravina Orsini, Composta per Niccolo Machiaueli*. Um texto oriundo do reaproveitamento de uma legação – ou seja, um relatório da carreira diplomática de Maquiavel de seus trabalhos diplomáticos à corte de Cesare Bórgia, em Forli, a obra – contando com apenas quatro páginas na fonte original – trata de uma situação também relatada em *Il Príncipe*. A fim de solidificar seus exemplos de ação, Maquiavel adiciona a seu espelho de príncipes e ao exemplo histórico remoto um exemplo histórico imediato, o qual fora testemunhado pelo próprio autor.

Cesare Borgia trata, na descrição, de reagir com severa crueldade à tentativa de rebelião de alguns de seus *condottieri* – personagens que também eram *signori* vinculados à si, mantendo *stati* diversos ao longo da Romagna. Os conjurados buscam livrar-se de Borgia, organizando um complô contra si em La Magione. Embora com algum entusiasmo inicial, os conjurados buscam o auxílio da República de Florença – que, no momento, aliava-se à Borgia. Maquiavel fora enviado para negociar com os conjurados, e explicitar a recusa de Florença em juntar-se ao complô. Rapidamente a conjuração é debandada, e os *signori* retornam ao serviço de Borgia, prometendo-lhe fidelidade incondicional. Porém, o príncipe, uma vez conhecendo a insatisfação de seus

---

<sup>186</sup>MAQUIAVEL. Nicolau.*Op. Cit.*. Pg 57. “Viveu Castruccio quarenta e quatro anos. Foi príncipe magnânimo em todas as circunstâncias que lhe impôs a sorte. Como restam muitas lembranças dos seus momentos de boa sorte, é natural que hajatambém memórias de momentos de má sorte. Assim, na torre da sua residência encontraremos ainda hoje as grillhetas com que foi certa vez preso; ele as mandou colocar ali, para que testemunhassem a história da sua adversidade. Sua vida não foi inferior à de Filipe da Macedônia, pai de Alexandre Magno, ou a de Cipião de Roma. Morreu com a idade de ambos, cuja glória teria sem dúvida superado se tivesse nascido não em Luca, mas na Macedônia ou em Roma.”.

*condottieri*, reage após garantir a eles paz – armando contra os personagens mencionados no título uma contra-artimanha, aonde eles seriam capturados em Sinigaglia, suas tropas debandadas, e finalmente executados, com descrição explícita dos métodos de garroteamento. Não é difícil de encontrar um paralelo entre a repressão de Borgia aos ‘tiranos’ da Romagna, seus vinculados que planejaram insurreições contra si – com a conjura dos Poggio contra Castracani. Ambos levantes são encerrados antes de conseguirem sobrepujar de fato seus *signori*, e mesmo assim os príncipes compreendem que, uma vez questionada sua autoridade, apenas a ação súbita e fulminante poderá assegurar de fato seu domínio.

## CONCLUSÃO - Identidade Itálica em Construção

Por mais elaborada a teoria política maquiaveliana, como explorado através de toda a dissertação, os anseios de Maquiavel revelam um desejo por ordem e estabilidade política tão sedento de realização que permite as mais diversas violências contra o indivíduo em prol do pleno exercício do poder pelo seu príncipe. Castracani é parte cabal de exemplificação de sua lógica explicativa. A natureza da História, para Maquiavel, é de fato servir aos homens de seu tempo como um guia de exemplos de ação assim como uma série de advertências perante o despreparo ou o abuso do príncipe de um rol de ferramentas das mais variadas – *Il Principe* parte sempre do princípio da ação de um príncipe, suas consequências e finalidades.

Em Castruccio Maquiavel encontrou seu príncipe, mas também nos ofertou mais do que isso. Ao encontrar na história toscana um indivíduo capaz de personificar sua dinâmica da maneira mais exemplar e arquetípica possível. Castracani sabe utilizar-se da crueldade e da violência contra o *popolo* que compõe seus súditos, assim como lançar mão da audácia e da astúcia para impor seu domínio e empreender sua conquista, adquirindo novos principados ao passo que expande o seu; sucesso que apenas logra graças a seu exímio domínio da arte da guerra, das táticas e estratégias dos antigos assim como da engenhosidade de momento. Seu desejo ao emular os grandes homens do passado é justamente adquirir a glória, a riqueza e o poder por si próprio. Uma vez que a *Fortuna* lhe ofereceu as oportunidades para adquirir a *signoria* de Lucca assim como expulsar a seu inimigo Uguccione della Faggiuola, Castracani se aproveitou delas – pois é jovem, viril, e doma a *Fortuna* a partir de sua audácia. É, enfim, pleno de *Virtù*, e mesmo assim seu sucesso – tal qual o de Cesare Borgia – fora tolhido finalmente pela própria *Fortuna*, e por isso mesmo lamentado por Maquiavel.

O último capítulo de *Il Principe* trata-se de um apelo de Maquiavel por um príncipe que compreenda a sua teoria política, um novo Castracani, capaz de adotar a sabedoria dos antigos assim como as táticas e os princípios do poder dos modernos. Alguém capaz de salvaguardar a liberdade das repúblicas italianas – e aqui notamos algo curioso. Maquiavel não apela apenas para sua terra natal, Florença, pois contempla que mais do que florentino, talvez se identifique plenamente com essa identidade nova – uma identidade italiana.

Já o título do capítulo XXVI clama por certa justiça – *Exhortatio ad capessendam Italiam in libertataemque a barbaris vindicandam*, ou na versão *bladiana*, *Eshortatione a liberare la Italia da i barbari*.

*Considerato adunche tutte le cose di sopra discorse, et pensando meco medesimo se al presente in Italia correuano tempi da honorare un' Principe*

*nuouo; et sè c'era matéria che dessioccasione à uno prudente, et virtuoso à iontrodurui forma, che facesse honor à lui, et bene alla università de gli huomini di quella, mi pare concorrino tante cose in beneficio d'uno Principe nuouo, che non sò qual' mai tempo fussi più atto a questo [...]*<sup>187</sup>. [Il Principe, pg 34]

Ora, Maquiavel sugere nesse capítulo que não haveria momento mais propício para a ascensão de um príncipe capaz de ‘libertar a Itália dos bárbaros’, ou seja, garantir o principio medieval adotado pelos humanistas da Liberdade / *Libertà*. A situação é curiosa, pois lembramos que no seio da literatura política do humanismo cívico, o *signor* tolhe do *popolo* a sua *libertà* quando a ele a sociedade política cidadina oferta sua dignidade, ou seja, a *signoria* comunal. Maquiavel inverte a lógica da dicotomia entre a *libertà* e o príncipe – ao invés de serem conceitos mutualmente exclusivos como na tradição, o escritor passa a notar que um terceiro interlocutor – os ‘bárbaros’ – estão a assolar a Itália, que necessita assim de um defensor, de um indivíduo que possa proteger mais do que a ordem – mas também a *Libertà* dos italianos.

Italianos, sim, pois é nesses termos que Maquiavel identifica a Itália – não aos potentados políticos de então como o Ducado de Milão, a República de Veneza ou mesmo a sua República de Florença. Trata-se de falar da Lombardia, sujeita aos franceses de Francisco I, da Toscana e do Reino de Nápoles sujeitos aos espanhóis regidos por Carlos V. Ainda que, como explicitado por Burkhardt, a Itália fosse mais uma expressão geográfica do que política em princípios do século XVI, Maquiavel nos sugere que essa expressão também surtia de uma identidade cultural baseada em práticas tradicionais similares, assim como da língua e práticas político-religiosas. Essa *italianità* a que Maquiavel se refere trata-se então de uma identidade cultural italiana que ele também propõe que se torne uma identidade política de fato perante os ‘bárbaros’.

*Et ben che in fino a quì si sia mostro qualche spiraculo in qualcuno, da poter' iudicare, fusse ordinato da Dio per sua redentione, niente di manco si e uisto come di poi nel' più alto corso de le attioni sue, è stato da la Fortuna reprobato, in modo che rimasa come senza uita, aspetta qual' possa esser' quello che sani le sue ferite, e ponga fine à le direptioni, e sacchi di Lombardia, à le espilattioni, et tagli del' Reame, et di Thoscana, et la guarisca da quelle sue piaghe già per il lungo tempo infistolite. Vedesi come la prega Dio che li mandi qualcuno che la redima da queste crudeltati, et insolentie Barbare. Vedesi ancora tutta prona, et disposta à seguire una bandeira, pur che ci sia alcuno che la pigli. Ne si uede al' presente che ella possa sperarae altra che la Illustre casa uostrapotersi fare capo di questa redentione, sendo questa dalla sua uirtù et Fortuna tanto suta essaltata, et da Dio, et dalal Chiesa della quale tiene hora il Principato, favorita[...]*<sup>188</sup>. [Il Principe, pg 34]

<sup>187</sup>MAQUIAVEL. Nicolau. *Op. Cit.*. Pg 147. “Considerando, pois, todas as coisas que atrás disse, e perguntando-me se nos dias de hoje, na Itália, os tempos seriam propícios a que um príncipe novo fosse honrado e se haveria matéria que desse oportunidade a um homem prudente e virtuoso de nela introduzir forma de governo que conferisse honrarias a ele e beneficiasse a todos, parece-me que tantas coisas concorrem para o êxito de um príncipe novo, que não sei de tempo que fosse mais oportuno para tal. [...]”.

<sup>188</sup>MAQUIAVEL. Nicolau. *Op. Cit.*. Pg 147-148. “E embora até aqui se haja mostrado um que outro lampejo de gênio em alguém que se pudesse julgar como que enviado por Deus para a redenção da Itália, viu-se depois, no mais elevado curso de suas ações, tal príncipe ser desprezado pela sorte. Assim como que reduzida a um sopro de vida, a Itália espera por aquele que pense as suas feridas e ponha fim aos saques da Lombardia, aos tributos do reino e da Toscana, e cure as suas chagas há já tanto tempo



Nesse momento Maquiavel fala diretamente ao seu interlocutor primário – Lorenzo di Piero de Medici, Duque de Urbino. Algumas das sugestões de Maquiavel, além de sua sonoridade política, parecem encaixar-se sugestivamente ao seu príncipe em potencial – jovem e impetuoso – uma vez que Maquiavel tenha sido tomado como escritor para os Medici, é esta a ‘vossa Casa’ a quem se refere no excerto do texto. Mais do que isso, o humanista arrisca-se mesmo a sugerir que é nas mãos dos Medici que o destino da Itália descansa uma vez que os Estados Pontifícios descansam nas mãos de Leão X – Giovanni di Medici – e que, com a *Virtù* dos seus e o apoio do papado, poderia fazer impor sua vontade sobre aqueles que assolam a península. Ainda que conceda a seu favorito, Cesare Borgia, uma menção implícita na qualidade do príncipe recente arrebatado de seu principado pela *Fortuna*, a passagem também é plena de referências à divindade e como o povo da Itália clama por redenção e salvação, absolutamente disposto – segundo Maquiavel – a seguirem a liderança do indivíduo que ousar tomar para si tal tarefa.

Outras identidades se observam ao longo da Baixa Idade Média nos espaços da península itálica, principalmente contempladas enquanto identidades cívicas de caráter comunal. No século XV contamos com dois panegíricos à *comune* que tratam justamente de homenagear a terra natal dos poetas que os compõe – a *Laudatio florentinae urbis* (1400-1404), de Leonardo Bruni, trata de uma exaltação política da República de Florença e das virtudes de seu povo após vitória armada sobre o ‘tirano’ Giangalleazzo Visconti, *signor* de Milão, na qualidade de defensora da *Libertà* das cidades italianas; e a *De Laudibus Mediolanensium Urbis Panegyricus* (1435-1436), de Pier Candido Decembrio, que, inspirada na *Laudatio* de Bruni, dedicava-se a comparar o poderio milanês perante o florentino ao tomar Milão como uma nova Roma – como o fora na antiguidade (*Mediolanum*) capital do Império Romano e protetora de Roma - digna da investidura imperial em seu Duque por sua virtude e honra, glória esta inalcançada por Florença<sup>189</sup>. Embora ambos panegíricos certamente articulem-se politicamente com seu contexto – sugestivamente um contra o outro – ambos também representam articulações de identidade comunal centrada na *dignitas* das *comune*, centros políticos dessa península. Paola Ventrone sugere ainda outras identidades comunais a partir das festas religiosas, assim como dos *quartieri* – os bairros – urbanos, através dos quais eram

---

enfistuladas. Vê-se que ela roga a Deus que lhe mande alguém que a vingue destas bárbaras crueldades e insolências; vê-se, ainda, que ela está pronta e disposta a seguir uma bandeira, desde que alguém a empunhe. Não se vê, neste momento, em quem possa ela mais esperar do que na vossa ilustre casa, a aqual, com a boa sorte e suas virtudes, favorecida por Deus e pela Igreja, qd qual tem agora a direção, poderá empreender essa redenção [...]”.

<sup>189</sup>CHITTOLINI, Giorgio. *Op. Cit.* Pg. 221. “Un titolo unificatore si trovò nei titoli concessi dall’imperatore, prima di vicario, poi, soprattutto, di duca di Milano (1395), e di Lombardia (1396: ma di quella ‘Lombardia si sentiva il bisogno di enumerare singolarmente le città e le terre che ne facevano parte o un’immagine). Del resto alle crisi del dominio visconteo a Milano nel 1447 e di quello sforzesco nel 1499 fecero da contrappunto, nel corso del Quattrocento, i frazionamenti dello stato negli antichi nuclei cittadini, con la effimera rinascita delle vecchie repubbliche e ‘magnifiche comuniti. Assai significativo è l’episodio dell’anno 1447, quando la città di Milano, dopo la scomparsa dell’ultimo duca Visconti, si costituì in ‘Repubblica ambrosiana’, e avviò trattative con l’inviato dell’imperatore – che era Enea Silvio Piccolomini – per essere riconosciuta come città imperiale. Essa, tuttavia – rivendicando una sorta di *mos italicus* – pretendeva di mantenere sotto il suo diretto dominio tutto il territorio che aveva costituito il ‘Ducato’. Era una pretesa che non poteva conciliarsi in alcun modo con gli assetti ‘costituzionali’ dell’Impero, dove ben diversa era la condizione delle *Reichsstädte* e delle *Freiestädte*, quanto ai loro – assai più limitati – domini territoriali. Le trattative si bloccano su quel punto preciso.”

organizados as guardas e pelos quais se participavam os cidadãos dessas celebrações – como o *palio*, a corrida de cavalos<sup>190</sup>.

Anteriormente mesmo a estes fenômenos, observamos em Petrarca e Dante exortações ao vigor italiano – mais uma vez sugerindo a percepção de uma identidade cultural comum que transpassa às identidades regionais, no mínimo entre os círculos de erudição. Maquiavel próprio cita Petrarca diretamente nas últimas linhas de *Il Principe* ao extrair do poeta justamente referencia ao *antico valore* dos *italici*. De maneira ainda mais explícita Maquiavel passa a exortação dos próprios italianos – qualificando-os enquanto um povo bravo e habilidoso.

*Et non è, meraviglia sè alcun' de prenominati Italiani, non ha possuto fare quello che si può sperar' facci la Illustrate casa uostra, et se intante reuolutioni d'Italia, et in tanti maneggi di guerra, pare sempre che in quella la uirtù militar' sia spenta, per che questo nasce, che gli ordini antichi di quella non erano buoni, et non ci è, suto alcuno, che l'habbi saputo trouare de nuoi. Nessuna cosa fa tanto honore à un'huomo, che di nuouo surga, quanto fanno le nuoue leggi, et nuoui ordini, trouati da lui queste cose quando sono ben fondate, et habbino in loro grandeza, lo fanno reuerendo, et mirabile, et in Italia non manca matèria da introdurui ogni forma. Qui è virtù grande ne le membra, quando ella non mancasse ne capi, specchiateui nelli duelli, et ne i congressi de pochi, quanto ii Italiani siano superiori con le forze, con la destreza, con l'ingegno, ma come si uiene à li eserciti, non compariscono, et tutto procede dalla debolezza de capi, perche quelli che sanno, non son' obediti, et à ciascuno par' saper' non cì essendo in fino à qui suto alcuno che si sia reuelato tanto, et per virtù, e per fortuna che gl'altri cedino[...]Volendo dunque la illustre casa vostra seguitare quelli eccellenti huomini, che redimerono le prouincie loro, è necessàrio innanti à tutte l'altre cose (come uero fondamento, d'ogni impresa) prouedersi d'armi proprie, et perche non si può hauere ne più fiai, ne più ueri, ne migliori soldati. Et benche ciascuno d'essi sia buono, tutti insieme diuentaranno migliori, quando si uedranno comandare da loro Principe, et da quello honorare, et intrattenere. E necessàrio per tanto prepararasi À queste armi per potersi con uirtù Italiana defendere da li esterni.<sup>191</sup>. [Il Principe, pg 35]*

<sup>190</sup> VENTRONE, Paola. *La festa di San Giovanni: costruzione di un'identità cívica fra rituale e spettacolo (secoli XIV-XVI)*. Annali di Storia di Firenze, II (2007). Disponível em: <http://www.dsgg.unifi.it/SDF/annali/annali2007.htm>; acessado em 10 de dezembro de 2016. Pg. 50. “L’identitá urbana e la sua rappresentazione dipendevano strettamente dall’assetto político della città, in particolare se era dominante o capitale: di conseguenza ache l’organizzazione simbólica delel cerimonie destinate ad esprimerle dovette corrispondere alla natura dei diversi assetti político-istituzionali. Le feste di identidà cívica erano, infatti, una forma di autorappresentazione sia della struttura sociale, sia delle identitá individuais dei vari corpi componenti la compaignie cidadina e dei loro rapporti gerarchici, sia delle relazioni fra città dominante e territori sottomessi, con la nascita dello stato territoriale, oppure fra il principe, la città e le località governate nel caso delle capitai”

<sup>191</sup>MAQUIAVEL. Nicolau. *Op. Cit.*. Pg 147-148. “E embora até aqui se haja mostrado um que outro lampejo de gênio em alguém que se pudesse julgar como que enviado por Deus para a redenção da Itália, viu-se depois, no mais elevado curso de suas ações, tal príncipe ser desprezado pela sorte. Assim como que reduzida a um sopro de vida, a Itália espera por aquele que pense as suas feridas e ponha fim aos saques da Lombardia, aos tributos do reino e da Toscana, e cure as suas chagas há já tanto tempo enfistuladas. Vê-se que ela roga a Deus que lhe mande alguém que a vingue destas bárbaras crueldades e insolências; vê-se, ainda, que ela está pronta e disposta a seguir uma bandeira, desde que alguém a empunhe. Não se vê, neste momento, em quem possa ela mais esperar do que na vossa illustre casa, a aqual, com a boa sorte e suas virtudes, favorecida por Deus e pela Igreja, qa qual tem agora a direção, poderá empreender essa redenção [...]”.

Maquiavel aqui descreve ao vigor dos italianos como sem igual – culpando à destruição da península não aos indivíduos, mas sim aos seus líderes – os príncipes censurados anteriormente por seu fracasso em contemplar os sabores da *Fortuna* por não possuírem em si a *Virtù* necessária para manter seus *stati*. O autor sugere a seu interlocutor utilizar-se dos italianos em suas armas e seus exércitos, pois a partir de sua habilidade natural, tratariam de impor-se aos inimigos sem grandes problemas – afirma que a *Virtù Italiana* trata de homens leais e verdadeiros, e que sobre os ‘bárbaros’ se imporiam com facilidade.

E quem seriam os ‘bárbaros’ que Maquiavel teme e repudia? Quem assola agora a Itália, tal qual o fizeram os ostrogodos e hunos no passado remoto? Maquiavel traça o paralelo direto entre os não-italianos *altramontani* – ou seja, de além-Alpes – com os gauleses em conflito com Roma. Perante as palavras do escritor, aparentam certamente tratar-se dos franceses, espanhóis e suíços que saqueiam as cidades e campos e que praticam a *malla guerra*, a guerra mortal na qual se assassinam os combatentes ao invés de captura-los, como fora a prática da *buona guerra* dos *condottieri* através do século XV. A violência dos estrangeiros em solo itálico é chocante mesmo aos praticantes do ofício de armas da região por suas práticas de combate ao mesmo tempo distintas e gradualmente mais fatais. A *ordonnance* francesa organizada e levando consigo desde Carlos VIII em 1494 os primeiros trens de artilharia, contando com canhões de bronze de alta efetividade em campo de batalha, encontram nos *condottieri* forças armadas de maneira ‘antiquada’ ao favorecerem o combate montado de cavalaria pesada e ainda mais no caso da milícia florentina de Maquiavel que ainda conta com formações de lanceiros portando grandes escudos, por si mesma já ‘antiquada’ perante os *condottieri*.

Maquiavel reduz as batalhas das Guerras Italianas do princípio do século XVI a uma fórmula tríplice de Pedra-Papel-Tesoura. A cavalaria francesa da *gendarmerie* supera a infantaria espanhola dos *rodeleros*, armados com espadas e escudos, que por sua vez superam os piqueiros suíços e os *landsknecht* germanos (ambos elaborados sistemas de organização de guerreiros mercenários), que por sua vez triunfam sobre a cavalaria francesa. Maquiavel faz referência direta a sua reflexão sobre a Arte da Guerra ao imaginar que se um príncipe desenvolvesse uma infantaria italiana capaz de resistir à cavalaria francesa combinando os pontos fortes de ambas as infantarias, poderia impor-se sobre todos os três grupos estrangeiros e expulsá-los da península – referência clara a seus ‘legionários’, infantaria armada à moda romana, o raciocínio sendo de que ordenados de maneira adequada poderiam superar os dínamos militares do contexto.

Uma vez que nossa percepção contemporânea é certamente distinta daquela dos indivíduos que se percebiam italianos durante o século XVI, é necessário tomar o princípio de uma identidade regional abrangente tal qual o termo *italiani* parece expressar na obra de Maquiavel com cuidado. Identidades muitas vezes se traçam perante construtos retóricos dedicados à exemplificar alteridades entre grupos – como podemos observar nas legações de Maquiavel quando o mesmo se dedica à relatar a natureza de *tedeschi* / ‘alemães’ e *francesi* / ‘franceses’ – um sentimento de superioridade da natureza dos italianos perante seus interlocutores de além-Alpes.

Paul Larivaille nos oferta alguns elementos que transparecem aos discursos identitários desses italianos em finais do século XV e princípios do século XVI. Primeiramente a língua franca, promulgada por Pietro Bembo sobre o dialeto toscano que é amplamente tomado como raiz da língua italiana contemporânea, mas também

uma certeza da herança cultural romana – especialmente entre os círculos eruditos, do vigor desses indivíduos<sup>192</sup>.

Assim sendo, Maquiavel promove o desenvolvimento dessa identidade itálica – ou melhor, ainda, italiana – em construção. Outros pensadores do mesmo período contemplarão a italianidade para a qual Maquiavel apela – talvez mais sensivelmente Pietro Bembo, que, assim como o próprio Maquiavel, propora a consolidação do dialeto toscano como língua franca em toda Itália, uma vez que já fora a fórmula escolhida por eruditos quando escrevendo em língua vulgar. Através de Bembo é que o toscano torna-se base para a língua italiana moderna – de fato, a fonte *bladiana* é de leitura simples perante o domínio da língua moderna. Quais os limites dessas identidades, no entanto, permanece um questionamento válido, e que requer maior reflexão por si próprio – qual é, enfim, essa identidade italiana que congregaria em si dúzias de identidades regionais? Quais as fronteiras dessa identidade para o indivíduo do século XVI?

Partindo da língua, e da história comum, também se solidificam alicerces dessa identidade cultural que atravessa as fronteiras políticas da península itálica. O apelo político de Maquiavel é o de um indivíduo cujas esperanças de resgate de um passado glorioso e estável não são meros delírios, mas uma possibilidade tangível e imediata,

---

<sup>192</sup> LARIVAILLE. Paul. *A Itália no tempo de Maquiavel: Roma e Florença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979. pp. 12-13. “Sem que se possa dizer até que ponto uma tal constatação vale para as massas laboriosas da população, para a plebe, excluída, na época, da vida política e da qual se possuem poucas informações, parece certo que, tanto nos membros das corporações de artesãos como nos indivíduos pertencentes às camadas superiores da sociedade, exista, fortemente enraizado, um sentimento cioso da especificidade e da qualidade da vida italiana. Salvo em Maquiavel e talvez em alguns outros, não há uma consciência política nacional, propriamente dita. E, no entanto, para além dos múltiplos particularismos, para além das inúmeras rivalidades geográficas e locais (por causa mesmo dessas rivalidades, somos tentados a dizer, na medida em que elas pressupõe interesses, gostos, objetivos pelo menos parcialmente convergentes), para além de tudo o que separa e opõem regiões, Estados e cidades, existem inegavelmente uma consciência italiana: mais ou menos clara segundo os lugares, os ambientes e os graus de cultura, mas bem real de qualquer forma. Uma consciência geográfica em primeiro lugar: os Alpes são unanimemente considerados a fronteira natural do país, que, a despeito da fragmentação territorial, todos concordam em chamar de Itália. Uma consciência étnica e linguística também, apesar das consideráveis disparidades que persistem nesse domínio e não estão propensas a desaparecer, mantidas que são pela compartimentação política: o problema da definição de uma língua italiana, que se evidencia com mais intensidade nos primeiros decênios do século XVI e alimentará por longo tempo as disputas eruditas, mostra, com certeza, uma percepção lúcida das disparidades existentes, mas prova também uma clara consciência da existência desse substrato linguístico comum aos dialetos regionais, sem o qual seria inútil buscar um terreno de entendimento. Finalmente e sobretudo, o sentimento de italianidade nasce e se nutre, como bem indica o texto de Guicciardini citado acima, da certeza partilhada pelos habitantes das cidades da península de serem todos juntos, para além das suas divisões, os herdeiros e depositários de uma civilização comum: de uma história, de uma cultura e, concretamente, de uma arte de viver muito superior à dos conquistadores bárbaros que disputam, a partir de 1494, o território italiano e serão eles próprios largamente conquistados pelos requintes que aí encontram. Essa segurança, alimentada (mais particularmente, mas não apenas entre os intelectuais) pela reivindicação ciosa da herança romana, pelo mito da continuidade de Roma e, mais precisamente, do Renascimento multiforme da grandeza romana após a ‘noite bárbara’ da Idade Média, reforça-se no contato cotidiano com a floração de igrejas, palácios e obras de arte com os quais se adornam as cidades e cortes italianas. Não raro, ela desemboca num verdadeiro sentimento de superioridade face a outros povos; um sentimento que a derrocada político-militar da Itália provocada pelas repetidas agressões das grandes nações vizinhas não somente não debilitará mas contribuirá paradoxalmente para reforçar, na medida mesma em que a condenação dos Estados da península a uma sujeição política comum alimentará, frente à hegemonia estrangeira, uma consciência crescente do caráter nacional da cultura e da civilização italiana.”.

bastando apenas à iniciativa – a *Virtù* – de um novo príncipe. A *Fortuna* já propiciou a oportunidade, bastava que alguém a domasse.

## FONTES

### Fonte Principal:

MACHIAVELLI, Niccolò. *Il Principe... La vita di Castruccio Castracani da Lucca... Il modo che tenne il duca Valentino per ammazzar Vitellozzo, Oliverotto da Fermo, il S. Paolo et il duca di Gravina Orsini in Senigaglia*. Antonio Blado d'Asola. Roma, 1532. Disponível em: <https://archive.org/details/4R581INV679>, Acessado em 20/07/2014.

### Fontes Auxiliares:

LANDUCCI, Luca. *Diario fiorentino dal 1450 al 1516 continuato da un anonimo fino al 1542 con annotazioni di Iodoco del Badia*. Firenze. G. C. Sansoni editore. 1883  
 MANUZIO, Aldo. *Le azioni di Castruccio Castracane degli Antelminelli signore di Lucca com la genealogia della famiglia descritta da Aldo Manucci*. Terceira edição. Tipografia de Luigi Guidotti. Lucca, 1843. Disponível em: [https://books.google.com.br/books/about/Le\\_azioni\\_di\\_Castruccio\\_Castracane\\_degli.ht ml?id=aRGg2mE2KGQC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Le_azioni_di_Castruccio_Castracane_degli.ht ml?id=aRGg2mE2KGQC&redir_esc=y), acessado em 2 de fevereiro de 2017.

MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença*. Original *Istorie Fiorentine, de Niccolò Machiavelli in Opere di Niccolò Machiavelli, Volume Secondo*. Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1971, Torino. Tradução de Nelson Canabarro. São Paulo: Musa Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Arte da Guerra*. Tradução de Eugênio Vinci de Moraes. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Príncipe*. Tradução de Antonio D'Elia. São Paulo. Círculo do Livro S.A. Sem data.

\_\_\_\_\_. *A Arte da Guerra e Outros Ensaio*s. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

\_\_\_\_\_. *O Príncipe & Escritos Políticos*. Tradução de Olívia Bauduh. São Paulo. Editora Nova Cultural Ltda. 1999.

\_\_\_\_\_. *The Letters of Machiavelli*. Chicago University Press. 1988.

VEGÉCIO, Públio Flávio Renato;Clarke, Lt. John (tradutor), editor desconhecido para original de 1767. *"The Military Institutions of the Romans (De Re Militari)"*Digital Attic 2.0. Brevik, Mads. Disponível em.: <http://www.digitalattic.org/home/war/vegetius/>, acessado em 25 de janeiro de 2017.

TEGRIMI, Nicollo. *Vita Castruccii Antelminelli Lucensis ducis auctore Nicolao Tegrino equite ac iurisconsulto Lucense una cum etrusca versione Georgii Dati nunc primum vulgata*. 1496. Tradução ao dialeto toscano da língua italiana moderna por Georgi Dati, 1742. Disponível em.: [https://archive.org/details/bub\\_gb\\_ESLDw33gaXcC](https://archive.org/details/bub_gb_ESLDw33gaXcC), acessado em 2 de fevereiro de 2017.

## BIBLIOGRAFIA

- Anônimo. "*Dialogo intorno alla nostra lingua*": Dante e Niccolò. Accademia della Crusca e MICC (Media Integration and Communication Center) 2010-2013; Disponível em: <http://www.viv-it.org/schede/dialogo-intorno-alla-nostra-lingua-dante-e-niccol%C3%B2>; acessado em 28 de setembro de 2016.
- Anônimo. "*Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua*", Accademia della Crusca e MICC (Media Integration and Communication Center) 2010-2013; Disponível em: <http://www.viv-it.org/autori-opere/opere/discorso-o-dialogo-intorno-alla-nostra-lingua>; acessado em 28 de setembro de 2016.
- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Editora Martins Fontes. São Paulo – 2007.
- AMARAL, Maria do. *Maquiavel e as relações entre ética e política*. Ensaios Filosóficos, Volume VI – Outubro/2012.
- ANDRADE, Daniel Aust; *O Tirano e o Político em Maquiavel*. Revista Vernáculo, n. 26, 2º sem./2010.
- ARTHURSON, Ian. *Espionage & Intelligence from Wars of the Roses to the Reformation*. Nottingham Medieval Studies XXXV. 1991.
- BARBERI, Francesco. BLADO, Antonio. In.: *Dizionario Biografico degli Italiani - Volume 10* (1968) Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/antonio-blado\\_%28Dizionario-Biografico%29/](http://www.treccani.it/enciclopedia/antonio-blado_%28Dizionario-Biografico%29/)
- BARBOSA, Evandro, & COSTA, Thaís Cristina Alves. *A Verità Effetuale como fundamento do Realismo Político de Maquiavel*. Perspectiva Filosófica, Vol. 42, n.1. 2015.
- BENTLY, L. & KRETSCHMER, M., eds; *Primary Sources on Copyright (1450-1900)*, eds, Disponível em: [www.copyrighthistory.org](http://www.copyrighthistory.org).
- BIENKOWSKI, Piotr e MILLARD, Alan. *Dictionary of the Ancient Near East*. Londres.: British museum press, 2000
- BIGNOTTO, Newton. *Nicolau Maquiavel (1469-1527) e a nova reflexão política*. In.: *A Caminho do Mundo Moderno*, Org. MAINKA, Peter Johann. Editora da Universidade de Maringá – UEM. 2007.
- BIRELEY, Robert, *The Counter Reformation Prince: Anti-Machiavellianism or Catholic Statecraft in Early Modern Europe*. 1990.
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política Vol.1*. Artigo: Estado Moderno
- BONDANELLA, Peter E. *Castruccio Castracani: Machiavelli's Archetypal Prince*, *Italica*, Vol. 49, No. 3 (Autumn, 1972), pp. 302-314.
- BUARQUE DE HOLANDA F. Aurélio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira S.A; Rio de Janeiro 1985.
- BURKE, Peter. *The Italian Renaissance: Culture and Society in Italy*. Princeton – Princeton University Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. *El Renacimiento*. Crítica, Barcelona. 1999.
- BURKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Italia*. Companhia de Bolso, 2009.
- CAFERRO, William. *Italy and the Companies of Adventure in the Fourteenth Century*. *The Historian*. Vol. 58, issue 4, 1996
- CERESA, Massimo. GIUNTI, Bernardo. In.: *Dizionario Biografico degli Italiani - Volume 57* (2001). Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/bernardo-giunti\\_%28Dizionario-Biografico%29/](http://www.treccani.it/enciclopedia/bernardo-giunti_%28Dizionario-Biografico%29/), Acessado em 02 de setembro de 2016
- CHADWICK, Joan V; *The Fox: A Medieval View, and Its Legacy in Modern Children's Literature*. History of Ideas, Between the Species. Winter & Spring 1994.

- CHITTOLINI, Giorgio. *Le città italiane del centro e del nord: un'identità territoriale e 'statale' (secoli XV-XVI)*. In.: Identitats, Flocel Sabaté, Ed. Pagès Editors, Lleida, 2012.
- CRABB, Ann. *The Strozzi of Florence: widowhood and family solidarity in the Renaissance*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000.
- D'AMICO, Marco. *The foxes of Venice*. Concordia University. 2014. Disponível em: <http://www.medievalists.net/2014/12/13/foxes-venice/>, acessado em 10 de outubro de 2016.
- DAVIES, Jonathan. [Culture and power: Tuscany and its universities 1537-1609](#) ([Online-Ausg.]. ed.). Leiden: Brill. 2009.
- DEAN, Trevor. *Knighthood in later medieval Italy*. In. Europa e Italia: Studi in onore di Giorgio Chittolini. Florença, Firenze University Press 2011
- DE CARO, Gaspare, *Zanobi Buondelmonti*. *Dizionario Biografico degli Italiani - Volume 15* (1972) , Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/zanobi-buondelmonti\\_%28Dizionario-Biografico%29/](http://www.treccani.it/enciclopedia/zanobi-buondelmonti_%28Dizionario-Biografico%29/), acessado em 15 de maio de 2017.
- DELUMEAU, Jean; *A civilização do Renascimento*. Tradução de Manuel Ruas, Editorial Estampa Lda; Lisboa, 1983.
- DE VRIES, Joyce; *Caterina Sforza's Portrait Medals: Power, Gender, and Representation in the Italian Renaissance Court*; *Woman's Art Journal*, Vol. 24, No. 1 (Spring - Summer, 2003), pp. 23-28.
- DIEHL; Rafael de Mesquita. *O poder régio e suas atribuições no Speculum Regum (1341-1344) do franciscano Álvaro Pelayo, bispo de Silves (1333-1350)*. 2013
- DIETZ, Mary G. *Trapping the Prince: Machiavelli and the Politics of Deception*. University of Minesotta, *The American Political Science Review*. Vol. 80. No. 3. 1986.
- ETTLINGER, Helen S. *Visibilis et Invisibilis: The Mistress in Italian Renaissance Court Society*, *Renaissance Quarterly*, Vol. 47, No. 4 (Winter, 1994), pp. 770-792.
- FAINI, Enrico. *Before the Florin- The origins of Florence's economic boom*. Firenze; 2015. Disponível em: [https://www.academia.edu/10984653/Before\\_the\\_Florin.The\\_origins\\_of\\_Florence\\_s\\_economic\\_boom\\_english](https://www.academia.edu/10984653/Before_the_Florin.The_origins_of_Florence_s_economic_boom_english) ; acessado em 28 de setembro de 2016.
- GARIN, Eugenio. *O Homem Renascentista*. Editorial Presença, Lisboa, 1991.
- GOFFMAN, Daniel. "Negotiating with the Renaissance State: the Ottoman Empire and the New Diplomacy." in *The Early Modern Ottomans: Remapping the Empire*. Editores: Virginia Aksan and Daniel Goffman. Ed. Cambridge: Cambridge.
- GIRARDI, Leonardo. *O Espelho dos Reis de Frei Álvaro Pelayo (1341-1344) como instrumento de construção de um identidade régia ibérica*. 2016.
- GRIECO, Romy. *Lucca, town of Art*. Renzo Santori. Editions Italcards. Bologna, sem data.
- HAIRSTON, Julia L. *Skirting the Issue: Machiavelli's Caterina Sforza*, *Renaissance Quarterly*, Vol. 53, No. 3 (Autumn, 2000), pp. 687-712.
- HANKINS, James. *Civic Knighthood in the Early Renaissance: Leonardo Bruni's De Militia (ca. 1420)*. Faculty of Arts and Sciences, Harvard University. 2011.
- HARIMAN, Robert. *Composing Modernity in Machiavelli's Prince*. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 50. No. 1. 1989.
- HAGGMAN, Bertil. *The Classical Way of Conflict – Civilizational Reflections on Ancient Statecraft*. *Comparative Civilizations Review*. 2009 Fall.
- HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence; *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- ILARDI, Vincent. *The Italian League, Francesco Sforza, and Charles VII (1454-1461)*. *Studies in the Renaissance*, Vol. 6. (1959).

- LANDON, WILLIAM J; *Lorenzo di Filippo Strozzi and Niccolo Machiavelli: Patron, Client, and the Pistola fatta per la peste/An Epistle Written Concerning the Plague*. University of Toronto Press. 2013.
- LARIVAILLE, Paul. *A Itália no tempo de Maquiavel: Roma e Florença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.
- LUKES, Timothy J. *Lionizing Machiavelli*. In. *American Political Science Review*, Vol. 95, No. 3. 2001.
- MALLET, Michael. *O Condottiere*. In. *O Homem Renascentista*, Org. Eugenio Garin. Editorial Presença. 1991.
- MANSFIELD, Harvey. *Machiavelli's Virtue*. The University of Chicago Press. 1996.
- MARRONE, Gaetana. *Encyclopedia of Italian Literary Studies: A-J*. Taylor & Francis, 2007. Pg. 1054.
- MASTERS, Roger. *Maquiavel e Da Vinci, Um Sonho Renascentista*. Jorge Zahar Editora. 1999.
- MIATELLO, André Luís Pereira. *Relações de Poder e Bem Comum na Baixa Idade Média Italiana (séculos XIII-XIV)*. Anos 90, Porto Alegre, v.20, n.38, pg 181-217. 2013.
- MILLER, Harvey F; *The Practical and Economic Background to the Greek MercenaryExplosion Greece & Rome*, Second Series, Vol. 31, No. 2 – 1984.
- MURPHY, David. *Condottiere 1300-1500, Infamous Medieval Mercenaries*. Oxford: Warrior; 115. Osprey Publishing, 2007.
- NICOLLE, David. *Fornovo 1495 – France's Bloody Fighting Retreat*. Oxford. Campaign series - 43. Osprey Publishing, 1996
- PAGLIARDINI, Angelo (Coordenação), *I Garzantini – Dizionario Italiano*. Garzanti Linguistica, Milano, 2002.
- PAIZANI, Gabriel Ferreira de Almeida; *O pensamento político de Dante Alighieri no tratado De Monarchia*; Revista Vernáculo, n. 23 e 24, Curitiba -2009.
- PHILLIPS, Mark. *Machiavelli, Guicciardini, and the Tradition of Vernacular Historiography in Florence*. The American Historical Review, Vol. 84 - 1979.
- RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique. *El hecho y su significado: la caída de Constantinopla y el Renacimiento*. In.: *Entre Histórias de la Edad Media, Veintiún ensayos*. Granada, 2011.
- ROSENBAUM. S.H; *WHO WAS VEGETIUS?*2013. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/192987630/Who-Was-Vegetius>; acessado em 18 de janeiro de 2017.
- RUSSEL, A. G; *The Greek as a Mercenary Soldier*. Greece & Rome, Vol. 11, No. 33 – 1942.
- RUSSELL, Greg. *Machiavelli's Science of Statecraft: The Diplomacy and Politics of Disorder*. Diplomacy and Statecraft. 2005
- SADEK, Maria Tereza. *Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o indelectual de virtù*. In. WEFFORT, Francisco. (Org.) *Os Clássicos da Política*. 14ª ed. São Paulo, Ática, 2006. Disponível em: [www.ceap.br/artigos/ART13102011193159.pdf](http://www.ceap.br/artigos/ART13102011193159.pdf), acessado em 17 de maio de 2017.
- SALZER, Georg. *O Humanismo na Europa Central (1450-1536/50): Um resumo*. In.: *A Caminho do Mundo Moderno*. Org. MAINKA, Peter Johann. Editora da Universidade Estadual de Maringá – UEM. 2007.
- SICHEL, Edith. *O Renascimento*. Jorge Zahar Editora, 1977.
- SIMONETTA, Marcello. *The Montefeltro Conspiracy: A Renaissance Mystery Decoded*. Doubleday. 2008.
- SIMONETTI, G., *I biografì di Castruccio Castracani degli Antelminelli*, in *Studi storici* di A. Crivellucci e E. Pais, II (1893), Disponível em:



[http://www.treccani.it/enciclopedia/niccolo-tegrimi\\_\(Enciclopedia-Italiana\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/niccolo-tegrimi_(Enciclopedia-Italiana)/), acessado em 4 de fevereiro de 2017.

SHAW, Ian e NICHOLSON, Paul. *British Museum Dictionary of ancient Egypt*. Londres: British museum press, 1995.

SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*, Tradução de Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras, 1996.

SUTHERLAND, Jon N.; *The Idea of Revenge in Lombard Society in the Eight and Tenth Centuries: The Case of Paul the Deacon and Liutprand of Cremona*. *Speculum*. Vol. 50, N.3. 1975.

VAN DER VEEN, Peter. *The El-Amarna Habiru and the Early Monarchy of Israel*. In.: JACF Vol. 3 – 1989-1990

VERÍSSIMO, Eliane. “Ca insegna quali virtù ei príncipi debbiano avere”: A contenção régia por meio das virtudes no tratado De Regimine Principum de Egídio Romano. Curitiba - 2013.

VENTRONE, Paola. *La costruzione dell'identità cittadina in Italia tra XIII e XV secolo: feste, rituali, simboli*. In.: Identitats, Flocel Sabaté, Ed. Pagès Editors, Lleida, 2012.

\_\_\_\_\_. *La festa di San Giovanni: costruzione di un'identità cívica fra rituale e spettacolo (secoli XIV-XVI)*. In.: *Annali di Storia di Firenze*, II. 2007.

WHITEHEAD, David; Who Equipped Mercenary Troops in Classical Greece? *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Vol. 40, No. 1 – 1991.

WITCOMBE, Christopher L.C.E; *Copyright in the Renaissance: Prints and the "Privilegio" in Sixteenth-Century Venice and Rome (Studies in Medieval and Reformation Thought,)* (No. 100) Hardcover– May 27, 2004.

WITOSZEK, Nina. *Rivers and Humans – The Civilizing Project of Leonardo Da Vinci and Niccolo Machiavelli*. Oslo, 2009.

ZANETTI, Lucca. *O Príncipe e o Mercenário – A sugestão de um modelo ideal, através de La Vita di Castruccio Castracane, de Nicolau Maquiavel (1518-1520)*. Curitiba, 2014. Disponível em:

[http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2014/12/lucca\\_zanetti.pdf](http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2014/12/lucca_zanetti.pdf); Acessado em 28 de setembro de 2016.

\_\_\_\_\_. *Paralelos entre a cristalização do modelo de condottiere, de Maquiavel, e o modelo da Nobreza de Serviço, de Fernão Lopes, séculos XV e XVI*. In: 20º EVINCI / 5º EINTI, 2013, Curitiba. Livro de Resumos, 2013.

ZORZI, Andrea. *Legitimation and legal sanction of the vendetta in Italian cities from the twelfth to the fourteenth centuries*. In. COHM JR; Samuel Kline & RICCIARDELLI, Fabrizio - Editors. *The Culture of Violence in Renaissance Italy: Proceedings of the International Conference*. Georgetown University at Villa Le Balze, 3-4 May. Le Lettere, 2010.

## ANEXOS – Mapa da Itália no século XV:

Mapa Político da Península Itálica, Final do Século XV. *Italy Historic and Political Map 15<sup>th</sup> Century and 1859*, C.S. Hammond & Co. New York, 1924 Disponível em <http://mappery.com/map-of/Italy-Historic-Political-Map-15th-Century-and-1859-1924> [Acessado 14 de abril 2012] Edição do Autor.

